

A close-up, slightly faded portrait of Joyce Carol Oates, showing her face and upper torso. She has dark, curly hair and is wearing a light-colored, textured turtleneck sweater. The background is a soft, out-of-focus light blue.

JOYCE CAROL
OATES

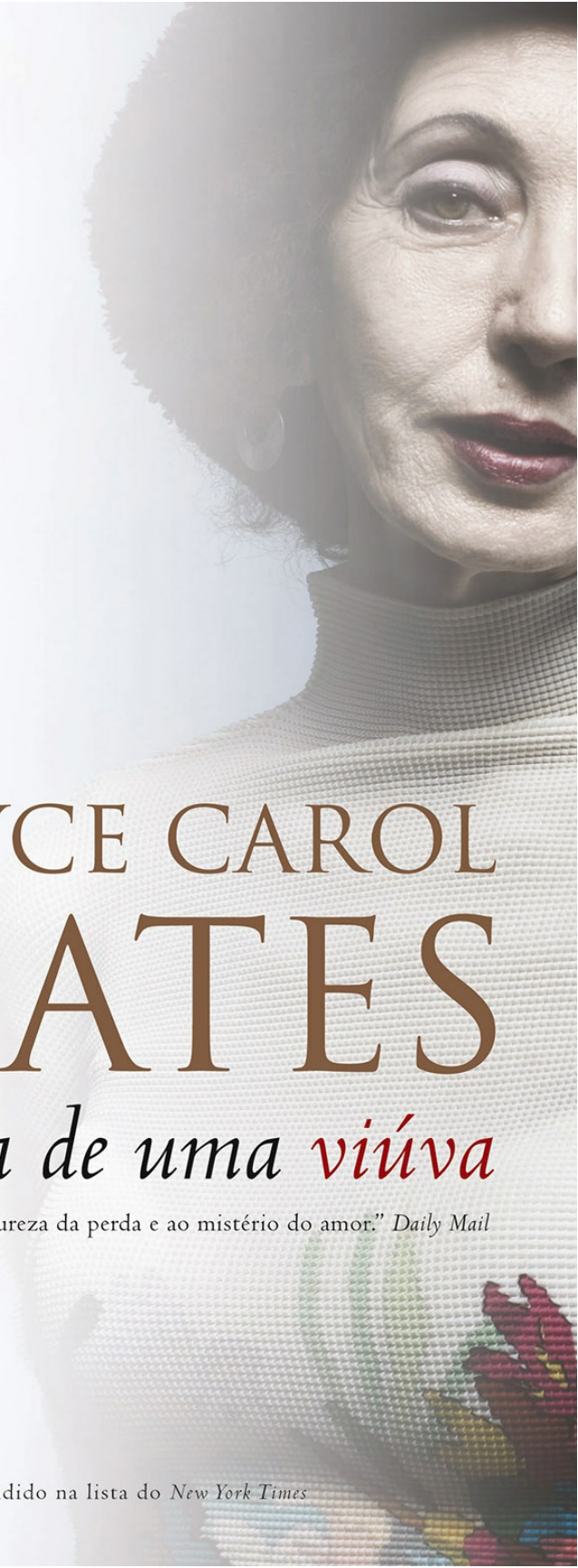
A história de uma viúva

“Uma jornada apaixonante à natureza da perda e ao mistério do amor.” *Daily Mail*

ALFAGUARA


Mais vendido na lista do *New York Times*



A close-up, slightly faded portrait of Joyce Carol Oates, showing her face and upper torso. She has short, dark, curly hair and is wearing a light-colored, textured turtleneck sweater. The background is a soft, out-of-focus light blue and white.

JOYCE CAROL
OATES

*A história de uma **viúva***

"Uma jornada apaixonante à natureza da perda e ao mistério do amor." *Daily Mail*

ALFAGUARA


Mais vendido na lista do *New York Times*



Joyce Carol Oates

A história de uma viúva

Tradução

Débora Landsberg

© 2011 by The Ontario Review, Inc.
Todos os direitos reservados

Publicado mediante acordo com HarperCollins Publishers
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
A Widow's Story

Capa
Raul Fernandes

Imagem de capa
Nicolas Guerin / Contour by Getty Images

Revisão
Tamara Sender
Ana Kronemberger
Joana Milli

Preparação
Diogo Henriques

Editoração eletrônica
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O11h

Oates, Joyce Carol

A história de uma viúva [recurso eletrônico] / Joyce Carol Oates ; tradução Débora Landsberg.
- Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

recurso digital

Tradução de: *A widow's story*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

451p. ISBN 978-85-7962-207-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Landsberg, Débora II. Título.

13-0126

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Sumário

Dedicatória

Agradecimentos

I – A VIGÍLIA

1 – A Mensagem

2 – Acidente de carro

3 – As primeiras coisas erradas

4 – “Pneumonia”

5 – Telemetria

6 – Registro de e-mails

7 – *E. coli*

8 – Vigília(s) hospitalar(es)

9 – Jasmine

10 – Vigília

11 – Registro de e-mails

12 – Poças de memórias

13 – “Não estou chorando por nada”

14 – O telefonema

II – QUEDA LIVRE

15 – *The Golden Vanity*

16 – Páginas amarelas

17 – A flecha

18 – Registro de e-mails

19 – Últimas palavras

20 – “Você disse adeus”

21 – Lote duplo

22 – Xixi de gato

- 23 – Inventário
- 24 – “Cesta de condolências”
- 25 – A traição
- 26 – Os artesãos
- 27 – Registro de e-mails

III – O BASILISCO

- 28 – “Olhinhos brilhantes e mortos como pedras preciosas”
- 29 – O marido perdido
- 30 – “Como você está?”
- 31 – “Bells for John Whiteside’s Daughter”
- 32 – O ninho
- 33 – Cômodos fantasmas
- 34 – Registro de e-mails
- 35 – Fúria!
- 36 – Oásis
- 37 – Joelhos machucados
- 38 – Um sonho de muita alegria!
- 39 – “Queremos vê-la em breve”
- 40 – De mudança
- 41 – “Vou passar um tempo sem te ver”
- 42 – “Não consigo te encontrar cadê você”
- 43 – “Sinto informar”

IV – PURGATÓRIO, INFERNO

- 44 – “Nem Joyce nem eu podemos atender no momento”
- 45 – A Ordem Militar do Coração Púrpura
- 46 – Em movimento!
- 47 – Em movimento! — “Ainda viva”
- 48 – Em movimento! — “Boca do rato”
- 49 – Em movimento! — “A Mulher Maravilha da literatura americana”
- 50 – Em movimento! — “A senhora não pode sentar aí”
- 51 – “Jamais esqueça”
- 52 – O segredo da viúva
- 53 – Parabéns! I
- 54 – Parabéns! II
- 55 – Registro de e-mails
- 56 – O estoque

- 57 – Estudos sobre morbidez
58 – O intruso
V – “VOCÊ PARECIA TÃO FELIZ”
59 – Cedo demais!
60 – Despedida em Las Vegas
61 – “A vida não vivida...”
62 – Cruéis, brutas e estúpidas “boas intenções”
63 – “Se...”
64 – “Nunca, jamais faria isso outra vez”
65 – O “mundo real”
66 – Historinha de amor
67 – Tulipas
68 – Perdoe por favor!
69 – “Feliz e animada”
70 – Sangue na água!
71 – Feridos ambulantes
72 – Os últimos passos de uma mulher
73 – Tabu
74 – “Vergonha de ser ‘branco’”
75 – Não fez diferença
76 – Ralos de pia
77 – O jardim
78 – A peregrinação
79 – “Você parecia tão feliz”
80 – Black Mass I
81 – Black Mass II
82 – “Boa menina!”
83 – A resolução
84 – “Ray gostava de suingue?”
85 – “Titularidade”
86 – “Seu marido ainda está vivo”
Epílogo
Três visões em agosto
Manual da viúva

Em memória do meu marido
Raymond Smith

Agradecimentos

Trechos deste livro foram anteriormente publicados nas revistas *The Atlantic Monthly* e *Conjunctions*.

Meu Deus... Você vai ser tão infeliz.

— GAIL GODWIN

Foi com grande pesar que recebi a notícia de que Ray faleceu algumas semanas atrás. Quando uma pessoa que eu amava faleceu, achei útil lembrar a mim mesmo que essa pessoa não era menos real por não ser real agora, assim como as pessoas da Nova Zelândia não são menos reais por não serem reais aqui.

— DEREK PARFIT

Quando minha mãe morreu, adotei a técnica da Gestalt de dizer a mim mesmo, sempre que tinha um surto de tristeza, “eu escolho ter uma mãe que está morta”.

— T. D., ANTIGO COLEGA NA UNIVERSIDADE DE WINDSOR

Uma respiração de cada vez, Joyce. Uma respiração de cada vez.

— GLORIA VANDERBILT

I A VIGÍLIA

“Meu marido morreu, minha vida desabou.”

A Mensagem

15 de fevereiro de 2008. Voltando para o nosso carro, estacionado de qualquer jeito — por mim — em uma rua estreita perto do Princeton Medical Center — eu vejo, enfiado no limpador de para-brisa, o que parece ser uma folha de papel duro. Na mesma hora meu coração é tomado de desalento, de apreensão acompanhada de culpa — uma multa? Uma multa de estacionamento? Numa hora dessas? No começo da tarde eu estacionara ali — preocupada, apressada — um vozerio de censuras me passando pela cabeça como cigarras zunindo — se você tivesse me visto talvez pensasse com pena *Aquela mulher está correndo feito uma desesperada — como se isso fosse adiantar alguma coisa* — para visitar meu marido na Unidade de Telemetria do centro médico onde fora internado uns dias antes com pneumonia; agora preciso voltar para casa por algumas horas e me preparar para voltar ao centro médico no começo da noite — angustiada, de boca seca e com dor de cabeça porém em um estado de ânimo que pode ser chamado de *esperançoso* — pois desde a internação Ray tem melhorado, parece e se sente bem, e o influxo de oxigênio, medido em números que oscilam literalmente a cada respiração — 90, 87, 91, 85, 89, 92 —, tem aumentado constantemente, planos são traçados para que ele receba alta e vá para uma clínica de recuperação próxima ao centro médico — (*esperançoso* é nosso consolo diante da mortalidade); e agora, no final da tarde de mais um desses dias intermináveis e exaustivos de hospital — será possível que nosso carro tenha sido multado? — em meio à distração eu parei o carro de modo ilegal? — o limite de tempo para ficar estacionado nesta rua é de apenas duas horas, e passei mais de duas horas no centro médico, e vejo constrangida que nosso Honda Accord 2007 — de um sinistro branco ofuscante sob o lusco-fusco de fevereiro como uma criatura fosforescente nas profundezas do mar — está parado de forma canhestra e, mais que isso, deselegante, na inclinação do meio-fio, o pneu traseiro esquerdo entrando vários centímetros na linha branca da rua, o para-choque quase tocando o carro esportivo parado na vaga

da frente. Mas agora — se for uma multa de estacionamento — a ideia me ocorre imediatamente *Não vou contar ao Ray, vou pagar a multa escondida.*

No entanto, o papel não é uma multa do Departamento de Polícia de Princeton e sim um pedaço qualquer de papel — desdobrado e esticado por minha mão trêmula, ele se revela um recado pessoal em letras de forma agressivamente grandes que com os olhos fixos e chocados eu leio várias vezes como quem vacila à beira do abismo:

APRENDE A ESTACIONAR SUA PULTA BURRA

Desta forma, como naquela parábola de Franz Kafka em que a verdade mais profunda e devastadora da vida de um indivíduo lhe é revelada por um passante na rua, como se por acidente, por acaso, assim a Futura Viúva, como a Viúva, é obrigada a perceber que sua situação, por mais triste, desesperadora ou carregada de angústia que seja, não lhe dá o direito de ultrapassar os limites dos outros, principalmente de estranhos que nada sabem sobre ela — “pneu traseiro esquerdo entrando vários centímetros na linha branca da rua”.

Acidente de carro

Sofremos um acidente de carro. Meu marido morreu mas eu sobrevivi.

Isto não é (de fato) verdade. Mas em todos os outros sentidos, é verdade.

Janeiro de 2007. Pouco mais de um ano antes de o meu marido ser acometido por um caso grave de pneumonia e ser levado pela esposa aflita ao pronto-socorro do Princeton Medical Center em meio à bem-aventurada ignorância do fato — o fato terrível e irrefutável — de que nunca faria o caminho de volta levando-o para casa — sofremos um sério acidente de carro, o primeiro desde que nos casamos.

Em retrospecto, parece irônico que esse acidente em que Ray poderia facilmente ter morrido, mas não morreu, tenha acontecido a menos de um quilômetro e meio do Princeton Medical Center, no cruzamento da Elm Road com a Rosedale Road; era o cruzamento que invariavelmente atravessávamos a caminho de Princeton e a caminho de casa; é um cruzamento que tenho que atravessar como se em sonho, que se repete até virar pesadelo, no qual minha própria dor é censurada *Você poderia ter morrido aqui! Você não tem o direito de sofrer, sua vida é uma dádiva.*

O acidente ocorreu na noite de um dia de semana, quando entramos no cruzamento: do nada — pelo lado do motorista — surgiram o clarão infernal dos faróis, o chiado do freio e uma colisão monstruosa no instante em que a parte da frente do nosso carro foi destruída, para-brisa estilhaçado e airbags detonados.

Logo após a batida ficamos confusos demais para avaliar a sorte extraordinária que tivemos — nos dias, semanas, meses que se seguiram nós tentaríamos compreender esta realidade evasiva — de que outro automóvel havia atingido apenas a frente do nosso carro, o motor, o capô, as rodas da frente; uns centímetros a mais para trás e Ray teria morrido ou saíria gravemente ferido, esmagado nos destroços. Está além de nossa capacidade de compreensão quão próximos estivemos de um acidente horrível — se por exemplo o outro veículo tivesse acelerado e entrado no cruzamento ainda que

meio segundo depois...

Dentro dos restos do nosso carro havia um cheiro arenoso de queimado. Nossos airbags tinham explodido com um rigor notável. Se você nunca esteve em um veículo em que os airbags explodiram será difícil imaginar como são violentos, como são vigorosos, como são *belicosos* os airbags.

Você deve esperar sem muita certeza algo almofadado, até mesmo semelhante a um balão — *não*.

Você deve esperar algo que não vá machucá-lo com o objetivo de protegê-lo de machucados — *não*. No momento em que o airbag explodiu, a cara, os ombros, o peito e os braços de Ray foram surrados como se ele fosse o azarado colega de treinamento de um boxeador peso-pesado: as mãos segurando o volante foram salpicadas de ácido, deixando queimaduras do tamanho de moedas que doeriam semanas a fio. Ao lado dele, eu estava confusa demais para entender a força com que fui atingida pelo airbag — achei que era o painel se curvando contra nós, me espremendo de tal forma no banco de passageiro que eu mal conseguia respirar. (No decorrer dos dois meses seguintes, meu peito, minhas costelas e meus braços contundidos doíam tanto que eu mal conseguia me mexer sem estremecer e não ousava uma gargalhada imprudente.) Mas no nosso carro destruído, em meio à euforia da adrenalina cortical, tivemos pouca noção de que tínhamos levado tamanha pancada e de que estávamos contundidos enquanto dávamos um jeito de abrir as portas à força e andar até a calçada. Uma onda de alívio nos dominou — *Estamos vivos! Não nos ferimos!*

Policiais de Princeton chegaram à cena do acidente. Uma ambulância surgiu trazendo paramédicos. Lembrei que uma das minhas alunas de graduação em Princeton, uma jovem, era voluntária da Unidade Médica Emergencial de Princeton, e torci muito para que ela não estivesse na equipe de paramédicos no local. Torci muito para que aquele episódio não fosse relatado com empolgação e circulasse entre meus alunos *Adivinha quem sofreu um acidente de carro ontem à noite — a professora Oates!*

Recomendaram enfaticamente que “Raymond Smith” e “Joyce Smith” fossem levados de ambulância ao pronto-socorro para serem examinados — era importante principalmente que tirassem radiografias —, mas nos negamos, dizendo que estávamos bem, tínhamos certeza de que estávamos bem. Ainda na sequência da falsa euforia da batida não houve dor nem consciência do próprio conceito de dor, nós insistimos que estávamos bem e

queríamos ir para casa.

Parados no frio, trêmulos e abalados, vendo nosso carro pulverizado como se um gigante brincalhão o tivesse dobrado com as mãos e deixado cair no chão — não havia nada que desejássemos mais do que ir para casa.

Perguntaram se estávamos “recusando” tratamento médico e retrucamos que não estávamos *recusando* tratamento médico — só não achávamos que fosse necessário.

Recusando então, o policial anotou, preenchendo o relatório.

Dois policiais nos levaram para casa de radiopatrulha. Foram gentis, atenciosos. Por volta da meia-noite entramos na nossa casa escura. Parecia que tínhamos passado muito mais tempo longe que apenas uma noite, e que tínhamos feito uma viagem longa. Nossos nervos estavam aflorados como fios elétricos rompidos nas ruas. Comecei a tremer convulsivamente. Estava de olhos secos mas exausta e fatigada como se tivesse chorado. Vi que Ray estava *bem* — como ele insistira —, ambos estávamos *bem*. Era verdade que tínhamos chegado perto da catástrofe — mas ela não tinha acontecido. De certa forma, esse fato era difícil de compreender, assim como tentar encaixar um pensamento grande e desajeitado em uma área pequena do cérebro.

Comecei a sentir as primeiras pontadas de dor no peito. Quando levantava o braço. Quando ria, ou tossia.

Ray percebeu manchas avermelhadas nas mãos — “Eu me queimei? Como foi que eu me queimei?” Ele lavou as mãos com água fria. Tomou aspirina para a dor.

Tomei aspirina para a dor. Não tive vontade alguma de ir para a cama, prevendo uma péssima noite de insônia, mas às 2h já tínhamos nos deitado e estávamos dormindo, até certo ponto. Faróis ofuscantes, freios rangendo, aquele instante de impacto assombroso... O cheiro pungente de substância química, os airbags disparando como alienígenas enlouquecidos em um filme que mistura terror e ficção científica...

“Vou arrumar um carro novo pra gente. Amanhã.”

Sereno, Ray falou na escuridão. Havia em suas palavras um conforto que insinuava rotina, hábito.

Conforto porque Ray supervisionaria a repercussão do acidente.

Raymond — “sábio protetor”.

Ele era oito anos mais velho que eu, durante boa parte do ano. Nascera em 12 de março de 1930. Eu nasci em 16 de junho de 1938.

Quanto tempo atrás, esses nascimentos! E quanto tempo fazia que estávamos casados, desde 23 de janeiro de 1961! Na época do acidente de carro, estávamos a poucas semanas da comemoração do nosso quadragésimo sétimo aniversário de casamento. Você não imaginaria, ao ler isso, se é mais novo do que éramos, que para nós essas datas eram irreais, ou surreais; sentimos, ao longo do nosso longo casamento, como se tivéssemos nos conhecido apenas alguns anos antes, como se fôssemos “novidade” um para o outro, ainda “nos acostumando” um com o outro; muitas vezes éramos “acanhados” um com o outro; havia muitas coisas que não queríamos contar um ao outro, ou “dividir” um com o outro, do mesmo modo que indivíduos que estão começando a se conhecer intimamente e não querem correr o risco de ofender ou assustar.

Meu marido nunca leu a maioria dos meus romances e contos. Ele lia meus ensaios não ficcionais e as resenhas para publicações como *New York Review of Books* e *New Yorker* — Ray era um editor excelente, de olhar aguçado e informado, como inúmeros escritores publicados pela *Ontario Review* já disseram — mas não leu boa parte da minha ficção e neste sentido pode-se dizer que Ray não me conhecia completamente — ou mesmo, até um ponto significativo, parcialmente.

Por que isso? — há diversas razões.

Me arrependo, eu acho. Talvez sim.

Pois escrever é um trabalho solitário, e um de seus perigos é a solidão.

Mas uma vantagem da solidão é a privacidade, autonomia, liberdade.

Pensei então, naquela noite do acidente de carro, e nas noites e dias subsequentes em que dores fantasmas apunhalavam meu peito e costelas, e eu me desesperava ao imaginar que os horríveis hematomas roxo-amarelados nunca sumiriam, que, se Ray tivesse morrido, eu teria ficado totalmente desolada; seria muito melhor para mim morrer com ele do que sobreviver sozinha. Nessas horas eu não me considerava acima de tudo uma escritora, nem sequer uma escritora, mas sim uma esposa.

Uma esposa que se apavorava com a ideia de se tornar *viúva*.

De manhã nossas vidas nos seriam devolvidas, mas com alterações sutis, estranhas para nós como as vidas dos outros, que tinham apenas uma semelhança superficial em relação à nossa mas não era a nossa. Teria sido a hora de dizer *Olha — a gente poderia ter morrido ontem à noite! Eu te amo, que bom que me casei contigo...* mas as palavras nunca foram ditas.

Tanto a dizer em um casamento, tanto que não é dito. Você imagina que haverá outros momentos, outras ocasiões. Anos!

Naquela manhã Ray telefonou para a concessionária da Honda onde adquirira o carro e combinou de ser pego e levado ao showroom da State Road para comprar um substituto — um Honda Accord LX, modelo 2007 (com teto solar) que ele estacionou na garagem da nossa casa no final da tarde, branco ofuscante como o predecessor.

“Gostou do nosso carro novo?”

“Sempre adoro nosso carro novo.”

E então eu pensaria *Ele poderia ter morrido naquela época. Nós dois. Em 4 de janeiro de 2007. Poderia facilmente ter acontecido. Um ano e seis semanas — o que nos restou — foi uma dádiva. Seja grata!*

As primeiras coisas erradas

11 de fevereiro de 2008. Existe uma hora, um minuto — você vai se lembrar dele para sempre — em que você sabe instintivamente, baseando-se no indício mais irrelevante, que *algo está errado*.

Você não sabe — não tem como saber — que esse é o primeiro de uma série de acontecimentos “errados” que vão culminar na devastação total de sua vida como você a conhece. Pois afinal ele pode não ser o primeiro de uma série mas apenas um acontecimento isolado e sua vida pode não estar prestes a ser devastada mas apenas alterada, remodelada.

É assim que você quer pensar. É assim que você está louco para pensar.

A primeira *coisa errada* naquela manhã normal de segunda-feira em fevereiro é — Ray levantou da cama no escuro invernal antes do amanhecer.

Quando o descubro do outro lado da casa ainda são 6h15 e ele está acordado, segundo me diz, desde 5h.

Ele tomou banho, se vestiu e pôs comida para os gatos estranhamente cedo demais, pegou o *New York Times* embrulhado no plástico azul transparente; improvisou um café da manhã frugal com fruta e queijo cottage e está comendo — tentando comer — sentado à nossa mesa Parsons branca e comprida; através da nossa varanda envidraçada eu o vejo, do outro lado do pátio, uma figura solitária cercada de luz no ambiente escuro que tem atrás de si. Se ele erguesse os olhos, o que não fez, me veria observando-o, e veria o corniso do pátio transformado pela noite, blocos de neve molhada nos galhos como flores.

Na verdade é um corniso de flores brancas que o próprio Ray plantou anos antes.

Por essa arvorezinha Ray tem um orgulho especial, e sente um carinho especial, pois a princípio ela não vicejou, ela exigiu cuidados extras, e portanto sua sobrevivência é grande parte da importância que ela tem para nós, e de sua beleza.

Se como uma boa esposa eu quiser elogiar meu marido, ou animá-lo se

ele precisar de ânimo, tenho apenas de falar do corniso — isso inspira um sorriso. Geralmente!

Pois Ray é o jardineiro da nossa casa, não eu. Da mesma forma que Ray é um editor de obras literárias adorado pelos escritores cujos livros editou e publicou, Ray é um editor de seres vivos. Não os cria ou faz com que vivam, mas zela por eles, cuida deles e deixa que vicejem — que floresçam, que gerem frutos. Assim como a edição, a jardinagem exige paciência infinita; exige um altruísmo inerente e otimismo. Apesar de adorar jardins — principalmente o jardim de Ray no verão e no começo do outono — é como observadora e não como especialista em coisas que crescem que para mim mandam sinais cruelmente paradoxais: a orquídea que floresce com perfeição e, levada para casa, logo perde as pétalas e nunca mais volta a tê-las; a abóboreira frutífera que, misteriosamente, como se devorada de fora para dentro, murcha e morre da noite para o dia. Ray tem idade para se lembrar dos “jardins da vitória” do início da década de 1940 em Milwaukee, Wisconsin — segundo ele conta, há um eco de romantismo infantil nesses tipos de jardim, que todo mundo mantinha como um esforço coletivo de guerra civil. O jardim de Ray é uma forma de evocar essas lembranças idílicas. Que alegria ele sempre sentia, ao ar livre! Dirigindo até a chácara para comprar plantas! E como ficava ansioso para que o inverno acabasse, para que pudesse arar o jardim e ousar plantar coisas que cresciam mais rápido, como alface e rúcula, apesar do risco de geada forte.

O jardineiro é a quintessência do otimismo: não só acredita que o futuro vai gerar os frutos de seu empenho como acredita no futuro.

Você veria que todas as plantas cultivadas por Ray na nossa propriedade de oito mil metros quadrados, como o corniso, as forsítias, peônias, “corações-de-maria”, tulipas, encostas cheias de açafrão, narcisos e junquinhos, não passam de banalidades; contudo, para nós, são talismãs vivos imbuídos de significado. *Atenção, ternura. Paciência. A imagem de um futuro (compartilhado).*

Uma lembrança me vem à cabeça: no dúplex elegantemente dilapidado que alugamos em Chelsea, na primavera tardia e fria do ano sabático que passamos em Londres, entre 1971 e 1972, Ray cuida de uma moitinha abandonada de capuchinhas de cores alegres no nosso apertado terraço. A terra envasada provavelmente é muito ruim, há insetos vorazes devorando as folhas, mas Ray está decidido a continuar tratando das capuchinhas e por uma

janela o observo, sem que ele me veja; sinto uma fraqueza repentina, uma torrente de amor por ele, e também a inutilidade desse amor — assim como meu então jovem marido estava decidido a manter vivas as capuchinhas revoltas, nós estamos decididos a manter vivas as pessoas que amamos, nós desejamos protegê-las, blindá-las de qualquer mal. Ser *mortal* é saber que não podemos fazer isso, porém devemos tentar.

Nosso ano sabático em Londres foi uma experiência ambivalente para mim. Eu estava com saudades de casa, me sentindo desenraizada. Desabituada a não trabalhar — isto é, a não lecionar — me sentia inútil, parada; meu único consolo era minha escrita, à qual eu dispensava uma concentração enorme — recriando, com uma obsessão que variava entre júbilo e compulsão, aquele onírico cenário incisivamente sombrio de Detroit no romance *Do With Me What You Will*. Ray, no entanto, aproveitou inteiramente o ano sabático — assim como Ray aproveitou inteiramente a cidade de Londres, nossas longas, longas caminhadas pelos parques verdejantes e úmidos de Londres, dentre os quais nosso preferido era o Regent's Park, e aquelas partes do Reino Unido — Cornualha, Wessex — que visitamos nas viagens de carro. Meu marido tem uma capacidade de aproveitar a vida que para mim é impossível, por alguma razão.

Há aqueles — os abençoados — que conseguem experienciar a vida sem o menor lampejo de necessidade de acrescentar algo a ela — nenhuma espécie de esforço “criativo”; e há aqueles — os amaldiçoados? — para quem as atividades de seus cérebros e imaginação são primordiais. O mundo para esses indivíduos pode ser infinitamente rico, gratificante e sedutor — mas ele não é primordial. O mundo pode ser interpretado como uma dádiva, conquistado somente se a pessoa criou algo além do mundo.

A isso, Ray reagiria com um sorriso divertido. *Você se leva tão a sério. Por quê?*

Ray sempre foi o repositório do bom-senso na nossa casa. O cônjuge que, com um puxão delicado, segura no lugar a pipa que voa sem prudência, que poderia subir até a estratosfera e se perder, despedaçada.

Nessa manhã de segunda-feira em meados de fevereiro de 2008 o sol ainda não nasceu. O céu está cinza, opaco. Ao me aproximar do meu marido sinto uma pontada de inquietação, apreensão. Sentado à mesa, Ray parece se debruçar sobre o jornal, os ombros curvados como se ele estivesse muito cansado; quando pergunto se há algo errado ele logo diz não — não! — afora

o fato de que se sentia “esquisito” — acordou antes das 5h e não conseguiu voltar a dormir; estava com dificuldade para respirar, se deitar; agora está num calor desconfortável, suado, e parece ter pouco fôlego...

Esses sintomas ele me relata num tom de voz prosaico. Assim o marido transfere para a mulher a questão do que concluir a partir dessas coisas, se é que há alguma conclusão a ser tirada; assim como certas emoções, rudimentares demais para serem definidas, tais informações só podem ser passadas ao outro, o cônjuge prudente, cuidadoso e muito precavido.

Em geral, a mulher é guardiã de tais coisas. Eu acho que é assim. A mulher é a eleita para demonstrar alarme, medo, preocupação; a mulher é quem chora.

Chocante de se ver, o tampo branco e liso que está sempre impecável agora está polvilhado de lenços usados. Algo na forma como os lenços amassados e molhados estão espalhados, o desleixo que há naquilo, a indiferença, é atípico de Ray e *anormal*.

Outra coisa errada: Ray me diz que já telefonou para o médico da nossa família em Pennington e deixou um recado falando que gostaria de vê-lo naquele mesmo dia.

Agora é sério! Pois Ray é o tipo de marido que por natureza resiste a consultas médicas, teimoso e estoico, mesmo quando nitidamente doente, o tipo de marido a quem a esposa tem de implorar para que marque hora com o médico.

O tipo de pessoa cuja tolerância à dor é tão alta que muitas vezes ele pede ao nosso dentista que não lhe dê uma injeção de novocaína nas gengivas.

Ray estremece quando o toco, como se meu toque doesse. A testa está quente e úmida. A respiração é rascante. De perto, vejo que seu rosto exibe uma palidez doentia, porém corada; os olhos estão injetados e não parecem convergir em um ponto focal.

Em pânico, a ideia me ocorre *Será que ele teve um derrame?*

Um amigo nosso havia sofrido um derrame pouco tempo antes. Um amigo pelo menos dez anos mais novo que Ray, e em ótima forma física. O derrame não tinha sido grave mas nosso amigo ficou abalado, todos ficamos abalados, diante da constatação de que um homem tão sadio tivesse sofrido um derrame e fosse desmascarado como *mortal*, como não parecia ser antes, fanfarrão e radiante no nosso meio. E Ray, nunca tão fanfarrão ou radiante,

nunca tão nitidamente sadio, está tomando remédio para “hipertensão” — pressão alta —, um remédio que supostamente o ajudou bastante; mas agora ele está corado, parecendo um tanto confuso, aflito, ele não terminou o café da manhã, nem leu mais do que a vasta primeira parte do *New York Times*, em cujas fotos de guerra cada vez mais goyescas e colunas de letras sombrias reside um fastio de tal gravidade que uma alma sensível pode sufocar se não ficar atenta.

Estados Unidos pós-11 de Setembro! A guerra no Iraque! A manipulação muito bem-calibrada do crédulo público americano por um governo determinado a atizar o patriotismo paranoico! Lendo com avidez o *New York Times*, a *New York Review of Books*, a *New Yorker* e a *Harper's*, assim como muitos de nossos amigos e colegas de Princeton, Ray é um desses asfixiados pela indignação, o alarme; desdenhador dos crimes de guerra do governo Bush por causa da sagacidade, da hipocrisia e do cinismo; sua habilidade em manipular a grande porcentagem da população que parece imune à lógica como ao bom-senso, e à história. O otimismo natural de Ray — sua alma de jardineiro otimista — tinha sido até certo ponto embotado pelos meses, anos, dessa aversão ativa e basicamente frustrada de tudo o que George W. Bush representa. Aprendi a não instigar sua indignação, e sim a apaziguá-la. Ou a evitá-la. Pensando agora *Talvez seja alguma coisa no jornal. Alguma notícia terrível no jornal. Não pergunte!*

Mas Ray está doente demais para ficar aborrecido diante do último ataque de homens-bomba no Iraque, ou a última atrocidade do Afeganistão, ou da Faixa de Gaza. As folhas do jornal estão espalhadas, como lenços amassados. A respiração dele é forçada, difícil — um ruído estridente e assustador, feito um pedaço de plástico fibrilando ao vento.

Com calma eu digo que quero levá-lo ao pronto-socorro. Imediatamente. Ele me diz não — “Não é necessário”.

Eu digo que sim, é necessário. “Nós vamos agora. A gente não pode esperar o...” nomeando nosso médico de Pennington cujo consultório só abre dali a uma hora ou mais, e que provavelmente só poderá ver Ray à tarde.

Ray reclama que não quer ir para o pronto-socorro — não está tão mal assim —, ele tem muito trabalho a fazer naquela manhã, referente à próxima edição da *Ontario Review*, que não pode ser adiado — o prazo da edição de maio está chegando. Mas ao se levantar ele anda sem firmeza, como se o chão balançasse sob seus pés. Passo o braço em torno da cintura dele e o

ajudo a caminhar e o pensamento me vem *Isso não está certo. Isso está terrivelmente errado* pois o orgulho de um homem raramente lhe permite se escorar em uma mulher, ainda que seja sua esposa há quarenta e sete anos. O orgulho de um homem raramente lhe permite admitir que sim, ele está muito mal. E o pronto-socorro — “sala de emergência” — o reconhecimento absoluto da impotência, do desamparo — é o lugar para onde deve ser levado.

Ele tosse, estremece. Sua pele emana um ar de calor doentio. Porém Ray parecia estar bem no decorrer de boa parte da noite anterior — ele até preparou uma refeição leve para nós, para o jantar; eu tinha viajado e cheguei em casa por volta das 20h. (Aquela, nossa derradeira refeição juntos na nossa casa, a derradeira refeição que Ray prepararia para nós, foi a especialidade dele: ovos fritos, pão integral, sopa Campbell’s — frango com arroz colorido. Eu ligava para ele do aeroporto — Filadélfia ou Newark — quando meu avião aterrissava e ele preparava a comida para quando eu chegasse em casa uma hora depois. Se a estação cooperasse ele também colocava na minha escrivaninha uma flor de seu jardim...) Durante o jantar estivera de bom humor, mas logo em seguida, com uma rapidez desconcertante, por volta das 22h30, ele começou a ter ataques de tosse; ficou muito cansado e foi para a cama cedo.

Depois disso eu pensaria eternamente: fiquei dois dias longe. Fui “escritora visitante” na U-C Riverside, a convite do distinto crítico e acadêmico de estudos americanos Emory Elliot, um ex-colega de Princeton. Naqueles dois dias meu marido adoeceu. Ray admitiria que, sim, era provável que tivesse saído sem casaco e gorro e era possível que tivesse pegado uma gripe por causa disso, embora nos digam que não é o caso — *testes científicos já provaram* — que o ar frio, mesmo que úmido, não causa gripes; gripes são causadas por vírus; gripes fortes, por vírus virulentos; não se “pega” gripe indo até a caixa de correio sem casaco, ou levando até a esquina latas a serem recicladas; a não ser, claro, que se esteja exausto, ou que seu sistema imunológico esteja debilitado. Nessas circunstâncias você pode “pegar” uma gripe, mas é pouco provável que seja uma gripe fatal, provavelmente será apenas uma “gripe forte”, que parece ser o que meu marido tem de repente, que piorou de forma incontrolável.

Mais outra coisa errada — me lembrarei dela mais tarde — enquanto argumento com meu marido na cozinha, onde nossos dois gatos nos

arregalam os olhos fulvos, perante a incongruência de nosso comportamento, naquele momento de lusco-fusco antes do amanhecer em que geralmente estamos em outra parte da casa — de súbito ele concorda e diz sim, está bem — “Se você acha isso. Se você quer me levar”.

“É claro que quero levar você! Vamos.”

Contanto que o pronto-socorro seja uma sugestão da esposa e uma decisão da esposa, talvez não haja problema. O marido aceitará como forma de fazer a vontade dela. É isso? Além do mais, como Ray diz, dando de ombros para aludir à perda de tempo que isso significa, é provável que nosso médico de Pennington queira que ele faça exames e ele tenha de ir ao Princeton Medical Center de qualquer modo.

Sem minha ajuda — embora eu tenha oferecido ajuda — Ray se arruma para a viagem até o pronto-socorro. Não quer que eu faça alvoroço em torno dele, nem mesmo que eu encoste nele, como se sua pele doesse. (É sintoma de gripe, não é? Nosso médico de Pennington às vezes me deixa desconfortável, ele prescreve prontamente antibióticos para Ray quando uma “gripe forte” interfere no trabalho dele; me preocupa a possibilidade de que o excesso de antibióticos afete o sistema imunológico de Ray.)

Os gatos nos acompanham com os olhos quando saímos de casa. De manhã tão cedo, nem amanheceu! Algo em nossa postura os deixou temerosos, desconfiados. E em seguida, como me parece estranho dirigir nosso carro com meu marido do meu lado. É raro eu dirigir nosso carro — só temos um carro, o Honda — com Ray ao meu lado, sem ser na direção; a não ser quando estamos viajando, aí sim dividimos a direção; mesmo nesses casos, Ray fica com a maior parte, e sempre assume nas áreas complicadas, como regiões urbanas e estradas congestionadas. Estou menos aflita agora, pois tomamos uma boa decisão, é óbvio; estou no comando, acho eu. Apesar de nossos amigos de Princeton, sem exceção, insistirem que somente em Manhattan e (talvez) na Filadélfia é possível achar tratamentos médicos competentes, esse pronto-socorro é vários quilômetros mais próximo e o mais conveniente; é onde Ray vai receber tratamento imediato, e ele ficará bem, tenho certeza.

Ele não leva nada que sequer sugira a possibilidade de pernoite.

No trajeto até Princeton, Ray me dá instruções acerca das tarefas que precisa que eu cumpra: telefonemas a fazer, encomendas de livros a processar, o tipógrafo do Michigan a contatar. Embora doente, ele também

está — ele é acima de tudo — preocupado com o trabalho. (Tem sido um motivo de preocupação para Ray no último ano, um motivo de angústia e mágoa, o fato de que, com o declínio da economia americana, momento em que as bibliotecas têm cortado o orçamento, menos livros de editoras pequenas sejam comprados e as assinaturas da *Ontario Review* não estejam aumentando.) Sua respiração é rouca e a garganta parece estar em carne viva, e quando ele se cala eu me pergunto — no que ele está pensando? Estico a mão para tocar-lhe o braço — me comovo ao perceber que ele se deu o trabalho de se barbear. Mesmo sentindo dor ele não quis aparecer no pronto-socorro desgrenhado, com a barba por fazer.

Estou imaginando que seja a atitude certa a tomar, é claro. E estou imaginando que se trate de um caso sem importância — apenas uma visita ao pronto-socorro.

Eu o amo, eu vou protegê-lo. Vou tomar conta dele.

Ray já tinha estado no pronto-socorro do Princeton. Alguns anos antes seu batimento cardíaco havia se tornado irregular — “fibrilava” — e ele dormiu no hospital a fim de fazer o que parecera ser um procedimento cardíaco não invasivo banal. Na época, correu tudo bem. Ele voltou para casa com o batimento cardíaco “normal” completamente recuperado. Eu soube que Ray estava bem quando entrei no quarto do hospital e o vi franzindo a testa diante da página de opiniões do *New York Times* e seu primeiro comentário foi uma reclamação sarcástica sobre a comida do hospital.

Foi um bom sinal! Quando um marido reclama de comida, a esposa sabe que ele não tem nada mais sério do que reclamar.

E portanto a visita de hoje ao pronto-socorro também vai terminar bem. Tenho certeza. Dirigindo pela Rosedale Road no tráfego matutino — na direção State Road/Rota 206 — até Witherspoon Street — sem saber quão familiar, quão tristemente familiar essa rota se tornará em breve — tenho certeza de que estou fazendo a coisa certa; sou uma esposa perspicaz e cuidadosa, embora não excepcional — pois com certeza esta é a única atitude razoável a tomar.

Sabendo da minha aversão a edifícios-garagem — aqueles labirintos ascendentes e descendentes com suas ameaças de becos sem saída e humilhantes faltas de retornos — Ray se oferece para estacionar o carro por mim. Não, não! — dou a volta até a entrada do pronto-socorro para que Ray possa descer: vou estacionar o carro e encontrá-lo lá dentro em alguns

minutos. São apenas 8h. Quanto tempo Ray vai passar no pronto-socorro, eu calculo que poucas horas. Ele já estará em casa na hora do jantar — espero.

Que alívio achar uma vaga na ruazinha estreita onde o limite é de duas horas. Eu penso, talvez eu precise sair e mudar o carro de lugar quando der a hora. Pelo menos uma vez.

Dessa forma, sem saber, a Futura Viúva está garantindo a morte do marido — a ruína dele. Mesmo acreditando estar se comportando com inteligência — de modo “perspicaz” e “razoável” — ela o está levando a uma placa de Petri cheia de bactérias letais onde uma semana depois ele sucumbirá a uma infecção virulenta por estafilococo — uma infecção “hospitalar” adquirida no curso do tratamento para a pneumonia.

Mesmo ao fantasiar que ele estará em casa para o jantar ela garante que ele jamais voltará para casa. Que inocência, todas as Futuras Viúvas que imaginam que estão agindo certo, na ingenuidade e ignorância!

“Pneumonia”

Isso é uma surpresa!

A primeira reação do homem atormentado — “Nunca tive pneumonia na vida”.

A primeira reação da esposa — “Pneumonia! A gente devia ter imaginado”.

Pensando ingenuamente *Que alívio. Não foi um derrame, não foi embolia, não foi uma doença cardíaca — nada que pusesse a vida dele em risco.*

Logo depois Ray é internado no pronto-socorro. Logo depois lhe designam um cubículo — Cubículo 1. Agora está parcialmente despido, agora é oficialmente um *paciente*. A essência dessa palavra tem de ser *paciência*. Pois a experiência do paciente, bem como a da esposa do paciente, é a espera.

Por quanto tempo tivemos de esperar, por quantas horas eu não me recordo com exatidão. Pois enquanto Ray é examinado — entrevistado — o sangue colhido — reexaminado — reentrevistado — outra amostra do sangue é colhida — às vezes estou ao lado dele e às vezes não.

As minúcias de nossas vidas! Telefonemas, afazeres, compromissos. Essas coisas são da mínima relevância para os outros e apenas futilidades para nós, porém constituem tamanha parte de nossas vidas que seria possível afirmar que nossas vidas são uma concatenação de minúcias interrompidas em horas imprevisíveis por acontecimentos importantes.

Se soubesse que meu marido teria menos de uma semana de vida — como eu agiria sob essas circunstâncias? É melhor não saber? A vida não pode ser vivida numa sobrecarga de intensidade. Até a ansiedade se esgota. Pois agora, após a urgência da viagem até Princeton, passei a ter a impressão, dentro do pronto-socorro — no cubículo designado a “Raymond Smith” —, de que o tempo desacelerou a tal ponto que talvez esteja recuando. Esperando, e esperando — pelos resultados dos exames — pelo médico

especialista — por um *médico de verdade*, de renome — até que por fim o diagnóstico é anunciado — “pneumonia”.

Pneumonia! O mistério está solucionado. A explicação é boa. Pneumonia é ao mesmo tempo corriqueira e tratável — não é?

Embora ambos estejamos decepcionados — Ray não terá alta hoje, afinal. Será transferido para o hospital geral onde se espera que ele permaneça “pelo menos até amanhã”.

De tudo isso, eu pareço ouvir somente *até amanhã*.

Se por acaso eu falar com os amigos vou lhes dizer *Ray está no Medical Center com pneumonia — até amanhã*.

Ou, com ar de incredulidade, como se fosse totalmente atípico do meu marido — *Você nem imagina onde o Ray está! No Medical Center — com pneumonia — até amanhã*.

Por que o diagnóstico de pneumonia nos surpreende tanto, eu não faço ideia. Em retrospecto, não parece nem um pouco surpreendente. Ray reage perguntando aos profissionais de saúde do hospital sobre pneumonia — indagando sobre eles mesmos — falando de um jeito que sugere que não tem medo e confia totalmente neles. Assim como muitos pacientes hospitalares que desejam ser *um cara de espírito esportivo, legal, divertido!* ele brinca com enfermeiras e auxiliares; no decorrer da estada no Princeton Medical Center ele será *benquisto, um grande cavalheiro, doce, divertido!* — como se isso fosse salvá-lo.

Grande parte do nosso comportamento — nossas “personalidades” — é construída assim. A sobrevivência do indivíduo, a serviço da espécie.

Nosso grande filósofo americano William James afirmou — *Temos tantas personalidades quanto há pessoas que nos conhecem*.

Ao que eu acrescentaria *Não temos personalidade a não ser que as pessoas nos conheçam. A não ser que haja pessoas a quem esperamos convencer de que merecemos existir*.

“Eu te amo! Volto assim que puder.”

Contudo, que alívio — no meio da tarde — finalmente sair do pronto-socorro — para escapar do cheiro indescritível mas inconfundível de desinfetante do centro médico nem que seja só para sentir o dia frio e triste de fevereiro!

Sinto muita pena de Ray, preso lá dentro. Meu pobre marido acometido de pneumonia — obrigado a passar a noite no hospital.

Diversas tarefas me aguardam — telefonemas, afazeres — em casa, separo as correspondências de Ray a fim de levá-las para ele naquela noite — Ray tenta responder às cartas enviadas para a *Ontario Review* o mais rápido possível, tem horror de cartas se amontoando na escrivaninha — como aluno de colégio católico em Milwaukee, foi inculcado com um senso exagerado de responsabilidade para com o que pode ser definido em termos gerais como o *mundo* — ligo para o centro médico repetidas vezes — de novo, e de novo — até o início da noite — para saber se Ray já foi transferido para o hospital geral e a resposta é sempre *Não. Não! Ainda não.*

Por volta das 18h30 estou prestes a sair de casa e ir ao centro médico, levando coisas para Ray — roupão, artigos de higiene pessoal, livros — na ponta que lhe cabe na mesa de centro da sala de estar estão os livros que ele lê atualmente ou quer ler — bem como manuscritos enviados à revista e à imprensa, uma pilha crescente deles, com envelopes selados e endereçados para que sejam devolvidos — o telefone toca e corro para atendê-lo, imaginando ser do centro médico, me informando o número do quarto para o qual Ray foi transferido — no começo não entendo o que estão me falando *O batimento cardíaco do seu marido acelerou... não conseguimos estabilizá-lo... caso o coração dele pare você deseja que medidas extremas sejam tomadas para mantê-lo vivo?...*

Estou tão perplexa que não consigo responder, o estranho do outro lado da linha repete as palavras espantosas — me ouço gaguejar *Sim! Sim, claro que sim!* — tomada de incredulidade, de pânico — gaguejando *Sim, tudo o que for possível! Salvem ele! Eu já estou indo* — pois este é o primeiro sinal inequívoco de horror, de impotência — condenação iminente — tateio cegamente para botar o fone no gancho, no aparelho preso à parede da cozinha — uma sensação nauseante de vertigem me domina — a força se esvai de minhas pernas, meus joelhos cedem e caio de um declive, entre a porta e a sala de jantar e contra a mesa a poucos centímetros de distância — a sensação é lúgubre — como um líquido correndo para fora do recipiente — a quina da mesa bate contra minhas pernas, logo acima dos joelhos, pois durante minha queda eu derrubei a mesa de lado — pesadamente, sem graciosidade, caí no assoalho de madeira de lei — não acredito que isso está acontecendo comigo, assim como não acredito no que está acontecendo com meu marido; atrás de mim, o leve fone de plástico balança sob o fio elástico, um pouco além do meu alcance, já que estou estirada no chão tentando

controlar minha respiração aterrorizada, instruindo a mim mesma *Você vai ficar bem. Você não vai desmaiar. Você vai ficar bem. Você tem que ir agora, para ver o Ray. Ele está te esperando. Daqui a um minuto... você já vai estar bem!*

Entretanto: meu cérebro se apagou, como uma chama soprada. Minhas pernas — minhas coxas — latejam de dor e é a dor que me desperta — quanto tempo passou, não consigo calcular — talvez alguns segundos — consigo respirar novamente — estou fraca demais para me mexer mas daqui a um instante minha força vai voltar — tenho certeza de que vai — esparramada no chão da sala de jantar estupefata como se um cavalo tivesse me dado um coice e a percepção me ocorre

Eu devo ter desmaiado mesmo. Então é essa a sensação do desmaio!

Seis horas da tarde de 11 de fevereiro de 2008. O Cerco — ainda não identificado, ainda não nomeado, nem mesmo suspeitado — se inicia.

Estranhamente, a Futura Viúva se esquecerá desse telefonema. Ou melhor, se esquecerá do teor específico. Ela se lembrará — constrangida, mortificada — de uma preocupação insignificante — que “desmaiou” — na verdade, que “caiu com força contra a mesa de jantar, e no chão” — “mas foi só um minuto. Nem um minuto”. Um hematoma horrível em tom de berinjela podre e formato do estado da Flórida descolorirá suas pernas, as coxas e parte da barriga — ela estremecerá de dor — dores pungentes — por ter caído no chão de madeira de lei sem amortecer a queda com as mãos — mas se esquecerá do terrível telefonema, ou quase. Pois em breve haverá muito mais a lembrar. Em breve haverá muito mais a lembrar, fatos que um mero desmaio num assoalho de madeira de lei não poderá aliviar.

Telemetria

Agora entrou na minha vida — e também no meu vocabulário — um termo aflitivo: telemetria.

Porque Ray não foi transferido para o hospital geral, mas sim para a unidade adjacente à de Terapia Intensiva.

Telemetria! — minha primeira visita ao quinto andar do centro médico — a um corredor que passarei a conhecer a fundo no decorrer de seis dias — gravado de modo indelével na minha mente como um filme mudo reproduzido sem parar — rebobinado, reproduzido — rebobinado, reproduzido.

Esses lugares por onde passamos. Esses lugares que sobrevivem a nós.

Vastas poças de memória, se acumulando — das quais não temos consciência.

“Telemetria” quer dizer máquinas — máquinas que processam dados — máquinas que monitoram o estado do paciente — e fico chocada ao ver meu marido numa cama de hospital, com uma máscara de oxigênio — fluidos intravenosos pingando dentro de seu braço. Tanto os batimentos cardíacos como a respiração são monitorados — por meio de um dispositivo que parece um prendedor de roupa preso ao indicador, uma máquina engenhosa traduz a absorção de oxigênio em números num fluxo perpétuo — 76, 74, 73, 77, 80 — numa escala de 100.

(Quando um ou dois dias depois faço uma experiência colocando o dispositivo no meu indicador, o número sobe para 98 — “normal”.)

É inquietante ver Ray tão pálido e tão cansado. Tão grogue.

Como se já tivesse enfrentado uma longa jornada. Como se eu já tivesse começado a perdê-lo...

Apesar da máscara de oxigênio e das máquinas, Ray lê, ou tenta ler. Ao me ver ele dá um sorriso fraco — “Oi amor”. A máscara de oxigênio atribui ao seu rosto magro um ar inadequado de espirituosidade, como se ele estivesse usando uma fantasia. Estou tentando não chorar — seguro sua mão,

acarício a testa — que não me parece muito quente embora tenham me dito que ele ainda está com uma temperatura perigosa — 38,3º C.

“Como você está se sentindo, amor? Ah, amor...”

Amor. É a forma de tratamento mútuo — intercambiável — que usamos um para o outro. É o único jeito como trato Ray, assim como é o único jeito como Ray me trata. Quando nos conhecemos em Madison, Wisconsin, no outono de 1960 — quando éramos estudantes de pós-graduação em Inglês na Universidade de Wisconsin — (Ray, um homem “mais velho”, terminava a tese de doutorado sobre Jonathan Swift; eu, recém-graduada pela Syracuse University, matriculada no programa de mestrado) —, devíamos nos chamar pelo nome — é claro — mas logo mudamos para *Amor*.

A lógica sendo: qualquer um no mundo pode nos chamar pelo nome próprio mas ninguém além de nós — além do outro — pode nos chamar por esse apelido íntimo.

(Também — não sei explicar — uma espécie de acanhamento se estabeleceu. Me acanhava chamar meu marido de “Ray” — como se aquele homem de quase trinta anos, na época em que o conheci, representasse para mim uma maturidade de segurança e tranquilidade masculina à qual, como uma moça de vinte e dois, e uma moça bem juvenil e inexperiente de vinte e dois, eu não tinha acesso. Como nos sonhos em que às vezes eu fundia meu pai, Frederic Oates, e meu marido, Raymond Smith — o mais velho a quem eu não conseguia chamar pelo nome mas apenas *Pai*, o mais jovem a quem eu não conseguia chamar pelo nome mas apenas *Amor*.)

A crise cardíaca passou? Os batimentos de Ray estão um pouco acelerados e um pouco irregulares mas seu estado não é mais grave, evidentemente.

Caso contrário, estaria na Terapia Intensiva. Telemetria não é Terapia Intensiva.

Infelizmente o quarto 541 fica na outra ponta do corredor da Telemetria e para chegar lá é necessário passar por quartos com portas entreabertas em que não é uma boa ideia dar uma olhadela — ao que tudo indica a maioria dos pacientes idosos está ali, encolhidos nas camas, ligados a aparelhos zumbidores. Uma espécie de terror visceral me domina — *Isso não pode estar acontecendo. É cedo demais!*

Tenho vontade de protestar, Ray não tem nada em comum com esses pacientes. Apesar de ter setenta e sete anos ele não é *velho*.

Ele é esbelto — musculoso —, faz exercícios três vezes por semana em uma academia em Hopewell. Não fuma há trinta anos e cuida da alimentação, e bebe esporadicamente — até dois ou três anos antes ele se levantava todos os dias às sete da manhã, em qualquer clima que fosse, para correr — fazer jogging — nas estradas rurais próximas à nossa casa durante quarenta minutos a uma hora. (Enquanto eu continuo deitada, exausta em consequência de sonhos turbulentos — ou talvez seja mera preguiça — para me levantar e acompanhá-lo.)

Como são gentis as enfermeiras, na Telemetria! Pelo menos as que conhecemos.

Uma enfermeira mais velha chamada Shannon me explica em detalhes, assim como explicou a Ray: é muito importante que ele respire através da máscara de oxigênio — pelo nariz — e não pela boca, a fim de inalar oxigênio puro. Quando Ray faz isso os números no aparelho de monitoramento aumentam na mesma hora.

Existe a possibilidade — a esperança — de que o destino do paciente esteja em suas próprias mãos. Nos pulmões.

Quando ficamos a sós Ray me diz que se sente “muito melhor”. Tem certeza de que receberá alta do hospital em poucos dias. Pede que eu leve trabalho para ele de manhã — não quer “se atrasar”.

A angústia de *se atrasar*. Uma angústia de *perder o controle, perder o lugar, perder a vida*. Na periferia de nossa visão essas brasas de azul gélido sempre bruxuleiam, repelidas pela nossa resoluta luminosidade americana. *Sim estou com tudo sob controle, sim vou tomar conta disso. Sim estou à altura disso — seja lá o que isso for.*

Ray aperta minha mão com força. A frieza dos dedos de Ray é surpreendente para um homem que dizem estar com febre. Que típico do meu marido, em um momento crucial querer *me* confortar.

Um jovem médico indiano entra no quarto, se apresenta com um aperto de mão brusco — é um homem da DI — “doença infecciosa” — ele nos diz que foi feita uma cultura no pulmão direito do meu marido — ela está sendo testada para determinar o tipo exato da bactéria que infectou o pulmão — assim que identificarem a bactéria conseguirão contra-atacar a infecção com mais eficácia.

Em um tom de voz cordial veloz líquido o dr. I___ fala conosco. Formalmente se dirige a nós como *sr. Smith, sra. Smith*. Certas coisas que diz

eu compreendo, e outras não compreendo. Estou tão grata pelo mero fato de que ele existe que poderia lhe beijar a mão. Eu penso *Aqui está um homem com conhecimento! Aqui está um especialista.*

Mas a Futura Viúva está equivocada? Sua confiança nesse estranho de jaleco branco que entrou no quarto de hospital de seu marido é um engano? Haveria outro final para essa história, um final mais feliz, se ela tivesse transferido o marido de um centro médico provinciano em Nova Jersey para um hospital em Manhattan, ou na Filadélfia? Se tivesse sido menos crédula? Mais cética?

Como se ela também tivesse sido invadida — infectada — por um enxame de bactérias mortais que procriam de forma desordeira não em seus pulmões e sim na parte do cérebro em que dizem residir a racionalidade.

6

Registro de e-mails

12 de fevereiro de 2008.

Para Richard Ford

Neste momento, Ray se recupera de uma gripe forte que se transformou em pneumonia sem que tivéssemos notado...

*Muito carinho a ambos,
Joyce*

Para Leigh Bienen

Ray está se recuperando — lentamente — de uma pneumonia grave que começou como gripe forte...

*Muito carinho a ambos,
Joyce*

14 de fevereiro de 2008.

Para Gloria Vanderbilt

O estado de Ray melhora — piora — melhora — piora — praticamente desisti de ter resposta para isso. Mas os médicos dizem que de modo geral ele está definitivamente melhorando — é que a pneumonia é tão virulenta, tomou boa parte de um pulmão.

(Pouco sei a respeito de doenças infecciosas, mas estou aprendendo rápido.)

*Com carinho,
Joyce*

13 de fevereiro de 2008. A infecção bacteriana no pulmão direito de Ray foi identificada: *E. coli*.

“*E. coli*! Mas ela não é associada a...”

“Infecções gastrointestinais? Nem sempre.”

É o que nos informa o dr. I____. De novo ficamos perplexos, ingenuamente — há certa ingenuidade na perplexidade nessas circunstâncias —, pois como a maioria das pessoas achávamos que a temerosa bactéria *E. coli* estivesse associada somente a infecções gastrointestinais: água de esgoto que vaza para as redes de fornecimento de água — coliformes fecais em alimentos — comida malcozinhada — hambúrguer cru no meio — alface, espinafre contaminados — a advertência austera em cima das pias dos banheiros de restaurantes *Funcionários do restaurante devem lavar as mãos antes de voltar ao trabalho*.

Mas não, estávamos enganados. No momento em que, invisível, uma colônia voraz de bactérias *E. coli* luta para sobreviver no pulmão direito de Ray com o intuito de invadir o pulmão esquerdo e depois entrar na sua corrente sanguínea para se apossar dele, o hospedeiro de respiração quente, completamente — tão completamente quanto uma besta predadora como um leão, um jacaré, desejaria devorá-lo — nós aprendemos, somos obrigados a aprender, que muitas — a maioria? — de nossas suposições acerca de assuntos médicos são erradas, assim como ideias que crianças têm.

É o dr. I____ da voz líquida — ou outro colega de jaleco branco do dr. I____ — (em seus parcos seis dias na Unidade de Telemetria do Princeton Medical Center, Ray será examinado ou pelo menos visto por um número considerável de especialistas, como detalhado na conta do hospital que sua viúva receberá semanas depois) — que nos explica que infecções por *E. coli*, de jeito nenhum limitadas ao estômago, também podem acometer o trato urinário e os pulmões. *Escherichia coli* são encontradas em qualquer lugar, o médico nos diz — no meio ambiente, na água — “No interior de sua boca”.

Boa parte do tempo — ele nos garante — nosso sistema imunológico combate essas invasões. Mas às vezes...

Pacientes com pneumonia causada por E. coli geralmente apresentam febre, falta de ar, aumento da frequência respiratória, aumento das secreções respiratórias e “crepitação” durante a ausculta.

(Por que profissionais da medicina usam “apresentar” nesse contexto? Você acha tão irritante quanto eu? Como se alguém “apresentasse” sintomas com uma espécie de ostentação espalhafatosa — *O paciente Ray Smith apresenta febre, falta de ar, aumento da frequência respiratória...*)

Agora que o tipo exato de bactéria foi identificado, um antibiótico mais preciso está sendo usado, misturado aos fluidos intravenosos injetados pelo braço de Ray. Que alívio! É uma boa notícia. Impossível não pensar no tratamento com antibióticos como uma espécie de guerra — operação militar —, como na alegoria medieval do Bem e do Mal: nosso lado é “bom” e o outro lado é “mau”. Impossível não pensar na guerra atual — nas guerras — que nosso país trava no Iraque e no Afeganistão nesses termos teológicos grosseiros.

Como Espinosa observou *Todas as criaturas almejam prosperar na própria existência.*

Na natureza não há “bem” — não há “mal”. Apenas a vida guerreando contra a vida. Vida consumindo vida. Mas a vida humana, desejamos crer, é mais preciosa que as outras formas de vida — sem dúvida, mais do que formas tão primitivas quanto as bactérias.

Exaurida pela vigília — essa vigília que mal começou! — mergulho em um sono semiconsciente na cabeceira da cama de Ray, que tira uns cochilos com a máscara de oxigênio, e no meu sonho não há imagens reconhecíveis, somente os contornos primitivos das bactérias, sede e pressa febris, a sensação de ameaça, de inquietude — dizem que esse estilo alucinatório de luz serpenteante que obscurece a visão é característico da enxaqueca, embora eu nunca tenha tido enxaqueca. Minha boca ficou seca, azeda. Minha boca parece o interior da boca de um estranho e me é repulsiva. O pensamento zombeteiro me ocorre *Você também deve ter sido infectada. Mas desta vez você foi poupada.*

Ao acordar não tenho noção de onde estou. A sensação de mal-estar me seguiu. E ali na cama do hospital — meu marido? — um tipo de capacete desfigurador, uma máscara, tampando o rosto que sempre me pareceu tão

bonito, tão juvenil, tão bom...

*Parte da loucura da Viuvez começa aqui. Pois em sonhos nossos eus futuros estão sendo preparados. Negando a gravidade da doença do marido, a Futura Viúva, quando voltar para casa naquela noite, não pesquisará E. coli na internet. Levará quase dezoito meses para procurar esse tipo comum de bactéria e encontrará a afirmação direta que por instinto temera na época e não poderia ter se arriscado a descobrir: o índice de mortalidade da pneumonia ocasionada por *Escherichia coli* é de mais de 70%.*

8

Vigília(s) hospitalar(es)

Há duas categorias de vigílias hospitalares.

A vigília com final feliz e a outra.

Embarcado na vigília hospitalar como se em uma canoazinha em uma corredeira turbulenta, você não tem uma noção clara do tipo de vigília em que embarcou — a vigília com final feliz ou a outra — até que ela chegue ao fim.

Até que o paciente tenha alta do hospital e seja levado a salvo para casa. Ou não tenha alta e nunca seja levado para casa.

14 de fevereiro de 2008. Hoje, no quarto 541, está a Jasmine — pele escura, haitiana, mora com parentes em Trenton e detesta o inverno “nojento” de Nova Jersey —, auxiliar de enfermagem designada para dar banho no paciente Raymond Smith atrás de uma tela, trocar os lençóis e fronhas e regular a cama, ajudá-lo a andar até o banheiro, conversando com ele nesse meio-tempo, e agora comigo — *Oiê Dona Smith? Como cê tá Dona Smith?* — a voz estridente como o pio de um pássaro tropical. De início, Jasmine é uma presença alegre no quarto — como as flores mandadas por vários amigos, em vasos na mesa de cabeceira de Ray — ela é cordial, afável, ávida por agradar — ávida por ser benquista — ávida por ser *muito benquista* — uma jovem atarracada e robusta com trancinhas grudadas no couro cabeludo, bochechas proeminentes e olhos pretos brilhantes por trás dos óculos de lentes grossas e armação de plástico vermelho — mas à medida que os minutos passam e Jasmine continua a tagarelar, e a andar de um lado para outro do quarto, suspirando, rindo, murmurando para si — sua presença se torna uma distração, um aborrecimento.

Recostado na cama, respirando através de um inalador nasal, Ray faz uma tentativa corajosa de separar as correspondências que pediu que eu levasse para ele — há extratos bancários, cartas de autores da *Ontario Review*, poemas e contos para avaliação — à cabeceira da cama, tento preparar minha oficina de ficção do dia seguinte na Universidade de Princeton — e Jasmine continua a falar e falar — nossa falta de atenção não parece dissuadi-la, ou talvez ela não tenha reparado — até que de repente ela sibila por entre os dentes, como se expressasse indignação — feito uma criança petulante ela pega o controle remoto e liga a televisão — volume alto — pedimos que ela por favor desligue, estamos tentando trabalhar — Jasmine nos fita como se nunca tivesse ouvido um pedido desses — ela nos diz que *sempre vê tevê nesses quartos* — com uma delicadeza exagerada que chega às raias da hostilidade, ela pergunta se pode deixar a tevê ligada —

Com o som baixo? — em seu uniforme de náilon branco as marcas das coxas e quadris rechonchudos agora sentados em uma cadeira diante da tevê, olhando para a tela lá em cima, concentrada nas grotescas imagens rápidas como se elas fossem de importância suprema, levando-a a morder os lábios, murmurar e rir sozinha, suspirar — *Ihhhh cara! Ohhhh!* — até que passado algum tempo — vinte minutos, vinte e cinco — como se a tela mágica de súbito perdesse o encanto, Jasmine se volta para nós com o entusiasmo renovado — enquanto a tevê crepita e zumbe ela retoma a tagarelice animada com estridência de pássaro que me dá vontade de tampar os ouvidos com as mãos embora eu esteja sorrindo — um sorriso tão largo que meu rosto dói — por não querer que Jasmine se ofenda por um lapso de atenção de minha parte ou uma incapacidade de respeitar sua personalidade que sem dúvida em algum lugar foi elogiada, incentivada — enquanto Ray fecha os olhos, angustiado — preso à cama de hospital pelo tubo intravenoso afixado à dobra do braço direito machucado, inalador preso à cabeça — obrigado, como se na antessala do Inferno, a ouvir Jasmine quando ela começa a repetir o monólogo sobre um ex-paciente que havia sido muito legal com ela — muito muito legal com ela — e a esposa dele também — eles tinham lhe dado presentes *muito especiais* — enviado um cartão-postal *Querida Jasmine!* do Sudoeste — pessoas realmente muito legais e generosas — um casal idoso — *muito* legal — ao escutar essas palavras prepotentes e ao mesmo tempo acusatórias uma onda de desalento percorre meu corpo — uma pontada de medo — será que essa auxiliar de enfermagem empregada pelo Princeton Medical Center é retardada? É mentalmente instável? Perturbada? *Demente?*

Nenhuma das outras enfermeiras, mais velhas, se parece com Jasmine em nenhum aspecto — Jasmine dá a impressão de ter vindo de outra dimensão, talvez um programa de tevê da Comedy Central, só que Jasmine não faz graça — Jasmine fala muito sério — tento explicar que meu marido está cansado e gostaria de descansar — tentando sorrir — tentando falar com delicadeza — com pavor de chatear a jovem volátil — dizendo por fim em tom enérgico — *Desculpe — Jasmine — meu marido está cansado, ele quer dormir* — levando Jasmine a nos encarar com espanto — por um instante incapaz de falar, ela fica tão perplexa — ofendida — uma expressão de choque exagerado lhe contorcendo o rosto como se fosse um desenho infantil — *Madame!* — *A senhora está falando que é pra eu ficar quieta? Pra parar de falar? É isso o que a senhora está me falando madame — pra parar de*

falar? Os olhos brilhantes de Jasmine se arregalam por trás das lentes grossas dos óculos. A parte branca dos olhos me fuzila. Digo a Jasmine que meu marido se cansa com facilidade, ele está com pneumonia como ela deve saber — ele não dorme bem de noite e precisa tentar descansar durante o dia e se ele não conseguir dormir que pelo menos feche os olhos e descanse — enquanto Jasmine continua a me fitar e quando minha voz diminui ela retruca repetindo a história do casal de idosos muito legais para os quais trabalhou recentemente — muito legais, generosos — *Gostavam muito de mim dizendo Jasmine você é um sopro de ar fresco sempre sorridente — me mandaram um cartão-postal dizendo Jasmine como cê tá* — até que por fim eu berro *Por favor! Por favor, pare!*

Agora Jasmine fica de queixo caído, de tão ofendida.

Jasmine desmorona na cadeira diante da tevê. Jasmine suspira ruidosamente, murmurando para si mesma. O rosto gorducho escurece devido ao sangue, os olhos fuzilam com alvura. Está zangada, emburrada como uma criança enfurecida. Não há sutileza em seu ódio por nós, que a ofendemos por não a adorarmos. O pensamento passa pela minha cabeça *Fiz uma inimiga. Ela pode matar meu marido durante a noite.*

Meu coração acelera, em pânico. Eu trouxe meu marido para este lugar terrível, agora não posso protegê-lo. Como protegê-lo?

O que quer que aconteça, a culpa é minha. Fui eu que arrumei isso.

Do lado de fora da única janela do quarto, já é noite. Penso que é bem provável que já seja noite há muito tempo pois a noite chega cedo nesse eterno lusco-fusco de inverno. Digo a Jasmine que ela já pode ir para o intervalo do jantar, se quiser — um pouco mais cedo — é um bom momento para ela ir já que ficarei ali pelo menos mais uma hora.

Jasmine estava remexendo uma bolsa grande de pano apoiada nos joelhos, ofegante, exasperada. Num primeiro momento não parece ter me escutado — no tom mais amistoso de que sou capaz eu repito o que disse — Jasmine franze a testa, ergue os olhos — Jasmine faz beijo e encara — depois Jasmine dá um sorriso.

Jasmine fecha a bolsa grande de pano com um estalido e sorri.

Madame obrigada! Madame quanta gentileza.

14 de fevereiro de 2008 — 16 de fevereiro de 2008.

Esses dias! — noites! — uma fita de Möbius se enrolando e desenrolando sem parar.

Essa semana de pesadelo da minha vida — *e no entanto* — durante essa semana Ray ainda está vivo.

“Não se preocupe com isso, amor! Vou dar um jeito nisso quando eu voltar para casa.”

E: “Deixe na minha escrivaninha. Na semana que vem ainda estará dentro do prazo — até lá eu já devo ter voltado para casa.”

Na cabeceira da cama. Respirando através do inalador nasal, Ray está lendo, tentando ler — um dos livros que eu lhe trouxe de casa — estou lendo, tentando ler — com a concentração rachada que consigo reunir — a prova encadernada de um livro sobre a história cultural do boxe que vou resenhar para a New York Review of Books. É hora de comer — porém Ray não tem fome de comida de hospital. É hora de colher seu sangue — mas a enfermeira tem dificuldade em achar uma veia, os braços de Ray estão marcados, descorados.

O ar do quarto de hospital tem um cheiro rançoso, estragado. Lá fora está um dia escuro de inverno. Esta tarde há uma leitura pública na Universidade promovida pelo Departamento de Escrita Criativa — os leitores são Philip Lopate e um escritor visitante de Israel — claro que não posso comparecer, nem posso participar do jantar que virá depois com meus colegas de escrita. Uma vigília hospitalar é em grande parte um tempo lento. Tempo parado. Em tal estase a apreensão se reproduz como uma bactéria virulenta.

E então — isso acontece — Ray começa a falar de algo que não consigo acompanhar, com a voz arrastada — uma história confusa sobre precisar

pegar algo em casa — para levar à “casa da Shannon” — Shannon é a enfermeira favorita — Shannon tem sido simpática com Ray — de algum modo, segundo a lógica dos sonhos delirantes, Ray pensa que não está no hospital, mas sim em uma “casa” cuja dona é Shannon — ele é convidado dela, e eu também.

Isso aconteceu tão de repente que eu não estava preparada. Quando trouxe Ray ao pronto-socorro uns dias antes ele disse umas coisas que me desconcertaram, que não faziam muito sentido, mas agora ele fala comigo como um sonâmbulo falaria e essa mudança repentina me choca, me assusta. Imediatamente digo a Ray que não. Ele não está na casa de Shannon. Está no hospital — no Princeton Medical Center.

Ray não parece escutar. Ou, se escuta, não dá atenção.

Sua preocupação é algo que preciso levar para ele, de casa — para usar na casa de Shannon. Ele tem um “apartamento” na casa de Shannon.

Com calma eu digo a Ray que não: ele não está na casa de Shannon, ele está no hospital em que Shannon é enfermeira.

“Amor, você tem andado muito doente. Você ainda está doente. Você tem...”

Mas Ray se irrita comigo. Ray terá de discutir comigo para me convencer de que sim, nós estamos na casa de Shannon.

“Não, amor. Shannon é enfermeira. Você está no Medical Center. Você está com pneumonia — você tem andado muito doente. Mas está melhorando — o médico disse que talvez possa ir para casa na semana que vem.”

Por quanto tempo discutimos esse assunto absurdo, não me recordo mais tarde. Fico abalada, desorientada. Este homem — este criança teimoso de voz arrastada! — não é ninguém que eu conheça.

Na sala das enfermeiras eu procuro Shannon — pergunto-lhe o que aconteceu com o meu marido e ela me diz para não me assustar, esse tipo de coisa acontece de vez em quando, é normal, vai passar. Pergunto de onde Ray tirou a ideia de que está na casa dela — em um “apartamento” na casa dela — e Shannon ri e declara que sim, “seu marido que é um homem muito doce” também tem me dito isso — é melhor não aborrecê-lo, só fazer a vontade dele por enquanto.

Fazer a vontade dele. Por enquanto.

Que constrangimento Ray sentiria, se soubesse que estão “fazendo a vontade dele” — é muito desconcertante.

Procuro um dos médicos de Ray — dr. B___.

Dr. B___ é o médico que internou Ray. Ray conhece dr. B___ bem melhor do que eu, um homem muito cordial no começo da meia-idade. Dr. B___ será o Médico Atestante no atestado de óbito do meu marido.

Dr. B___ também me diz que não devo me assustar — “delírios” não são anormais quando o cérebro do paciente não está recebendo oxigênio suficiente.

Meu marido, dr. B___ garante, está tendo “delírios brandos” — o inalador nasal não está funcionando ou ele está respirando pela boca e não pelo nariz como foi instruído a fazer. Por isso é bom que eu fique com ele o máximo de tempo possível, diz o dr. B___, para “ancorá-lo” à realidade.

Fico aliviada — Ray só tem “delírios brandos”.

Fico aliviada — o dr. B___ é muito prático, até um pouco distraído. Como se, caso tivesse tempo, ele pudesse me divertir com um monte de delírios cômicos de pacientes que conheceu — provavelmente pacientes anteriores do quarto 541 em tratamento para pneumonia.

Dr. B___ me diz que a condição é reversível.

Reversível?

Com que casualidade este termo crucial é proferido. Reversível!

Sim, sra. Smith. Reversível, em geral.

Dr. B___ manda que o inalador nasal seja retirado, a máscara de oxigênio seja reposta. Em pouco tempo — é um milagre que fará com que eu me esconda em um banheiro feminino do hospital, para chorar de gratidão — meu marido volta ao normal — a si.

Dias, noites em sequência vertiginosa — feito uma montanha-russa — no hospital, em casa — no hospital, em casa — dirigindo até Princeton, dirigindo de Princeton para o interior — este fevereiro tem sido um mês sem alegrias, porém esta semana — a última semana de nossas vidas juntos — nossa vida — manhãs nubladas são permeadas por uma estranha claridade desprovida de origem.

Esse misterioso esplendor vindo de dentro.

Estou aliviada — mais aliviada do que desejo admitir — que os delírios brandos de Ray se dissiparam.

Não estou no clima para ponderar reversível, irreversível — nem no

clima para avaliar o que é *normal*, o que é o *eu*. Angustiante pensar que nossas identidades — as características que as pessoas creem reconhecer em nós: nossas “personalidades” — são uma questão de oxigênio, água e comida e sono — a privação de um desses princípios físicos começa a nos alterar quase imediatamente — em pouco tempo, não somos mais “nós mesmos” para os outros — e no entanto, quem mais seríamos?

O eu é o corpo físico, ou o corpo é apenas o repositório do *eu*?

É o mais antigo de todos os paradoxos filosóficos — metafísicos. Não vemos um *eu* sem um corpo para contê-lo, porém não vemos um corpo sem um *eu* para ativá-lo.

Quando minha mãe morreu, aos oitenta e seis anos, já tinha perdido boa parte da memória — da “mente”. Porém não havia se perdido, não totalmente.

Ela havia se tornado extremamente esquecida, poderia se dizer que era uma versão mais obtusa e menos animada de si, assim como o monotipo desbota com toques repetidos, as sutilezas se perdem. Porém mamãe nunca se *perdeu* completamente. No jardim da casa de repouso em Clarence, Nova York, estávamos sentados com ela — meu irmão Fred e eu — e Fred lhe perguntou se ela se lembrava de mim — e mamãe disse, “Eu jamais me esqueceria da Joyce!” — e naquele instante, isso era verdade.

Eu amava muito a minha mãe. Amigos que conheceram nós duas já me falaram do quanto minha mãe vive em mim — gestos, inflexões da voz, o jeito de sorrir, de gargalhar. Sei que meu pai também vive em mim. (Papai morreu dois anos antes de mamãe. O *delírio brando* dela era de que ele morava em uma ala mais distante da casa de repouso: “Ali”, mamãe dizia, apontando para um prédio específico. “Fred mora ali.”)

Amando nossos pais, nós os absorvemos. Eles nos habitam. Por muito tempo eu acreditei que não aguentaria viver sem mamãe e papai — não aguentaria “sobreviver” a eles — pois ser filha sem os pais não me parecia possível.

Agora, sinto outra coisa. Agora, não tenho opção.

Voltar para casa!

Que alegria — que alívio — voltar para casa!

Como se eu estivesse longe há dias e não horas.

Como se tivesse viajado muitos quilômetros e não uns poucos.

Por trás de um muro de três metros tão desbotado que você nem reconheceria o material como sequoia — por trás de uma parte de terreno de árvores decíduas e perenes — nossa casa paira fantasmagórica na escuridão — sem luz lá dentro — mas eu imaginava ter deixado pelo menos uma acesa, naquela manhã — estou tão, tão cansada, estou tão ansiosa para *entrar* nesse lugar de refúgio, que me sinto debilitada pelo anseio, eu poderia chorar de alívio, de exaustão.

Este pesadelo de vigília! O cheiro de hospital me impregna — o cheiro característico de algo levemente pútrido, docemente pútrido sob o disfarce do odor de desinfetante — assim que você atravessa a vagarosa porta giratória e entra no saguão você o sente — o cheiro dos elevadores hospitalares, banheiros hospitalares, corredores hospitalares — o cheiro do quarto de Ray — (que espécie de uso mais estranha, *quarto de Ray* — até que seja esvaziado e a *cama de Ray* seja ocupada por outro) — esse cheiro está no meu cabelo, na minha pele, minhas roupas. Estou louca para entrar em casa e arrancar minhas roupas contaminadas — estou louca para tomar um banho — para esfregar meu rosto, minhas mãos — meu cabelo, que parece embaraçado, grudado — *Mas não primeiro: telefone* — preciso checar os telefonemas para a linha de Ray, e para a minha — *Não primeiro: gatos* — preciso alimentar os gatos, deixá-los sair — ariscos e desconfiados eles preferem sair a comer no canto da cozinha — *Não primeiro: correspondência* — mas estou cansada demais para ir até a caixa de correio, a própria ideia gira na minha cabeça, encolhe ao tamanho de um ponto, e desaparece — *Não primeiro: luzes* — pois a casa está muito escura — uma caverna — um sepulcro — como uma mulher enlouquecida que se desvencilhou das algemas eu corro pelos cômodos da casa acendendo as luzes — luzes da sala de estar! luzes da sala de jantar! luzes do corredor! luzes do quarto! luzes do escritório de Ray! — ligo o rádio da cozinha — ligo a televisão no nosso quarto — não suporto esse silêncio — seria de pensar que talvez eu esteja ensaiando a volta de Ray para casa — a casa inteira iluminada como se houvesse uma festa lá dentro — *Não primeiro: faxina* com uma energia mágica passarei aspirador nos cômodos da casa, me concentrando nos tapetes, de todos os afazeres domésticos aspirar é o de que mais gosto pelo som desmiolado e a satisfação imediata que gera — há algo especialmente gratificante em aspirar no fim de noite — aspirar de manhã cedo o que não seria possível, claro, se o cônjuge

estivesse em casa, tentando dormir — então, inspirada, vou lustrar parte da mobília da casa — apesar de não precisar ser lustrada, estou louca para lustrar a mesa de jantar pois é nessa mesa que Ray vai comer sua primeira refeição depois de voltar para casa daqui a alguns dias — não sei bem qual de suas comidas preferidas eu vou preparar — preciso discutir isso amanhã — que deleite lustrar a mesa de jantar que pode ser lustrada a ponto de exibir um brilho arrebatador embora seja revestida de mogno — *Não primeiro: escrivaninha de Ray* — isso é crucial! — vou tirar a correspondência acumulada da escrivaninha de Ray — das duas escrivaninhas de Ray — vou lustrar ambas as escrivaninhas com lustra-móveis de limão, para surpreendê-lo — vou arrumar as coisas no peitoril das janelas de Ray, que incluem objetos curiosos tais como post-its parcialmente usados, canetas esferográficas cujas tintas secaram há tempos, caixinhas de cliques, elásticos grudados, um relógiozinho digital com números vermelhos que piscam como olhos demoníacos nas trevas — abastecida pela premência da missão vou juntar todas as canetas e lápis espalhados de Ray — como editor, Ray adora lápis vermelhos, laranja, roxos, verdes! — e organizá-los em alguma ordem não importuna em suas escrivaninhas; vou limpar as janelas dele, que prazer vai ser esfregar as vidraças com toalhas de papel, como se para além da superfície envidraçada pairasse uma mulher fantasma cujas feições estejam perdidas nas sombras — está muito escuro lá fora — sem luar — sabe-se lá como, já é 1h20 da madrugada — minha disposição para deitar na cama daquele quarto é tanta quanto a de me deitar em um prado sob o sol fulgurante — como um viajante, mesmo em lugares sossegados sou devastada pela insônia — a mínima alteração na minha vida, sou devastada pela insônia — impossível dormir enquanto Ray está no hospital, e de certa forma ofensivo — pois *E se o telefone tocar? E se* — mas faxina é um antídoto para tais pensamentos, em seguida vou inspecionar os armários de Ray, as gavetas da cômoda — ou talvez eu deva arrumar os livros no quarto de hóspedes, que começaram a se espalhar pela mesa branca Parsons — *Não primeiro: flores* — como Ray me recebe quando volto de viagem com flores na minha escrivaninha eu devia receber Ray quando ele voltar do hospital com flores na escrivaninha dele, preciso lembrar de comprar flores num florista — vaso de begônias? cíclames? — mas em qual florista? — dá para comprar flores no Medical Center mas — talvez não seja uma boa ideia, e se estiverem impregnadas com o pavoroso *cheiro de hospital* — tendo tais

pensamentos, tramando tais estratégias vagando pelos cômodos da casa bem-iluminada cantarolando sozinha — cantarolando de boca fechada em alto e bom som — falando sozinha — dando instruções minuciosas a mim mesma — pois quando não há ninguém com quem seja razoável falar a não ser dois gatos ariscos e desconfiados, é preciso se dirigir a *si* mesmo — em meu estado de ansiedade intensificada misturada a alívio — o alívio de estar *em casa* — minha voz alegre e vivaz me lembra acima de todas a de Jasmine — agora me lembro *Correspondência!* — é urgente arrumar as correspondências de Ray em filas, ordenadas — pois um editor de revista recebe muitas correspondências todos os dias — dessa vez vou separar: pessoal, profissional, importante, desimportante — todos os anúncios descartados — como uma secretária diligente vou abrir os envelopes, desdobrar as cartas para que Ray possa absorver o conteúdo só de olhá-las; desde que Ray foi internado eu tenho pagado todas as contas, uma tarefa doméstica geralmente assumida por Ray, e vou deixar esses comprovantes das contas à mostra para que Ray os veja e archive; pois Ray mantém registros financeiros minuciosos; você diria *Mas não é preciso pagar as contas assim que elas chegam — dá para esperar — dá para esperar semanas!* — mas na espera existe o perigo de esquecimento, existe o perigo de caos — existe o perigo de perder totalmente o controle; agora no quintal cheio de neve há cascos indistintos que parecem animais encolhidos, são remessas da UPS e FedEx para *Raymond Smith, Ontario Review Inc.* que só notei agora — 2h20 da madrugada — me parece urgente trazer os pacotes para dentro de casa, lutar para abri-los — são várias as entregas pelas quais Ray vem perguntando, e portanto amanhã tenho de levá-las para o hospital — provas de impressão, provas encadernadas — provas de sobrecapas — há um prazer especial em levar para Ray algo que ele pediu — algo cativante, extraordinário — provas de impressão da matéria de capa da edição de maio da *Ontario Review* sobre o artista Matthew Daub, cujas aquarelas de paisagens rurais e cidadezinhas da Pensilvânia Ray tanto admira — algo que seja animador para Ray em seu horroroso quarto de hospital, algo que possamos compartilhar — assim como há mais de trinta anos compartilhamos o planejamento das edições da *Ontario Review* e dos livros publicados pela Ontario Review Press — em meu estado quimérico fitando as reproduções das aquarelas de Matthew Daub — pensando em como os artistas plásticos devem ser mais felizes do que os escritores — escritores e poetas — nós

cuja ligação com o mundo são puramente verbais, lineares — por meio da linguagem nós suplicamos aos outros que nos são desconhecidos que não apenas leiam o que escrevemos mas também o absorvam, se comovam, que sintam — então me lembro de súbito — *Adiar viagem!* — é urgente — tenho que adiar nossa viagem à Universidade de Nevada em Las Vegas, à qual nosso amigo escritor Doug Unger convidou Ray e eu para falarmos aos alunos de pós-graduação em escrita criativa — esta viagem, planejada há muito tempo, seria daqui a duas semanas — impossível tão em breve; talvez depois, na primavera, ou talvez no outono, Ray sugeriu — *Diga a Doug que sinto muitíssimo, mas essa porcaria de pneumonia me derrubou mesmo* — vou mandar um e-mail para Doug pois não sou capaz de ligar para ninguém, nem mesmo para os amigos, principalmente para os amigos — de repente outro pensamento se intromete — no instante em que me preparo para escrever para Doug no meu computador — *Não: “Vésperas”* — às 2h40 sou instigada a ouvir um CD — “Vésperas” de Rachmaninoff — uma das peças preferidas de Ray — coro melodioso de beleza insuperável que Ray e eu escutamos juntos em um concerto anos atrás — talvez tenha sido em Madison, Wisconsin — quando éramos recém-casados — quando a grande aventura de acumular uma *coleção de álbuns* juntos havia acabado de começar — o belo e melancólico movimento ondulante de “Vésperas” que uns meses atrás eu escutei, voltando para casa de uma viagem, descendo de uma limusine na entrada da garagem e sorrindo ao ouvir essa canção encantadora vindo de dentro de casa, onde Ray aumentara o volume do som, para ouvi-la no escritório, e pensando *É. Cheguei em casa.*

Registro de e-mails

16 de fevereiro de 2008.

Para Richard Ford

Ray está definitivamente se sentindo melhor mas não vou tentar o destino falando demais de forma otimista. Obrigada, Richard, pelo apoio moral. Fico muito grata... Talvez você possa (vir do Maine) e levar todos os aflitos de Princeton de um lado para outro. Essa pode ser sua “nova etapa”. Os biógrafos adorariam. Bem mais fácil que escrever...

*Com muito carinho por ambos,
Joyce*

(Richard Ford, ao saber que Ray estava internado, fez o grande cavalheirismo de se oferecer para vir até Princeton e me “levar de um lado para outro” — uma oferta tão generosa que me comoveu profundamente, embora o bom-senso tenha me forçado a recusá-la.)

17 de fevereiro de 2008, 4h08 da manhã.

Para Emily Mann

Dizem que Ray está melhorando — e acho que é verdade — mas ele ainda vai levar muito tempo para se recuperar e está tão debilitado e propenso a febres, estou morrendo de medo do futuro; de certa forma eu acho que ele nunca mais ficará “bem” — esta experiência tem sido muito arrebatadora. E de qualquer modo preciso vê-la como um presságio do que virá, inevitavelmente. Não consigo dormir de tanto pensar em tudo que há para fazer, que eu duvido que eu seja capaz de fazer...

No entanto, você conseguiu enfrentar uma experiência bem pior e mais longa, então imagino que eu também possa fazê-lo. Pensamentos noturnos não são muito produtivos mas... como evitá-los?

Reuni um maço de fotografias para levar ao Ray, para animá-lo, e me

deparei com uma foto lindíssima sua e do Gary, tirada pelo Ray uns anos atrás, em uma das nossas festas... Tenho certeza de que lhe dei uma cópia na época.

*Com muito carinho,
Joyce*

(O marido de Emily Mann, Gary Mailman, acometido por uma infecção virulenta após um procedimento feito por um médico associado ao Hospital for Special Surgery, na cidade de Nova York, passou dez dias hospitalizado mais ou menos na mesma época em que Ray estava no Princeton Medical Center — as vigílias de Emily e as minhas coincidiram por uns poucos dias. Gary quase morreu e depois se recuperou lentamente em casa, no decorrer de um período de vários meses. Mas se recuperou.)

Poças de memórias

Depois você reconhecerá eternamente esses lugares — antes invisíveis, indiscerníveis — onde as poças de memórias se acumulam.

Todas as áreas de espera dos hospitais — salas de hospital — e principalmente aqueles locais do hospital reservados aos doentes graves: Telemetria, Terapia Intensiva. Você não terá vontade de retornar a esses lugares onde poças de memórias jazem sob os pés, traiçoeiras como ácido. Nos cantos de tais lugares, nas sombras. Nas escadas. Nos elevadores. Nos corredores e nos banheiros que você memorizou sem saber. Na loja de souvenirs, na banca de jornais. Onde você perde tempo fitando as manchetes que já estão caindo no esquecimento no momento em que você as lê enquanto lá em cima, no quarto de hospital do seu marido doente, uma auxiliar troca roupas de cama, ou banha o paciente com uma esponja atrás de uma cortina de gaze, a não ser que o paciente tenha sido levado para a radiologia para tirar mais radiografias, tremendo e aguardando sua vez em outro corredor, em outro andar. Poças de memórias se acumulam debaixo das cadeiras das áreas de espera contíguas à Telemetria. Pode ser que lágrimas de verdade tenham manchado o chão ladrilhado ou encharcado os tapetes de tais lugares. Pode ser que essas lágrimas jamais tenham sido removidas. E por todos os lados o cheiro da melancolia, que é exatamente o cheiro da memória.

Não há nenhum lugar do hospital por onde se possa andar sem tropeçar nas poças de memórias de estranhos — o pavor que sentiram do que era iminente em suas vidas, as falsas esperanças, a euforia desvairada de suas esperanças, a súbita informação terrível e irrefutável; você não teria vontade nenhuma de ouvir os ecos de suas conversas sussurradas — *Mas ontem ele parecia tão bem, o que foi que aconteceu com ele de ontem para hoje...*

Você não teria vontade nenhuma de tropeçar no sofrimento dos outros. Você precisará de toda que for capaz de reunir para resistir ao seu.

“Não estou chorando por nada”

17 de fevereiro de 2008. Essa manhã, às 7h50, chegando ao hospital — subindo de elevador — no quinto andar viro à esquerda, em direção à Telemetria — ofegante/apressada/ansiosa para ver meu marido — (pois o primeiro vislumbre de um paciente hospitalizado, no quarto, deitado na cama, despercebido, é sempre repleto de significado) — levando o volumoso *New York Times* dominical para lermos juntos — e no canto oposto do corredor agora familiar — depois da sala das enfermeiras agora familiares — fica o quarto 541 — fica a cama de Ray — desocupada — somente o colchão despido, à mostra.

“Sra. Smith? — seu marido está no quarto 539. Ele foi transferido esta manhã mesmo. Ligamos para a senhora mas imaginamos que já tivesse saído de casa...”

E então ao entrar no quarto dele — pelo qual evidentemente eu havia passado momentos antes sem ter olhado lá dentro — meu tremor é tão visível que Ray pergunta o que há comigo — o sangue se esvaiu do meu rosto — tremeo na esteira do choque mais profundo que já vivenciei, ou tremeo na esteira do alívio — pois ali está Ray na cama nova, no quarto novo — um quarto idêntico ao anterior, com uma mesa de cabeceira idêntica e nessa mesa o vaso de flores dos amigos — Ray não está mais de máscara de oxigênio, nem sequer o inalador nasal — já que seu influxo de oxigênio melhorou, e existe a possibilidade de que ele tenha alta do hospital nesta terça-feira — ele me sorri, me cumprimenta — “Oi amor” — mas quando me aproximo da cama para lhe dar um beijo uma onda de fraqueza me domina, de repente começo a chorar — um choro convulsivo — pela primeira vez desde que levei Ray para o hospital — meu rosto se contorce como o de uma criança, pelos espasmos do choro agonizado — “Não estou chorando por nada, só porque eu te amo” — é o que consigo gaguejar, para Ray — “...porque eu te amo tanto” — e os

olhos de Ray também se enchem de lágrimas, ele murmura algo que soa como “Uma coisa dessas... vou passar dois meses nocauteado...”.

Como nadadores que afundam nos agarramos um ao outro. Alguém que atravessa o corredor nos vê e logo desvia o olhar. Nunca chorei tanto, de forma tão incontrolável. Nunca depois de adulta. E por que eu choro, será pela mera sensação de *alívio*...

Uma coisa dessas. Passar dois meses nocauteado.

Sempre me lembrarei dessas palavras. Pois é assim que Ray analisa a situação: a pneumonia interrompeu sua vida. Esses dias no hospital e a debilitação resultarão na desaceleração, no adiamento de seu trabalho como editor.

Ele não está pensando no futuro como eu tenho pensado no futuro — ele está pensando na edição de maio da *Ontario Review*, a responsabilidade que tem em relação aos escritores cujos trabalhos ele vai publicar. Cumprir um prazo. Pagar o tipógrafo. Pagar os colaboradores. Despachos, distribuição. Ele não está pensando numa mesquinha como *ele mesmo*.

Talvez Ray não seja capaz de pensar em si mesmo, nos termos em que eu sou capaz de pensar nele.

Talvez nenhum homem seja capaz de pensar nele mesmo, nos termos em que uma mulher é capaz de pensar nele.

“Apoie-se em mim, sr. Smith. Isso. Isso mesmo!”

Uma fisioterapeuta chamada Rhoda, ótima moça, caminha com Ray pelo corredor onde fica o quarto dele, numa tentativa de exercitar os músculos da perna. Ficar dias deitado na cama enfraqueceu as pernas de Ray — é espantosa a rapidez com que os músculos começam a *atrofiar*. Naquela manhã, mais cedo, eu incitara Ray a empurrar a minha mão com força, usando o pé — para exercitar os músculos da perna desse jeito — e ele empurrou com força, muita força ao que me pareceu; mas Rhoda diz a Ray que depois de ter alta do hospital ele não vai para casa e sim para o Merwick Rehab Center, não muito distante do Medical Center. Ray não precisa readquirir só a capacidade de andar, ele também tem de reconquistar a capacidade de *respirar*.

Como teria sido bizarro para nós, uma semana atrás! Esse homem de pijama de hospital arrastando os pés, tentando não estremecer de dor, se

apoiando totalmente no braço de uma jovem fisioterapeuta, com um saquinho de soro em seu encaixo.

Enquanto Ray caminha — sem firmeza, se apoiando em Rhoda — mas ele caminha — eu penso *Não cai! Não cai, por favor.*

Nos corredores de hospitais é comum ver pacientes caminhando devagar com ou sem fisioterapeutas — arrastando saquinhos de soro. Todos aqueles dias, horas — o fio intravenoso estivera preso à curva do braço direito machucado de Ray — gotejando o antibiótico que, assim como uma poção mágica em um conto de fadas dos Irmãos Grimm, tem o poder de salvar-lhe a vida.

Uma auxiliar chega para levar Ray à Radiologia para tirar radiografias.

Parece que uma “segunda infecção” — “de origem misteriosa” — “nada com que se preocupar” — surgiu no pulmão esquerdo de Ray — o que quer dizer, no pulmão (antes) não infectado de Ray.

“Mas... essa também é bacteriana?”

(Com que objetividade esse adjetivo sai da minha boca — *bacteriana*.)

Assim como alguém diria *infinito, anos-luz, trilhões de trilhões de estrelas* — na fala ingênua de quem não é cientista.)

A jovem e sorridente auxiliar — mulher, pele escura, alegre, robusta — o nome no crachá é Rhoda — diz com o sorriso luminoso que distribui a todos os pacientes e parentes de pacientes que lhe fazem perguntas tão ingênuas — “Madame, eu não sei! O doutor vai te dizer”.

Que doutor, eu me pergunto — dr. I___ ou dr. B___?

Bacteriana. Uma coisa que aprendi — o pesadelo da vigília me deixou tamanha impressão, para a vida toda — que não somos exatamente cercados de seres vivos invisíveis e muito vorazes mas sim envoltos por eles — em cada instante de nossas vidas — e antes de nascermos, no útero — somos recipientes de carne e osso desses seres vivos microscópicos que precisam do nosso calor — do calor e da nutrição — as bactérias que nos beneficiam nós chamamos, num impulso antropomórfico, de *boas*; as bactérias que procuram nos assolar, e nos destruir, nós chamamos de *ruins*.

É totalmente ingênuo, fútil, ignorante — pensar que nossa espécie é *excepcional*. Assim designou o senhor dos animais da Terra, segundo o Livro do Gênesis!

“Infecção” — outro termo problemático. Pois por definição toda infecção é *ruim* — mas algumas *não são tão ruins* quanto outras.

“Sr. Smith, será que dá para inclinar a cabeça para cá? — muito bem.”

Uma das enfermeiras barbeia o maxilar de Ray, que está cheio de restolhos. É uma tarefa que eu mesma poderia ter feito pelo Ray — ou, se tivéssemos pensado nisso, eu poderia ter trazido o tipo certo de espelho e Ray poderia ter se barbeado sozinho.

“Seu marido é muito bonito, sra. Smith. Mas a senhora já sabe disso.”

Sem os óculos, de olhos fechados, Ray realmente está bonito — as maçãs do rosto enxutas, e incrivelmente desenrugadas para um homem de sua idade — a testa é maculada por linhas finíssimas, quase invisíveis sob esta luz. Enquanto a enfermeira o barbeia com destreza, enxuga a espuma — tenho uma sensação incômoda, de que Ray está se adaptando ao ambiente hospitalar, cada vez mais confortável com a passividade sombria que esse ambiente inspira — assim como na *Montanha mágica* de Thomas Mann em que o jovem alemão Hans Castorp chega como visitante em um sanatório de tuberculosos em Davos, nos Alpes Suíços, na década anterior à deflagração da Primeira Guerra Mundial, e como que por um feitiço de contos de fadas passa sete anos no local.

Depois de barbeado Ray volta ao *New York Times* espalhado pela cama. A visita à Radiologia — ele ficou quarenta minutos lá — não parece ter causado nele qualquer efeito discernível — um de uma série de testes hospitalares — ao menos não tão invasivo quanto os outros.

Seus dois braços têm hematomas, roxos por causa dos exames de sangue. Mesmo para um estoico, a constante coleta de sangue vem se tornando dolorosa, mas ele não reclama, Ray não é do tipo que reclama.

Ele parece não se lembrar do delírio brando de outro dia, e é improvável que eu o lembre.

Um quarto na casa de uma enfermeira! Que convencido o Ray estava, de que era nesse lugar que estava situado, por que motivo ele não soube dizer. Gosto de pensar que um dia — talvez —, quando estiver bem, e em casa — e a vigília hospitalar não for nada além de uma lembrança —, eu vá lhe contar sobre essa ideia que ele teve, e talvez riremos disso juntos.

E como o restante do domingo é passado? — em leituras vagarosas, conversas, ouvindo o coro transmitido aos domingos pelo canal de artes da tevê. Por coincidência esse é exatamente o programa de música clássica transmitido pelo rádio nas tardes de domingo, o qual ouvimos com frequência em casa.

Certa vez, ao ouvir uma gravação do *Réquiem* de Mozart, Ray comentou com aquela bravata típica dos jovens quando falam de morrer, da morte, como se não tivessem o mínimo medo disso — “Promete que você vai tocar essa música no meu funeral”.

“Mas você disse a mesma coisa do *Réquiem* de Verdi.”

“Eu disse? *Eu disse?*”

Isso foi anos atrás. Foi em outra vida. Morávamos em Sherbourne Road, em Detroit, Michigan. Moramos lá logo após o chamado motim de Detroit em julho de 1967 — incêndios, tiros e saques a apenas dois quarteirões da Livernois Avenue — uma cacofonia terrível de alarmes de incêndio, sirenes de patrulhas, gritos e lamúrias aleatórias — homens da Guarda Nacional destacados para proteger terrenos municipais com rifles — um cheiro azedo de fumaça, incêndios em lenta combustão que se prolongaram por vários dias — a *bomba-relógio racial* que era essa cidade americana, como o lugar-comum descrevia, o local que ao mesmo tempo era nossa casa.

No hospital, nessa tarde de fevereiro de 2008, décadas mais tarde, não quero pensar nisso. Na nossa ingenuidade, ignorância.

Fomos felizes naquela casa em Sherbourne Road em cujo quarto no segundo andar — antigamente um quarto de criança com paredes rosa e sem mobília, à exceção da escrivaninha, da cadeira de espaldar reto e de uma única estante de livros — eu escrevia meu romance *Eles* enquanto Ray se deslocava para a Universidade de Windsor, em Ontário, cruzando o rio Detroit em direção ao Canadá.

Na época eu lecionava inglês na Universidade de Detroit, uma instituição dirigida por jesuítas na Six Mile Road, a cerca de um quilômetro e meio de nossa casa em Sherbourne Road. Adorava minhas aulas na U.D. e era muito amiga da maioria dos meus colegas (quase todos homens), mas em um ano eu saíria para lecionar, com Ray, na Universidade de Windsor, onde permanecemos de 1968 a 1978, em uma casa de tijolos aparentes de um só andar à margem do rio Detroit, de frente para Belle Isle...

Vigílias hospitalares nos inspiram essa nostalgia. Vigílias hospitalares

acontecem num tempo lento durante o qual a cabeça viaja livremente, um balão frágil vagando pelo céu assim como pelo *infinito*.

No final da tarde de domingo, 17 de fevereiro de 2008 — quando o crepúsculo se dá, e escurece a noite —, fica combinado entre nós que hoje eu vou cedo para casa e amanhã voltarei no início da manhã. Que exaustão sinto de repente! — apesar de ter sido o melhor dia de Ray no hospital até agora, e de estarmos nos sentindo — quase — exultantes.

Transferido para a clínica de reabilitação na terça-feira? — uns dias na clínica e em seguida — casa. Até a sexta que vem? Fim de semana que vem?

Dou um beijo de boa-noite no meu marido. Meu belo marido de maxilar liso. Não é uma folga extraordinária porque me parece muito breve — voltarei a esse quarto em muito pouco tempo.

“Boa noite! Eu te amo.”

O telefonema

18 de fevereiro de 2008. O telefonema vem à 0h38.

Me desperta do sono — um telefone tocando *na hora errada*.

Fazia muito tempo que eu não sentia o pavor, de quando meus pais eram vivos, e idosos, e seus problemas de saúde se agravavam, de que o telefone tocasse tarde — *na hora errada*.

Todos nós conhecemos esse pavor. Não há como escapar desse pavor.

Pois enfim eu conseguira dormir — na nossa cama, e de luz apagada — estávamos tão esperançosos quando fui embora do hospital no começo da noite — pela primeira vez desde segunda-feira, consegui fechar os olhos, *dormir* — e agora isso me parece um castigo — meu castigo por ter sido complacente, descuidada — por ter saído cedo do hospital — aturdida e de boca seca eu me levanto trôpega da cama e vou até a sala ao lado — o escritório escuro de Ray — onde o telefone toca. E quando pego o aparelho — “Alô? Alô?” — a pessoa já desligou.

Número errado? Desejo com todas as minhas forças acreditar nisso.

Quase de imediato o telefone toca outra vez. Quando atendo é para ouvir as palavras, se não a voz — a voz é a voz de um estranho, um homem, em tom de urgência — que venho temendo desde que o pesadelo da vigília começou — me informando de que “seu marido” — “Raymond Smith” — está em “estado crítico” — a pressão dele “caiu muito” — o batimento cardíaco “acelerou” — a voz me pergunta se quero “medidas extraordinárias” caso o coração do meu marido pare de bater — eu berro: “Sim! Eu já te falei! Já disse que sim! Salva ele! Faz o que for preciso!”

A voz me orienta a ir depressa para o hospital.

Pergunto, “Ele ainda está vivo? Meu marido ainda está vivo?”.

“Sim. Seu marido ainda está vivo.”

E agora dirijo em direção a Princeton na escuridão da noite — pela Elm Ridge Road — até Carter Road, e entrando à esquerda na Rosedale — Rosedale, que me levará direto para o distrito de Princeton, a alguns

quilômetros de distância — essas estradas interioranas tão percorridas durante o dia ficam desertas à noite — não há postes acesos — não há faróis se aproximando — as estradas estão escuras, margeadas por neve — estou pensando *Isso não pode estar acontecendo. Isso não é real* — isso, a exata convocação que eu vinha temendo, eu quis acreditar com a fé que uma criança tem em pensamento mágico que se eu temesse o telefonema, se eu imaginasse as palavras exatas do telefonema, o telefonema não viria de jeito nenhum — isso não seria impossível! — apesar de desesperada para chegar a Princeton e ao hospital, me obrigo a não ultrapassar o limite de velocidade — como tenho tido o cuidado de dirigir devagar e com toda a concentração que consegui reunir, nessa última semana — pois seria irônico, seria desastroso eu sofrer um acidente numa hora dessas — quando Ray está me esperando — em meio a um zunido nos ouvidos a voz do telefone adquiriu um tom mais premente — quase um tom de censura *Ainda vivo. Seu marido ainda está vivo*. Digo em voz alta, “Ele ainda está vivo. Meu marido ainda está vivo” — em tom de espanto, pavor, provocação — “Ray ainda está vivo” — tal páthos em *ainda*, tão provisório e desesperado — nessa última semana adquiri o hábito de falar sozinha, de me dar instruções — me incentivando como alguém incentivaria uma criança cambaleante *Você consegue. Não vai acontecer nada, você consegue. Não vai acontecer nada!* Quando me vesti às pressas no quarto, me preparando para essa jornada frenética, uma voz admoestadora se elevou num simulacro de calma perplexa — *Preste atenção no que você vai vestir, você vai passar muito tempo com essa roupa*.

No Honda branco como um fantasma eu dou uma guinada até a faixa amarela para mudar de pista, por alguma razão tenho dificuldade de segurar o volante — minhas mãos estão lisas, o volante está frio mas as palmas das minhas mãos estão escorregadias por causa do suor. Também estou com dificuldade de enxergar — a pista adiante, sob os faróis do Honda, parece borrada. Acho que há algo errado com a minha visão — é como se eu estivesse olhando por meio de um túnel — na minha visão periférica há figuras sombrias — para além da estrada margeada por neve — tenho medo de ser atingida por um cervo — nessa área não é incomum cervos se aventurarem pelas pistas e às vezes até pularem no caminho de um veículo como se estivessem hipnotizados pelos faróis. Agora minha voz se eleva, assustada, esganiçada — “Ray vai morrer? Ray vai...”. Não consigo admitir a possibilidade assim como não consigo admitir o pavor que sinto, e a

impotência — tanta frustração quando entro no distrito de Princeton e o limite de velocidade cai para quarenta quilômetros por hora — aqui, devo esperar por muito tempo — quanto tempo, quanto tempo! — um pesadelo de tempo perdido! — esperando o sinal vermelho abrir no cruzamento da Hodge Road com a Rota 206 — que em Princeton é chamada de State Road — não há tráfego na State Road nem há tráfego na Hodge Road — não há tráfego à vista — porém sou obrigada a esperar o sinal, tenho medo demais de atravessar um sinal vermelho, condicionada demais a “obedecer” à lei e numa hora dessas mais ainda — por fim o sinal abre — dirijo até Whitterspoon Street, viro à esquerda e sigo vários quarteirões em direção ao hospital — passando por casas escuras — consigo estacionar em frente ao hospital, na esquina — só tem mais um carro parado ali, a essa hora da noite — desesperada, corro até a porta da frente do hospital que, é claro, está trancada — o interior do hospital, a meia-luz — num desespero maior ainda eu corro até a entrada do pronto-socorro, que fica na esquina — minha respiração está fumegante, desesperada — suplico ao segurança que me deixe entrar no hospital — me identifico como esposa de um homem “em estado crítico” na unidade de Telemetria — dou o nome do meu marido várias vezes — *Raymond Smith!* — *Raymond Smith!* — pensando em como Ray ficaria estupefato, o constrangimento que sentiria, no hospital *as coisas adquirem uma proporção excessiva* ele disse outro dia — o segurança me ouve com cortesia — é um homem de meia-idade, pele escura, receptivo — mas não pode me deixar entrar antes de fazer um telefonema — isso leva algum tempo — segundos, minutos preciosos — como borboletas de asas corroídas os pensamentos voam na minha direção numa sequência aleatória e frenética *Ele ainda está vivo. Está tudo bem. Ele está me esperando, eu vou vê-lo, ele ainda está vivo.* Como é frustrante, como é estranho, quem quer que tenha sido a pessoa que me ligou para me chamar ao hospital não tomou nenhuma providência para que permitissem minha entrada — talvez tenham cometido um erro? — a esposa de *Raymond Smith* não devia ter sido chamada ao hospital? — é outra pessoa que eles estão esperando? — mas então o segurança me informa que sim, a sra. Smith está sendo aguardada no quinto andar, posso entrar por uma porta que ele abre — cegamente eu corro porta adentro e deparo com o saguão do hospital — de início sem reconhecer o ambiente familiar, mal-iluminado e deserto — que sombrio, ninguém por ali — a portaria está vazia, o balcão de informações escurecido — a cafeteria

apagada — meu coração em pânico bate como um punho violento enquanto corro até o elevador — subo para o quinto andar — agora ao sair do elevador sinto um medo terrível, ao virar à esquerda para chegar à Telemetria como sempre eu sinto um gosto frio no fundo da boca *Isso não está acontecendo, isso não é real — é claro que Ray vai ficar bem*. Não há ninguém na Telemetria — exceto na sala de enfermaria — luzes, figuras de roupas brancas — em meio à distração não reconheço nenhuma enfermeira — pela forma como me olham, com expressões indiferentes, elas sabem — devem saber — por que estou aqui, a essa hora da noite em que não permitem visitantes no hospital; e agora — da outra ponta do corredor que dá para o quarto do meu marido eu vejo algo que me horroriza — cinco ou seis vultos — profissionais de saúde parados em silêncio diante da porta aberta — como se estivessem me esperando — quando me aproximo um deles dá um passo à frente — uma jovem médica — uma mulher que parece muito nova, uma desconhecida — em silêncio ela aponta para o interior do quarto e neste instante eu sei — eu sei que, apesar da correria desvairada, eu cheguei tarde demais — apesar dos escrúpulos em não ultrapassar o limite de velocidade, esperar o sinal abrir feito um robô programado, eu cheguei tarde demais — em transe, entro no quarto — o quarto do qual saí poucas horas antes numa total ingenuidade, ignorância — dando na face lisa do meu marido um beijo de *Boa-noite!* — nosso plano era que eu chegasse cedo amanhã de manhã — isto é, esta manhã — eu levaria provas de impressão da próxima *Ontario Review* — mas agora Ray não está recostado na cama, me esperando — não está me esperando e sim deitado de costas, imóvel na cama de hospital, que foi rebaixada — fico chocada ao ver que há algo *anormal* ali — os olhos de Ray estão fechados, o rosto cinzento está flácido, o tubo intravenoso foi removido da dobra do braço direito cheio de hematomas, não há monitor de oxigênio, não há monitor cardíaco, o quarto está completamente silencioso — as pálpebras de Ray não vibram quando eu entro, os lábios não formam um sorriso — não ouço suas palavras *Oi amor!* — entorpecida eu me aproximo da cama, eu falo o nome dele, eu suplico como faria uma criança — “Ah amor o que foi que aconteceu com você! — o que foi que aconteceu com você! Amor? Amor?”. Pois Ray parece tão vivo, não há agonia nem tensão em seu rosto; seu rosto está relaxado, sem rugas; o cabelo não está desgrenhado; é verdade que ele perdeu peso nessa última semana, as bochechas estão mais finas, há cavidade sob os olhos que são olhos lindos,

azul-acinzentados, azul-ardósia, eu me curvo sobre ele enquanto ele permanece imóvel debaixo do lençol, eu o abraço, eu o abraço desesperadamente, eu o beijo, eu choro por ele — implorando para que ele acorde, sou eu — é a Joyce — é a sua mulher — eu imploro a ele pois Ray é uma pessoa que pode ser persuadida, convencida — ele não é um homem teimoso — ele não é um homem inflexível — se pudesse ele abriria os olhos e me cumprimentaria, eu sei; murmuraria algum comentário engraçado e irônico, eu sei; eu o abraço pelo máximo de tempo possível, eu choro, a pele dele ainda está quente mas já começa a esfriar; eu penso *Não é possível. É um engano*; fico tentada a sacudir Ray, a rir dele — *Não é possível! Acorda! Para com isso!* — pois nunca em nossa vida juntos aconteceu algo tão extraordinário entre nós dois; nunca em nossa vida juntos algo nos separou tanto; eu digo a ele que o amo, eu o amo muito, eu sempre o amei; agora a jovem médica entra no quarto, em silêncio; os outros permanecem no corredor, olhando para dentro; com uma voz baixa na qual todas as palavras são enunciadas com precisão a jovem médica cujo nome me escapa, cujo nome jamais saberei, me explica que tinha feito *tudo o que era possível* para salvar meu marido, que morrera poucos minutos antes — ele sofrera uma *parada cardíaca* inesperada — a pressão sanguínea havia *despencado*, o batimento cardíaco tinha *disparado* — foi a *infecção secundária* e não a infecção inicial por *E. coli* que fizera a febre subir — nas últimas horas — o pulmão esquerdo foi invadido, a circulação sanguínea foi invadida — embora tivessem se esforçado *não havia mais nada que pudesse ser feito*.

Estou aturdida demais para responder. Estou confusa demais para saber se devo responder. É muito difícil escutar a voz da mulher em meio ao zunido nos meus ouvidos. Acho que devo parecer perturbada, enlouquecida — o sangue se esvaiu do meu rosto, dos meus olhos vazam lágrimas — mas não estou chorando, não estou chorando de alguma forma normal — com o vestígio corroído que me resta de decoro social eu tento decidir qual é a resposta adequada nessa situação, o que é que devo dizer, ou fazer, o que esperam de *mim*? Só depois — dias depois — é que me dou conta de que Ray morreu cercado de estranhos — todos aqueles profissionais de saúde reunidos no corredor que dá para o quarto dele, estranhos — dr. I___ não está ali, dr. B___ não está ali, dr. S___ — cardiologista de Ray há alguns anos — não está ali; nenhum dos outros especialistas em doenças infecciosas que tinham aparecido para examinar Ray e falar comigo está ali; a sorridente enfermeira

Shannon de quem Ray tanto gostava não está ali, nem mesmo a tagarela Jasmine.

É 1h08 de uma noite de domingo. Nenhum dos médicos veteranos está de plantão a essa hora. Nenhum desses profissionais, inclusive a jovem médica, tem mais de trinta anos.

Não vou ouvir notícias de nenhum dos funcionários que se tornaram próximos de Ray nessa última semana na Telemetria. Nem mesmo dr. B____, o médico que o internou e cuja assinatura descobrirei no atestado de óbito declarando que *Raymond J. Smith* faleceu de *parada cardiorrespiratória, complicações resultantes de pneumonia. 0h50. 18 de fevereiro de 2008.*

É o pensamento mais horrível — meu marido morreu cercado de estranhos. Eu não estava com ele, para confortá-lo, para tocá-lo e abraçá-lo — eu estava dormindo, a quilômetros de distância. Dormindo! A enormidade desse fato é difícil de entender, sinto que vou passar o resto da vida tentando captá-la.

“Sra. Smith?” — a jovem médica toca o meu braço. Ela está me dizendo que, se eu quiser ficar mais tempo com meu marido, ela me deixará a sós.

No corredor, os outros se dispersaram. Fito Ray, que não se mexeu, nem mesmo as pálpebras tremeram desde que entrei no quarto. A jovem médica repete o que me disse e consigo ouvi-la à distância, e responder.

“Obrigada. Vou sim. Muito obrigada.”

II

QUEDA LIVRE

Oh Vida iniciada em Sangue fluido
E inerte concluída

— Emily Dickinson, 1130^{[1](#)}

^{[1](#)} *Alguns poemas*. Tradução de José Lira. São Paulo: Iluminuras, 2008. (N. da T.)

The Golden Vanity

Por favor recolha os pertences do seu marido antes de ir embora.

É minha tarefa — minha primeira tarefa como viúva — recolher os pertences do meu marido do quarto do hospital.

Hoje mesmo — isto é, ontem de manhã — que foi domingo de manhã — eu trouxera o enorme *New York Times*, correspondências, provas de impressão da revista e vários outros itens que meu marido pediu que eu pegasse do escritório. Agora, vou me desfazer do *Times* e levar as outras coisas de volta para casa.

Ainda não me dei conta — isso vai levar um tempo — de que como viúva serei reduzida a um mundo de *coisas*. E essas *coisas* retêm apenas um brilho opaco de suas identidades e sentidos originais assim como numa casca morta e dissecada de algo outrora orgânico talvez se possa discernir um brilho de sua identidade e sentido original.

O relógio de pulso na mesinha junto à cama de hospital do meu marido — onde meu marido está deitado, totalmente imóvel, como num simulacro do sono mais profundo e sereno — esse objeto, um relógio *Acqua Quartz* sem nenhum traço especial que muito provavelmente Ray comprou na drogaria Pennington que frequentamos, com pulseira de couro, um mostrador digital que anuncia que é 1h21 — que, enquanto o olho, muda para 1h22 — não tem identidade nem sentido exceto *É o relógio de Ray* e exceto *Por ser dele, vou levá-lo comigo. É responsabilidade minha*.

Nesse primórdio da Viuvez — esses primeiros minutos, horas — você pode até chamá-lo de Pré-Viuvez, já que a Viúva ainda não “entendeu” — o que significará habitar um mundo em queda livre do qual o sentido se esvaiu — a Viúva sente-se confortada por essas pequenas tarefas, rituais; os perímetros do protocolo da Morte em que os experientes irão guiá-la assim como se guia um animal pasmado e condenado do cercado até a rampa com a ajuda de uma vara de três metros.

Sra. Smith? Há alguém para quem a senhora queira ligar?

Respondo rápido — Sim.

A senhora quer ajuda para fazer a ligação?

Respondo rápido — Não.

Essas parecem ser as respostas certas. A resposta certa não seria retrucar
Mas eu não quero ligar para ninguém. Eu quero ir para casa agora, e morrer.

Assim como fantasiamos — nenhum de nós queria sobreviver ao outro.

Embora Ray tivesse horror de suicídio — ele não achava que o suicídio era uma espécie de alternativa romântica — agora ele está *morto*, ele certamente gostaria de voltar à *vida*.

Esses pensamentos correm pela minha cabeça como vespas desorientadas. Não me empenho em rechaçá-los, muito menos em desacelerá-los e examiná-los. É esquisito ser atacada por pensamentos acelerados enquanto me movimento tão devagar — falo devagar — como alguém que levou uma marretada na cabeça.

A hora marcada pelo relógio de Ray já é 1h24.

Esse quarto de hospital está tão frio — meus dentes começaram a bater.

No banheiro pequeno e sem janela, no armário de remédios — atrás do espelho — sob uma luz fluorescente nada lisonjeira —, meus dedos se fecham, anestesiados, em torno de uma escova de dentes — a escova de dentes de Ray? — o tubo de pasta de dente apertado de qualquer jeito — antisséptico bucal — desodorante — um desodorante roll-on masculino — *desodorante masculino antiperspirante suave sem cheiro transparente deslizante* — creme de barbear num pequeno frasco aerossol — com que lentidão me movimento — recolhendo os *pertences* do meu marido para levá-los para casa.

Alguém deve ter me orientado a cumprir essa tarefa. Não tenho certeza se eu teria pensado nisso sozinha. A palavra *pertences* não é minha, acho uma palavra curiosa que gruda em mim feito um estrídulo.

Pertences. Para levar para casa.

E *casa* também — é uma palavra curiosa.

Estranho pensar que agora haveria uma *casa* — sem meu marido — uma *casa* para a qual levar os *pertences* dele.

Aqui está o pente de Ray — um pente preto de plástico — que vislumbrei entre as coisas dele, vez por outra. Quando viajávamos juntos — nos hospedando em uma única suíte — um tipo de intimidade mais marcante

que a vida cotidiana, que adquiriu um sutil protocolo particular; nessas ocasiões, eu via o *kit de higiene pessoal* do meu marido e dentro dele objetos como escova de dentes, pasta de dentes, desodorante etc. Mas também alicate de unhas, colônia pós-barba, comprimidos receitados pelo médico. Me parecia comovente, me provocava um sorriso, o fato de que um homem, qualquer homem, cuidasse tanto da aparência, assim como cuidam as mulheres.

Que um homem, qualquer homem, cuidasse da aparência a fim de *ser atraente, amado* — acho isso maravilhoso.

Que um homem, qualquer homem, pareça desta forma pedir que alguém, uma mulher, sinta atração por ele, e que o ame — que mistério é isso! Pois para a mulher, o homem típico é incompreensível, indefinível.

Até o homem doméstico, o marido — há sempre algo incompreensível e indefinível nele. Assim como na vida de Ray, ou talvez na personalidade de Ray, sempre existiu, apesar da intimidade ganha ao longo de quarenta e sete anos — para constar, quarenta e sete anos e vinte e cinco dias de casamento — um lugar oculto, uma região na qual ele podia se refugiar, à qual eu não tenho acesso.

Agora, Ray se refugiou em um lugar onde não posso segui-lo. Logo atrás de seus olhos fechados.

Esses artigos de higiene pessoal — o fato de que eram *dele*, mas não são mais *dele*, me parece muito estranho.

Agora, eles são *pertences*.

Os pertences do seu marido.

Uma das razões para me movimentar devagar — talvez não tenha nada a ver com levar uma marretada na cabeça — é que, com esses *pertences*, o único lugar para onde posso ir é para *casa*. Essa *casa* — sem meu marido — não me é possível considerar.

Sinto que o chão de ladrilhos se move sob meus pés. Às pressas, me vesti e saí de casa, nem sei muito bem que sapatos são esses — minha visão está embaçada — pode ser que eu esteja usando dois pés esquerdos — ou tenha trocado os pés direito e esquerdo — lembre-se de que, na história da civilização, a classificação *pé direito* e *esquerdo* é relativamente recente, não faz tanto tempo que as pessoas se consideravam afortunadas só de usar *sapatos* — esse é o tipo de informação aleatória, sem sentido e no entanto fascinante que Ray me dizia, ou lia numa revista para mim — *Você sabia*

disso? Não faz tanto tempo...

O impulso me toma de assalto, de correr para o outro ambiente, de falar para quem quer que seja, ou fosse — uma mulher — um desconhecido tanto para mim quanto para Ray — sobre os *sapatos*, a história de *direito e esquerdo* — mas eu entendo que não é hora disso; e que Ray, de qualquer modo, em cujo benefício eu poderia mencionar esse fatos, não me ouvirá.

Nessa última semana eu me tornei espantosamente desastrada, inábil — esquecida — para juntar as coisas de banheiro de Ray eu devia ter pegado uma sacola qualquer, mas não o fiz — atabalhoada, seguro-as com as mãos, com os braços — um dos objetos escorrega e cai — a lata aerossol do creme de barbear, que faz um som retumbante ao atingir o chão — quando me curvo para pegá-la o sangue corre para a minha cabeça, há uma sensação de rasgo no meu peito — *Creme de barbear! Nesse lugar terrível!*

Agora seria a hora de chorar. O creme de barbear de Ray na mão suada de sua viúva.

A vaidade do creme de barbear, antisséptico bucal, *desodorante masculino suave sem cheiro*.

A vaidade de nossas vidas. Vaidade de nosso amor um pelo outro, e de nosso casamento.

Vaidade de acreditar que de certa forma somos donos de nossas vidas.

Versos de uma balada escocesa — *The Golden Vanity* — me vêm à cabeça. Como meu cérebro está com uma porosidade intimidante, não tenho defesas contra tais invasões...

*There once was a ship
And she sailed upon the sea.
And the name of our ship was
The Golden Vanity.*²

Há um certo escárnio, até mesmo zombaria nessas palavras. Fico petrificada ao escutá-las, como se enfeitiçada. As palavras me são familiares embora não as tenha escutado — não tenha pensado nelas — há muito tempo.

*There once was a ship
And she sailed upon the sea...*

Há muito tempo — quando fazia pós-graduação na Universidade de

Wisconsin em Madison, em 1961 — foi meu dever — foi meu prazeroso dever — escrever um trabalho sobre as baladas tradicionais inglesas e escocesas para um grupo de estudos de medievalismo lecionado pela maravilhosa Helen White, uma das duas únicas professoras de inglês naquele departamento muito conservador, cuja grande maioria era de egressos de Harvard; subsequentemente, por muitos anos de nossa vida de casados, Ray e eu escutávamos gravações de baladas, em especial aquelas entoadas por Richard Dyer-Bennet. É a voz desse cantor que escuto agora. Nunca tinha me ocorrido — até agora — segurando na mão uma lata de creme de barbear — que essa balada escocesa franca, melancólica, havia sido a própria poesia de nossas vidas.

*There once was a ship
And she sailed upon the sea...*

(Agora que *The Golden Vanity* invadiu meus pensamentos passarei dias, ou semanas, sem conseguir expulsá-la da cabeça; não tenho capacidade de expulsar tais invasões de canções, às vezes uma estrofe qualquer de poesia, através de um esforço consciente.)

De novo eu penso — isto é, o pensamento me ocorre — aquela fantasia vaga em que o masoquismo mascara o medo, horror, terror — com que frequência no passado eu me consolei com a ideia de que, caso *algo acontecesse com o Ray*, eu não gostaria de sobreviver a ele. Não aguentaria sobreviver a ele! Eu tomaria uma dose letal de comprimidos para dormir, ou...

Me pergunto o quão comum é essa fantasia. Quantas mulheres se consolam com a ideia de que, caso os maridos morram, elas também morrerão — de alguma forma?

É um consolo para esposas ainda-não-viúvas. É um modo de declarar *Eu o amo tanto. Eu sou uma pessoa que ama muitíssimo.*

Quando era apenas um homem de meia-idade, e não um homem idoso, doente, meu pai dizia com aquela bravata masculina: *se um dia eu ficar tão mal quanto* — (referindo-se a um parente mais velho que sofria de doenças crônicas e reclamava bastante) — *dê um basta no meu sofrimento!*

Mas quando papai envelheceu ele conviveu por anos com uma miríade de doenças — enfisema, câncer de próstata, degeneração macular — e não

expressou nenhum desejo de morrer, e menos ainda de que dessem *um basta no meu sofrimento*.

Pois essa é a falácia de tais pedidos, feitos em “bom estado de saúde” — na verdade eles não se aplicarão à pessoa que os declarou, mais tarde.

Portanto a perspectiva de *tomar comprimidos para dormir* neste momento também é inimaginável. Tanto quanto fugir do frio viajando para Miami amanhã de manhã. Minha responsabilidade para com o meu marido não permitiria um comportamento tão impulsivo.

“Amor? O que devo fazer com essas coisas?”

Não exatamente em voz alta, em um murmúrio para que ninguém ouça essas palavras pronunciadas. Claro que sei, sei muito bem que meu marido está morto, e que não me ouvirá, muito menos responderá.

Outro hábito surgido nessa última semana — falar sozinha, fazer perguntas a mim mesma. Conversas animadas comigo mesma enquanto dirijo o carro. Se estou em casa, falo com os gatos — num tom efusivo cuja finalidade é assegurar aos bichos assustados de que está tudo bem. (Isso é sempre admissível, falar com bichos. A pessoa pode ser excêntrica *mas não louca* por falar com bichos.)

Aqui vai um fato, eu acho — acho que é um fato — nem uma vez durante nossos quarenta e sete anos e vinte e cinco dias de casamento eu ouvi Ray falando sozinho. Era raro o Ray murmurar para si — xingar, praguejar.

Quando volto ao quarto de hospital — a cabeceira de Ray — fico aliviada por não haver ninguém por perto. Acho que havia uma enfermeira há poucos instantes. Acho que ela me disse alguma coisa, ou me perguntou alguma coisa, mas não lembro o que foi. Tenho vontade de chorar de alívio, ela foi embora. Estamos a sós.

Do lado de fora do quarto de Ray, no corredor, não há ninguém. Aqueles quatro ou cinco funcionários, estranhos para mim, e para Ray também, inclusive a agradável jovem médica de voz macia de ascendência indiana, desapareceram por completo.

Esses indivíduos teriam se unido numa tentativa — uma tentativa fracassada, uma tentativa inútil — de salvar a vida do meu marido? Existe algum termo para o que são, ou foram — não uma *Equipe da Morte* — apesar de nesse caso a tentativa deles ter acabado em morte — uma *Equipe Salva-Vidas*?

Quero muito conversar com eles. Quero lhes perguntar o que Ray disse,

ao se aproximar do fim da vida. Se ele teve delírios ou... se iludiu...

Essa ideia impetuosa, assim como outras, passa pela minha cabeça e sai dela e se perde.

Há algo que preciso fazer: dar telefonemas. Telefonemas.

Mas antes preciso recolher os *pertences* de Ray.

“Amor? Me diga — o que eu devo fazer?”

Me sinto totalmente zozza. O telefone tocando e me despertando daquele sono fino como espuma se confunde com o zumbido nos meus ouvidos e os versos zombeteiros da balada — *And she sailed upon the sea and the name of our ship was* — penso no quanto Ray admirava Richard Dyer-Bennet — estranho que tenhamos parado de ouvir canções folclóricas, que adorávamos nos anos 1960.

Embora não haja ninguém no corredor eu tenho consciência de que estou sendo observada. Bem provável que todas as enfermeiras do andar tenham sido alertadas — *Tem uma mulher no 539. A esposa de Ray Smith. Smith faleceu, a esposa veio recolher os pertences dele.*

Tenho observado Ray — tenho fitado Ray — estou petrificada, fitando Ray — estou decorando Ray deitado de costas debaixo de um lençol fino, os olhos fechados, o rosto recém-barbeado macio e sem rugas e belo — e eu penso — isto é, o pensamento me ocorre — que na verdade Ray está respirando — mas é uma respiração bem fraca — ou está prestes a respirar; as pálpebras estão tremendo, ou prestes a tremer. Como durante o sono nossos globos oculares se mexem aos espasmos assim como durante a vigília — se estamos sonhando, e *vendo* no sonho — então me parece que os globos oculares de Ray estão se mexendo sob as pálpebras fechadas; me parece que *Ele está sonhando com alguma coisa. Melhor não acordá-lo.*

É uma intuição que adquirimos rapidamente durante a vigília hospitalar, a de não perturbar um paciente adormecido. Pois em um lugar como esse, o sono é precioso.

Claro que não devo perturbar Ray. Contudo — preciso pedir a ele que me desculpe — não posso ir embora desse quarto sem tentar explicar por que cheguei tarde demais — apesar de não haver explicação — “Amor, mil desculpas. Eu estava... em casa. Eu estava em casa, eu podia ter ficado contigo, eu... não sei por quê... Eu estava dormindo. Foi um erro. Não entendo como... simplesmente aconteceu.”

Como são hesitantes as minhas palavras, como são banais e ocas. Assim

como me tornei desastrada — há inchaços, hematomas e pequenos cortes misteriosos nas minhas pernas e braços — não há mistério nos galos da minha cabeça, que bati inúmeras vezes ao entrar e sair do carro — também não consigo falar sem hesitar, ou gaguejar, ou perder o fio da meada e não lembrar o que estava dizendo, ou a razão de ter parecido urgente dizê-lo. De modo geral eu conversei com Ray sobre o trabalho dele, as correspondências dele, assuntos domésticos do tipo mais corriqueiro. Nada do que eu lhe disse exprimi o que eu realmente queria dizer. E agora não consigo entender — mal consigo lembrar, embora tenha sido poucas horas atrás — por que fui para a cama horas antes do habitual, por que imaginei que esta noite seria um momento “seguro” para dormir.

A ideia de estar *dormindo* quando meu marido estava *morrendo* é tão horrível que não sou capaz de encará-la.

Comer — eu comi quando cheguei em casa. Pela primeira vez em dias preparei um prato de verdade — um prato quente — em vez de comer apenas uma tigela de iogurte e fruta enquanto trabalhava no computador. E portanto eu estava *comendo* quando meu marido sucumbiu à febre terrível que precipitou sua morte — a ideia me é repugnante, obscena.

Ações, comportamentos inexplicáveis. O assassino que jura não se lembrar do que fez, ele perdeu a consciência, não tem lembrança, não tem a mínima ideia, e nenhuma razão, nenhuma motivação — agora tal comportamento faz sentido para mim.

O que rapidamente se torna misteriosa é a vida organizada, a coerência.

Saber o que deve ser feito e fazê-lo.

Esse quarto de hospital é tão frio que tremo de forma convulsiva. Apesar de não ter tirado o casaco. Meu casaco acolchoado vermelho que eu estava usando quando o motorista apressado bateu na dianteira do nosso carro e os airbags explodiram, nos apertando contra o banco.

Em breve terei a impressão de que Ray morreu nesse acidente de carro. Ray morreu e eu sobrevivi. Não foi?

Os dois acidentes se fundirão na minha cabeça. O acidente no cruzamento de Rosedale Road e Elm Road, o acidente no Princeton Medical Center.

Depois de um, saímos eufóricos de tanto alívio. Tomados de alívio nos beijamos, nos agarramos um ao outro pois a dor ainda não tinha surgido.

Nesse quarto Ray reclamara do frio, principalmente à noite, quando teve

de esperar na Radiologia para tirar o raio X. Apesar da febre que tinha, sentia frio. Porém me recordo de quando Ray saía sem casaco no inverno, em Windsor. Vento gelado soprando do rio Detroit, o enorme lago mais à frente — lago Michigan.

Mais jovem na época, nem tão suscetível a resfriados.

Estou assustada — não me lembro daquela pessoa. Estou perdendo aquela pessoa — meu marido — naquela época distante anterior à batida.

Meu impulso agora é... achar uma colcha, puxar a colcha até o queixo de Ray. Ele está deitado debaixo de um mero lençol de algodão branco e fino.

Eu sei — eu sei! — meu marido *não está mais vivo*. Ele não precisa de colcha, nem de lençol. Eu sei disso e no entanto... não sou capaz de entender que ele está *morto*.

É por isso que pareço estar esperando algum sinal dele, algum sinal — um sinal secreto — pois sempre fomos tão íntimos, um pensamento pode ser transmitido entre nós, como um olhar — estou esperando que Ray me perdoe — *Está tudo certo. O que você está fazendo está certo e não é errado.*

E ainda que fosse errado, eu te amo.

Ontem mesmo eu consegui chorar. Neste quarto, na cabeceira desta cama, me curvando em direção ao meu marido que ficou surpreso com minhas lágrimas, eu consegui chorar mas agora não consigo chorar, meus olhos estão secos, minha boca está seca como uma lixa. Agora pela primeira vez eu vejo que Ray não está usando os óculos — que esquisito eu não ter reparado nisso antes. E na mesa de cabeceira estão os óculos dele, que são relativamente novos, com armação de arame e lentes bem estilosas sobre as quais usa lentes escuras acopláveis no sol forte. Pego esses óculos bem devagar apesar de não ter onde guardá-los, para mantê-los protegidos; e ali está o relógio de Ray — agora marca 1h29.

E ali estão os lápis coloridos de Ray, que vão ter de ser apontados.

Esses objetos, guardo com cuidado na minha sacola de lona preta. Belas flores cortadas — crisântemos brancos e amarelos, cravos vermelhos, íris púrpura — em vasos, de amigos — essas eu deixarei para trás.

(Agradei aos amigos por essas flores? Acho que não — não me lembro. Tantos recados na nossa secretária eletrônica de casa — não os respondi. E muitos recados apagados por acidente, ou por pressa.)

O lindo e grande cartão de Dia dos Namorados, assinado pelos amigos — para Ray — para animá-lo — esse, eu devia ter levado para ele, ontem.

Nesse Dia dos Namorados os desejos sinceros de nossos amigos — fito as palavras numa espécie de transe — *Caro Ray gostaria que você estivesse aqui. Ray — uma pronta recuperação! Ray você tem de voltar logo para nós, nós te amamos e morremos de saudade. Ray haverá salsicha no nosso futuro! Ray por favor descanse e descanse e descanse! Leva tempo. E queremos vê-lo em breve. Ray melhoras! Todos nós sentimos sua falta esta noite. Volte logo para casa! Ray — fiquei contente em saber que você está se sentindo melhor e espero que você fique logo plenamente recuperado. Querido Ray — uma vez conheci um homem chamado Ray, que achei muito ok, ele gostava de leitura, enquanto comia rapadura, o homem maravilhoso que era Ray...*

Me parece horrível, irresponsável — como pude ser tão burra, egoísta, negligente — não levei o cartão para que Ray o visse. Pensando ingenuamente que o guardaria para ele, para lhe dar em casa.

“E agora é tarde demais.”

Tantos erros eu cometi, e estou cometendo. Isso é novo para mim, como se eu tivesse entrado em outro lugar em que vou sempre cometer erros, erros idiotas, erros desprezíveis. Logo descobrirei que a viúva é quem *comete* erros.

No armário estão as roupas, os sapatos de Ray. Um saco de roupa suja onde Ray pôs roupas íntimas e meias. Ali está o paletó — o que ele usou na manhã de segunda-feira. Ali, a camisa azul de flanela listrada e as calças. Tateio para tirar as roupas de Ray dos cabides, a camisa azul listrada cai no chão... Em pânico eu penso, *Vou ter de fazer duas viagens até o carro. Vou ter de fazer duas viagens até o carro.*

Se eu sair deste quarto, jamais conseguirei voltar. Jamais conseguirei me forçar a voltar.

Eu devia ligar para alguém, um amigo. Devia ligar para pedir ajuda. Não posso carregar essas coisas sozinha! Não numa viagem só.

Entretanto, fico acanhada em ligar para os amigos. É 1h30 da madrugada — um choque terrível ser acordado pelo telefone tocando, e a notícia da morte de um amigo.

Melhor não. Melhor simplesmente ir para casa.

De manhã ainda será bem cedo. E telefonar para a irmã de Ray que mora em Connecticut, que eu nunca conheci.

E meu irmão, e cunhada.

Ray morreu. Ele estava no hospital com pneumonia não tinha nem uma

semana, ele estava melhorando mas — ele morreu.

Em vez de sair do quarto de hospital, eu tiro o telefone do gancho. Devo ter resolvido ligar para um amigo, amigos — parece ser o que estou fazendo, afinal.

E o toque ao longe, invadindo o sono de alguém.

Dessa forma, nesse momento, a Viúva age por instinto — ela não volta para casa sozinha como talvez tenha fantasiado e não se fere como talvez tenha fantasiado — ela liga para os amigos.

Mas apenas amigos cujos números de telefone ela aparentemente decorou.

[2](#) Havia outrora um navio/ E ele navegava pelo oceano./ E o nome do nosso navio era/ A Vaidade Dourada. (N. da T.)

Você tornou possível a minha vida. Devo minha vida a você.

Não posso lidar com isso sozinha.

E no entanto — existe alternativa? A Viúva é quem descobriu que não existe alternativa.

Há uma sacola de plástico que me deram, na qual posso enfiar as coisas menores do meu marido. Estou decidida a levar tudo em uma viagem só e de alguma forma vou conseguir.

Essa decisão de *conseguir* — de *aguentar* — de *fazer todo o possível sem ajuda* — é a prerrogativa da Viúva. Talvez você argumente que é um sinal de seu desejo de parecer — o que não é o mesmo que ser — autossuficiente; ou talvez argumente que é um sintoma da demência?

Esses livros que Ray estava lendo — que ele me pediu para trazer de casa — e os sapatos dele — na sacola de plástico esses objetos ficam estranhamente pesados e desajeitados. Um dos livros é uma prova encadernada que tenho lido esporadicamente à cabeceira de Ray, e de vez em quando leio em voz alta um trecho interessante para ele — um livro sobre o cérebro humano de um neurocientista de Princeton que conheci — o elegante título é *Bem-vindo ao seu cérebro*. Ver a prova me dá a plena sensação de náusea, de afundamento...

Vou levá-lo para casa. Vou escondê-lo na estante. Nunca conseguirei olhar para ele novamente.

“Amor? Acho que eles querem que eu saia agora...”

Minha voz está fraca, vacilante. Talvez não seja uma voz mas sim um pensamento vagamente articulado.

Fitando Ray na cama. Não é natural — por instinto você compreende que isso é *anormal* — ver a pessoa tão serena, imóvel.

Porém há a sensação — visceral, sinistra — de que a pessoa deitada de forma tão imóvel, sem respirar, ou com a respiração tão fraca que passa despercebida, está totalmente ciente de que é observada, e o observa através

dos olhos fechados.

Indefesa, fico parada ali, pensando — o pensamento me ocorre — *Nunca haverá o momento certo.*

Querendo dizer, o momento de sair do quarto de hospital.

Querendo dizer, o momento de dar as costas e ir embora.

Dar as costas para Ray — meu marido. Como isso é possível!

De um jeito estranho, e bem devagar, a passos curtos feito um cego, eu recuo até sair do quarto. Muito desajeitada, já que estou de braços abarrotados.

Estou tentando carregar coisas demais. Ultimamente tenho derrubado coisas com frequência, com certeza vou derrubar alguma coisa agora. Estou com pavor de chamar a atenção. Estou com pavor de perder o controle em um lugar público. De repente me parece — eu deixei minha bolsa para trás — eu não vejo muito bem o que estou carregando nos braços. Uma onda de pânico me domina — embora isso seja uma banalidade! — que ridículo — diante da possibilidade de perder a minha bolsa, a chave do carro, a chave de casa.

Esse é o medo: vou perder chaves essenciais. Ficarei desamparada, abandonada. Me vejo à margem da estrada — na escuridão — sinalizando sem parar para — o quê? — faróis passam correndo, me cegando. Ou talvez seja um sonho. Sonhos recorrentes de me perder do meu marido são os sonhos mais assustadores mas isso também é muito assustador, pois é extremamente plausível. É bastante provável que Ray seja o responsável pelas chaves — que saiba onde está guardada a chave reserva, do lado de fora — mas agora estou obcecada por chaves, revirando a bolsa à procura das chaves dezenas de vezes por dia. O alívio de encontrar uma chave que poderia estar perdida!

De fato perderei algumas coisas. Vou descobrir que um par de óculos escuros não está na minha bolsa. Deve ter caído quando...

Vou deixar para trás os óculos de Ray! Vou ser totalmente incapaz de entender como pude ignorá-los, eu não estava com eles na mão...

O relógio de Ray — isso, eu não deixei para trás.

Na sala bem-iluminada das enfermeiras — quase deserta à 1h43 da madrugada — digo a uma das enfermeiras que meu marido está no quarto 539, e que ele morreu, e o que eu faço agora? É o cúmulo da ingenuidade, ou do absurdo, imaginar que enfermeiras não saibam muito bem que um paciente acabou de morrer na Telemetria, a poucos metros dali; no entanto,

estou tentando ser prestativa, estou até perguntando com um leve sorriso, “Eu tenho que... ligar para uma casa funerária? Será que você teria uma casa funerária para me recomendar?”.

A mulher com quem estou falando — uma desconhecida — me olha de testa franzida. Não vejo em seu rosto a solidariedade que vi no rosto de algumas pessoas. Ela diz, “O corpo do seu marido vai ser levado para o necrotério. De manhã, a senhora liga para uma funerária e combina que eles venham buscar o corpo”.

Isso me é tão chocante — tão atordoante — que é como se a mulher tivesse estendido o braço por cima do balcão e me dado um tapa na cara.

O corpo! Em tão pouco tempo Ray deixou de ser *ele*, agora é um *corpo*.

Tenho a impressão de que vou desmaiar. Não posso me permitir desmaiar. Molho os lábios que estão terrivelmente secos, a pele rachada. Apesar de perceber que a enfermeira preferiria mil vezes voltar ao que estava fazendo no computador a falar comigo, pergunto com hesitação se ela poderia recomendar uma casa funerária e ela diz, com um sorriso fugaz, talvez seja um sorriso exasperado, que não pode recomendar nenhuma casa funerária: “A senhora pode procurar nas Páginas Amarelas.”

“As ‘Páginas Amarelas’?” — me agarro a essa expressão, é tão clichê. No entanto pareço não saber o que fazer em seguida.

De novo pergunto se ela poderia recomendar uma casa funerária — ou se poderia telefonar para alguma por mim — (tamanho pedido, tamanha audácia, devo estar desesperada a esta altura) — e ela faz que não.

“De manhã, a senhora liga. A senhora tem tempo. Agora é melhor a senhora ir para casa. A senhora pode ligar para a casa funerária de manhã.”

De propósito, me parece, a mulher não me chama pelo nome. É possível que, embora a unidade de Telemetria não seja muito grande, ela não saiba o meu, e não saiba o nome de Ray; é completamente possível que nunca tenha pisado no quarto de Raymond Smith.

“Obrigada. ‘Páginas Amarelas’ — vou sim. De manhã.”

Como é estranho isso, estar indo embora. É possível que eu realmente vá deixar Ray — aqui? É possível que ele não vá voltar para casa comigo daqui a uns dias, como havíamos planejado? Tal ideia é profunda demais para que eu consiga compreendê-la. É como encaixar um objeto enorme e desajeitado em um espaço pequeno. Meu cérebro dói, tentando contê-la.

A enfermeira voltou para o computador mas as outras da sala bem-

iluminada me observam indo embora, em silêncio. Quantos outros — “sobreviventes” — elas já não viram indo embora nessa mesma direção, rumo aos elevadores, exaustos, surpreendidos pela derrota. Quantos outros segurando *pertences*.

No elevador, ao descer para o saguão, sou tomada pela necessidade de voltar para Ray — é um negócio terrível eu tê-lo deixado — sou dominada pelo horror, por tê-lo deixado — pois *e se?* — *algum erro* — mas a sobriedade prevalece, o bom-senso — o elevador continua *descendo*.

A flecha

Ao voltar para a casa escura depois de Princeton eu me sinto uma flecha que foi atirada — onde?

A porta da frente não está apenas destrancada mas entreaberta. Uma única luz está acesa em um dos cômodos internos — o escritório de Ray. Quando abro a porta para entrar no corredor apagado me surpreendo com o cheiro forte de limão — lustra-móveis. No transe da expectativa eu não só lustrei o tampo das escrivaninhas de Ray até brilhar como a mesa de jantar e as outras mesas da casa; de quatro, com papel toalha, lustrei partes do assoalho de madeira de lei que pareciam gastas. Cantarolando alto e com alegria, fiz essas coisas poucas horas atrás.

Tão feliz por você ter voltado para casa, amor! Nós estávamos com saudades.

Com nós eu queria dizer os gatos e eu. Mas onde estão os gatos?

Desde a partida de Ray — desde que levei Ray ao pronto-socorro — os dois gatos andam desconfiados de mim e têm mantido distância até quando os alimento. A mais jovem, Cherie, tem miado de forma comovente — mas, quando me aproximo, ela recua. O gato mais velho, Reynard, mais receoso por natureza, está quieto, de olhar fulvo. É óbvio que esses bichos estão pensando que o que quer que tenha acontecido para perturbar a casa foi culpa minha.

Num tom valente e entusiasmado eu chamo os gatos — apesar de ser uma flecha atirada no espaço estou decidida a convencê-los de que na verdade não há nada de errado, e eles não têm o que temer.

Você ficará bem. Você ficará bem. Nada vai te acontecer. Vou tomar conta de você.

Pareço estar esquecendo por que são quase 2h da madrugada e não estou na cama e sim acordada e numa agitação extrema. Meu cérebro é uma colmeia de pensamentos acelerados e incoerentes. Mais estranho ainda — amigos chegarão daqui a alguns minutos. A essa hora! Há uma leve pontada

de apreensão — o dever social de entreter os outros, quando estão na sua casa — *por quê?* — e cadê Ray, para me ajudar a recebê-los? Entorpecida, eu acendo as luzes — no quarto de visitas, que é onde geralmente recebemos as visitas — um anexo à nossa casa construído para os meus pais quando vinham nos ver algumas vezes por ano — junto a uma parede com vista para o pátio fica a mesa Parsons branca em que Ray volta e meia tomava o café da manhã e abria o *New York Times* para lê-lo — agora levo o susto — *Mas Ray está morto. Ray morreu. Ray não está aqui. Vou ver nossos amigos sozinha. É por isso que eles estão vindo.*

Do quarto de hospital de Ray eu liguei para três pessoas, das quais uma estava dormindo e não atendeu o telefone e outra, insone, atendeu ao primeiro toque; outra, também acordada, pegou o telefone e disse com cautela *Sim? Alô?* — ciente de que qualquer telefonema, a essa hora, deve significar más notícias.

É uma coisa terrível ser a portadora de uma notícia terrível!

É uma coisa terrível invadir o sono de alguém, ouvir um amigo murmurar para a esposa *É a Joyce, Ray morreu* e entreouvir a esposa exclamar *Ah meu Deus.*

Foi isso o que eu fiz, é isso o que a viúva faz, embora talvez nem todas as viúvas liguem para os amigos, ou sequer os parentes, talvez eu tenha uma sorte extraordinária, acho que deve ser esse o caso.

Minha voz melancólica de súplica. Deixei um recado para a amiga que não atendeu o telefone — Jane? É a Joyce. Estou no hospital, Ray morreu. Há cerca de uma hora — acho que foi. Estou no hospital e não sei o que fazer em seguida.

E agora como um sonho ele se desenrola — o que quer que esteja acontecendo, parece ter pouco a ver comigo — bem como a sonhadora não inventa o sonho mas de certa forma é sonhada por ele — indefesa, estupefata. Apesar de a minha cabeça acelerar e de o meu coração acelerar, meus movimentos são vagarosos, descoordenados. O som de pneus de carro na neve arenosa da entrada da nossa garagem me surpreende, embora eu saiba que nossos amigos vão chegar a qualquer instante. O lampejo dos faróis contra o teto me faz estremecer. Estou preocupada com a possibilidade de que a casa não esteja limpa — de que eu tenha deixado coisas espalhadas — os lenços amassados que Ray espalhou na mesa Parsons — eu os joguei fora? — (apinhados de bactéria *E. coli*?) — fico apreensiva de ver nossos amigos, e

Ray não estar comigo — eles sentirão tanta pena de mim — lhes custará emoção, *sentir pena* de mim — me ocorre a conveniente ideia de pôr livros em cima da mesa de centro — os livros que eu trouxe de volta do hospital. São eles: *Infidel*, de Ayaan Hirsi, *A desintegração americana*, de Paul Krugman, a prova encadernada de *Your Government Failed You*, de Richard A. Clarke, que nosso amigo Dan Halpern está publicando.

Esses livros — na mesa de centro — podemos falar sobre eles — será uma boa ideia?

Além deles, o livro sobre a história cultural do boxe que tenho lido para fazer uma resenha. Na qual tenho trabalhado nessa última semana nas brechas da vigília. Voltando do hospital para casa e tentando escrever por uma ou duas horas antes de ir para a cama e tentar dormir. Como se tivesse que deixar que meus amigos saibam *A Joyce está bem, a Joyce está trabalhando ainda assim. Não se preocupem com a Joyce!*

Não estou pensando com lucidez. Mas estou pensando. Estou tentando pensar.

Nossos amigos chegam pouco depois das duas, no mesmo carro. Susan e Ron, Jeanne e Dan e a filha deles, Lily, de catorze anos, que Ray e eu conhecemos desde que nasceu. Quando eles entram e me abraçam — é como se eu tivesse entrado numa onda violenta.

Apesar de nossos amigos ficarem comigo até as quatro, boa parte do que dissemos uns aos outros se apagou da minha memória. Nossos amigos me dirão que agi com serenidade e no entanto estava claro o meu estado de choque. Eu me lembro de Jeanne ao telefone, na cozinha, ligando para casas funerárias. Me lembro da minha perplexidade ao descobrir que casas funerárias funcionavam a essa hora da madrugada. Me lembro de ter explicado aos meus amigos como Ray morreu — por que Ray morreu — a infecção secundária, o fato de que *a pressão sanguínea despencou, o batimento cardíaco disparou* — essas palavras horripilantes que decorei e que até agora, a qualquer hora do dia, junto com o último vislumbre que tive de Ray na cama do hospital, passam pela minha cabeça como os lampejos de um raio.

Meus amigos são extraordinários, eu reflito. Vir ao meu encontro com tamanha rapidez no meio da noite como fizeram.

Pois a viúva habita uma narrativa que não cabe a ela contar. A viúva habita uma narrativa de pesadelo e no entanto é provável que a viúva habite

um conto de fadas benigno tirado dos Irmãos Grimm no qual os amigos aparecem para ajudar. *Nós amávamos Ray, e nós amamos você.*

Deixe que a gente te ajude. Ray ficaria contente.

18

Registro de e-mails

18 de fevereiro de 2008, 9h26.

Para Elaine Pagels

Estava para lhe escrever e lhe dizer que Ray faleceu de repente ontem à noite, por volta de 1h.

Estou exausta demais para falar agora mas a Jeannie está vindo para me acompanhar até a casa funerária de Pennington e tomar as providências.

Tenho pensado em você como jovem — muito jovem — viúva e mãe. Vi em você a transcendência dessa ferida inexprimível e contudo a sombra dela, que nunca será possível esquecer.

Com muito carinho,

Joyce

18 de fevereiro de 2008.

Para Mary Morris

Ray faleceu à 1h desta madrugada no centro médico devido a uma pneumonia terrível. Estou completamente zonza e voltarei a contatá-la [a respeito de uma entrevista para o Storie italiano] em outro momento.

Com muito carinho,

Joyce

19 de fevereiro de 2008.

Para Richard Ford

Obrigada, Richard. Boa parte do meu problema — “problema”? — é físico/emocional — me sinto exausta, grogue quando estou com outras pessoas e tenho vontade de me enfiar em algum canto e dormir.

Mas sei que você tem razão. Estou tentando.

Com carinho,

Joyce

19 de fevereiro de 2008.

Para Sandra Gilbert

Estava pensando em você e no adorável marido que você perdeu... Foi algo similar — apesar de não ter sido um caso de “erro médico”, tenho certeza — Ray tinha sido internado por pneumonia — uma infecção por E. coli, que é uma das piores — e sem dúvida nenhuma ia “melhorando” dia após dia — estava prestes a ser transferido para a reabilitação — e de repente, recebi um telefonema à meia-noite e meia, para que fosse correndo ao hospital — onde ele tinha acabado de ser declarado morto. Uma infecção secundária causou uma parada cardiorrespiratória, e ele se foi.

É completamente inacreditável. Me sinto totalmente só.

Embora cercada dos amigos mais maravilhosos que existem.

Obrigada por me escrever. Com muito carinho,

Joyce

19 de fevereiro de 2008.

Para Gary Mailman

Tenho aqui o documento “Testamento” de Raymond Smith... O que se faz com o testamento, como documento? Tenho de apresentá-lo em algum lugar? Me disseram que tenho de levar logo “atestados de óbito” a um lugar chamado tribunal de sucessões (?) em Trenton. Jeanne Halpern se ofereceu para me acompanhar, uma atitude incrivelmente maravilhosa da parte dela.

Como nos sentimos gratos por você ter superado a sua saga hospitalar... Eu realmente imaginava que Ray também superaria. Mesmo depois de morrer ele não parecia nem um pouco doente, muito lindo, o rosto desenrugado e sereno. No quarto do hospital, todos os funcionários haviam saído, e ele estava sozinho na cama sem os fios intravenosos e a máscara de oxigênio, e o belo vaso de flores que você e Emily mandaram estava na mesinha ao lado dele. É a lembrança mais assombrosa que terei na vida.

Qualquer conselho [jurídico] que você puder me dar será de enorme valia,

Joyce

19 de fevereiro de 2008.

Para Gloria Vanderbilt

[Ray] faleceu à 1h de 18 de fevereiro — ontem mesmo!

É tão difícil de entender.

Te escrevo mais para a frente. Adoraria ver você. Estou afogada em tarefas a fazer — feito um zumbi se arrastando num dia interminável — ontem foi um pesadelo que continuava — e continuava — e continuava. Não pareço ter muito propósito na vida agora, exceto por essas tarefas sem sentido mas necessárias (como falar com um diretor de funerais, comprar um lote no cemitério, procurar o Testamento).

Mas você já é uma consolação só por existir, vívida nos meus pensamentos se não aqui diante de mim.

Com muito carinho,

Joyce

19 de fevereiro de 2008.

Para Eleanor Bergstein

Eleanor, não estou bem para falar ao telefone agora. Estou devastada e perplexa e tentando manter a sanidade fazendo uma montanha — uma infinidade — de pequenas tarefas necessárias. Ray faleceu ontem de manhã — tantas coisas já aconteceram desde então, que parece inacreditável.

Sei que você perdeu sua mãe e seu pai há muito tempo. Que ferida brutal e terrível não deve ter sido. Perder um marido com quem se está casada há 47 anos é como perder uma parte de si — a parte mais preciosa. O que sobrou parece tão vazio, quebrado.

Muito obrigada pelo seu amor e sua amizade.

Joyce

20 de fevereiro de 2008.

Para Dan Halpern

Há surtos de profunda solidão e a impressão de falta de sentido. Mas tive uma noite adorável com Ron e Susan, apesar de ter sido estranha a ausência de Ray, e Jeanne telefonou hoje de manhã, e amanhã estarei na sua casa com Emily e Gary e (evidentemente) Gloria.

Jeanne e Gary estão me dando conselhos providenciais sobre advogados e a “sucessão” a respeito da qual não sei nada.

Esta casa está tão vazia! É quase insuportável. Mas vou suportar...

Fico tão grata pelas amizades sua e da Jeanne e pelos outros amigos que têm me dado tamanho apoio.

*Com muito carinho,
Joyce*

19 de fevereiro de 2008.

Para Jeanne Halpern

Gosto e preciso da sua presença quando estou com as pessoas, sinto que sou facilmente quebrável e acho que você é capaz de avaliar essas questões. Estou tão devastada, acabei de ouvir recados antigos — “antigos” significa de hoje e de ontem — já que raramente atendo o telefone — devia haver quinze ligações e o último recado (que foi o primeiro gravado, na tarde de domingo) era de Ray, de quando eu estava a caminho do hospital. Fiquei perplexa ao escutar a voz dele... agora ela está gravada, a última coisa que ouvirei na voz dele. É completamente perturbador. Ele soava tão bem ao telefone e estava ansioso para me ver. É inacreditável que umas oito horas depois estivesse morto.

*Com muito carinho,
Joyce*

Últimas palavras

É espantoso descobrir, em meio a inúmeros recados deixados na secretária eletrônica nos dois dias anteriores, essas palavras de Ray, que são as últimas dele que escutarei.

Essa ligação foi feita na manhã de domingo quando eu estava a caminho do hospital, e eu não sabia que ele a havia feito.

Ray não mencionara o telefonema — era tão pouco relevante, ou parecia sê-lo — e portanto foi um choque ouvir a voz tão familiar na secretária, íntima como se estivesse na sala comigo.

Amor? É o seu amor quem está falando... Se você quiser conversar você pode me ligar? Muito carinho para o meu amor e os gatinhos.

“Você disse adeus”

Muitas vezes em nossos passeios por Pennington — uma cidadezinha “histórica” a cerca de três quilômetros da nossa casa — Ray e eu observamos a Blackwell Memorial Home na 21 North Main Street — uma construção colonial branca com persianas azuis próxima da calçada.

A Blackwell Memorial Home tem o aspecto reconfortante de uma aquarela feita por um amador talentoso — do estilo que celebra a América provinciana de outrora.

Com mais frequência, caminhávamos pelo Cemitério de Pennington, onde, na parte mais antiga, mais próxima à Main Street e ao lado da Igreja Presbiteriana de Pennington, há lápides que datam do fim do século XVIII — tão envelhecidas e desgastadas que as inscrições já não são legíveis.

A lenda local é de que os soldados hessianos exercitavam os cavalos saltando a muralha de pedra que separa a rua da parte antiga do cemitério.

Sempre nos verei caminhando por Pennington, de mãos dadas: Ray e Joyce de outra época.

“Se Ray nos visse aqui em Pennington — a essa hora — ficaria curioso para saber o que estamos fazendo. Ele diria, ‘Vamos almoçar. Eu bem que gostaria de tomar um drinque’.”

Por que me sinto inspirada a dizer isso, eu não tenho ideia. Ultimamente tenho me escutado fazendo bizarros comentários improvisados. Ray poderia ficar louco de curiosidade para saber o que Jeanne, Jane e eu estamos fazendo em Pennington, no carro da Jeanne, enquanto ela estaciona em frente à Blackwell Memorial Home — mas é muito pouco provável que Ray sugerisse um almoço tão cedo, no meio da manhã.

A viúva é compelida a fazer comentários ligeiramente “espirituosos” assim como a viúva é compelida a falar do marido, a pronunciar o nome dele sempre que possível, temendo que o nome dele se perca.

Minhas amigas Jeanne e Jane foram me buscar em casa esta manhã. Estou boba de gratidão, de boca seca e animada pela expectativa — uma casa funerária! A mesma casa funerária pela qual passávamos com tanta frequência, para a qual tive a ideia de ligar em vez de escolher uma casa funerária de Princeton, hoje cedo.

“Mas Ray iria gostar disso. Em Pennington. Mais perto da nossa casa. São só uns três quilômetros de distância...”

Que avidez eu sinto em acreditar que, na sala da Blackwell Memorial Home, tomando essas providências assombrosas para o “descarte” dos restos do meu marido, estou me comportando de forma normal, ou quase normal. Desejo pensar que minha concentração — fragmentada e espalhada como um espelho barato quando estou a sós — é impecável aqui, como a concentração de alguém que anda na corda bamba, bem acima do chão.

Nem Jeanne nem Jane são viúvas — é claro. Apesar de nenhuma delas desconhecer a morte na família — não faz muito tempo que a mãe de Jane faleceu — nenhuma delas é viúva e portanto eu penso *Elas são mais capazes de fazer minhas vontades. Outra viúva teria menos paciência. Ela pensaria — É claro, o que você esperava? Perder o marido é assim. Você nunca soube disso, e agora você sabe.*

O pavor da viúva é de que, sua mente estando partida, bem como a espinha partida e o coração partido, ela se partirá por completo. Ela será vencida por desenfreados pensamentos desvairados e demoníacos como esses.

Na Blackwell Memorial Home de Pennington, Nova Jersey, minhas amigas e eu estamos sentadas em confortáveis poltronas macias em uma saleta com vista para a Main Street, e sobre o assoalho de tábuas há belos tapetes um pouco gastos. Painéis de vidro nas janelas altas e estreitas têm aquela aparência característica de coisa velha. Praticamente poderia passar por uma das casas-museus incorporadas a parques — a mobília é esparsa — com jeito de “antiguidade” — uma lareira grande feita de pedra bruta ocupa boa parte de uma parede — sobre o consolo há uma espada embaçada mas imponente da Guerra da Secessão, antes pertencente a um ancestral da proprietária Elizabeth Blackwell Davis — “Betty”.

Betty tem um gato, ela nos conta. O gato é esquivo, está escondido. Mas na escada estreita há um brinquedo de pano recheado de gatária.

Nesse ambiente caseiro que me lembra as casas de sítio feitas de madeira

da minha infância — embora as casas da minha infância no norte de Nova York fossem austeras, até repugnantes, lembrando mais o realismo preto e branco das fotografias da era da Depressão do que as aquarelas da América provinciana — Betty Davis está nos explicando que a Blackwell Memorial Home é o negócio da família Blackwell há gerações. Betty morou nessa casa durante grande parte de sua vida e é onde mora agora — no segundo andar — com o filho (adulto) — e o gato; Betty também é viúva. Estou pensando *Ray iria gostar dela, eu acho*.

É um sinal da loucura da viúva, apesar de ser um sinal brando, o fato de que a viúva pensará *Meu marido iria gostar disso*.

Os outros serão avidamente coniventes com essa loucura. *Seu marido iria gostar disso. É uma boa decisão!*

Mas como é estranho tomar uma decisão dessas sozinha, sem Ray.

Nunca tomei nenhuma decisão “importante” na vida, eu acho, sozinha — sem consultar meus pais, ou Ray.

Enquanto minhas amigas conversam com Betty Davis — como minhas amigas são mais sociáveis do que eu! — fico grata por elas, enquanto fico sentada fitando um formulário, mais outro formulário, uma série de questões para as quais tenho que dar respostas. Estou pensando no quanto desejo me deitar ao lado de Ray na cama de hospital e fechar os olhos para tudo isso.

Tarde demais. Agora é tarde demais.

Você teve sua chance, agora é tarde demais.

Betty explica os serviços que vai prestar. Ela organizará a cremação, em Ewing — era a vontade de Ray ser cremado — ela pegará o atestado de óbito e fará cópias e as levará à minha casa — “Você vai precisar delas. Muitas delas”.

Me parece estranho, na lentidão do meu estado grogue, que já tenham preparado um *atestado de óbito*.

E eu não tinha a mínima noção da frequência com que o atestado de óbito seria solicitado, nas próximas semanas, meses — anos, até! Pois existe a bizarra suspeita numa categoria toda de estranhos — gerentes de banco, corretores de investimentos, burocratas de todos os tipos — de que o falecido pode não ter falecido de fato mas sim ter sido vítima de uma espécie de peça pregada por aqueles que sobreviveram a ele.

Mais estranho ainda é me dar conta de que estou dentro da Blackwell House, na Main Street. Ter entrado numa espécie de universo de espelhos de

contos de fadas, algumas casas depois daquela onde fica o consultório que nosso simpático dentista de longa data, o dr. Sternberg, divide com outro dentista, o dr. Goodman; a quase um quarteirão do Village Hair Salon onde tanto Ray como eu cortamos o cabelo; a quatrocentos metros do Pennington Food Market onde há trinta anos fazemos as compras. Inúmeras vezes vimos de passagem a fachada da Blackwell Memorial Home e talvez tenhamos tecido comentários sobre ela, mas nenhum dos dois fez a observação de que essa construção “histórica” poderia um dia vir a ser um local em que um de nós entraria, por ocasião da morte do outro.

Nunca. Nem uma única vez. Tampouco imaginamos o Cemitério de Pennington como o lugar onde talvez um fosse “enterrar” o outro.

Há lotes disponíveis nos fundos do Cemitério de Pennington, na parte mais nova — é o que Betty me informa. Partes mais antigas do cemitério, posse antiga das famílias da cidade, já estão praticamente fechadas.

Uma lápide pequena — “Alumínio, de bom gosto” — será fornecida pela casa funerária e mais tarde, se eu quiser uma maior, mais adiante, basta eu comprar.

E eu vou querer um segundo lote?, me perguntam.

“Na verdade os dois lotes juntos — o ‘lote duplo’ — não serão maiores que o lote único padrão. Veja só: com cinzas, em um mero recipiente, o espaço não precisa ser tão grande. É muito econômico comprar um lote duplo neste momento, sra. Smith.”

Econômico! É importante.

“Sim. Obrigada. Vou sim.”

Íntimo como uma cama de casal, eu penso.

Ray iria gostar — não iria? Ninguém quer ficar sozinho no túmulo por mais tempo que o necessário.

“A senhora vai comprar um lote duplo da ‘Associação do Cemitério de Pennington’, sra. Smith. Vão lhe dar um certificado de posse e também um documento da ‘Associação do Cemitério de Ewing’ e a senhora terá de assinar só mais alguns papéis — por exemplo, nos restos do seu marido há marca-passo, implante radioativo, próteses ou qualquer outro dispositivo que possa causar danos ao crematório? — se *não*, assine aqui.”

Causar danos ao crematório? Isso dá o que pensar.

De todo modo eu pareço estar assinando documentos. Contratos. Pareço ter concordado em comprar o “lote duplo” para a esposa sobrevivente de

Raymond Smith: “Joyce Carol Smith”.

Entorpecida, faço um cheque. Três mil duzentos e oitenta e um dólares. Tenho feito cheques ultimamente, e continuarei a fazê-los, da nossa conta-corrente conjunta. Pois a morte não é coisa barata, caso você esteja se perguntando.

Com formação de advogada, minha amiga Jeanne lê os documentos do começo ao fim antes que eu os assine. Pelos comentários que fazem, tanto Jeanne como Jane acham que é uma decisão razoável, neste momento, comprar o lote duplo da Associação do Cemitério de Pennington.

Que bom! Não me comportei de forma impulsiva ou insana. Mostrei *bom-senso*.

Durante todo esse tempo eu tenho a ideia confusa de que Ray ainda está no hospital, na cama de hospital onde o deixei. Na imagem que tenho de Ray ele está sempre, eternamente, na cama de hospital do quarto 539 do Princeton Medical Center, ele está “dormindo” — está “em paz” — os olhos estão fechados, o rosto liso e recém-barbeado, ele está totalmente imóvel, estou me inclinando para beijá-lo — e portanto, quando Betty me informa que “os restos do seu marido” estão na sala adjacente e terão de ser identificados, sou pega de surpresa; fico perplexa; fico em estado de choque.

Claro que eu deveria saber — eu sei — que o corpo de Ray foi recolhido do centro médico esta manhã por um motorista da casa funerária de Pennington. Como fui eu que combinei, eu sei disso. Sei que o corpo de Ray foi entregue em um caixão, transportado em um veículo discreto até os fundos da 21 North Main Street, em Pennington, a fim de ser “identificado”.

Sei disso tudo, mas por alguma razão esqueci.

Sei disso tudo, mas por alguma razão fico estupefata com o fato de que *Ray está na sala ao lado. Ray está morto, Ray está na sala ao lado. Ray está aqui...*

Até agora tenho me comportado normalmente — acho. Tenho falado — até sorrido — na companhia de Betty Davis, Jeanne e Jane — mas agora começo a entrar em pânico, a ofegar; fico zozza, apavorada. Depressa, Jeanne diz que ela e Jane vão identificar Ray. “Você fica aqui.”

Estou fraca demais para protestar. Estou assustada. Não consigo suportar a ideia de ver Ray agora. O motivo disso, eu não sei. Me arrependerei desse momento. Me arrependerei dessa decisão. Nunca entenderei por que nesse momento crucial eu me comportei de maneira tão infantil, como se o marido

que eu amo tivesse se tornado fisicamente repugnante para mim.

Que vergonha eu sentirei dessa decisão! Como uma criança se encolhendo, tapando os olhos.

Sempre pensarei: assim como fiz uma má escolha ao levar Ray para o hospital regional de Princeton, e mantê-lo ali quando poderia ter recebido um tratamento muito melhor em outro lugar, meu bom-senso também falha agora, inexplicavelmente.

“Você não precisa ver o Ray agora”, Jeanne me diz. “Você o viu ontem à noite. Você já disse adeus.”

A Viúva entrou na fase do pensamento primitivo, na qual imagina que qualquer gesto seu, por mais banal e desimportante, pode ter algum significado em relação à morte do marido. Como se sendo “boa” — “responsável” — ela pudesse desfazer sua catástrofe pessoal. Ela perceberá aos poucos que agora não há nada a fazer.

“Identificar” o corpo do marido ou não — ver o corpo dele pela última vez ou não — nada disso fará a mínima diferença. Seu marido morreu, ele se foi e não voltará mais.

Lote duplo

O que minha amiga Jeanne disse é ao mesmo tempo verdade e inverdade.

Na verdade você não diz — nunca — adeus.

No Cemitério de Pennington, no cruzamento da Delaware Avenue e da Main Street, atrás da Igreja Presbiteriana de Pennington, há uma parte relativamente nova, coberta de grama, em que, num espaço identificado como West Center nº 551, lê-se em uma lápide pequena

RAYMOND J. SMITH JR.

1930-2008

Estranho que haja poucas lápides nesta parte. Exceto por uma bela lápide grande, quase vizinha, feita de granito — KATHERINE GREEF AUSTIN 1944-1997, WILLIAM J. O'CONNELL 1944-1996. Fixo o olhar nessas palavras, nesses números, e concluo — *Uma viúva que morreu de tristeza.*

As contingências da morte tornaram SMITH e O'CONNELL vizinhos, que não se conheceram em vida.

Que esquisito é, ver o nome de Ray num lugar desses! Acho muito difícil compreender que, da forma mais literal, os “restos” do indivíduo que foi Raymond J. Smith estão enterrados, dentro de uma urna, sob a superfície de terra dali.

“Ah amor! O que foi que aconteceu...”

Em sonhos às vezes descobrimos que aquilo que acreditávamos ser afinal de contas não é. Na vida não é comum descobrirmos que aquilo que acreditávamos ser afinal de contas não é — entretanto existe sempre a possibilidade, a esperança.

Como minha cabeça não está funcionando normalmente, todo instante é baseado na esperança infantil *Isso é anormal. Mas talvez se torne normal se eu for uma pessoa boa.*

Ninguém está visitando o cemitério esta manhã além de mim. É um

alívio! Apesar de ficar apreensiva quando estou sozinha, eu anseio por ficar sozinha; a casa vazia me é horripilante e no entanto, quando estou longe dela, anseio pelo momento de voltar. A não ser agora, no cemitério onde os restos do meu marido — “restos cremados” (expressão horrorosa) — estão enterrados, estou ao mesmo tempo sozinha e não sozinha.

Estou quase atrasada para um compromisso, acho. Talvez seja o tribunal de sucessões — Jeanne vai me levar — desde a morte de Ray minha vida se tornou uma série de compromissos, deveres — “deveres da morte” — fazendo de cada dia um Saara se alongando no horizonte e além dele — uma vida de robô, uma vida de zumbi — da qual (essa é minha ideia mais saborosa, quando estou sozinha) tenho pensado em partir. Quando tiver tempo.

Enquanto algumas pessoas talvez se assustem com a ideia, a tentação do suicídio, a viúva é consolada pela tentação do suicídio. Pelas promessas do suicídio *Uma boa noite de sono — sem interrupção! E sem dia seguinte.*

“Eu não devia tê-lo deixado. Me perdoe...”

É um dia de sol e ventania. A neve jaz em meadas e montinhos quase derretidos em meio às lápides de tamanhos bem variados. Que terrível que é, Ray está *aqui* — parece incompreensível: *aqui*.

Digo a mim mesma com uma lógica infantil que, se Ray estivesse vivo mas não comigo, sua ausência seria idêntica a esta ausência.

Quantos dias se passaram, quantas horas após a morte de Ray, não tenho certeza — a maior parte do meu esforço mental é dedicada a esses cálculos inúteis — é um esforço mental exercido contra o zumbido incessante de invasões vocabulares — trechos de música, canções — que jeito melhor de descrever minha mente, talvez seja a quintessência da mente do romancista, do que um ralo que prendeu diversos tipos de escombros — quando minha vida está mais abalada, o ralo fica amontoado de escombros assim como depois de uma tempestade — há pouca distinção entre tudo o que está no ralo a não ser o fato de que a maior parte não tem propósito, é fútil e exaustivo; nada do que eu “ouço” é exatamente audível, como seria, pressuponho, no caso de uma pessoa atormentada pela esquizofrenia: essas distrações são apenas irritantes, quando não um escárnio cruel.

There once was a ship...

The name of our ship was

The Golden Vanity.

Como um metrônomo regulado a um ritmo acelerado demais, um compasso começa a pulsar na minha cabeça. É a pulsação, pulsação, pulsação do escárnio — uma sensação de que nossa vida juntos foi em vão — agora que acabou — afundada no *Low-Land Sea* assim como no refrão melancólico da balada.

A maioria das palavras da balada me escapa. Somente umas palavras se repetem numa frequência enlouquecedora.

Às vezes, ao ver Ray com um olhar distraído ou distante, eu lhe perguntava no que estava pensando e Ray respondia *Nada*.

Mas como é possível você não estar pensando em nada?

Sei lá. Mas eu não estava.

Que engraçado Ray era! Embora sempre houvesse nele outro lado, como em um eclipse.

Ele ficaria tão comovido, se soubesse a saudade que nossos amigos sentem dele. Como estão pesarosos por ele ter falecido. Uma espécie de família se formou... É horrível pensar que as últimas horas de Ray se passaram entre estranhos.

Se ele estava consciente naquele momento, tinha consciência do quê?

Quais foram seus últimos pensamentos, quais foram suas últimas palavras?

De repente sou atacada pela necessidade de procurar a jovem médica que falou comigo no quarto de Ray. Nem sei o nome dela — terei de descobrir o nome dela — vou perguntar a ela o que Ray disse — do que ela se lembra...

Mas é claro que ela não se lembrará. Ou, caso se lembre, não me contará.

Melhor não saber. Melhor não levar isso adiante.

Desde o nosso primeiro encontro em Madison, Wisconsin, foi Ray o mais esquivo de nós dois, o mais sensível, lacônico. Certo resíduo de sua criação católica irlandesa puritana sobreviveu nele década após década, muito depois de ter abandonado a Igreja aos dezoito anos: ele detestava religião, em todas as formas, mas principalmente as dogmáticas; detestava teologia, principalmente a teologia morbidamente hermética e severa de Tomás de Aquino, que teve de estudar na escola jesuíta Marquette, em Milwaukee.

O lema jesuíta — *Eu faço o que estou fazendo*.

Que quer dizer *O que estou fazendo é justificado por eu o estar fazendo*.

Porque estou a serviço de Deus.

Havia uma faceta de Ray incognoscível a mim — mantida a certa distância de mim. Assim como — suponho — havia uma faceta minha que era mantida à distância de Ray, que sabia tão pouco sobre meus escritos.

O que é assustador é: talvez eu nunca o tenha conhecido. Em um aspecto essencial, nunca conheci meu marido.

Pois eu conhecia *meu marido* — como ele se permitira conhecer. Mas o homem que foi meu marido — *Ray Smith, Raymond Smith, Raymond J. Smith* — me escapou.

Ou será inevitável — nenhuma esposa realmente conhece o marido? Ser a esposa é uma intimidade tão estreita que a pessoa não consegue ver; assim como, bem perto do espelho, a pessoa não vê seu reflexo.

O macho é esquivo para a fêmea. O macho é o *outro*, o que deve ser *domesticado*; a fêmea é a domesticação.

Me surpreendo com um filete de líquido — sangue? — no meu pulso. Sem perceber, estava furando minha pele.

Erupções, marcas, minúsculas espinhas parecidas com reação a hera venenosa surgiram principalmente na pele sensível da parte interna dos braços e sob o meu queixo; estriamentos feito nervos expostos emergiram nas minhas costas. Fitei esses desenhos no espelho do meu banheiro hoje de manhã como se fossem uma mensagem numa língua desconhecida.

Também no meu banheiro organizando caixinhas de comprimidos na beirada da bancada da pia. Analgésicos, soníferos, um acúmulo dos anos. Essas drogas perderam a eficácia? A potência delas diminuiria?

Penso agora *Estou tão cansada que poderia dormir para sempre.*

Mas não dá tempo. Já são 10h20 — é dia 20 de fevereiro de 2008 — preciso juntar um monte de documentos para o tribunal de sucessões de Trenton.

“Tchau, amor!”

A Viúva está se consolando com um estratagema desesperado. No entanto, todos os estratagemas da viúva são desesperados a essa altura. Ela especulará que não conhecia plenamente o marido — isso lhe dará um gatilho para buscá-lo, para conhecê-lo. Manterá o marido “vivo” em sua memória — esquivo, provocador. O fato é, a viúva não consegue aceitar que

o marido foi embora de sua vida de forma irrevogável. Ela não consegue aceitar — não consegue sequer entender — que não tem nenhuma relação com Raymond J. Smith, exceto como sua viúva — a “testamenteira” de seus bens.

Os atos de uma Viúva podem ser definidos como alternativas racionais/irracionais ao suicídio. Qualquer ato que a Viúva leva a cabo, ou considera levar, é uma alternativa ao suicídio e é portanto desejável, por mais que seja ingênuo, tolo ou inútil.

Xixi de gato

“Ah Reynard! Como você ousa.”

Parece que nosso gato selvagem mais velho, Reynard, urinou na fileira de documentos que, no desespero de não perder nada de essencial dentre as diversas papeladas de Ray, eu espalhei pelo chão do escritório dele.

Uma dezena ou mais de pastas de papel manilha, espalhadas pela escrivaninha de Ray e invadindo o chão — em letras garrafais nomeadas com cuidado SEGURO DE SAÚDE, SEGURO DO CARRO, SEGURO DA CASA, DOCUMENTOS DO IR (2007), BANCO/FINANÇAS, SEGURO SOCIAL, CERTIDÕES DE NASCIMENTO, TESTAMENTO etc. — e em algum momento nessas últimas horas Reynard corrompeu de fininho uma cópia do atestado de óbito e a pasta de IR e por isso tenho que A) secar as folhas com pano B) borrifar Windex nelas C) secá-las de novo D) deixá-las no nosso solário (sem aquecimento) na esperança de que pela manhã já estejam A) secas B) sem aquele cheiro tão pungente que é inconfundível.

“Reynard! Gato feio.”

Minha voz aborrecida/elevada faz com que os dois gatos corram daquele jeito assustado como os bichos de estimação correm de donos irados no assoalho de tábuas — escorregando, patinando e deslizando — as garras arranhando como as de animais de charges. Senti uma fúria repentina em relação aos gatos — tanto Reynard quanto a mais nova, de pelos cinza compridos, Cherie — por terem deixado de se importar comigo. Nessa questão do desaparecimento de Ray eles acham que a culpa é *minha*.

Seria de imaginar que, com o sumiço de Ray, eles seriam mais carinhosos comigo, e iriam querer dormir comigo — mas *não*.

Eles mal se rebaixam à humilhação de serem alimentados por mim. Correm para fora a passos resolutos, fugindo de mim. Com relutância, voltam quando os chamo para comer ou para dormir.

A papelada suja do IR não é o primeiro indício de que os gatos estão empreendendo uma espécie peculiar de vingança felina contra mim desde o desaparecimento de Ray, porém é o mais grave.

Quando a tristeza não me leva às lágrimas, o xixi de gato naqueles documentos o faz. É um choro de profundo desespero, de ódio de mim mesma — *É isso o que eu sou, foi isso o que eu virei. Agora é essa a minha vida.*

“Sra. Smith? Pode aguardar aqui.”

E aqui também — Tribunal de Sucessões do Condado de Mercer, Trenton, Nova Jersey — existe um lugar em que as memórias se acumularam em pequenas poças estagnadas de lágrimas. Dá quase para sentir o cheiro do luto, um cáustico odor amargo.

Esta sala de espera de pé-direito alto, de uma austeridade inexprimível! Fileiras de poltronas de vinil desconfortáveis e cheias de manchas nas quais os indivíduos se sentam, impassíveis, como se estivessem na antessala dos condenados.

Ao contrário das salas de espera do hospital, esta antessala nem tenta passar a ilusão de final feliz. Para esses indivíduos, a vigília da morte terminou. Somos os sobreviventes, “beneficiários”.

É evidente que há outras viúvas aqui esta manhã. Algumas parecem estar acompanhadas de filhos adultos. A maioria deles são cidadãos negros e hispânicos, pois estamos em Trenton, Nova Jersey. No meio deles minha amiga Jeanne — de enormes óculos escuros de grife, cabelo louro batendo nos ombros, se espalhando pela gola do elegante casaco de inverno — é uma presença vívida e incoerente, atraindo olhares.

Jeanne explicou o que estamos fazendo aqui, o que é “inventário” — claro que tenho certa noção disso, ou teria se não parecesse estar funcionando em uma névoa de incompreensão. Muito cansada, porém alerta e agitada — separando os documentos que fui instruída a trazer e que incluem fotocópias que agora cheiram levemente a xixi de gato — nessa minha nova compulsão, que começou quando estava visitando Ray no hospital, de revirar sem parar a bolsa ou saco de lona para ver se por acaso não perdi algo essencial como as chaves do carro, ou a carteira, ou um atestado de óbito.

Na verdade, não perdi o atestado de óbito. Das várias cópias que me foram entregues em mãos por Elizabeth Davis da Blackwell Memorial Home — uma gentileza de que não me esquecerei — só uma foi estragada por

Reynard, e foi jogada no lixo.

(Embora mais tarde eu vá tirar da lixeira essa cópia do atestado de óbito. Pois tenho medo de ficar sem cópias — tantas pessoas as querem, como se fosse duvidoso Raymond Smith ter falecido. O fato de que uma das cópias exala o cheiro azedo de xixi de gato é uma lástima.)

Inúmeras vezes num curioso transe esbaforido eu li esse *Atestado de Óbito* emitido pelo *State of New Jersey Department of Health and Senior Services*. Seria de imaginar a partir de minha concentração interessada que eu talvez espere descobrir algo novo, me surpreender. Como alguém que cutuca a ferida para fazê-la sangrar, sou instigada a ler os dados espartanos repetidas vezes, sem objetivo nenhum já que os decorei —

Causa da morte

Causa imediata

Parada cardiorrespiratória

Provocada por (ou decorrente de)

Pneumonia

Um poema minimalista de William Carlos Williams!

Agora, na austera sala de espera do tribunal de sucessões, ao reler o atestado de óbito me ocorre questionar — é verdade? Ray morreu de uma simples *pneumonia*, ou houve outros fatores envolvidos?

Uma *infecção secundária*, me disseram. Não há menção a *infecção secundária* no documento.

Acho que me lembro de terem me perguntado no centro médico se eu queria que fizessem uma autópsia no corpo de Ray. Na tal bruma de confusão daquele momento eu disse logo que não.

Não! Não.

Não seria capaz de suportar. A ideia de que o corpo de Ray fosse mutilado.

Eu sei! — o corpo não é o homem. Não é “Ray”.

E no entanto — em que outro lugar “Ray” existia, além de naquele corpo?

Era um corpo que eu conhecia intimamente, e amava. E portanto não o quis mutilado.

Agora, nunca saberei se essas “causas” da morte dele são verdadeiras, ou completas. Nunca vou saber com certeza.

Porque está claro — *viúva* triunfa sobre todas as outras identidades,

inclusive *indivíduo racional*.

Tudo o que alguém pensa acerca da vida “racional” — “lógica” — “baseada no cientificismo” é alijado quando esse alguém enviúva.

Meu desejo de que o corpo do meu marido não fosse examinado — aberto e eviscerado feito um animal sendo estripado. Acho que há certa dignidade na cremação — ou gosto de pensar assim — certa qualidade primitiva, até mesmo “sagrada”.

Claro que não suporto pensar nas circunstâncias da cremação no Crematório Ewing. Eu não estava lá, eu não fui testemunha.

Fui aconselhada a não comparecer. E portanto não compareci.

Minha chance de ver Ray pela última vez foi na Blackwell Memorial Home — nisso, eu fracassei. Não me esquecerei desse fracasso tão cedo.

O desejo de Ray era ser cremado, como indicara no documento estranhamente intitulado “testamento vital”. Como Ray indicara em seus comentários ao longo dos anos.

Com que naturalidade as pessoas falam dessas coisas! — *Promete que no meu funeral você vai tocar o Réquiem de Mozart*.

Em um e-mail para minha amiga Sandra Gilbert, cujo marido Eliot morreu por *erro médico* no U.C. Davis Medical Center, em consequência da negligência da enfermagem, eu disse que a morte de Ray não foi por *erro médico* — mas por quê?

Por que eu disse isso? Como eu poderia saber?

O que a viúva diz, a viúva muitas vezes se arrepende de ter dito. Porém a viúva precisa falar. A viúva precisa *dizer alguma coisa*.

Assim como a viúva precisa *sorrir*, para assegurar aos outros que está bem.

Na sala de espera do tribunal de sucessões, o tempo passa numa lentidão excruciante. A viúva descobrirá que está sempre *esperando em lugares públicos* — este é seu castigo, por ter sido esposa.

Nessa nova fase — póstuma — da minha vida, essas (questionáveis) epifanias me ocorrem com frequência. *A viuvez é o castigo por ter sido esposa*.

Resenhas maldosas, opróbios de todos os tipos são o castigo do escritor por ser um escritor.

Quando você se propõe a ser esposa, está se propondo a talvez um dia ser viúva. Quando você se propõe a ser escritor você está se propondo a

receber toda e qualquer reação à sua obra.

É o que devemos dizer a nós mesmos quando estamos magoados, devastados.

Quando nos arrependemos de nossas vidas, que nos parecem em momentos de iluminação impiedosa, brutal e sombria, terem sido vividas em vão.

O luto nos trará epifanias de diversos graus de mérito. Mas o luto não nos dá muito mais que isso.

Meu cérebro é um ninho de pensamentos como esses. Um rádio praticamente quebrado submerso em estática. Estou revirando meus papéis à procura de — de quê? — não lembro o que estou procurando — ah sim, o testamento de Ray — por um instante entro em pânico *Esqueci o testamento em casa?* — embora Jeanne tenha verificado os documentos antes de sairmos da garagem de casa; e aqui está, sempre um documento menor do que imagino que seja — o papel azul-claro dobrado ÚLTIMO TESTAMENTO DE RAYMOND J. SMITH E CARTA DE REPRESENTAÇÃO.

Ninguém seria capaz de adivinhar por que estou levantando de fininho esse documento essencial para cheirá-lo. Na bolsa com os outros papéis, ele adquiriu um leve, muito leve, odor de xixi de gato.

De repente me preocupo — que o testamento não seja válido, ou que duvidarão da minha identidade. No meu estado de exaustão não consigo pensar com clareza, e não seria capaz de defender a mim e aos meus interesses.

É nesse estado que as pessoas se sujeitam a qualquer tipo de acusação. É nesse estado que pessoas inocentes assinam “confissões” — doente de culpa, você se supõe culpado de um ato criminoso.

É errado ter sobrevivido a Ray. É um fato que você sabe, você não reconheceu.

A viúva é suscetível a pensamentos dos mais extraordinários. A viúva não pode se defender de pensamentos dos mais extraordinários.

Pois a viúva aprendeu que o ordinário pode rapidamente se tornar extraordinário e o extraordinário, ordinário.

Meu castigo começou durante a vigília. Agora que Ray morreu, o castigo vai se agravar. Parece simplesmente lógico.

Que desespero eu passei, procurando o testamento de Ray! Não estava no lugar que eu imaginava — foi o que pensei; então procurei em outro lugar,

pela casa toda, num pânico crescente, até que por fim olhei de novo no primeiro lugar, o mais óbvio — no arquivo do escritório de Ray onde olhei primeiro — e ali estava ele.

Como explicar isso? Meu cérebro está se deteriorando, essa é uma forma especialmente cruel de castigar a viúva? — perder coisas que estão bem debaixo do seu nariz, não conseguir achar as coisas, sempre entrar em pânico? Acho que nesse caso eu esperava que o testamento fosse um documento enorme, e não tão pequeno, tão... ordinário.

Testamento de Ray — esse uso me é estranho. Assim como *corpo de Ray*, *restos de Ray*.

Nossos testamentos, formulados um tempo atrás, foram atualizados em maio de 2002. Acho que foi uma decisão conjunta, mas na época fiquei arrasada com a perspectiva de assiná-los, como se previsse — mas é claro que não tinha como prever — que haveria um dia como esse dia triste no Tribunal de Sucessões do Condado de Mercer.

Ray dissera *Não seja boba, nós temos que fazer isso.*

Mas eu não quero sobreviver a você!

Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Assina logo e põe um ponto final nisso.

E foi o que fiz.

Sem prever em 10 de maio de 2002 que em 21 de fevereiro de 2008 eu estaria segurando esse documento na mão, numa poltrona de vinil da sala de espera do Tribunal de Sucessões do Condado de Mercer.

“Sra. Smith? Me acompanhe.”

Sou levada até um gabinete. Jeanne me acompanha. Uma mulher — seu título é “oficial do tribunal de sucessões” — assume o meu caso, que para mim parece avassalador pela magnitude, e para ela é totalmente superficial.

Me pedem para apresentar inúmeros documentos ao tribunal de sucessões nesse negócio de “legitimar” o testamento do meu marido. *Último Testamento de Raymond J. Smith e Carta de Representação* — as certidões de nascimento de Ray e minha — nossa certidão de casamento — nossos passaportes — carteiras de motorista — carteiras do seguro social — declarações do imposto de renda de 2007 provando que residíamos na Honey Brook Drive nº 9, em Princeton, Nova Jersey.

Não se pode dar como certo — claro, isso é completamente lógico — que sou realmente a pessoa que alego ser, a viúva do falecido Raymond

Smith; nem se pode dar como certo que Raymond Smith faleceu, de fato. (O *Atestado de Óbito* de cheiro azedo é examinado com atenção, como se a oficial do tribunal de sucessões nunca tivesse visto um documento daqueles antes.)

A oficial do tribunal tem perguntas a me fazer. Algumas delas — quanto tempo fazia que meu marido e eu morávamos na Honey Brook Drive nº 9? — são incômodas de responder. À medida que a entrevista continua, vou ficando cada vez mais deprimida. Eu penso *Que bobagem! Quanta futilidade!* Minha amiga Jeanne foi tão gentil em me acompanhar nessa missão de futilidade assim como tem me acompanhado em outras missões igualmente fúteis desde a morte do meu marido; pelo bem de Jeanne, não vou desmoronar. Entretanto, como anseio por sair correndo desse lugar terrível e voltar para a nossa casa — a mesma casa da qual, de manhã bem cedo, depois de mais uma noite em claro, eu queria tanto sair. Quando estou fora de casa a fantasia que me conforta é de que, quando eu voltar, poderei engolir quantos comprimidos me parecer possível, e me fazer dormir; isto é, dormir para sempre; pois realmente quero morrer, estou muito cansada; só se passaram alguns dias mas a viuvez já me enjoou, e estou enjoada dela; a perspectiva de outras semanas como essa, para não falar em anos, é avassaladora!

Porém ao voltar para casa fico tão aliviada — eu penso *Esta é a minha casa. Ela é nossa*. Desafiando toda a lógica é possível pensar neste lugar *Talvez Ray esteja na porta ao lado, ou no escritório — ele pode ter dado uma saída de casa*. Quando você mora numa casa com alguém, muitas vezes a questão é que ele não está *no mesmo cômodo que você* — e portanto, quando estou em casa, fico livre para imaginar que Ray *está* por perto.

No meu escritório, na minha escrivaninha com vista para um aglomerado de árvores, uma fonte ornamental para os pássaros (sem uso, no inverno), um azevinho com frutos vermelhos onde cardeais e chapins brincam com entusiasmo, fico livre para dizer a mim mesma *Ray não estaria neste cômodo contigo, de qualquer forma. Sua experiência no momento não é a experiência de viúva*.

“Sra. Smith? Assine aqui.”

Minha assinatura é autenticada. Assino — *Joyce Carol Smith*. Pois esta é a identidade da viúva.

“Cesta de condolências”

“Sra. Smith? Assine aqui, por favor.”

Meu coração fica apertado ao ouvir essas sílabas. O nome, na boca de estranhos, dói feito um escárnio.

Pois não há *sr. Smith*. E então como haveria *sra. Smith*?

O cerco das condolências!

Como em um filme mudo acelerado para fins de comicidade grosseira, surge no pátio da nossa casa nos dias que se seguem à morte de Ray uma tropa desorganizada de entregadores carregando arranjos florais, caixas de frutas, “cestas de condolências” pesadas transbordando de comida gourmet — trufas cobertas de chocolate, castanhas-do-pará, caju caramelizado; salmão defumado, arenque em conserva, linguiça calabresa defumada; bolo de limão, torta de limão-galego, tortas de frutas, doce de chocolate com noz-pecã; pipoca “gourmet”, pretzels “gourmet”, nozes “gourmet”; queijo cheddar Vermont e jack cheese Vermont; queijo de cabra “embriagado”; potes de creme de pêsego, caviar russo e patês dos tipos mais pavorosos. “Sra. Smith? Assine aqui, por favor” — na saída do pátio o homem da UPS quase colide com o homem da FedEx que está chegando; ambos são seguidos por uma planta gigantesca e desajeitada que balança de um lado para outro ou uma arvorezinha num enorme vaso de cerâmica — atrás delas, um entregador estressado da floricultura de Princeton — “Sra. Smith? Assine aqui, por favor.” Ao ver meu rosto perplexo e exausto os entregadores não sabem como me cumprimentar — *Parabéns!* não é adequado pois é possível que a ocasião não seja festiva, e sim a paródia de uma ocasião festiva — *Tenha um bom dia!* não é adequado pois está claro que o dia não será bom.

É plausível que o homem da UPS e o da FedEx, que vêm com frequência à nossa casa, tenham começado a perceber a ausência de *Raymond Smith*.

É comum nesses dias — dias de pesadelo — no meu transe de tristeza no escritório de Ray, onde estou procurando (mais) um documento perdido ou guardado no lugar errado — United Health, IR, banco — eu ser interrompida

pela campainha da porta — jogada numa tristeza ainda maior diante da porta da frente, onde sou obrigada a sorrir para o entregador e agradecer a ele por ter trazido mais um arranjo floral enorme, um vaso de planta de vinte quilos, “cesta de condolências *deluxe*” — vasos, potes, cestas, caixas, pacotes inúteis, indesejados, sempre pesados, que têm de ser carregados pelos meus braços doloridos, empurrados, deslizados até o chão da sala de jantar, onde pétalas murchas caídas dos arranjos florais dos dias anteriores jazem entre o isopor das embalagens, papel de presente rasgado, celofane. Sobre a mesa da sala de jantar há um amontoado doido de coisas — vasos de flores lindas, cestas de flores e frutas lindas, “cestas de condolências gourmet” enfeitadas com “fitas de condolências” especiais de veludo em cores escuras que demonstram bom gosto. *Que foi, nós ganhamos o Kentucky Derby?* — a voz cômica de Ray ressoa no meu ouvido.

Realmente parece haver certo toque de zombaria nisso tudo — condolências. Dá quase para confundir o cerco com comemoração.

De todas as entregas as que passei a temer mais são as de Harry & David, empresários onipresentes em ocasiões fatídicas — Caixas de Condolências enfeitadas com Fitas de Condolências lançadas de todos os lados do continente. Por que as pessoas estão me mandando essas coisas? Será que imaginam que o luto vai se amenizar com trufas cobertas de chocolate, patê de foie gras, linguiça calabresa? Será que imaginam que assistentes me protegem do trabalho de lidar com tal quantidade de lixo? Esta manhã fico ansiosa para evitar outra entrega de cestas de condolências, pois arrastei para fora todas as latas de lixo que encontrei na esperança de que o lixo seja retirado, acabei de esvaziar a caixa de correio — tão cheia que foi difícil tirar os envelopes — e essa correspondência que estou “separando” ao jogar a maior parte na lixeira — chega a caminhonete de entrega da UPS — outra monstruosidade de Harry & David? — “Sra. Smith? Assine aqui, por favor” — vertendo lágrimas amarguradas enquanto rasgo o pacote — abro a embalagem de celofane — rasgo a cesta enfiando na lixeira caixas de trufas cobertas de chocolate, sacos de pipoca gourmet, há uma pera Riviera gourmet — de tamanho esquisito, sem gosto, azeda como uma fruta de cera numa natureza-morta do século XIX — há um pote de mostarda gourmet, e há um pote de azeitonas gourmet — quem foi que me mandou isso, não faço ideia — o cartão se perdeu — o rótulo se perdeu — estou desesperada para me livrar desse banquete — estou furiosa, enojada, envergonhada — pois é claro

que eu deveria me sentir grata, eu devia estar escrevendo notas de agradecimento como uma viúva respeitável, não devia estar chorando e murmurando sozinha sob a chuva gelada na nossa garagem, de cabeça descoberta e trêmula, num furor fracassado, acusando meu marido *Você fez isso! — você saiu no frio de gelar os ossos, eu sei que você fez isso, foi exatamente isso que você fez, quando eu estava em Riverside você fez isso aqui mesmo, você foi desleixado com a sua própria vida, você jogou fora a vida de nós dois com o seu desleixo, e contraiu uma gripe, uma gripe que virou pneumonia, uma pneumonia que virou colapso cardiopulmonar — e então, como se para censurar meu desespero furioso há uma Rosa Miniatura Harry & David — uma delicada roseira que mede uns doze centímetros de altura — que eu acho que vou manter — porém, lá dentro de casa, numa luz melhor, retirada da caixa de embrulho e instalada na bancada da cozinha, a Rosa Miniatura já parece estar murchando, quase morta.*

Vou regá-la, de qualquer modo! Vou seguir as instruções de cuidados e manutenção.

Reparo no folheto de instruções, no final da folha:

Importante: não comer musgos decorativos.

A viúva pode até estar louca, mas a viúva não está tão louca assim!

Nas frestas dos presentes monstros há coisas práticas de amigos — um carrinho para as lixeiras, agora que o lixo virou uma questão central na minha vida, de Jeanne e Dan; um saco de sucos de frutas misturadas Odwalla, que se tornaram um alimento básico ao longo de meses, de Jean Korelitz; caçarolas de comida ainda mornas de várias amigas — amigas mulheres — deixadas no pátio, na varanda da frente, que, como seria relativamente árduo eu tentar comer sozinha, vou guardar no freezer para usá-las no futuro indeterminado. Ray ficaria muito comovido com essa efusão de tristeza entre nossos amigos. Pois Ray era muito discreto, modesto...

Contudo, estou brava com ele. Estou muito brava com ele. Com meu pobre marido morto e indefeso, estou furiosa como raramente ficava — talvez nunca — furiosa com ele, na vida. *Como te perdoar, se você arruinou a vida de nós dois.*

O telefone está tocando — não é atendido. Desde a noite do telefonema do hospital, abomino o toque do telefone. Mesmo com o identificador de chamadas, eu não atendo. Às vezes me afasto às pressas, as mãos tampando as orelhas. Muitas das ligações são de amigos — conhecidos — pessoas com

quem eu devia falar — mas não consigo. Não consigo falar com elas. Meu mundo se encolheu a uns poucos amigos.

Muitos recados telefônicos foram perdidos, apagados. Resta somente o recado de Ray, até o fim do mês, e mais duas semanas depois. Esse recado eu ouço com frequência.

É o seu amor quem está falando.

Muito carinho para o meu amor e os gatinhos.

Ouço esse recado na esperança de escutar uma ou duas palavras que não tenha escutado antes. Ou — uma entonação totalmente diferente na voz do meu marido.

Escutei esse telefonema tantas vezes que as sílabas das palavras de Ray começaram a soar desgastadas.

“Meu marido morreu há dez anos. Nunca fica mais fácil.”

Uma mulher nos Serviços de Assistência do Condado de Mercer se dirige a mim sem rodeios. No desespero, liguei para pedir informações sobre o horário da coleta de recicláveis no nosso bairro.

Como eu aparentemente não sabia nada a respeito do horário da coleta, expliquei que meu marido foi quem sempre cuidou dos recicláveis e que ele havia falecido recentemente.

Para uma estranha, eu podia dizer isso. Podia dizer essas palavras. Podia proferir a palavra *morrer* que eu não havia proferido para ninguém que conhecêssemos.

Em seguida dirijo pela Pennington-Titusville Road. Sob a chuva gelada, decidida a adquirir mais latas de recicláveis — tanto amarelas (garrafas) como verdes (papel) — latas gratuitas, fornecidas pelo município! — já que as duas latas que tenho não chegam nem perto de ser suficientes para o cerco de lixo.

Entretanto boa parte desse lixo novo — as “cestas de condolências” com suas alças espiraladas, grandes o bastante para conter dois filhotes de canguru — os alimentos indesejados em si — não é *reciclável*. Para esse lixo, que inclui porcaria, é necessário um serviço pago.

É bom para a viúva saber — eu acho — que existem outras viúvas no mundo. Muitas outras viúvas. Como a mulher dos Serviços de Assistência do Condado de Mercer que não faz rodeios, que não demonstra solidariedade e

sim dá uma cutucada nas costelas. *Vai se acostumando.*

E agora ao voltar para casa pela Pennington-Titusville Road minha sensação de triunfo por ter adquirido algumas lixeiras de recicláveis — de graça! — começa a murchar. Estou pensando no quanto é esquisito estar dirigindo aqui no condado — estar dirigindo aqui sozinha — nem sequer uma vez na nossa vida nessa parte de Nova Jersey dirigi por essa estrada sem Ray, e geralmente era Ray quem ficava na direção; voltávamos de um passeio até o rio Delaware, ou até o Condado de Bucks; uma excursão pelo caminho de sirga de Delaware & Raritan Canal, que margeia o rio; íamos caminhar, correr ou andar de bicicleta, pois esses eram os programas que mais gostávamos de fazer juntos. Estou pensando que nunca fiquei tão sozinha, tão *completamente e profundamente sozinha*, como estou desde que Ray morreu; nunca, desde o nosso casamento em janeiro de 1961.

Há certo pavor em *estar sozinha*. Maior ainda do que na *solidão*.

E agora esta é a minha vida. É assim que a minha vida vai ser. Esse isolamento, essa angústia, esse medo da hora seguinte e da noite iminente e da manhã que virá depois, esse medo da enorme avalanche de lixo, lixo indesejado e inútil se derramando em cima de mim, enchendo minha boca, sufocando, lixo opressor pelo qual (perversamente) esperam que eu expresse gratidão, que agradeça; é desse jeito que vai ser o resto da minha vida, sem meu marido; desse jeito, inacreditável, impossível de acreditar, e contudo — claro que é verdade: existe um *Atestado de Óbito* para provar.

Quando você não está sozinho, é protegido. Você é protegido do horror total implacável inexprimível indescritível do isolamento. É protegido da consciência de sua própria insignificância, sua alma-lixo. Quando você é amado, fica cego quanto ao próprio valor; ou é indiferente a tais pensamentos. Não tem tempo para tais pensamentos. Não tende a pensar *Por que estou aqui, por que fui deixado para trás, o que estou fazendo aqui, por que estou no carro dirigindo por essa estrada, por que há lixeiras batucando no porta-malas e no banco de trás, por que não girar o volante para a direita de repente, árvores, a promessa do esquecimento rápido — ou — talvez não?*

Esse é o dilema: talvez não. Talvez a situação ficasse pior. Dor de verdade, agonia, lesão cerebral, hospital, Telemetria — você não morre num acidente de carro mas sobrevive mutilada e desfigurada — só resta um olho, inchado e quase cego, e você o abre e vê Jasmine pairando sobre a cama, tagarelando na sua cara.

O tormento sem graça da vida de viúva é preferível a isso.

Não há esconderijo! De volta da Pennington-Titusville Road — de volta ao escritório de Ray, tentando pôr em ordem um pântano de papelada — ignore o toque do telefone — ignore a campainha da porta — mas não, não posso ignorar a campainha — preciso atender à campainha — preciso deixar de lado meu sofrimento por cortesia ao entregador parado diante da minha porta — não posso gritar com ele *Vai embora! Me deixa em paz!*

Preciso sorrir e aceitar com graça o que quer que seja — talvez não um pacote monstro mas algo pequeno, que se adéque na mesa de jantar como recordação da solidariedade e do amor de um amigo, mas ainda que seja um pacote monstro eu preciso aceitá-lo, raciocinando que o cerco das condolências acabará em breve — a quantidade de *condolências* que existem no mundo é finita, e está se esgotando rápido.

“Sra. Smith? Assine aqui, por favor.”

Conselho para a viúva: não pense que o luto é puro, solene, austero e “sublime” — não se trata do Réquiem de Mozart. Pense em Spike Jones, naquelas piadas musicais “clássicas” sem graça contendo tubas e fagotes.

Pense no cascalho áspero que machuca ao ser pisado. Pense nos espelhos embaçados dos banheiros públicos. Pense nos porta-toalhas de papel quando estão quebrados e o único jeito de enxugar as mãos é usando papel já usado e imundo.

E numa manhã sou incapaz de suportar: a visão do *New York Times* dentro do plástico azul transparente na entrada da garagem. Através de uma brecha na folhagem eu o vejo da janela do meu escritório e apesar de só o brilho do plástico azul transparente estar visível esse brilho basta para que eu me sinta muito fraco, muito mal. Penso em Ray lendo o jornal todas as manhãs de sua vida, sem falhar. Penso em como Ray ficaria surpreso de ver os exemplares do jornal se acumulando sem serem lidos. Penso *Que bobagem, que futilidade! Ele se importava tanto — para quê?*

Incapaz de fazer a exaustiva caminhada até lá fora para pegar o(s) jornal(is) assim como sou incapaz de retirar o(s) jornal(is) do plástico azul transparente assim como sou incapaz de ler esse jornal de qualidade incontestável e também de olhar para a primeira página, as manchetes que tinham tanto poder de captar Ray enquanto ele voltava para casa que às vezes ele parava no pátio, franzindo a testa perante a primeira página até que eu o chamasse — *Amor! Pelo amor de Deus, entra logo.*

A lixeira verde de reciclagem já está cheia de “papelão e papéis misturados” — muitas folhas impressas — revistas, provas de livros, papéis de embrulho, correspondências descartadas. Folhas impressas demais! Desgosto demais!

Uma semana depois da morte de Ray eu cancelo nossa assinatura de trinta anos do *New York Times*.

Meses atrás, em uma vida passada, dei a sugestão de convidar George Saunders a Princeton, para dar uma palestra no nosso programa de escrita criativa, e eu o apresentaria. Infelizmente essa leitura pública estava marcada para o dia 20 de fevereiro.

Logo que Ray foi internado, em 11 de fevereiro, eu imaginei que talvez outra pessoa fosse apresentar George porque era bem provável que eu estivesse no hospital na hora da palestra; depois os dias foram passando e a condição de Ray, “melhorando”. Eu disse à coordenadora da série de leituras que sim, eu poderia apresentar George, afinal de contas. Mas em seguida, quando Ray morreu de repente, no dia seguinte eu tive de contatar a coordenadora do nosso programa para dizer que afinal eu não poderia apresentar George, embora tivesse preparado a introdução.

Entretanto pensava perversamente *Talvez eu possa! Eu devia tentar.*

Telefonei para o diretor do nosso programa, Paul Muldoon. Me ouvi dizendo a Paul num tom de voz tranquilo que eu daria minhas oficinas de ficção naquela semana e que apresentaria George. Achei que devia fazer isso. Queria me comportar “com profissionalismo” — não queria me revelar frágil, “feminina”. Parecia importante. Como arrastar lixeiras até a rua e depois arrastá-las de volta já vazias, uma atividade praticamente sem consequências ou relevância, um exemplo da futilidade sisifiana. Pensei *Sou capaz de fazer essas coisas, não estou louca. Não estou devastada. Não sou outra pessoa, diferente, destruída, sou a pessoa que sempre fui.*

Paul me ouviu respeitosamente. Paul disse, “Vou assumir pessoalmente, Joyce, a responsabilidade de desmarcar suas oficinas. E Tracey vai achar outra pessoa para apresentar George”.

George Saunders compareceu e leu uma de suas histórias perturbadoras e sombrias; o humor mais negro e frio, humor extremo sensacional e terminal, e a plateia riu, riram principalmente os alunos de graduação — aqueles que imaginam que o humor mais negro e frio expressa uma forma de existência

com a qual, se pusessem à prova, eles se sentiriam totalmente confortáveis; e depois, no jantar, conversando com meus colegas de escrita C. K. Williams, Jeffrey Eugenides e comigo, George comentou que os escritores de literatura do século XXI são artesãos que talharam belos frisos nas paredes, de um tipo de beleza que é apreciado por uma pequena porcentagem das pessoas, e também uns pelos outros, claro; sem notar que o teto da construção está cedendo, prestes a cair na nossa cabeça.

De forma torva, turva, nós rimos. Eu ri.

Por quê?

Registro de e-mails

21 de fevereiro de 2008.

Para Edmund White

Os dias não são tão ruins, são as noites e a casa vazia que me deixam em pânico. Não o tempo inteiro, mas em ondas que chegam de repente. É muito difícil acreditar que não vou poder ouvir a voz de Ray novamente, ou vê-lo, em outro canto da casa...

Você disse que vai trazer trabalho? Que boa ideia... Posso tentar “trabalhar” também... embora pareça inútil no momento, e infrutífero. Mas só digitar esta carta já é, de certo modo, gratificante. Somos viciados em linguagem pela sanidade que ela oferece...

*Com muito carinho,
Joyce*

22 de fevereiro de 2008.

Para Michael Bergstein (editor chefe, Conjunctions)

Ray faleceu — de pneumonia, depois de uma semana no hospital. Nossa editora está perto do fim — estou inconsolável e pasma.

Joyce

22 de fevereiro de 2008.

Para Robert Silvers (editor da New York Review of Books)

Muito obrigada pela carta adorável. Você se ofereceu para “fazer o que você puder” — simplesmente continue a publicar o NYRB. Isso me conforta. Durante a semana tumultuada da internação de Ray, na semana passada, enquanto diziam que a situação dele estava “melhorando”, eu voltava para casa animada e trabalhava na resenha de Boxing: A Cultural History para você até tarde da noite, já que eu não conseguia dormir... E agora estou tentando voltar à resenha, em meio a diversas distrações, pois, como

Barbara Epstein também achava, no fim o que conta é o nosso trabalho, e é o nosso trabalho que pode servir de conforto e de tábua de salvação.

*Com muito carinho, e minha contínua admiração —
Joyce*

22 de fevereiro de 2008.

Para Richard Ford e Kristina Ford

Querido Richard e querida Kristina —

Estou bem. Jeanne e Dan têm sido maravilhosos. Dan verifica como estou por telefone celular/e-mail — e Jeanne está me dando conselhos valiosos sobre advogados/testamento/tribunal de sucessões etc., para minimizar a angústia. Jantei com Jeanne e Gary Mailman ontem. Contanto que eu tenha uma refeição por dia com outras pessoas — em uma mesa de verdade — com o protocolo social dos pratos — a lógica de “comer” faz todo o sentido; sozinha, sem marido, sem vontade nenhuma de me sentar à mesa, me parece meio repugnante... Agora minha hora preferida é a de dormir — mas não dura muito tempo.

Me sinto tão triste porque muitos gestos pequenos de Ray — como plantar dúzias de tulipas lindas no pátio, tomar tanto cuidado com a arte da revista — sobreviverão a ele, e talvez não sejam tão relevantes para os outros...

*Com muito carinho a ambos,
Joyce*

24 de fevereiro de 2008.

Para Edmund White

Acabei de voltar de uma caminhada de três quilômetros na neve, passando pelo bosque e dando a volta num lago! A não ser por Ron e Susan, eu jamais faria isso...

Na noite em que Ray morreu, eu peguei todos os meus analgésicos — acumulados ao longo dos anos, já que a maioria eu nunca usei — agora tenho também meus “comprimidos para dormir” — e sinto que posso usá-los se a situação ficar impraticável. Nietzsche disse: “A ideia do suicídio pode ajudar alguém a chegar ao fim de uma longa noite.” Mas sinto tanta afeição pelos meus amigos — só alguns amigos — que é óbvio que eu não faria isso

de fato. É mais uma alternativa em tese...

Parte da minha angústia diminuiu desde que “o pior” aconteceu. Também passei anos muito preocupada com os meus pais. Mas eles tiveram uma vida plena e morreram no tempo certo, de mortes bastante misericordiosas. Ray morreu jovem demais. Não consigo entender.

Obrigado por ter estado aqui ontem. Sua mera existência já é reconfortante. Tenho tanto amor por você, sou infinitamente grata.

Joyce

24 de fevereiro de 2008.

Para Gloria Vanderbilt

O belo ícone [de Santa Teresa] está agora em cima da minha cômoda, de frente para a minha cama... Cada noite é um pequeno triunfo.

Com carinho,

Joyce

III

O basilisco

Sim, é um teste de resistência físico e emocional. Precisamos conversar mais cara a cara. Nesse ínterim, meu único conselho é que você durma o máximo que conseguir e se alimente quando e se puder. O luto é exaustivo e demanda a força de um atleta olímpico. Exatamente no momento em que você não consegue nem dormir nem comer. Queria que você não tivesse de passar por isso. Meu coração está do seu lado.

— Barbara Ascher

Sofra, Joyce. Ray merece.

— Gail Godwin

“Olhinhos brilhantes e mortos como pedras preciosas”

De início — vislumbrado pela minha visão periférica, ou brilhando contra minhas pálpebras quando fecho os olhos — não um objeto de verdade a ser visto — ele se confunde com o transbordamento de coisas novas, temidas, que adentraram minha vida desde a morte do meu marido assim como uma infecção virulenta adentra a corrente sanguínea — ao mesmo tempo *está* e *não está*.

Às vezes o nervo ótico gera manchas de luz semelhantes a asas dentadas, figuras faiscantes em zigue-zague que alçam voo e planam pela sua visão mas esmorecem aos poucos. (Se você tiver sorte e não houver uma lesão cerebral.) Há também as alucinações visuais da enxaqueca — “fortificações” — “escotoma cintilante” — “volutas” — “torvelinhos” — “espirais” — “percepções topológicas errôneas” — sobre as quais Oliver Sacks escreveu um livro intitulado *Enxaqueca*. Mas essa coisa — caso seja exatamente uma coisa — parece diferente, mais pessoal, incisivamente direcionada a *mim*.

Tem hora que parece ser extremamente luzidia, luminosa. Mas é uma luminosidade escura feito ébano. Porém não é um ébano belo e liso, é um ébano de textura mais áspera. Algo visto no fundo do mar? É coberto por uma concha rugosa, ou uma carapaça escamosa. Olhos brilhantes — olhos não vivos — olhinhos brilhantes e mortos como pedras preciosas.

O que quer de mim? — me pergunto.

Se balanço a cabeça, a coisa escura e brilhosa desaparece. Se esfrego os olhos, que estão quase sempre lacrimosos.

Inequivocamente, minha visão se deteriorou no breve período que se passou desde que Ray foi internado. Dirigindo no escuro de casa para o hospital, comecei a notar um derretimento dos objetos, uma espécie de bruma.

Não raro meus olhos são a tal ponto inundados de umidade — lágrimas perversamente causadas por olhos secos demais — que tenho de piscar várias vezes, mas mesmo assim não consigo enxergar com nitidez. Uns anos atrás,

após a cirurgia Lasik, a visão dos meus olhos era muito precisa à distância, especialmente para alguém que foi míope ao longo de boa parte da vida, agora de repente toda essa visão estarrecedora está perdida, corroída. Uma onda de pânico — não é a primeira dessa manhã, nem mesmo dessa hora — me domina *Mas e se eu ficar cega? Como vou cuidar da casa? O que será de nós?*

Tenho a vaga impressão — quando não estou pensando de forma coerente — de que Ray voltará do hospital para casa, uma hora ou outra. Depois da batida de carro, depois de um tempo na Telemetria — serei responsável por ele, pelo seu bem-estar. Anseio por essa oportunidade de demonstrar do que sou capaz, já que falhei de modo tão infeliz recentemente... Nessa fantasia vaga, Ray não está totalmente consciente de que o abandonei, em todo caso Ray não é do tipo que critica e censura.

Ray não é do tipo que acusa *Onde você estava! Quando precisei de você onde você estava! Por que você sumiu por tanto tempo! O que você achou que iria acontecer comigo, se me deixasse sozinho naquele lugar horrível?*

O marido perdido

E então, começo a pensar *Ele se perderá para mim. Ele vai desaparecer.*

Começo a pensar *Talvez eu nunca o tenha conhecido de verdade. Talvez só o conhecesse superficialmente — o âmagô dele foi escondido de mim.*

No nosso casamento era um costume nosso não dividir nada que fosse perturbador, deprimente, degradante, tedioso — a não ser que fosse inevitável. Como muitos aspectos da vida de uma escritora podem ser penosos — resenhas negativas, rejeições de revistas, dificuldades com organizadores, editores, designers gráficos — a decepção com o próprio trabalho, todo dia/hora! — me parecia uma boa ideia proteger Ray dessa parte da minha vida tanto quanto possível. Pois qual é o propósito de dividir seu sofrimento com outra pessoa, além de fazê-la sofrer também?

Portanto, erigi um muro para afastar do meu marido a parte da minha vida que é “Joyce Carol Oates” — em outras palavras, minha carreira de escritora.

Assim como cuidava de nossas finanças de modo geral, Ray também cuidava das finanças geradas por essa carreira. Assim como não lia a maior parte do que eu escrevia, ele não lia a maior parte das resenhas sobre esses trabalhos, fossem elas boas, ruins ou indiferentes. Sempre me espantou que escritores casados uns com os outros — por exemplo, Joan Didion e John Gregory Dunne — dividissem praticamente todas as folhas que escrevem; meus amigos Richard Ford e a esposa, Kristina, não só compartilham todas as folhas que escrevem como leem seus trabalhos um para o outro — um teste de amor conjugal que alguém como JCO, que dizem ser tão “prolífica”, não ousaria arriscar.

Talvez tenha sido ingenuidade, querer dividir apenas as boas notícias com o marido. Sempre tive horror de ser a portadora de más notícias para qualquer pessoa — não me dá prazer nenhum ver alguém sofrendo, ou angustiado — principalmente se for alguém por quem tenha afeição.

Também não gosto de receber notícias perturbadoras — a não ser que

haja um bom motivo. Me é inevitável sentir que há um toque de crueldade, se não sadismo, em amigos contando uns aos outros coisas chatas sem nenhuma razão além da vontade de observar como vão reagir.

Da parte dele, Ray me protegia do lado mais penoso da *Ontario Review* e da nossa — para mim — situação financeira irremediavelmente complicada; ele supervisionava a casa — o teto precisa de conserto? A casa precisa de pintura? A entrada da garagem precisa ser repavimentada? — de algum modo, Ray tinha acesso a esse tipo de entendimento que fugia à minha compreensão. Enquanto eu supervisionava a faxina da casa, Ray era responsável pela área externa da propriedade. Uma vez, em Detroit, quando maridos viraram tema de conversa, minhas amigas ficaram incrédulas ao saber que, caso algo terrível me acontecesse, eu relutaria em contar a Ray; acreditaram menos ainda no fato de que Ray me escondia seus problemas. Uma das mulheres declarou com inveja que o marido jamais “a pouparia” de saber dos problemas dele, mesmo se ela não pudesse fazer nada para ajudá-lo.

Mas por quê?, perguntei

Por despeito, ela disse.

E eu pensei *Então não é possível que ele te ame. Se quer te chatear.*

Ray jamais desejaria me chatear. É bem provável que Ray tenha me escondido vários tipos de coisas sobre as quais nunca fiquei sabendo e nunca saberei.

Talvez Ray tenha realmente ficado muito assustado no hospital. Talvez tenha tido a premonição de que jamais voltaria para casa — se teve, não me falaria.

Não acho que foi o caso. Acho que ele não tinha ideia de que morreria, não mais do que seus médicos pareciam ter. Mas se tivesse sido o caso, Ray não teria me dito.

Talvez nosso costume de “proteger” um ao outro do sofrimento tenha sido sem querer uma forma de nos evitarmos mutuamente. Talvez houvesse certa covardia na minha relutância em admitir para o meu marido, a pessoa de quem era mais próxima, que nem tudo na minha vida era perfeito — longe disso, na maior parte do tempo.

Contudo, erigi um muro para também me afastar da “Joyce Carol Oates”. Não consigo imaginar que tenha sido uma estratégia equivocada.

Em todo caso, não tenho como mudá-la, a esta altura da minha vida.

Mas agora eu penso — obviamente Ray revelou apenas uma parte de si para mim. Obviamente, guardava muito para si. Se não teve uma vida “secreta” — (embora seja possível que tenha tido) — ainda havia uma parte eclipsada em sua personalidade, sobre a qual eu não tinha noção.

Aonde você foi?

O que aconteceu conosco?

Como entrar em contato com você? — não tem jeito, nunca terá?

Como em um sonho de informações proibidas, sou atraída pelos pertences de Ray. Estou começando a achar difícil entrar na maioria dos cômodos da nossa casa, mas nenhum mais do que o escritório de Ray — seu “gabinete” — pois sua presença é tão forte que me tira o fôlego. *Talvez ele tenha saído um minutinho. Talvez tenha ido ao banheiro. Pegar a correspondência.* No entanto sou atraída até a escrivaninha de Ray, seus arquivos, as prateleiras dos armários com montes de manuscritos, documentos, provas de impressão e projetos de capas de outrora. Repetidas vezes, estudo o calendário de Ray como se tivesse a esperança de descobrir algo novo, enigmático — me fascina a assiduidade com que Ray marcava os dias de sua vida e como a maioria deles era cheio; e então, cada dia era riscado com um triunfante x - preto. Como se Ray obtivesse uma satisfação peculiar riscando os dias quando terminados. Como se não tivesse noção de que esses dias seriam finitos; que esses x feitos com uma caneta hidrográfica se acumulavam no que seria seu passado recente; como se, para além dos meses seguintes — março, abril, maio —, aqueles dias maravilhosamente desocupados, vazios, em branco, jamais seriam preenchidos.

Penso com horror no futuro, em que Ray não existirá.

Já se passou uma semana desde sua morte. (Como é possível! Cada minuto foi excruciante.)

Não é só por razões emocionais que preciso contemplar o calendário de Ray, óbvio. Muitos assuntos da *Ontario Review* estão ligados ao calendário — há um prazo para pagar o imposto sobre propriedade ao município de Hopewell — uma anotação sobre remessa da Culligan — uma consulta com o dr. S___ — horário marcado no dentista — e (claro!) os dias da coleta de recicláveis — dias da coleta de lixo. Começo a sentir tamanha tristeza,

tamanha dor, que tenho de deixar o calendário de lado.

O telefone na escrivaninha de Ray — a linha comercial de Ray — começa a tocar. Nunca que eu pegaria o fone, pois a pessoa que ligou diria *Ray Smith se encontra?*

Ou *Oi Joyce. Posso falar com Ray, por favor?*

Alguma outra hora verificarei os recados. Talvez. Se conseguir me obrigar a ouvi-los. Ou talvez não.

Me ocorre agora: vou revistar a papelada pessoal de Ray. Vou ler — (re)ler — todos os trabalhos que ele publicou — o que eu encontrar de seus projetos como escritor. Quando nos mudamos de Windsor para Princeton, em agosto de 1978, Ray trouxe um tesouro de projetos como escritor, alguns dos quais ele terminou — um ensaio sobre a poesia de Ted Hughes, por exemplo. E outras coisas — anotações, esboços, o rascunho de um romance — das quais vi partes. Ray perdera o interesse em escrever, preferindo mil vezes ser organizador e editor, e havia deixado de pensar nessas coisas, até onde eu sabia. Mas estou animada, para variar — estou esperançosa. Penso *Vou conhecer melhor o meu marido. Não é tarde demais!*

“Como você está?”

Essa pergunta sempre me desconcertou! Pois não tenho a mínima noção de como *estou*, em geral.

Seria muito mais lógico responder *Como lhe pareço estar? É assim que estou*.

Pois sinceramente, meu “eu” é um turbilhão de átomos parecido com os quadros mais fragmentados de J. M. W. Turner — quase, olhando bem de perto, se vê *algo* em meio aos átomos, talvez prestes a fundir-se em uma *figura* — mas talvez não.

Mesmo quando Ray estava vivo, e eu ainda era a esposa de Ray Smith e não a viúva de Ray Smith, achava difícil responder a essa questão social totalmente inocente, totalmente convencional.

“Como estou? Estou bem! E você, como está?”

Vez por outra, numa situação social, um indivíduo admite que as coisas não andam tão bem assim, talvez ele/ela não esteja muito bem, o que leva a conversa para um caminho mais pessoal, incisivo. Mas tal fato é raro, e deve ser tratado com extrema delicadeza. Pois é uma quebra de decoro social e as pessoas demonstrarão solidariedade no início — mas no fim, talvez não.

Agora, quando as pessoas me veem, quando perguntam, em geral com uma solicitude carinhosa, *Como você está, Joyce?* — presumo que queiram dizer *Como você está se saindo, depois da morte de Ray?* Costumo dizer-lhes que estou muito bem. Pois estou, eu acho — muito bem.

Dias intermináveis transcorreram, e noites intermináveis — e *eu ainda estou aqui*. Acho isso incrível.

Tenho cada vez mais a impressão de que talvez tenha tomado as decisões erradas na época da morte de Ray. Pegar o telefone, ligar para os meus amigos — tornando minha situação um problema para eles. Fazendo com que se sintam responsáveis por mim.

Teria sido um gesto mais nobre me apagar. Porque há algo terrivelmente errado em continuar aqui — na nossa casa, na nossa vida antiga —

conversando e rindo com os amigos — quando Ray se foi.

Sinto que talvez os outros também achem isso de mim. Pois existe algo de desprezível, egoísta, em continuar a viver como se nada tivesse mudado.

Mas não sou forte o bastante, acho.

E também — é o que digo a mim mesma! — eu tinha — eu tenho — muitas incumbências que Ray teria me confiado. E segundo os termos do testamento de Ray, ele as confiou a mim.

Apesar de Ray ter me deixado, não é fácil para mim *deixá-lo*.

“O que você quer comigo!”

A coisa de olhinhos brilhantes e mortos como pedras preciosas — aquela coisa, que agora parece mais uma espécie de lagarto feioso, ou um monstro-de-gila, do que um animal marinho — é ainda mais frequente agora no canto do meu olho, sozinha aqui em casa.

Apagar-se — claro!

Que hipócrita você é, fingindo não saber disso.

Então, é bom não estar sozinha! Porém, quando estou não sozinha, estou acompanhada de outras pessoas, e ciente do fato de que a pessoa que eu queria que estivesse aqui não está.

Pensando sempre em você. Só em você. Hipócrita!

É verdade. Agora estou obcecada com meu “eu” — o que quer que seja, parece estar prestes a se quebrar e ser espalhado pelo vento, como pólen. Embora o “eu” não tenha âmagô, é um cerne de vozes, sons aleatórios — alguns afáveis e outros zombeteiros, repreensores —

Carinho para o meu amor e os gatinhos.

Hipócrita!

Sinceramente, não tenho ideia de como *estou*. Me tornei uma espécie de fantasma, ou de zumbi — sei que estou *aqui* mas tenho uma vaga noção do que é *aqui*.

Fui vista rindo, com amigos. Meu riso não é forçado e sim natural, espontâneo.

Fui vista olhando fixo para o nada, na companhia de amigos. Apesar de consciente de que estou sendo observada — tento me obrigar a despertar — às vezes não é muito fácil me arrastar de volta.

As conversas nas reuniões de Princeton são sobre política,

principalmente. A América se tornou uma nação furiosamente politizada desde a eleição de George W. Bush — desde o 11 de Setembro, uma nação cada vez mais virulentamente dividida — é bastante natural que a vida pessoal seja submersa pela vida pública, mas como parece solitário, oco, espiritualmente depauperado para quem está de fora.

Portanto, muitas vezes vou cedo para casa. Antigamente Ray e eu costumávamos ficar até tarde — e éramos dos últimos a ir embora de uma festa — mas agora sou a primeira a partir.

Depois que parto, suponho que meus amigos falem de mim.

Espero que estejam dizendo *Joyce está muito bem não é!*

Espero que estejam dizendo *Não há necessidade de nos preocuparmos com Joyce.*

É insuportável para mim, caso estejam dizendo *Joyce está com uma aparência tão cansada!*

Caso estejam dizendo *Como Joyce está magra!*

Coitada de Joyce!

Muitas vezes, quando estou dirigindo nosso carro, começo a chorar sem motivo aparente. Muitas vezes é noite, estou temendo minha volta à casa (vazia, deserta) onde, na mesa de jantar, “cestas de condolências” e “arranjos florais” ainda se amontoam, e pétalas murchas se espalham no chão como rostinhos machucados. Somente uma ou duas lâmpadas estarão acesas — a casa não fica mais iluminada como se fosse uma ocasião festiva — o primeiro instante, de destrancar a porta — (a não ser que esteja destrancada, eu tenha me esquecido de trancá-la) — é um momento horrível, o mais difícil — em seguida, se der, eu entrarei no quarto sem ter de atravessar boa parte da casa — embora seja impossível não passar ao lado do escritório (escuro, deserto) de Ray, onde, no telefone dele, uma luz vermelha estará piscando — recados novos! Recados que não foram respondidos! — esses deveres que me arrancam com as garras, estou exausta demais para contemplar.

Mas no carro — há uma espécie de terra de ninguém em queda livre dentro do carro — onde não se está nem *cá* nem *lá* e sim *em trânsito*.

Se estou aos prantos enquanto dirijo, na hora em que chego ao meu destino não estou mais chorando — estou *bem*.

As emoções da viúva — imagino que seja uma coisa comum — lembram o “lake effect” dos Grandes Lagos. Num momento, o céu claro e ensolarado; minutos depois, enormes nuvens carregadas se movendo feito

batalhões pelo céu; em pouco tempo, uma trovoadas, mar agitado, perigo... Aprende-se que não é possível prever o clima a partir de indícios visíveis. Aprende-se a ser cauteloso. O “lake effect” é o tempo normal, mas acelerado.

Mas eu me tornei tão — *triste*. Virei uma daquelas descontentes azaradas/feridas/mancas/sinistras do teatro elisabetano-jacobino — uma observadora que olha ao redor vendo não indivíduos felizes e sorridentes, não amigos que amo, e sim indivíduos condenados a finais trágicos, terríveis — as mulheres que perdem os maridos, antes do que esperam; os homens que adoecem, que envelhecem, que desaparecem em poucos anos. Sinto certo terror nauseante pelos meus amigos, que foram tão bondosos comigo — o que, um dia, acontecerá com eles?

De todos os descontentes, Hamlet foi o mais eloquente.

*Como são enfadonhas, azedas ou rançosas
Todas as práticas do mundo!*

É a própria voz da paralisia, da depressão — porém me parece, na minha condição de zumbi, uma leitura profundamente astuta da condição humana.

Contudo, não se deve dizer isso. Deve-se *passar por* isso.

Ao ouvir a pergunta sobre como está é uma boa ideia para a viúva dizer, com alegria, como todo mundo, “Como estou? — bem”.

Chegando em casa, é provável que eu escute de novo o último recado de Ray — o que ele deixou da cama de hospital poucas horas antes de morrer.

Apesar de às vezes eu ligar do celular para a nossa casa, para escutar a voz gravada de Ray, que é tão reconfortante e que, quando ligarem para esse número, nossos amigos ouvirão por muito tempo.

Alô! Nem Joyce nem eu podemos atender no momento, mas se você deixar um recado com os detalhes e o número do seu telefone, ligaremos assim que possível. Agradecemos pela ligação.

“Bells for John Whiteside’s Daughter”

Em Detroit, em meados dos anos 1960, quando Ray lecionava inglês na Wayne State University, uma de suas disciplinas era “Introdução à Literatura” e dentre os poemas que apresentava aos alunos estava a elegia “Bells for John Whiteside’s Daughter”, de John Crowe Ransom.

Esse belo poema curto, Ray lia para mim com tanta emoção, com sua voz grave e sutilmente modulada, que me comovo às lágrimas só de lembrar. Lendo o poema, que não olhava fazia anos, percebo que o decorei, e o decorei na voz do meu marido.

*There was such speed in her little body,
And such lightness in her footfall,
It is no wonder that her brown study
Astonishes us all.*³

Era esse o poema preferido de Ray? Quando o conheci, em Madison, Wisconsin, Ray sabia recitar vários poemas clássicos — sonetos de Shakespeare, John Donne e Milton (“When I Consider How My Light Is Spent”); e nutria grande admiração por Whitman, Hopkins, Frost e William Carlos Williams, bem como a poesia de diversos contemporâneos nossos que ele viria a publicar na *Ontario Review* — mas nenhum poema o comovia mais do que “Bells for John Whiteside’s Daughter”. É a voz dele lendo esse poema que está gravada na minha memória — meu belo e jovem marido, sua voz trêmula de emoção, na nossa casa de Sherbourne Road em um cômodo pequeno na frente da casa, uma espécie de solário, onde nos acomodávamos quase todas as noites para ler ou preparar as aulas que daríamos no dia seguinte.

Como gostaria de lembrar o que Ray e eu dissemos um ao outro, em uma das nossas noites corriqueiras! Naquela salinha, um dos poucos cômodos confortáveis daquela casa não muito confortável, onde em tantas noites após

o jantar nos sentávamos juntos em um sofá azul-escuro voltado para a janela.

Lá fora, nosso gramado, a calçada, a rua e em frente uma casa de tijolos bege — isso também está gravado com nitidez na minha memória, apesar de não pensar nisso, muito menos ver essas coisas, há décadas.

O que pode ter nos absorvido tanto, naquela época? Sei que conversávamos muito sobre nossas aulas, nossas classes e colegas — Ray na Wayne State, eu na Universidade de Detroit — mas tudo isso já se esvaeceu. O que era urgente, crucial em nossas vidas, até mesmo perturbador — tudo se esvaeceu. Não restou praticamente nenhum amigo dessa época. Dávamos festas na nossa espaçosa casa de tijolos em estilo colonial — quase vejo nossa sala de estar, com as esquisitas paredes azul-escuras, apinhada de gente — animada pelos risos — mas os rostos estão embaçados, obscuros.

Alguns morreram — minha melhor amiga, prematuramente. Outros foram para outros lugares, mudaram de vida — nosso amigo jesuíta mais próximo, um colega da Universidade de Detroit que havia sido um membro proeminente do Departamento de Inglês, agora não é mais jesuíta, está casado e mora no Texas... *Tom Porter abandonou a Igreja! Meu Deus.*

Passamos muitas noites na companhia de nossos amigos e colegas de Detroit e, de todas essas noites, mal sobrou um retalho de memória. De todas as noites que Ray e eu passamos juntos, as refeições que preparamos juntos, a casa que mantínhamos juntos, as vezes em que fomos às compras juntos — na Livernois Avenue, e no Northland Shopping Center; as inúmeras vezes que caminhamos juntos pelo nosso bairro residencial e pelo Palmer Park, ali perto, de mãos dadas — me lembro de tão poucas.

Isso me apavora — uma parte tão grande de nossas vidas, perdida.

Entretanto, há “Bells for John Whiteside’s Daughter” —

*There was such speed in her little body,
And such lightness in her footfall,
It is no wonder that her brown study
Astonishes us all.*

*Her wars were bruited in our high window.
We looked among orchard trees and beyond
Where she took arms against her shadow,
Or harried unto the pond*

*The lazy geese, like a snow cloud
Dripping their snow on the green grass,
Tricking and stopping, sleepy and proud,
Who cried in goose, Alas,*

*For the tireless heart within the little
Lady with rod that made them rise
From their noon apple-dreams and scuttle
Goose-fashion under the skies!*

*But now go the bells, and we are ready,
In one house we are sternly stopped
To say we are vexed at her brown study,
Lying so primly propped.⁴*

Agora John Crowe Ransom foi suprimido do cânone da poesia americana. Ninguém com menos de sessenta anos, provavelmente, ouviu falar desse poema. Muito admirado em sua época, figura de influência considerável, Ransom foi vítima das guerras culturais acadêmico-literárias do fim do século XX — um poeta caucasiano assim como Delmore Schwartz, Howard Nemerov, James Dickey, James Wright.

Todos eles, vítimas do tempo.

³ Havia tamanha velocidade em seu corpinho,/ E tamanha leveza em seus passos,/ Não é nenhum espanto que seu devaneio/ nos surpreenda a todos. (N. da T.)

⁴ Havia tamanha velocidade em seu corpinho,/ E tamanha leveza em seus passos,/ Não é nenhum espanto que seu devaneio/ nos surpreenda a todos.// Suas guerras foram ouvidas da nossa janela,/ Procuramos no meio do pomar e além,/ Onde ela se armou contra a própria sombra,/ Ou se lançou na lagoa.// O ganso preguiçoso, como uma nuvem/ gotejando a neve no gramado verde,/ Enganando e parando, sonolento e orgulhoso,/ Quem berrou como um ganso, ai de mim,// Para o coração incansável da pequenina/ Dama cuja varinha os fazia despertar/ De seus sonhos de maçã vespertinos e correr/ como um ganso sob os céus!// Mas agora badalam os sinos, e estamos prontos,/ Em uma casa paramos duramente/ Para declarar nossa irritação com seu devaneio,/ Que jaz com tamanha afetação. (N. da T.)

O ninho

Nada é tão maravilhoso na minha vida póstuma quanto me isolar no meu ninho!

Até morrer aqui — *principalmente* morrer aqui — será maravilhoso, imagino.

Esse “ninho” — na nossa cama — no meu lado da cama — é um redemoinho de travesseiros, roupas de cama, uma colcha de crochê nas cores do arco-íris feita pela minha mãe — livros, provas encadernadas, manuscritos copidescados e provas de impressão, rascunhos de coisas nas quais estou trabalhando — sejam lá quais forem as coisas nas quais estou trabalhando, ou tentando trabalhar, todas as noites. E agora, no ninho, eu leio — releio — tudo o que encontrei dos trabalhos publicados de Ray.

Quando estávamos vivos — quando Ray estava vivo — eu não lia na cama, nunca. Eu não tinha um “ninho” na cama. Teria considerado trabalhar na cama, em especial, algo desajeitado e bagunçado e não muito eficiente — perdoável em caso de doença ou invalidez. As noites em casa eram passadas na sala de estar, no nosso sofá, onde líamos em pontas opostas — ou Ray copidescava manuscritos, ou lia provas de impressão — ou eu fazia anotações sobre o que quer que estivesse escrevendo na época, ou tentando escrever — o empenho de “Joyce Carol Oates” para escrever algo que não tivesse um valor meramente efêmero nas nossas — (fato ignorado por nós na época) — vidas muito efêmeras.

Agora, é inevitável questionar se passei tempo demais no outro mundo — o mundo de minha/da imaginação — e tempo de menos com o meu marido.

Esse ninho, que me atrai como a água rodopiando ralo abaixo, é minha trégua do dia e de pensamentos como este; minha recompensa por ter chegado ao fim do dia. É um lugar onde não sou “Joyce Carol Oates” — menos ainda “Joyce Carol Smith” — cuja missão primordial tem sido assinar documentos jurídicos múltiplas vezes, um sorriso afixado ao rosto como uma

armadilha de aço. No ninho, há anonimato. Há paz, solidão, tranquilidade. Não existe a probabilidade de ouvir a pergunta *Como você está, Joyce?* — menos ainda *Vai conservar sua casa, ou permanecer nela?* — uma questão que me faz tremer de raiva e indignação, como se fosse uma pergunta totalmente cabível de se fazer a uma viúva; como se fosse razoável perguntar a um paciente com câncer terminal *Seu testamento está em ordem? Você já fez as pazes com o Criador?*

Voz nenhuma se intromete nos arredores do ninho. Nos arredores do ninho, exceto, às vezes, pela tevê — ligada em um ou outro dos canais de música clássica da tevê a cabo — há um silêncio seguro. O ninho é um lugar de luzes quentes em meio às trevas, pois o resto da casa fica às escuras durante a noite. Numa tentativa tardia de poupar combustível — pois não tenho me importado em deixar a calefação muito alta, sem Ray para monitorar o termostato — assim como não tenho me importado em deixar portas destrancadas, às vezes até entreabertas — e pior — agora faço questão de diminuir a calefação à noite — sei que Ray aprovaria a atitude — e boa parte da casa fica gelada e proibitiva.

Não me dispo completamente. Em parte porque sinto muito frio — às vezes meus dentes batem sem parar — a não ser que me sinta febril e minha pele fique pegajosa de suor — mas principalmente porque quero estar preparada para me levantar rápido da cama — sair correndo de casa se me chamarem. Nunca me esquecerei — ouço a voz com frequência — enquanto vejo a criatura parecida com um lagarto de olhinhos brilhantes e mortos como pedras preciosas — *Sra. Smith? É melhor vir ao hospital o mais rápido possível — seu marido ainda está vivo.* Acima de tudo, uso meias quentes.

Se é possível que você seja tirado da cama às pressas, é uma ótima ideia não ir para a cama sem meias.

Minutos preciosos são gastos colocando as meias! No momento de desespero, não há nada mais difícil.

E portanto me tornei, mesmo no ninho-santuário, *incapaz de tirar as roupas à noite* e usar o que chamam de *roupas de dormir* como eu fazia, numa vida passada.

Na verdade passei a ter a impressão de que é uma total insolência, descuido e plena ignorância alguém até mesmo pensar em *se despir* e se tornar *vulnerável* sem necessidade, como uma tartaruga escapando do casco.

Ele ainda está vivo? Meu marido ainda está vivo?

Sim. Seu marido ainda está vivo.

Embora o ninho seja muito confortável e muito acolhedor — embora o *ninho* tenha se tornado o cerne (emocional, intelectual, espiritual) da vida da viúva — é preciso reconhecer que o ninho não é antídoto para a insônia.

Quando não consigo dormir — isto é, todas as noites a não ser que eu tome sonífero — ou um comprimido de algo chamado Lorax (“para ansiedade”) que nosso médico da família me receitou — o ninho é meu lugar de grande consolo e conforto e, apesar de estar acordada, não sou a pessoa desesperada que sou durante o dia. Aqui, na medida em que consigo me concentrar, sou capaz de imitar meu antigo eu até certo ponto, obtendo um pouco de prazer — “prazer” talvez seja um exagero, mas que seja — em olhar provas de impressão de uma futura revista, ou trabalhar no rascunho de um conto abandonado no começo da internação de Ray; há uma miríade de anotações espalhadas para um romance, que não vou conseguir escrever, mas há um romance terminado que pretendo revisar, e talvez comece a revisar em breve; esse romance, sobre perda, tristeza e luto, numa cidade litorânea fictícia no norte do estado de Nova York chamada Sparta, se tornará prioritário na minha vida, se não de fato uma tábua de salvação; mas neste momento, não consigo me concentrar nem em relê-lo, quanto mais revisá-lo.

Que embarcação frágil, a ficção em prosa! Como é efêmera e insubstancial, a “vida do espírito”! Preciso lutar contra a terrível letargia, a falta de esperança e o desprezo por si mesmo que muitos de nós sentimos após a catástrofe do 11 de Setembro, quando o próprio ato de escrever parecia ter tão pouca importância que era quase uma piada.

Palavras parecem inúteis. Diante de tamanha catástrofe...

No entanto, trabalhar em textos pequenos — resenhas, ensaios, contos — é uma espécie de consolo. Quase imersa no trabalho, consigo esquecer as circunstâncias da minha vida — quase! — e se fico inquieta na cama me levanto do ninho para vagar pelo escritório de Ray, o cômodo vizinho; ou vou até o meu escritório, que fica do lado oposto ao de Ray, para responder e-mails, o que já adquiriu uma grande relevância para mim, muito maior do que quando Ray estava vivo; mas meus passeios noturnos sempre são baseados no fato de que voltarei ao ninho em poucos minutos.

A possibilidade de continuar acordada noite adentro, fora do ninho, é francamente apavorante.

E se tiver muita sorte nosso gato selvagem Reynard entrará no quarto de

repente — com um salto, na nossa cama — ele se enroscará para dormir comigo, não exatamente ao meu lado e sim no pé da cama, no lado de Ray, onde como que por acidente — na imaginação felina, tais nuances não são casuais — talvez se esprema contra a minha perna; mas se eu falar com ele em tom de bajulação — *Muito bem, Reynard! Muito bem, gatinho!* — ou se estender o braço para acariciar sua pelugem um tanto áspera, pode ser que se ofenda com tamanha liberdade, desça da cama e corra para outro canto da casa escura.

Não suporto lembrar o dia de verão, dez ou onze anos atrás, em que Ray tirou Reynard de um abrigo para animais e o trouxe para casa, a fim de me surpreender. Tínhamos perdido um gato mais velho, muito amado — não achava que estaria pronta para outro em tão pouco tempo —, mas quando Ray trouxe o gatinho selvagem para casa, miando pela mãe, ou por comida e afeto, ele conquistou meu coração totalmente.

E como eu amava Ray, por esses atos unilaterais impetuosos, aparentemente imprudentes, que acabavam tão bem.

A outra, a jovem Cherie, apesar de ser a mais afável e menos receosa, se recusa a entrar nesse quarto desde que Ray foi embora e não entra independentemente do quanto eu a adule. Cherie não dorme comigo, ou perto de mim, nessa vida de ninho noturno, nem entra no escritório de Ray quando estou lá, embora durma na cadeira dele em outras horas; ela se recusa a entrar no meu escritório, onde fico sentada, trabalhando, ou tentando trabalhar, diante da escrivaninha. Apenas quando me sento no sofá da sala — o que agora me forço a fazer — como fazia quando Ray e eu líamos juntos à noite, Cherie corre ao meu encontro e pula no meu colo e fica por alguns minutos, irrequieta — até que vê que o outro indivíduo que ocupava o sofá conosco não está ali, não virá, e então Cherie desce e vai embora sem olhar para trás.

Os gatos me culpam, eu sei. A censura animal não é menos palpável por ser muda, ilógica.

O ninho é meu refúgio dessas cruéis — ridículas — rejeições felinas que, na família radicalmente reduzida em que me encontro agora, uma azarada personagem de cartum abandonada em uma ilha minguante, de fato importam e têm o poder de *ferir*.

Absurdo, ficar magoada com o comportamento excêntrico de um bicho. Porém, ainda mais absurdo é ter sua dimensão tão reduzida, tão abaixo da humanidade, a ponto de se importar com o comportamento de um bicho.

Um fato da vida de viúva: tudo é igualmente profundo assim como tudo é igualmente banal, fútil, insignificante.

E todos os atos — ações — “atividades” — são para a viúva alternativas ao suicídio, e portanto têm mais ou menos a mesma relevância.

Exceto — é claro que a viúva não deve dizer essas coisas. Bem melhor ser reticente no luto, muda e estoica. Bem melhor se esconder no ninho do que se aventurar no radiante mundo populoso que existe além de sua porta.

Durante a semana de vigília hospitalar, muitas vezes de madrugada, aconchegada no ninho, eu fixava o olhar na tela da televisão a alguns metros de distância, hipnotizada — o esforço para me concentrar na leitura ou no meu próprio trabalho parecia grande demais — inquieta, eu trocava de canal — pois a insônia nos torna exploradores das paisagens mais bizarras: ficava em igual medida fascinada e consternada com a reprise de *Arquivo X* — uma série popular a que Ray e eu nunca assistimos durante a primeira exibição — em que intrépidos agentes do FBI perseguem um homem cujos beijos transformam mulheres em cadáveres fosforescentes em putrefação — as vítimas são tão repugnantes do ponto de vista físico que até os agentes do FBI ficam estupefatos, enojados — trata-se de uma alegoria da contaminação sexual digna de Nathaniel Hawthorne, apesar de retratada com certa crueza e um sensacionalismo consciente. Ver os programas da madrugada, logo descobri, é como pescar com carretilha nas profundezas desconhecidas do oceano — um Mar de Sargaço agitado por melodramas, tiroteios, perseguições automobilísticas, caçadas em helicópteros, reprises da CNN e da Fox News — o submundo coletivo da nossa cultura — a banalidade de nossos fetiches. Que silêncio adorável, desligar a tevê para ouvir o vento, a chuva tamborilando na janela.

E houve uma época, pouco depois da morte de Ray, em que estranhamente às 4h da madrugada surgiu na tela da televisão uma reprise do histórico *What's My Line?* — os entusiasmados vultos fantasmagóricos de Steve Allen, Dorothy Kilgallen, Arlene Francis, Bennett Cerf e John Daly de uma década remota anterior à tevê colorida — de repente tão vívidos, tão reais, tão familiares quanto parentes falecidos muito tempo atrás. A esse programa de baixa tecnologia, supostamente o game show mais popular da história da televisão, exibido de 1950 a 1967, eu assisti por muitos anos com meu irmão mais novo, Fred, e minha mãe, no nosso aparelhinho em preto e branco, no segundo andar da metade da casa de fazenda que dividíamos com

os padraços húngaros da minha mãe, na vila rural de Millersport, em Nova York. Como ficáramos impressionados com as respostas espirituosas dos participantes e do moderador friamente cortês John Daly! Entretanto não me lembro de nem uma palavra que trocamos.

Por que se perde tanto? Tanto da nossa língua falada? Dizem que as lembranças distantes ficam armazenadas no cérebro — num lugar do cérebro muito mais seguro do que as lembranças recentes — mas se tão pouco é acessível à consciência, qual é o valor desse armazenamento? Nossas lembranças auditivas são frágeis, duvidosas. Todos nós já ouvimos amigos repetindo trechos de conversas de forma errada — porém de forma enfática; não apenas a linguagem se perde como também o tom, a ênfase, o *sentido*.

Minha perda é aumentada pelo fato incomum de que Ray e eu não trocamos correspondências — nunca. Nem uma vez escrevemos um para o outro, pois raramente passávamos mais de uma noite longe e, no decorrer dos primeiros quinze anos de casamento, mais ou menos, era raro até mesmo uma noite afastados.

Não tivemos a fase de “galanteio” — nenhum período em que estivéssemos longe, que teria justificado a escrita de cartas. Desde a noite em que nos conhecemos — domingo, 23 de outubro de 1960 — em uma reunião dos alunos de pós-graduação do enorme grêmio estudantil da Universidade de Wisconsin, com vista para o lago Mendota — nos vimos todos os dias.

Ficamos noivos em 23 de novembro do mesmo ano e, a fim de manter uma pequena constância, nos casamos em 23 de janeiro de 1961.

Só anos depois que, como “JCO”, comecei a ser convidada a visitar faculdades e universidades, em geral apenas pernoitando. De início, Ray me acompanhava, mas depois, à medida que os convites aumentavam, passei a viajar mais sozinha, e portanto se tornou mais frequente estarmos longe nos últimos anos.

E assim fui à U.C. Riverside. Na véspera do adoecimento de Ray.

Claro que penso que é possível que ele não tivesse adoecido caso eu tivesse ficado em casa. Ele havia pegado uma gripe — o que poderia ser mais inofensivo! O que ele pode ter feito que talvez não fizesse se eu estivesse em casa, eu não sei. *Você está sendo ridícula. É um raciocínio minucioso demais!* Difícil não me sentir doente de tanta culpa, porque o marido morreu, e você parece ter sido incapaz de evitar sua morte.

E depois, Ray não queria ir ao pronto-socorro. Você insistiu. Talvez ele

tivesse ficado melhor em casa, sem se tratar.

Sempre que eu estava longe, ligava para Ray no fim da noite. Depois da minha palestra, depois de um jantar em minha “homenagem” — meus anfitriões são invariavelmente indivíduos muito simpáticos, muito interessantes e encantadores — muitos deles acadêmicos, como nós — e então eu contava a Ray sobre minha palestra, sobre o jantar; e Ray me contava o que era ainda mais interessante para mim, o que ele havia feito naquele dia — o que havia acontecido na nossa vida, enquanto eu estava longe.

Tudo isso, você perdeu. A alegria da vida doméstica, sem a qual os pequenos — e até os gigantescos — triunfos de uma “carreira” são superficiais, ridículos.

Mas está errado! No ninho, aconchegada debaixo da colcha da minha mãe, ouvindo um prelúdio de Chopin no canal de música clássica da tevê, eu deveria estar protegida de tais pensamentos.

É a noite de 26 de fevereiro — ou melhor, o início da manhã de 27 de fevereiro — 2h40 — uma semana inteira desde a morte de Ray. No começo da noite eu jantei com amigos — não acho possível “jantar” sozinha nesta casa, nem em outro lugar — mas com amigos, comer não é apenas possível como maravilhoso — exceto pela falta de Ray... Espalhei pelo ninho alguns dos trabalhos que Ray publicou, e tenho lido um ensaio sobre o famoso poema “Christabel” de Coleridge — um “fragmento enigmático”, Ray o chama — intitulado “Christabel and Geraldine: The Marriage of Life and Death”, publicado na *Bucknell Review* em 1968. Surpreendente descobrir tanto no ensaio de Ray relacionado aos nossos interesses comuns — as baladas populares inglesas e escocesas, por exemplo — e há a estrofe formidável de um poema de Richard Crashaw que Ray cita:

*She never undertook to know
What death with love should have to doe;
Nor has she e'er yet understood
Why to show love, she should shed blood*⁵

Como são fortes esses versos, como voltam à minha mente com vivacidade, feito um sonho parcialmente recordado! O poema de Crashaw

causara tamanha impressão em mim que me apropriei do segundo verso no título de um conto — “What Death with Love Should Have to Do” — uma espécie de história de amor mordaz, de 1966.

(Devia reler essa história, que foi republicada na minha segunda coletânea de contos, *Upon the Sweeping Flood*. Eu sei, eu devia relê-la para recapturar aquela época, aqueles sentimentos. Mas não posso. No ninho eu me sinto fraca, paralisada. Simplesmente não posso.)

Ao reler os ensaios críticos de Ray daquela época tão longínqua, percebo o quanto éramos próximos... Dividíamos cada detalhe de nossos trabalhos como professores — nossas classes, nossos colegas, os altos e baixos e as surpresas de nossas vidas — havíamos discutido o poema de Coleridge e li rascunhos do ensaio de Ray — nossas vidas eram entrelaçadas assim como as emoções conflitantes de amor/ódio — beleza/um tipo traiçoeiro de feiura — no poema assombroso de Coleridge.

Sou levada a pensar, não pela primeira vez, que na minha escrita mergulhei — de cabeça, sem medir as consequências, pode-se dizer — ou “destemidamente” — no meu próprio futuro: esse momento de bruta e aflitiva perda total. Embora talvez tenha tido, desde a adolescência, uma espécie de precocidade intelectual/literária, não *vivenciei* muita coisa; nem iria *vivenciar* muito até bem depois de entrar na meia-idade — as doenças e mortes dos meus pais, essa morte inesperada do meu marido. *Lidamos com joio para chegar à joia* diz Emily Dickinson. *Lidamos com joio* durante boa parte dos primeiros anos de vida. E então, com a violência de uma porta fechada pelo vento que corre pela casa, a vida nos alcança.

Em 1966, eu tinha vinte e oito anos. Não havia sofrido perdas de nenhuma magnitude — nem uma sequer! Não tinha conhecimento verdadeiro — mal tinha um vislumbre de conhecimento — do que Crashaw talvez quisesse dizer com “O que a morte com amor teria de fazer” — “Por que para mostrar amor, ela teria de derramar sangue”.

Quando nos conhecemos, num momento da minha vida em que estava ao mesmo tempo muito sozinha e muito entusiasmada com o futuro — meu futuro — como aluna de pós-graduação de um departamento de inglês prestigioso — Ray entrou na minha vida como um “homem mais velho” — oito anos mais velho — no último ano de Madison, terminando uma tese de doutorado ambiciosa sobre Jonathan Swift, e à procura de seu primeiro emprego acadêmico. Para usar um jargão dos acadêmicos de inglês, Ray era

um “homem do século XVIII” — ele me parecia incrivelmente seguro, inteligente, assombrosamente versado em áreas que eu apenas começava a ler — inglês antigo, Chaucer, teatro anterior ao Renascimento e teatro renascentista à exceção de Shakespeare — embora fosse muito gentil comigo e paciente com minha ingenuidade perante a maioria dos assuntos, seu humor era notório pela malícia, sarcasmo e ironia — seus ídolos literários eram Swift, o grande mestre da “indignação selvagem”; o brilhante poeta satírico/cômico Alexander Pope, cuja obra-prima “The Rape of the Lock” Ray era capaz de recitar inteira; o lendário Samuel Johnson, menos pela obra de certa forma didática do que pela ótima biografia escrita por Boswell; e os dramaturgos muito espirituosos William Congreve (*The Way of the World*) e Richard Sheridan (*The School for Scandal*). O único estudo crítico de Ray que toma um livro inteiro é *Charles Churchill* (1977), que ele começou com entusiasmo — Churchill não é nenhum Swift, mas é um satírico devastador, ao menos esporadicamente — que esmoreceu pouco depois, quando o interesse de Ray mudou dos estudos acadêmicos para a criação da nossa revista literária *Ontario Review*, fundada em 1974. Quando Ray terminou o livro sobre Churchill, tinha adquirido uma total aversão a seu objeto de estudo, como tantas pessoas que empreendem longas e profundas análises sobre figuras literárias entrelaçadas com materiais biográficos; fazer de um satírico político sarcástico uma figura com certa profundidade e relevância intelectual foi um desafio que Ray achou que não valeu a pena. Aos poucos, os interesses de Ray mudaram da poesia do século XVIII para a do século XX; ele escreveria uma série de resenhas e ensaios elogiosos, perspicazes, brilhantes, sobre H. D., Pablo Neruda, Richard Eberhart, Howard Nemerov, Ted Hughes, James Dickey, William Heyen (que Ray publicaria mais tarde na *Ontario Review*).

Em especial, compartilhávamos do amor pela poesia de Nemerov. É emocionante deparar com esses versos de Nemerov na conclusão do ensaio de Ray sobre o poeta publicado na *Southern Review* em 1974 — versos gravados de modo indelével na minha memória:

*O swallows, swallows, poems are not
The point. Finding again the world,
That is the point, where loveliness
Adorns intelligible things*

Because the mind's eye lit the sun.

— *The Blue Swallows*⁶

Apesar de que agora — nesse estado póstumo — *redescobrir o mundo* não me parece muito provável.

No ninho, lendo — (re)lendo — esse material, começo a tremer violentamente, embora não ache — tenho certeza — que estou infeliz. Tenho a sensação de que não consigo parar de tremer, preciso ir ao banheiro para molhar as mãos com água quente, pois elas estão geladas. Que coisa esquisita! Tenho andado completamente absorta nas críticas literárias do meu marido — havia esquecido por completo que uma vez ele escreveu uma resenha para o periódico *Literature and Psychology*, e que se distanciou tanto de sua área para publicar um texto curto sobre *Crime e castigo*, de Dostoievski — romance sobre o qual ambos lecionamos nos anos 1970 — mas agora esse surto de tremor me domina, até meus dentes batem.

Na minha mesa de cabeceira está o manuscrito do romance de Ray, no qual trabalhou por anos na década de 1960, mas nunca terminou. Não lembro se vi o último rascunho, ou se por alguma razão Ray não o mostrou a mim; acho que ele pretendia revisá-lo, mas o deixou de lado. Estou ansiosa para ler esse romance que encontrei no armário de Ray, que ficou anos intocado, mas estou começando a sentir também certa apreensão. Me pergunto se Ray gostaria que eu lesse o manuscrito, ainda longe da finalização; acho que desde que nos mudamos para Princeton em 1978, ele nem sequer olhou para o livro, e já fazia tempos que deixara de falar nele. Olho a primeira página — o título é *Black Mass* — o manuscrito está velho, amarelado — bastante condizente com um manuscrito escondido no fundo do armário, esquecido há décadas — e de repente sinto uma grande tristeza.

É um erro.

Você não quer ler isso.

O que você não sabe sobre o seu marido foi escondido de você por alguma razão.

E de qualquer modo seu marido se foi e não vai mais voltar.

Você pode resolver ser “valente” — “astuciosa” — você pode se animar (re)lendo o que ele escreveu, ou tentando fazê-lo — mas ele não vai voltar, ele se foi e não vai mais voltar.

Um fato esquisito da Viuvez: tais epifanias vêm à tona em momentos bizarros, imprevisíveis e no entanto — são esquecidos quase no mesmo instante. Pois, no mundo póstumo da Viúva, há a espécie de tempo mais primitiva: o que aconteceu, irremediavelmente, de certa forma ainda-não-aconteceu; somente se a Viúva puder voltar no tempo, a mais devastadora das epifanias poderá ser apagada.

[5](#) Ela jamais incumbiu-se de saber/ O que a morte com amor teria de fazer/ Nem jamais compreendeu/ Por que para mostrar amor, ela teria de derramar sangue. (N. da T.)

[6](#) Ó ondas, ondas, poemas/ não são importantes. Redescobrir o mundo,/ isso sim é importante, onde o encanto/ Adorna coisas inteligíveis/ Pois o olhar da mente ilumina o sol. (N. da T.)

Cômodos fantasmas

Cômodos fantasmas! Um por um eles dominam a casa.

Não há vontade em mim, somente nos cômodos desta casa.

Durante a vigília hospitalar — que foi, apesar de toda a angústia, *esperançosa* — os cômodos da casa ficavam iluminados devido à expectativa do retorno. As luzes externas eram deixadas acesas — uma extravagância, uma imprudência — o dia inteiro. Havia um odor pungente de lustra-móveis, de Windex; um cheiro mais aromático de velas sobre a mesa de jantar, recém-retiradas dos embrulhos de celofane. *Eu podia preparar um dos jantares preferidos de Ray: salmão escocês grelhado com champignon, tomate, funcho, endro. Ele vai querer comer algo que não seja comida de hospital, mas — ele provavelmente vai estar cansado e querer ir para a cama cedo.*

Agora, a maioria dos cômodos nunca está com as luzes acesas. A maioria dos cômodos está fora de cogitação, não ousa entrar neles, nem mesmo dar uma olhada neles.

Mas cadê Ray? Em que cômodo está — meu marido?

As luzes externas nunca mais ficaram acesas. Não sou tão extravagante agora. Quando as lâmpadas queimarem, como vou trocá-las?

Uma por uma, lâmpadas queimando.

E até o ninho me deixa na mão de vez em quando, e portanto não tenho onde me esconder.

A vigília continua, apesar de não haver esperança.

Não tive a audácia de ler o romance de Ray, no fim das contas — tenho que deixá-lo bem guardado por enquanto.

O basilisco, que conhece meu coração melhor do que Ray jamais conheceu, entende minha apreensão. É o basilisco que me dá essa sabedoria.

Se ele quisesse que você lesse, teria mostrado. Você sabe disso!

E às vezes — *Obviamente, você fracassou com ele. Você devia ter se oferecido para ler o manuscrito quando poderia tê-lo ajudado nisso. Agora é tarde demais — você sabe disso.*

Agora o turbilhão de deveres da morte se acalmou, o cerco adquire outros contornos. Assim como bactérias virulentas sofrem mutações, para garantir suas sobrevivências virulentas.

Uma por uma, as áreas da casa se tornam fantasmagóricas, desabitadas. A sala de estar outrora tão aconchegante — o sofá, o piano branco, o tapete chinês rosa-escuro que Ray e eu escolhemos para o cômodo, assim que nos mudamos para Princeton. Na mesa de centro com tampo de mármore que compramos juntos numa loja de móveis de Detroit, em 1965, estão os livros de Ray que eu trouxe de volta do hospital, ao lado do sofá — *Infidel*, *A desintegração americana*, *Your Government Failed You*. Números antigos da *New York Review of Books* e da *New Yorker*.

Finalmente guardei as pilhas de textos enviados à *Ontario Review*. Uma mixórdia de canetas e cliques que Ray acumulara.

(Entre as almofadas do sofá — e debaixo do sofá — mais canetas, cliques! Outrora eu ria ao catá-los para mostrar a Ray, mas agora achá-los será muito deprimente, como piadas ruins, de mau gosto.)

Mas a sala de estar é um cômodo fantasma, e o pequeno solário que se abre para a sala de estar onde Ray e eu almoçávamos todos os dias — exceto quando nos sentávamos no nosso terraço, nos dias de calor. Essa sala de paredes de vidro com uma mesa redonda de tampo de vidro e cadeiras de vime e assoalho de tijolos vermelhos que bizarramente parece atrair aranhas até no inverno e, em abundância, os insetos que servem de presa para aranhas, é um improvável cômodo fantasma, já que é banhada pela luz mesmo em dias nublados — entretanto foi o que ela virou.

Passarei meses sem entrar no solário nem para varrer as teias de aranha.

Evitarei olhar para o solário. Há muito desgosto até mesmo em vislumbrar a mesa de tampo de vidro com o jogo americano de tecido bege.

A parte na ponta da casa, que planejamos com tanto entusiasmo para hospedar meus pais, se tornou uma região fantasma — é claro. Trata-se da parte da casa que posso separar do resto — eu diminuí a calefação — passo dias, semanas inteiras sem motivo para pisar nessa área. Foi nesse cômodo, na comprida e branca mesa Parsons, que Ray comeu, ou tentou comer, seu derradeiro café da manhã em casa. Leu, ou tentou ler, o *New York Times* em casa pela última vez.

Muitas vezes passávamos horas em casa sem nos falarmos, ou precisarmos falar.

Pois esta é a mais deliciosa das intimidades — não precisar falar.

Agora, não me atrevo a olhar para o outro lado do pátio, para a janela de vidro laminado que se estende por toda a largura do cômodo. Acho que fico apavorada de não ver ninguém lá. Mais apavorada ainda de arriscar ver um reflexo na vidraça — pois na nossa casa há uma miríade de reflexos de reflexos nos vidros — uma espécie de vertigem surge de tais reflexos, como os lampejos brilhantes que precedem a enxaqueca.

Espelhos também estão fora de cogitação. Como se gases tóxicos habitassem esses espelhos fantasmas, você não ousa se aproximar muito.

É claro, você não tem a audácia de olhar por acaso para espelho nenhum!

A rosa em miniatura pela qual eu nutria certa esperança vigorou por alguns dias mas acabou murchando e morrendo — junto com o (não comestível) musgo. Pilhas de correspondências — quase todas fechadas — sobre a mesa de jantar e um vaso bojudo de cerâmica perolada adornada com uma fita de cetim de brancura ofuscante apregoando CONFORTO CONFORTO CONFORTO CONFORTO que me apercebo fitando como se hipnotizada.

O que são essas *coisas*? Não existe nada no universo além de — *coisas*?

Em breve — daqui a um ou dois dias — vou começar a agradecer às pessoas. É minha resolução.

Só que — parece que perdi muitos dos cartões que acompanhavam os presentes de condolências.

Só que — parece que sou incapaz de me forçar a ler muitas das cartas e cartões, que tenho guardado em uma bolsa de lona verde no meu escritório.

Realmente espera-se que a viúva não só escreva notas de agradecimento pelos presentes, mas também pelos cartões e cartas de condolências? Meu coração aperta diante da perspectiva. Que costume cruel!

Contudo espero ser uma viúva escrupulosa. Espero ser uma boa viúva. Uma conhecida de Princeton que perdeu o marido no ano passado, uma mulher muito agradável por quem todos nutrem enorme respeito, me disse o quanto se esmerou para responder até aos cartões de condolências, o quanto lhe deu prazer escrever cartas para as diversas pessoas que haviam lhe escrito. *Era algo a fazer. Fiquei grata.*

Ao contrário dessa cuidadosa viúva de Princeton não me falta o que fazer — me falta tempo para fazer, e energia para fazer. Me falta algo

essencial à minha alma — *Eu não quero ser viúva! Não eu.*

Assim como eu não queria brincar de boneca quando era pequena. Parti o coração da minha avó ao me desfazer com alegria de uma boneca cara que ela me dera de aniversário — dando a boneca para a vizinha com um gesto de desdém — *Não quero ser uma menininha boba! Não eu.*

Agora, esta é minha vida adulta. Esperam muito mais de uma adulta e seguramente da viúva de um homem bom. Apesar de grata pela gentileza eu provavelmente continuarei a guardar os cartões e cartas na bolsa verde com a vaga resolução *Vou ler tudo depois. Vou responder tudo depois. Quando me sentir mais forte.*

Pode demorar um tempo. Meses, anos.

Uma hora, ponho a bolsa verde no escritório de Ray. O canto do meu quarto em que ela estava se tornou o canto que meus olhos evitavam.

Quando voltei do hospital naquela noite, com os artigos de higiene pessoal de Ray, eu os coloquei de volta no armário de remédios e na bancada da pia dele. Assim como guardei as roupas no armário dele e pus no cesto de roupa suja as peças (levemente) sujas e depois de lavar as roupas guardei na cômoda as meias, cuecas e blusas dele.

Todas as roupas dele estão no lugar. Nem uma peça de roupa foi posta para fora. E todos os seus papéis, correspondências, balanços financeiros etc. foram organizados em cima das escrivaninhas e no chão de seu escritório.

As roupas dele são roupas de ótima qualidade, penso. Um casaco esportivo de pelo de camelo, ainda no saco de peças a lavar a seco. Um casaco de lã macia cinza-escuro. Camisas sociais recém-lavadas e ainda não usadas. Uma camiseta de listras azuis que é uma das minhas preferidas. Gravatas — muitas! — da época longínqua em que os homens usavam gravatas largas — foi nos anos 1970? — minha favorita é uma gravata de seda estampada com cenas da Caçada ao Unicórnio que compramos no Cloisters num dia eufórico de primavera em que saímos de fininho da cerimônia interminável da American Academy of Arts and Letters em Upper Manhattan.

Sem dúvida fiquei contente de escapar vivo de lá! — essa frase de uma canção de Bob Dylan — *The Day of the Locust* — (por coincidência, ambientada em Princeton) — era trocada frequentemente por nós dois.

Hoje, mais cedo, me senti instigada de novo a olhar o manuscrito de *Black Mass* — o romance inacabado de Ray. Meu coração bateu de forma tão estranha que não pude ir em frente.

Acho que existe algum segredo na vida de Ray. Ou talvez “segredo” seja uma palavra forte demais. Coisas sobre as quais não via por que mencionar, e depois dos primeiros meses em que falamos a respeito do passado de nossas famílias — como suponho que todos falem, quando estão se conhecendo — essas coisas passaram a ser um território tabu acerca do qual eu não podia fazer perguntas.

Em voz baixa, uma noite dessas, na casa dela, minha amiga poeta Alicia Ostriker me disse *Nem consigo imaginar como é ser você* e eu disse *Eu também não*.

Amigos têm sido maravilhosos em me convidar para ir às suas casas. Acho que estão tentando cuidar de mim — acho que devem falar de mim — fico profundamente comovida, mas também aflita — não posso decepcioná-los — o que mais me fascina é a ausência de cômodos fantasmas na casa deles — a tranquilidade involuntária com que falam, sorriem, riem, andam de um cômodo para outro como se nada os ameaçasse — eles viverão para sempre, não existe *Por quê?* em suas vidas.

Às vezes, se adormeço quando está amanhecendo, acho muito difícil acordar de manhã e muito difícil sair do ninho e o pensamento me vem *Por quê?*

Fico totalmente perplexa quanto ao *porquê* de existir a vida e não a simples interrupção da vida. O mais primitivo esforço de vida — organismos unicelulares em uma espécie de sopa química borbulhante — milhões de anos antes do Homem — para prevalecer, não somente para prevalecer mas para perseverar, não somente para perseverar mas para triunfar através da reprodução — *Por quê?*

De vez em quando, se eu sinto necessidade de exercício, de ânimo, passo o aspirador de pó pelos cômodos. Sempre fico feliz aspirando o pó — o ruído monótono abafa os ruídos dentro da minha cabeça e, sob meus pés, a repentina lisura da textura do tapete dá a sensação visceral de calma espiritual, quase uma bênção.

Bem — não exatamente uma *bênção*.

Cômodos fantasmas! Mas existem também atos fantasmas.

Por exemplo, não consigo mais “preparar” refeições na cozinha. Sou

incapaz de comer qualquer coisa que não seja improvisada na bancada, colheradas de iogurte numa tigela, uma fruta (podre?) picada, um punhado de cereal (velho); à noite, talvez uma lata de sopa Campbell's (frango com arroz colorido) e aqueles biscoitos crocantes de centeio que Ray tanto adorava.

A ideia de me sentar à mesa de jantar para alguma refeição é repugnante. Todas as minhas “refeições” são feitas na escrivaninha enquanto me ocupo dos e-mails ou do trabalho ou no quarto onde posso ver tevê, ler ou tentar trabalhar.

Quando se vive sozinho, fazer uma refeição tem em si um fundo de escárnio, gozação. Pois refeições são ritos sociais ou não são refeições, são apenas pratos cheios de comida.

Quando eu viajava e Ray ficava sozinho em casa, ele se aproveitava da minha ausência para trazer pizza para casa. Ao telefonar para casa eu perguntava se ele tinha gostado da pizza e ele dizia *Estava boa* como quem dá de ombros e então eu lhe perguntava qual havia sido o problema e Ray declarava *Era grande demais para uma pessoa só* e eu retrucava *Bom, você não precisava comer ela toda — você comeu?* e Ray respondia *Acho que sim. Comi ela toda.*

Ainda melhor do que refeições improvisadas em tigelas são as garrafas de suco de frutas Odwalla. Elas foram deixadas no pátio um ou dois dias após a morte de Ray, uma dúzia ou mais em um saco de plástico, por uma amiga que também é romancista. *Você tem que comer, Joyce* ela disse *e você não vai ter vontade de comer. Então beba isso aqui.*

Garrafas ideais para segurar quando se está dirigindo. O martírio de comer sozinha é mitigado ao subordinar a alimentação a outra atividade, como dirigir um carro.

Muitas vezes reparei que amigos/conhecidos que moravam sozinhos pareciam comer enquanto estavam ao telefone. Havia imaginado que fosse um acaso, ou que a pessoa tivesse o tique nervoso de comer o tempo todo e por isso não pudesse parar só porque eu tinha ligado; mas agora acho que é o contrário — comer sozinho é tão horrível que a pessoa precisa subordinar a alimentação a outra atividade, como falar ao telefone.

Se não prestar atenção ou me distrair, cometo um erro — olhar para um dos cômodos fantasmas sem estar preparada. E aturdida vejo — na ponta do sofá que era de Ray — uma figura indistinta, ou o contorno de uma figura — o que se chama de “ilusão de ótica” — o que quer dizer a *ideia* — a

lembrança — de uma figura.

Viro o rosto na mesma hora. Corro para a parte “segura” da casa.

THE NEW YORK TIMES — **OBITUÁRIOS**

27 de fevereiro de 2008

Raymond Smith, fundador e editor de periódico literário, morre aos 77 anos

Raymond J. Smith, fundador e editor de longa data da *Ontario Review*, um célebre periódico literário, morreu em 18 de fevereiro, em Princeton, NJ. Tinha 77 anos e morava em Princeton.

A causa foram complicações decorrentes da pneumonia, segundo a Blackwell Memorial Home, em Pennington, NJ.

Ao lado da esposa, a romancista Joyce Carol Oates, o sr. Smith fundou a *Ontario Review* em 1974. Até seu falecimento, ele era o editor; a sra. Oates era a editora associada. O periódico, publicado duas vezes ao ano, apresentou trabalhos de escritores renomados — Margaret Atwood, Donald Barthelme, Saul Bellow, Raymond Carver, Nadine Gordimer, Ted Hughes, Doris Lessing, Philip Roth, John Updike e Robert Penn Warren, entre outros — bem como de jovens autores.

O sr. Smith e a sra. Oates também criaram e dirigiam a Ontario Review Books, uma pequena editora independente estabelecida em 1980. Dentre os títulos que lançou estão *Town Smokes: Stories* (1987), de Pinckney Benedict; *Selene of the Spirits* (1998), romance de Melissa Pritchard; *The Identity Club: New and Selected Stories* (2005), de Richard Burgin; e reedições de diversas obras de autoria da sra. Oates.

Raymond Joseph Smith nasceu em Milwaukee em 12 de março de 1930. Graduou-se em Inglês pela Universidade de Wisconsin, Milwaukee, e obteve o título de doutor em Inglês pela Universidade de Wisconsin, Madison, em 1960. Lecionou na Universidade de Windsor em Ontário e na Universidade de Nova York antes de se dedicar em tempo integral à edição.

De sua autoria, publicou *Charles Churchill* (Twayne, 1977), um estudo sobre

o poeta e satírico inglês do século XVIII.

Além da sra. Oates, com quem se casou em 1961, o sr. Smith deixa uma irmã, Mary.

Registro de e-mails

24 de fevereiro de 2008.

Para Edmund White

...adorável receber sua visita. Por favor volte a qualquer hora para continuar suas memórias tão fascinantes. Em um desses floreios pretensiosos de antigamente você pode observar, no fim do volume, os diversos lugares que você anotou, Florença, sul da França, Honey Brook Drive.

Com muito carinho, e estou feliz por você ter comido um pouco da comida que acumulei aqui —

Joyce

26 de fevereiro de 2008.

Para Susan Wolfson

Obrigada pela gentileza de interceder junto à Verizon!

No âmagô do luto, acho que não existem palavras. Me sinto totalmente muda, apesar de me ouvir tagarelar... Amanhã na escola será um grande teste.

Eu sobrevivi ao dia! — revisando minha resenha — [para a New York Review] — tentando me convencer de que valeu a pena — vale a pena... Meus dias começam às seis e seguem — para sempre — são como fazer o caminho Nebraska/Texas — seguem e seguem adiante, é incrível. Depois são interrompidos abruptamente por volta da meia-noite com um comprimido branco.

Tenho um monte de paletós ótimos de Ray para Ron escolher.

Com muito carinho,

Joyce

26 de fevereiro de 2008.

Para Jeanne Halpern

Estimo muito seu amor e sua preocupação. Estou devastada com tanta coisa acontecendo, preciso de tempo para gastar simplesmente sofrendo por Ray — só pensando nele, e recordando. Tantas coisas de natureza externa têm acontecido que entro em pânico diante da ideia de perdê-lo. Outro “evento” — viajar para Nova York — para alterar meu próprio testamento — é muito neste momento. Estou tentando retomar alguma parte da minha antiga vida — me concentrando no trabalho... A perspectiva de outro compromisso — em NYC — quase me deixa à beira do colapso. Me desculpe, estou muito instável. Estou tentando me concentrar na volta às aulas de amanhã. Preciso dar passos menores... Fico agitada quase a noite inteira, sinto que minha personalidade “frágil” pode desmoronar. Embora tente manter o profissionalismo dentro e nas redondezas da Universidade.

Cherie dormiu ao meu lado por um tempo esta manhã... como nos velhos tempos. Ambos os gatos parecem me culpar pelo desaparecimento de Ray.

*Com muito carinho,
Joyce*

27 de fevereiro de 2008.

Para Arthur Vanderbilt

Obrigada pelas memórias de Joan Didion, que eu já havia lido — mas ficarei satisfeita em reler. Sei que há muita sabedoria melancólica ali.

Meu “primeiro dia” de volta à faculdade. Pareceu... longo. Mas Edmund foi muito gentil e carinhoso, e as coisas correram bem, de modo geral. É que é tão difícil voltar para esta casa vazia onde corro o risco de ser esnobada pelos nossos gatos arrogantes.

O obituário de Ray foi publicado no New York Times de hoje. Levei quarenta minutos para abrir o jornal... Ray adorava você. Nós dois lembrávamos nitidamente de quando você chegou na nossa casa com um buquê lindo e enorme (do nosso jardim?)... Em todos os nossos encontros você foi a própria bússola do bom-senso/bom humor/ironia... Ray sempre teve a sensação de que você “captava” as coisas...

*Com carinho,
Joyce*

28 de fevereiro de 2008.

Para Gary Mailman

Só uma pergunta: o que esse advogado faria? Você sugeriu um mínimo de US\$ 10.000 — pelo quê? “Problemas podem surgir” — quais são os problemas? Minha propriedade poderia ser confiscada? Qual é o perigo?

Estou muito confusa e chateada com isso... Achava que você e a Jeanne tinham concluído que a legislação de Nova Jersey não era tão complicada quanto a de Ohio ou Nova York. Sei que você sabe muito mais do que eu, mas estou me sentindo humilhada e exausta... Essa é só uma das diversas coisas que vêm me deixando abalada, não posso nem sofrer pelo Ray. Fico num estado de exaustão e inquietação total durante boa parte do dia e da noite. Parece que nada termina. Sempre tem “mais discussão”. Sempre existe outra opção. Quanto tempo isso vai durar? O que a lei faz por nós, se tais problemas sucedem a execução de um documento aparentemente válido? A lei só cria situações para gerar mais situações legislativas, e portanto mais advogados e mais honorários? Qualquer conselho que você possa me dar vai ser de grande valia!

Amo você e confio em você como amigo, estou só me sentindo humilhada com tudo isso.

Joyce

28 de fevereiro de 2008.

Para Gary Mailman

Tive tempo de meditar e pensar — tentar pensar — com mais calma a respeito disso. Agora vejo que você e a Jeanne têm razão. Tinha misturado as duas questões — (o testamento de Ray e o aditamento ao meu próprio testamento) —, pensado que os 10 mil de honorários seriam apenas para levar o testamento à corte. Mas agora entendo que você quis dizer duas coisas diferentes que seriam feitas pelo mesmo advogado. Jeanne me disse várias coisas e talvez ela tenha me explicado isso mas foi no meio de tanto tumulto que eu não entendi. Se esse processo pudesse ser adiantado, talvez eu consiga (quase) dormir de novo...

Com muito carinho, te vejo em breve,

Joyce

28 de fevereiro de 2008.

Para Elaine Pagels

Penso muito nas suas perdas precoces, terríveis... Como você deve ter sofrido, o que lhe dá uma empatia especial com os outros. De vez em quando uma onda de puro horror paralisante me domina — porque Ray se foi, porque nunca mais vou vê-lo. Tenho a fantasia de ir correndo para o quarto de hospital, como fiz diversas vezes na semana passada — e vê-lo ali, como antes, na cama, recostado, lendo.

Me impressionei ao ler no New York Times de hoje que os índices de suicídio entre pessoas de meia-idade está crescendo. O fato de alguém ser capaz de jogar a vida fora quando a vida é tão preciosa e frágil é desconcertante.

*Com muito carinho,
Joyce*

29 de fevereiro de 2008.

Para Jeanne Halpern

Hoje visitarei o cardiologista de Ray. Já estou ansiosa para saber o que iremos discutir... Sei que é errado, mas é inevitável pensar que esse homem poderia ter salvado Ray, que algo mais poderia ter sido feito. Claro que ele não estava nem perto do Medical Center quando Ray faleceu à 0h50 da madrugada.

*Com carinho,
Joyce*

29 de fevereiro de 2008.

Para Edmund White

...ontem eu finalmente terminei a resenha para Bob Silvers. Durante boa parte dela eu estava como um cervo confuso com a cabeça presa numa cerca, tantas horas gastas nesse ensaiozinho... Se você puder ler o anexo, é na quebra da nova parte no fim da p. 6 que escrevi depois que Ray morreu, no estado mais entorpecido de “concentração”... de madrugada, olhando para essas palavras e as páginas de anotações para a resenha de um livro que quase ninguém vai ler, nem sequer dar uma olhada, de tão obscuro que é. No entanto, foi de certa forma um consolo. Barbara Epstein trabalhou até alguns dias antes de morrer. “O que mais existe além do trabalho?”, ela me

disse uma vez... Pelo menos o trabalho não é apenas nosso amontoado de emoções, ele também fala aos outros.

Hoje, um mero dia de “tarefas” — não posso nem começar a escrever algo novo — uma visita ao médico que era o cardiologista de Ray... Vai ser muito estranho ver o dr. H___ sem o Ray por perto.

*Com muito carinho,
Joyce*

11 de março de 2008.

Para Ebet Dudley

...me recordo da sua festa encantadora com muita gratidão, realmente pareceu o presságio de um final feliz; e o cartão maravilhoso de Dia dos Namorados que você criou para Ray, que ele nunca viu, está exposto no nosso “salão de festas”, apesar de ser improvável que alguma festa aconteça por aqui em breve...

Como aquela noite foi esperançosa, pelo menos para mim! Queria revivê-la inteiramente outra vez, na mais completa ignorância. Lembro de como fazia frio naquela noite... e da sociabilidade inesperada dos seus cachorros, conversando tranquilamente com desconhecidos.

*Com muito carinho,
Joyce*

Como esses trechos de e-mails sugerem, a memória é uma memória de perda e luto mas também, e talvez de forma mais significativa, uma memória de amizade.

Sugere que, para a viúva, bem como para todos que estão de luto, não há como sobreviver a não ser através dos outros. O e-mail substituiu as cartas escritas — para alguns de nós, ele permite contatos que cartas e telefone jamais poderiam acomodar.

Que desvairada a viúva está, mandando esses e-mails noite adentro! Muitas vezes, numa tentativa de evitar o inevitável — enfrentar a casa vazia, erguer o olhar e ver um reflexo fantasmagórico na janela, se preparar para lidar com a noite. E como é maravilhoso os amigos dela, respondendo — cujos e-mails não reproduzi aqui pois são de propriedade dos remetentes, cuja privacidade eu não gostaria de violar.

Então, de repente, fico muito brava.

Fico tão tão brava, fico furiosa.

Fico doente de fúria, como um animal ferido.

Uma onda de adrenalina ao coração, meu coração começa a bater acelerado e furioso como um punho golpeando uma superfície inflexível — uma porta trancada, um muro.

“Você não sabe o que está dizendo”, falo ao dr. H____. “Você não sabe absolutamente nada sobre o meu marido e acho que agora vou embora. Adeus!”

29 de fevereiro de 2008. O último dia deste mês interminável.

Céu nublado, nuvens densas como entranhas imprensadas e contudo: a intervalos intermitentes e imprevisíveis o sol ofuscante aparece — um sol que corta como uma navalha afiada — portanto a bruma pela qual a viúva se movimenta com a incerteza de uma mulher cega é rompida vez por outra — a raiva extraordinária salta à frente como um relâmpago.

Não pense que a viúva é um lenço úmido em desintegração, olhos marejados e voz trêmula. Não pense assim que por ter tido sua espinha dorsal quebrada, a viúva não seja capaz de atacar seus torturadores.

Que saudável seria, ficar brava! Ser uma pessoa brava, que culpa os outros por sua desventura! Melhor estar brava do que deprimida.

Uma pessoa brava jamais desejaria machucar *a si*. Para o bravo o suicídio não é opção.

Mas, para alguns de nós, a raiva raramente é possível. A raiva é um dó agudo que nossas vozes não alcançam. Sempre pensei *Para quê? A raiva só piora as coisas*.

A indignação é a faceta mais civilizada da raiva. A fúria é a faceta selvagem.

Nesse dia, tenho hora marcada com o cardiologista de Ray, dr. H____. Na sala de exames gelada uma enfermeira jovem e alegre ministra um

eletrocardiograma com a tranquilidade de uma massagista. Ninguém imaginaria, pelo palavrório amistoso da enfermeira, que talvez em poucos minutos dados médicos bastante aterradores sobre o paciente serão revelados. Deitada de costas, parcialmente nua, estou ciente do meu batimento cardíaco acelerado e do meu estômago estranhamente encovado. Sei que existem depressões escuras sob meus olhos, minhas roupas parecem largas, e não consigo parar de tremer. Uma dor indistinta dentro da minha cabeça feito um pêndulo que desacelera. A enfermeira gruda eletrodos frios no meu peito, cintura, perna, braço, como boquinhos sugadoras enquanto conversa comigo, sorridente — é claro, sorrio para ela — sou muito boa nessa troca de comentários amistosos quase engraçados que são a cola do cotidiano de convivência com os outros, tornando os dias mais tempestuosos navegáveis, toleráveis.

Aliviada eu penso *Ela não sabe de Ray. Ela não sabe de mim. Por que ela saberia, por que eu iria querer que ela soubesse?*

Para a viúva é possível estar “feliz” — ser vista como “feliz” por estranhos — apenas nos intervalos de nossas vidas reais.

Assim como um ex-atleta que, agora com todos os ossos doloridos, perde o fôlego fácil, vive curvado devido à extenuação da espinha cervical e engordou quinze quilos, ainda se sente instigado a tentar fazer algumas cestas com os garotos do parque — só algumas! — e tem um desempenho tão bom, durante esse breve intervalo, que deixa os meninos impressionados. Essa foi boa!

Meu encontro com o dr. H___ é esquisito. Imagino que trocaremos apertos de mão para nos cumprimentarmos — mas não o fazemos. (É costume trocar apertos de mão com o médico? Confusa, não lembro se sim ou não.) O dr. H___ murmura que sente muito por Ray e entra no assunto do meu eletrocardiograma — que está “próximo ao normal” — um fato que deveria trazer alívio (para mim) já que uns anos atrás meu batimento cardíaco ficava irregular de vez em quando: tive acessos de taquicardia graves o bastante para que Ray me levasse ao pronto-socorro do centro médico. Na época do último acesso o dr. H___ se tornou meu cardiologista, que consulto somente uma vez por ano.

O dr. H___ visitou Ray no hospital algumas vezes e conversou conosco por pouco tempo, com palavras de incentivo. O dr. H___ não era o “médico responsável” e é claro que não teve nada a ver com o tratamento dado a Ray

para pneumonia.

O dr. H___ não teve nada a ver com o resultado do tratamento de Ray. É claro.

Franzindo o cenho o dr. H___ tira minha pressão enquanto frito o canto da sala. Pressão arterial! A curiosidade desse fenômeno me atinge pela primeira vez.

“Dez por sete — o mesmo que da última vez.”

Isso é bom? Ou nem tão bom assim? É difícil acreditar que qualquer coisa que diga respeito a mim possa ser descrita como *o mesmo que da última vez*.

Em seguida, o dr. H___ me pesa. Não consigo observar a balança enquanto o dr. H___ ajusta o peso. Em seu olhar preocupado, entretanto, quando desço da balança, sou forçada a ver o reflexo-tabu que não sou capaz de encarar nos espelhos da nossa casa.

Há um costume judaico, acho eu — cobrir os espelhos quando alguém da família morre. Que bom seria se os espelhos ficassem sempre cobertos, ou virados para a parede. Assim não ficaríamos tentados a olhar para eles.

Uma vez um amigo gay me contou, depois de ser abandonado pelo companheiro, que ficou tão desolado que não conseguia olhar para o espelho. Quando tinha de se olhar de alguma forma, por exemplo, ao se barbear, ele tampava partes do rosto com a mão.

Essas estratégias de sobrevivência. *Preciso de uma estratégia para resistir e seguir em frente — e quem não precisa?*

(Essa frase do novo romance de Philip Roth cuja prova encadernada estou lendo, no ninho. *Fantasma sai de cena* é o título enigmático.)

Após consultar as anotações que fez no meu arquivo, dr. H___ observa que perdi quatro quilos desde a minha última consulta, em fevereiro de 2007: agora peso quarenta e sete quilos. Sinto ânsia de me desculpar mas acabo murmurando algo vago e conciliatório, como eu murmuraria caso o dr. H___ anunciasse que tenho uma doença rara e poucas semanas de vida.

O dr. H___ comenta que estou com aparência “cansada” — “estressada” — “claro que você passou por um martírio terrível” — e sugere me dar uma receita de sonífero.

Por exemplo, Zolpidem — “um remédio eficaz, com efeitos colaterais mínimos”.

Por um instante o dr. H___ soa tranquilizador e esperançoso como uma

propaganda de tevê.

“Para você aguentar essas semanas complicadas.”

Semanas! Não consigo imaginar nada menos que uma década. Minha vida noturna virou a estrada Jersey Turnpike da insônia.

Mas eu quero receita para tomar soníferos? Não!

Tenho medo de me viciar em soníferos. Acho que tenho um medo mortal.

Eu me imagino como *o próprio arquétipo da viciada* — os tremores da abstinência, a insônia encolerizando a maioria das noites como o incêndio numa floresta.

E é claro que estou sozinha. Quem está a par de quantos comprimidos tomo, da hora que vou dormir? — minha fantasia, que não dividi com ninguém, e não vou dividir com ninguém, é tomar um comprimido para dormir e, ao acordar, tomar outro comprimido para dormir, e ao acordar tomar outro comprimido para dormir, e ao acordar... por quanto tempo isso pode se arrastar, tenho apenas uma leve curiosidade.

Como o feixe de luz emitido por uma lanterna, clareando a noite — você percebe a extensão do feixe. Para além dele, é impossível saber.

Para além disso, melhor não saber.

Portanto é chocante que minha voz responda calmamente sim obrigada, doutor.

Pois *é claro* que quero os comprimidos. Como pessoa com a ideia fixa de juntar um estoque de comprimidos fortes, quero todos os comprimidos possíveis.

O dr. M____, nosso adorável médico de família, que receitava antibióticos a Ray sempre que ele pedia, para uma “gripe forte”, por exemplo, me receitou um calmante — Lorax — que tem um efeito sedativo repentino. Dois dias atrás, quando fui à casa dos Halpern para jantar, tendo tomado uma única cápsula antes de chegar lá, dei uns breves cochilos, a tal ponto atingida pelo torpor abrupto que ninguém acreditou que eu poderia voltar para casa dirigindo...

Claro que o dr. H____ não precisa saber que já tenho uma receita do adorável dr. M____, assim como o dr. H____ também não precisa saber que já tenho um bom estoque de comprimidos, uma quantidade letal de comprimidos, em casa.

Muitos desses comprimidos velhos eram de Ray. Alguns, meus.

A receita de Lorax eu usei imediatamente. Na farmácia, ingeri a primeira das cápsulas.

Pensei — *Estou fazendo isso por vontade própria ou porque é o que se espera de mim? É esse o roteiro a ser seguido pela viúva? O início da queda?*

Pouco depois a sensação lânguida se instalou. Onde antes havia uma colmeia de emoções confusas e inexprimíveis como algo num túnel de vento havia agora uma espécie de quietude abafada. Torpor de novocaína. Que sensação boa, estar entorpecida! *Estupor: estupidez*. Pensei no estupor gélido subindo pelas pernas de Sócrates. Platão não parece entender que esse estupor seria um consolo, um grande alívio, para o idoso. Um modo de escapar de seus captores. Um modo de garantir sua dignidade, sua morte.

Por que estou pensando em Platão? — aquele reacionário fascista? Por que estou pensando em Sócrates?

A fuga para a “vida do espírito” — a negação do trauma.

Uma marretada na cabeça e a cabeça tenta debilmente funcionar como costuma funcionar — fazendo ligações perspicazes, formando circuitos que não chegam a lugar nenhum, se enlaçando em nós. É essa a *estratégia* humana.

É mera coincidência — que minha consulta anual com o dr. H___ esteja marcada para a semana seguinte à morte do meu marido.

Pensei em adiar a consulta do exame cardíaco rotineiro. Pois que razão teria para me preocupar com a saúde, numa hora como essa? Desdenho minha própria saúde, meu “bem-estar”. Acho que devia ser castigada, nem que fosse apenas com uma gripe forte, uma dor de garganta brutal. Então penso *Se há algo errado com o meu coração, é melhor saber. Tenho tanta coisa para fazer, que tem de ser feita*.

Os mortos não têm obrigações para com os vivos. Todas as obrigações são dos vivos para com os mortos.

Sou a *testamenteira*, *executrix* do *espólio* do meu marido.

Que som hostil — *executrix*. Uma espécie de *dominatrix*.

Diz-se frequentemente que a morte é “constrangedora” para os médicos. Diz-se que os médicos relutam em admitir que a morte é uma possibilidade para seus pacientes, e também que relutam em escrever os próprios testamentos.

Em especial, imagino, a morte de um paciente a quem o médico tem

tratado “com sucesso” deve ser constrangedora — incômoda — para ele. Pois o dr. H___ foi o cardiologista de Ray por muitos anos — receitou medicamentos para reduzir a pressão de Ray e “afinar” seu sangue e Ray tinha sido informado que esses remédios estavam funcionando muito bem.

Ao contrário de muitos de nossos amigos de Princeton, Ray não criticava a assistência médica de Princeton. Não criticava nenhum de seus médicos, de quem gostava de verdade, assim como gostava do nosso dentista em Pennington. Ao voltar de uma consulta com o dr. H___, Ray falava de como gostava do dr. H___ e da confiança que tinha nele.

Falando de Ray agora, coisa que o dr. H___ não consegue evitar, o dr. H___ parece triste de verdade, e surpreso de verdade.

Ele ficara sabendo da morte, não tive de lhe contar.

Nosso médico de família, o dr. M___, ficou chocado quando o vi, dias atrás, e disse que Ray havia morrido. O dr. M___ não ficara sabendo da internação de Ray por causa da pneumonia e ficou pasmado ao ouvir que Ray tinha falecido “tão rápido”.

O dr. M___ asseverou que Ray “estava em ótima forma” — “muito saudável” — “tomava conta da dieta” — “se cuidava”.

Não passará pela cabeça da viúva que ao longo de meses ninguém será capaz de dizer a viúva nenhuma *Não me surpreende. Claro que seu marido morreu. Todo mundo já esperava por isso.*

O dr. H___ não está sozinho na sala para essa consulta. Uma jovem estudante de medicina está presente, fazendo anotações e sorrindo para mim. Agora, ela para de sorrir. Adquire um semblante constrangido, desgostoso.

Começo a me impressionar com o fato de que o dr. H___ já disse diversas vezes “não imagino como isso pode ter acontecido” — “não entendo como isso pode ter acontecido” — como se acreditasse que o procurei em busca de explicação, e que a explicação tem de ser dada por ele. Meu ímpeto é de consolá-lo, como as mulheres tendem a consolar os homens, todas as mulheres, todos os homens, em todas as circunstâncias, sem exceção; deve ser um componente genético, como a empatia automática diante de um bebê, ou o recuo automático diante de uma cobra; o instinto da viúva, principalmente, estou descobrindo agora, é oferecer alguma forma de consolo, algum pedido de desculpas, ou em todo caso de simpatia, para com as pessoas a quem a morte de seu marido foi uma surpresa incômoda. Mas não digo nada, na verdade mordo o lábio inferior. Descubro que sinto raiva.

Estou triste, mas sinto *raiva*.

Enquanto fala comigo com a voz um tanto hesitante, como um homem que perdeu o ancoradouro, o dr. H___ é sisudo demais, ou circunspecto demais, para dizer de forma mais direta, ou para insinuar a mínima crítica à equipe do Princeton Medical Center — pois é claro, o dr. H___ também faz parte dessa equipe; entretanto para sugerir, com a repetição de frases essenciais — *Não imagino como isso pode ter acontecido!* — que seu paciente Ray Smith possivelmente — provavelmente? — não recebeu uma assistência médica primorosa do hospital, àquela hora da noite.

É isso o que o dr. H___ está dando a entender? Ou estou imaginando?

É arrepiante e terrível — ultrajante — que seja pouco provável que os melhores médicos estejam de plantão nos hospitais, à meia-noite; principalmente à meia-noite de domingo; claro que havia a turma exausta da Telemetria naquela noite; uma turma desorganizada, talvez; o equivalente ao *turno da noite*.

Caso Ray tivesse precisado de primeiros socorros pela manhã, que seria a manhã de segunda-feira, quando o dr. H___ talvez estivesse no local, fazendo suas rondas, ele poderia estar vivo agora...

Eu estaria aqui, no consultório do dr. H___ . Pois minha consulta era neste horário. E Ray estaria em outro lugar. Provavelmente em casa. E eu voltaria para casa, e Ray me perguntaria como foi o exame, o que o dr. H___ disse, e eu lhe diria — “Mesma coisa que da última vez. Não mudou nada”.

Não posso pensar nisso! Não ouse pensar nisso.

Vou começar a sucumbir, vou começar a me sentir fraca, enjoada, não é uma linha de pensamento produtiva, não neste momento. O dr. H___ está perguntando se eu pedi que Ray fosse “autopsiado” e eu digo não — não não! — a bizarra palavra *autopsiado* me choca — *não eu não pedi que Ray fosse autopsiado* — talvez tenha sido um erro, mas não pedi não. Dr. H___ diz, “Ray foi melhorando no decorrer da semana, ele foi melhorando no decorrer da semana, quando o vi ele parecia muito...”. A voz do dr. H___ some. Me pego dizendo, com súbita acidez, “Se eu fosse médica, ficaria bastante desanimada agora”.

Nunca falei dessa maneira com nenhum outro médico, preciso esclarecer, só para constar. E a acidez da minha voz — ela é uma surpresa para mim, bem como para o dr. H___ .

A jovem estudante de medicina me fita, assustada. Ela nunca ouviu um

paciente criticando um médico, na cara do médico. Que momento tenso!

Porque de repente sinto raiva. Minha voz se eleva numa acusação. “Ray não devia ter morrido! Ele foi abandonado à própria sorte. Podiam ter feito mais por ele. Essa ‘infecção secundária’ — como foi que ela aconteceu? Foi pelas *mãos* de alguém? Alguém esqueceu de lavar *as mãos dele*? Podiam ter feito mais — antes — a impressão era de que nunca tinha um *médico* de verdade por perto quando eu estava lá — só me ligaram quando já era tarde demais...”

Que inúteis, que patéticas, essas palavras — saltando da minha boca — que importância teria a hora que me telefonaram, diante do fato cabal e irrevogável que é a morte do meu marido?

De novo o dr. H___ menciona *autópsia*.

Seria uma repreensão? Acho que deve ser.

Sim é claro. Se eu quisesse saber por que Ray morreu, com mais exatidão, eu tinha que ter pedido uma autópsia.

Mas é claro que *eu fui incapaz de pedir uma autópsia*.

Agora, os restos mortais de Ray foram cremados. Agora é tarde demais.

Essa conversa bizarra! Eu penso *Como a gente fala desse jeito sobre Ray!* — *como se Ray fosse um mero cadáver*.

“Bem — não pedi. Não pedi. Naquela hora, eu — não pedi.”

Falta coerência ao que digo. Acima de tudo, me apavora desmoronar num lugar público — o consultório é um lugar praticamente público — e agora falta coerência ao que digo e as lágrimas brotam perigosamente dos meus olhos.

Meu rosto parece estar prestes a se espatifar. Minha boca entesada naquele terrível jeito inerte que antecede o choro.

Eu iria querer mover um processo de “erro médico” contra o centro médico? Um processo por erro médico? Ainda que fosse justificado, eu iria querer isso?

Não é vingança, e muito menos recompensa financeira, o que eu quero. O que eu quero é que meu marido volte para mim...

É tudo o que eu quero! E é tudo que não posso ter.

E agora, o dr. H___ fala o imperdoável.

Por algum motivo que não entendo, exceto o de também lhe faltar coerência na fala, o dr. H___ declara, “Talvez... Ray estivesse cansado. Talvez ele tenha entregado os pontos...”. Mais uma vez a voz do dr. H___

some de modo irritante.

Agora, sinto raiva de verdade. Pois isso não está certo! É totalmente errado.

Como o dr. H___ é capaz de fazer tal acusação contra o próprio paciente, que gostava tanto dele? Que confiava nele? Tenho vontade de sair correndo do consultório, de tão chocada, chateada.

“Você não sabe o que está dizendo. Você não sabe absolutamente nada sobre o meu marido e acho que agora vou embora. Adeus!”

Na minha mão, a receita de Zolpidem.

Três caixas.

No carro, dirigindo pela Harrison Street em meio ao tráfego do fim de tarde, sou elevada pela fúria como um balão golpeado pela ventania e no entanto — logo — claro que é logo — o balão da fúria começa a murchar. Segurando o volante, caio no choro — é impossível não chorar — eu protesto — protesto contra o dr. H___ — “Ray não entregou os pontos! — ele podia até estar cansado — claro — depois de uma semana internado — mas ele não entregou os pontos. Ele estava ansioso para voltar para casa, ele amava a casa dele, ele estava *feliz* com a perspectiva de voltar para casa, é claro que ele não queria — morrer...”

Desde os primeiros dias de internação de Ray, adquiri o hábito de falar sozinha. Às vezes, gritar comigo mesma.

Adquiri o hábito dos gestos melodramáticos estereotipados — segurar o volante como se fosse uma garganta a ser estrangulada, e sacudi-lo; bater em móveis com o punho, que ricocheteia sem ter causado nenhum dano à superfície, machucado.

É assim que funciona a loucura — não é? Esse comportamento desvairado? Em vez de falar consigo mesma em silêncio — estoicamente — a pessoa murmura, esbraveja aos brados feito o rei Lear na charneca.

Só que, ao contrário do rei Lear na charneca, falta-lhe o toque shakespeariano.

Acho ultrajante, irracional — obsceno — o dr. H___ ter dito o que disse sobre Ray. Eu relembriaria mais tarde — essa cena, repeti dezenas de vezes — sou capaz de repeti-la quadro a quadro *agora* — que o dr. H___ parecia

tropeçar, procurando as palavras. *A explicação.* Como se não tivesse ideia do que estava dizendo, e para quem; como se não tivesse a intenção de dizer exatamente o que disse, e no entanto... jamais me esquecerei daquelas palavras.

Talvez... Ray estivesse cansado. Talvez ele tenha entregado os pontos.

E portanto, a morte de Ray foi *culpa dele mesmo?*

Como ficaria arrasado, magoado, como Ray ficaria estarecido ao ouvir tal coisa. Nas palavras do dr. H_____.

E isso também, tenho a impressão, é detestável, insuportável: os mortos ficarem emudecidos. Os mortos ficarem calados. Todas as coisas — inúmeras coisas idiotas, cruéis e ignorantes — podem ser ditas a respeito dos mortos mas os mortos não podem responder — não podem se defender.

Em meio à agitação, tenho que ficar atenta para dirigir com cuidado. No início da internação de Ray eu disse a mim mesma *Dirija no limite de velocidade, ou abaixo dele. Nunca acima!*

A caminho de casa preciso parar na mercearia. Sou aquela mulher fora de si acelerando o passo pelos corredores. Como a mercearia é fria! No corredor de congelados o vapor sobe feito espectros indo embora. Tremo sem parar dentro do meu casaco vermelho que é o mesmo que eu usava quando o carro acelerado bateu em nós — quando podíamos ter morrido, no cruzamento da Elm Road com a Rosedale, um ano atrás. Penso na sorte que tivemos, e no cuidado com nossos movimentos que tivemos após aquele acidente, durante semanas, estremecendo de dor.

Penso que daria tudo para voltar àquela época, àquelas seis semanas de dores musculares lancinantes no peito. Em que eu implorava a Ray, esbaforida — *Não me faça rir. Ai, dói muito!*

Estou murmurando sozinha? Na mercearia? Estou... rindo? Apertando a mão contra o peito, como se sentisse dor?

Acho que meu rosto deve estar contorcido. Talvez manchado de lágrimas. Não sou capaz de olhar para ninguém por medo de que estejam me encarando.

Aquela mulher doida — qual é o problema dela?

Aquela mulher doida — quem é ela? Não me é estranha.

No estacionamento, uma chuva gelada. As sacolas de compras ficam molhadas, a parte de baixo de uma delas se rompe, uma caixa de queijo cottage cai no chão, latas de comida de gato, me agacho sob a chuva, com

meu casaco vermelho, recolhendo desesperadamente as coisas para colocá-las em outra sacola, depressa, antes que alguém me veja e ofereça ajuda. Ninguém — ninguém! — fica mais vulnerável do que no momento em que a parte de baixo de sua sacola se rasga e os patéticos artigos alimentícios que ela, ou ele, comprou são expostos sobre o cimento molhado. Aqui vai um fato ontológico: desde a manhã em que levei Ray ao pronto-socorro, desde a hora em que comecei, a princípio sem saber, a ser *uma mulher sozinha*, uma espécie de monstruosidade sério-cômica grosseira e cruel invadiu minha vida. Pense em Monty Python em esquetes intermináveis adaptados de William Burroughs. Pense no “Teatro do Absurdo” de Ionesco em que a viúva — ou seja, esta viúva — foi escalada para o papel principal. Não há vantagem em sentir raiva, bem como não há vantagem em ficar devastada; o choro é uma reação tão razoável quanto qualquer outra, e igualmente vã. Meu coração está tomado de raiva, entretanto — do dr. H____. Jamais perdorei o dr. H____, que disse coisas tão horríveis sobre o meu marido indefeso, embora eu saiba que alguém pode ter contribuído para a morte do meu marido, mas não o dr. H____.

Lutando para arrumar as sacolas de compras no carro, no banco de trás, de tal forma que não tombem para a frente e derrubem as coisas no chão, sou obrigada a reconhecer que na verdade é a mim mesma que jamais perdorei por tudo que deixei de fazer para salvar meu marido. Na verdade é de mim mesma que tenho ódio, e a quem condeno.

De uma curta distância — se eu fechar os olhos, vejo com nitidez — a criatura que parece um lagarto me encara, sua presa descontrolada, que não tem escapatória; percebo agora que é um ser vivo, um réptil cor de pedra do tamanho de um sapo-boi grande, de olhos singulares, olhos hipnóticos fixos em mim. *Você está acabada. Você está morta e enterrada, por que não entrega os pontos de uma vez por todas.*

Na Universidade minha missão é representar “Joyce Carol Oates”.

A rigor, não represento esse indivíduo porque “Joyce Carol Oates” não existe, exceto como identidade autoral. Nas lombadas dos livros enfiados em estantes de certas bibliotecas e livrarias você vê OATES, mas trata-se de um termo descritivo, não de um substantivo.

Não é uma pessoa. Não é uma vida.

Uma vida literária não é *vida*.

Não é invariável que uma professora seja também escritora, e que, como professora, tenha sido contratada para representar a escritora. Mas é esse o meu caso aqui em Princeton, como não tem sido, por exemplo, em Detroit, onde minha identidade era “Joyce Smith” — “sra. Smith”.

Na vida dos professores há *dias de aulas, horas de aulas* feito ilhas, ou oásis, em meio a mares agitados.

Nos dias subsequentes à morte de Ray, não lecionei. Alguns colegas sugeriram que eu tirasse folga, talvez o semestre inteiro, mas fiquei ansiosa para voltar às minhas oficinas de ficção na semana seguinte, em 27 de fevereiro, a tempo de comparecer à leitura conjunta de Honor Moore e Mary Karr que aconteceria naquela tarde, na nossa série de leituras de escrita criativa.

Essa “Oates” — essa personalidade quase pública — é praticamente invisível para mim, bem como um reflexo no espelho, visto de perto, é praticamente invisível para quem o olha. “Oates” é uma ilha, um oásis, para onde vou remar nesta manhã agitada, como se estivesse num esquife instável, com um remo difícil de manejar — o caminho é árduo não porque a água é profunda e sim porque a água é rasa e cheia de ervas e o fundo do esquife é ameaçado por rochedos. E contudo — depois de remar até a ilha, o oásis, o centro de calmaria em meio ao caos da minha vida — depois que chego à Universidade, verifico as correspondências e subo ao segundo andar do 185 Nassau, onde tenho uma sala desde o outono de 1978 — depois de me tornar

“Joyce Carol Oates” aos olhos dos colegas e alunos — uma espécie trêmula de euforia entra nas minhas veias. Sinto não só confiança mas *convicção* — de que estou no lugar certo, e de que essa é a hora certa. A angústia, o desespero, a raiva que vinha sentindo — que mudou tanto a minha vida — se dissipa de imediato, como sombras num muro se esvaem sob a luz do sol.

Sempre me senti assim como professora, mas sinto com mais força, e mais desespero, após a morte de Ray.

Desde que, com êxito razoável, eu consiga representar “Joyce Carol Oates”, não será o caso de eu *estar morta e liquidada* — por enquanto.

Agora, pela primeira vez no que passei a ver como minha “vida póstuma” — minha vida depois de Ray —, me sinto quase esperançosa, feliz. Penso *Talvez a vida seja navegável. Talvez isso funcione.*

Então me recordo — a esperança era o sentimento predominante que tive — ambos tivemos — durante a longa semana de internação de Ray.

A esperança, em retrospecto, muitas vezes é uma piada cruel.

Esperança é coisa com plumas, Emily Dickinson atreveu-se a dizer. A coisa que é desajeitada, volúvel, constrangedora. Mas aqui está ela.

Para alguns de nós, o que a esperança pode *significar*? O pior já aconteceu, o marido morreu, a história acabou. E no entanto — a história não acabou, evidentemente.

A esperança pode ser superada. A esperança pode ser maculada.

Entretanto, estou esperançosa quanto a dar aulas. Todos os semestres fico esperançosa e todos os semestres me envolvo profundamente com meus alunos de escrita e todos os semestres terminaram bem — na verdade, muito bem — desde que comecei a lecionar em Princeton. Mas agora, imagino que irei me concentrar ainda mais em meus alunos. Tenho apenas vinte e dois alunos este semestre — duas oficinas e dois formandos cujas monografias “criativas” vou orientar.

Me dedicar aos meus alunos, minhas aulas. É algo que posso fazer, que tem valor.

Pois escrever — *ser escritor* — sempre parece ao escritor ter um valor dúbio.

Ser escritor é como ser um daqueles cachorros de pedigree nascidos em quantidades perigosamente excessivas — um buldogue francês, por exemplo — pouco adaptados à sobrevivência, apesar de suas características muito especiais.

Ser escritor é uma resistência à observação de Darwin de que, quanto mais especializada a espécie, maior a probabilidade de que seja extinta.

Ensinar — até mesmo ensinar a escrever — é totalmente diferente. Ensinar é um ato de comunicação, empatia — um gesto de estender a mão — um desejo de dividir conhecimentos, habilidades; uma ligação com os outros, que são estudantes; uma forma de permitir que outros entrem na solidão de sua alma.

E de bom grado aprenderia e de bom grado ensinaria — é o que diz Chaucer a seu jovem estudante em *Os contos da Cantuária*. Quando professores gostam de ensinar, é assim que nos sentimos.

E portanto, na oficina de “ficção avançada” desta tarde, numa sala que parece um saguão no 185 Nassau, o prédio de artes da Universidade, fico extremamente aliviada de estar lecionando! Estar de novo com os alunos de graduação que nada sabem sobre minha vida pessoal. No decorrer de duas horas animadas e cativantes consigo esquecer as circunstâncias radicalmente alteradas dessa vida — nenhum dos alunos seria capaz de adivinhar, tenho certeza, que a “professora Oates” é uma espécie de toco sangrento e em carne viva cujo cérebro, fora das premissas da oficina, é escravo do caos.

Além dos trechos em prosa de vários alunos, nós debatemos, em detalhes, abrindo caminho por entre o enredo linha a linha, como se fosse poesia, uma obra-prima escrita por Ernest Hemingway no começo de sua carreira — “Acampamento índio”. Com quatro páginas, escrito quando o autor tinha poucos anos a mais que esses alunos de graduação de Princeton, o austero e, ao que tudo indica, autobiográfico “Acampamento índio” nunca deixa de lhes causar forte impressão.

Como é estranho, como é estranhamente reconfortante, ler grandes obras da literatura ao longo de nossas vidas, em fases muito diferentes de nossas vidas — minha primeira leitura de “Acampamento índio” foi no colégio, aos quinze anos, mais nova que o autor; cada leitura subsequente foi uma descoberta à sua própria maneira; agora, nesta tarde, nesta fase nova da minha vida, em que parece óbvio que minha vida acabou, sou enfeitiçada pela precisão da prosa de Hemingway, delicada como as engrenagens de um relógio. Penso em como, de todos os escritores americanos clássicos, Hemingway é quem escreve somente sobre a morte, em suas múltiplas

formas; *o perfeito homem de ação é o suicida*, observou William Carlos Williams, e sem dúvida era verdade no que dizia respeito a Hemingway. Nas histórias típicas de Hemingway tanto o primeiro como o segundo planos são embaçados de propósito, feito os contornos de rosto de seus personagens e o passado deles, como naqueles sonhos de simplicidade tenebrosa em que uma revelação cabal é o ponto e não há tempo para digressões.

Em um acampamento indígena no norte de Michigan ao qual o pai de Nick Adams, um médico, foi chamado para ajudar num parto complicado, um índio comete suicídio cortando a garganta deitado no colchão debaixo de um beliche enquanto a esposa dá à luz o filho deles no colchão de cima. O jovem Nick Adams criado por Hemingway é testemunha do horror — antes que o pai possa tirá-lo de cena, Nick o vê examinando a ferida do índio “inclinando” a cabeça do homem para trás.

Mais tarde, ao remar de volta para casa depois da visita ao acampamento indígena, Nick pergunta ao pai por que o índio se matou e o pai diz, “Não sei, Nick. Imagino que não aguentava mais”.

Nenhuma teoria do suicídio, nenhum discurso filosófico sobre o tema revela tanto quanto essas palavras. *Imagino que não aguentava mais*.

Como é pungente considerar que Hemingway se mataria décadas depois, com um tiro de espingarda, aos sessenta e um anos.

Suicídio, um assunto tabu. Em 1925, quando “Acampamento índio” foi publicado pela primeira vez, no primeiro livro de Hemingway, *In Our Time*, era ainda mais tabu do que hoje.

O suicídio é uma questão que fascina alunos de graduação. O suicídio é tema de boa parte de seus contos. Às vezes, o problema do suicídio satura a história de tal modo que fica difícil discutir o conto como texto, sem ponderar com franqueza o assunto e o significado que ele tem para o autor.

Não que a maioria desses jovens escritores “consideraria” o suicídio — tenho certeza — mas todos conhecem alguém que se suicidou.

Às vezes, os suicidas eram amigos deles, contemporâneos da escola ou da faculdade.

Essas questões pessoais eu dificilmente levanto nas discussões da oficina, assim como nunca discuto nada pessoal a meu respeito, ou mesmo as minhas obras. Embora tenha atingido a maioridade nos anos 1960, quando a fronteira entre “professor” e “aluno” se tornou perigosamente permeável, não sou desse tipo de professora.

Minha intenção como professora é purificar minha própria personalidade de forma que ela não exista, ou quase — meu próprio “eu” nunca é um fator na minha docência, e minha carreira menos ainda; gosto de imaginar que a maioria dos meus alunos não leu meus escritos.

(Orientadores/professores visitantes de Princeton — penso em Peter Carey, por exemplo — e vendo a expressão de mágoa inquisidora no rosto de Peter — ficam sempre perplexos/cabisbaixos ao descobrir que seus alunos não são exatamente conhecedores de suas *œuvres* — mas eu costumo ficar aliviada.)

Não é exagero dizer que, nesse semestre da morte de Ray, meus alunos serão minha tábua de salvação. Lecionar será minha tábua de salvação.

Além dos amigos, um pequeno grupo de amigos — isso vai fazer com que eu “siga em frente”. Estou certa de que meus alunos não têm ideia das circunstâncias da minha vida, e que não sentem curiosidade acerca delas; eu também jamais lhes daria pistas do que estou sentindo, em momento nenhum; de que temo o fim do dia de aulas e o retorno à minha vida reduzida.

É uma questão de orgulho para mim que, nesta tarde de oficina, eu não tenha agido de forma diferente, nem parecido diferente, do que era no passado. Nas minhas conversas com os alunos, não lhes dei razão para suspeitar de que há algo errado na minha vida.

Na soleira da porta da minha sala estão parados dois dos meus alunos de escrita do semestre anterior. Um deles, que fora soldado no exército de Israel, um pouco mais velho que a maioria dos graduandos de Princeton, declara, sem graça, “Professora Oates? Ficamos sabendo do marido da senhora e queremos dizer o quanto sentimos... Se a gente puder fazer alguma coisa...”.

Fico totalmente surpresa — não esperava por isso. Digo logo aos rapazes que estou bem, é muita gentileza a deles mas estou bem...

Quando vão embora, fecho a porta da sala. Estou trêmula, profundamente comovida. Mas acima de tudo chocada. Penso *Eles deviam saber disso o tempo inteiro. Todo mundo deve estar sabendo.*

Joelhos machucados

Sob a luz impiedosa das 4h da manhã, com as mãos e joelhos no azulejo frio do banheiro, soluçando de desespero, raiva, vergonha — por entre meus dedos trêmulos um frasquinho de plástico de comprimidos caiu no chão — comprimidos rolaram com alegria em todas as direções e me desespero para achá-los, tateando para encontrar um que rolou — será? — para trás do vaso sanitário, no meio de tufo de poeira, assim como o mais lastimável e desprezado dos pensamentos — mas, *cadê ele?* — com pavor de terminar a quantidade prescrita de Lorax que me ajuda a dormir mais que três horas por dia pois ainda não aviei a receita de Zolpidem por receio de ficar viciada no que quer que seja esse estado de espírito, essa sonolência grogue, essa meia-vida de zumbi em que os contornos dos objetos ficam turvos e as texturas aplainadas feito plástico e as vozes ecoam à distância, murmurantes e zombeteiras como numa língua obscura *falecido — testamenteira — fiduciários — aditamento — carta de representação — espólio residual* — assombrada pela visão de um touro ferido caído de joelhos na arena sangrando através de uma miríade de machucados num jorro de sangue quente instigando a plateia enlouquecida a urrar — aqui estou, caída de joelhos, o rosto latejando por causa do sangue, nessa vida desprovida de sentido assim como o lixo espalhado no asfalto sujo é desprovido de sentido, ou um jovem corniso no pátio arruinado pelo inverno é desprovido de sentido.

Sem sentido, o mundo são *coisas*. E essas *coisas* multiplicadas ao infinito.

Seis comprimidos restantes — um sumiu — não consigo achar — com as mãos e joelhos no chão, tateando, soluçando — pensando *É isso que você merece, você que foi protegida da tristeza por tempo demais. Sofra!*

Um sonho de muita alegria!

Meus pais estão me perguntando *Cadê o Ray?*

Meus pais — apenas na meia-idade, portanto “jovens” — como eram quando, não muito tempo atrás, vinham nos ver na nossa casa em Princeton e ficavam na “suíte de visitas” que projetamos para eles. E minha mãe, Carolina, que adorava cozinhar, me ajudava a preparar as refeições na cozinha e meu pai, Fred, que adorava música, tocava piano na sala de estar. E a casa de vidro que era tão silenciosa quando somente Ray e eu estávamos nela parecia se expandir e se encher de vida.

No entanto — nesse sonho — que na verdade é um sonho feliz — meus pais perguntam por Ray. Pois por algum motivo, Ray não está ali. E nunca foi o caso de meus pais se hospedarem aqui e Ray não estar. Com uma sinceridade pueril eu lhes garanto que Ray está bem — *Ele virá ficar com a gente mais tarde.*

Em especial minha mãe se angustia, como se não acreditasse em mim de verdade — mas consigo convencê-la.

Ray vai estar aqui na hora do jantar.

Ou talvez eu tenha dito *Ray vai estar em casa na hora do jantar.*

A situação é a seguinte: meus pais amavam Ray como se fosse filho deles e portanto no meu sonho eu não quero lhes contar que Ray está no hospital. (Pois este é o segredo do sonho — por ora Ray está no hospital — ele ainda está vivo!) Acima de tudo, temo preocupar meus pais quanto ao que quer que seja, e principalmente quanto a Ray. Ou a mim.

Não me parece esquisito que o rosto dos meus pais esteja embaçado como se submersos. Nem que as paredes mais distantes da nossa sala de estar tenham desaparecido. O cômodo tem poucos móveis — na verdade, não parece ser nossa sala de estar nem qualquer outro ambiente que eu conheça.

Sim — entendo que meus pais, Carolina e Fred, que tanto amo, *não estão vivos*. Contudo, estão aqui comigo, e estou muito feliz com a presença deles, apesar de a felicidade ser matizada pela angústia, pois é

responsabilidade minha evitar que meus pais suspeitem de que *não estão vivos* e de que *Ray está no hospital*.

O sonho transmite o incômodo social de tal situação: preciso proteger meus pais dessas duas informações que tanto os chatearia.

Entretanto penso *Que coisa boa a mamãe e o papai não poderem saber o que houve com Ray. É a única parte boa de estarem onde estão*.

“Queremos vê-la em breve”

Ela é uma mulher adorável, uma colega na Universidade, não uma amiga íntima e sim daquele nimbo de conhecidos amigáveis que na esteira da morte de Ray mandaram cartões, flores; me mandou um e-mail falando que ela e o marido, que leciona em outra faculdade, querem me convidar para jantar na casa deles em breve, e quais são os dias possíveis para mim; e então respondi, pois há diversas noites livres na minha agenda, em março; nessas noites livres espregueia o *horror vacui* que tanto atemorizava os egípcios na Antiguidade, esse *horror vacui* que passa dos cômodos mais longínquos e escuros da casa para o quarto bem-iluminado; e portanto não há remédio melhor, ainda que seja temporário, do que jantar com amigos para afastar esse horror.

É verdade sim — vejo bastante meu pequeno círculo de amigos. Meus amigos que são minha família, a quem amo. Com frequência, muita frequência, nos falamos por telefone, trocamos e-mails. Ainda assim há noites solitárias, tentando me concentrar no ninho — lendo — tentando ler — separatas de resenhas e ensaios literários escritos por Ray vinte anos atrás — provas encadernadas que editores me enviaram, pedindo comentários elogiosos para pôr em anúncios — (um elogio! *meu!* — parece uma piada cruel) — meu exemplar velho e surrado da Modern Library dos *Pensées* de Pascal, que se abre nas páginas mais relidas/comentadas —

O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora. É uma coisa horrível ver escoar-se tudo que se possui. Entre nós e o inferno ou o céu não há senão o entremeio da vida, que é a coisa mais frágil do mundo.

O último ato é sangrento, por mais bela que seja a comédia em todo o resto. Lança-se finalmente terra sobre a cabeça e aí está para sempre. Vogamos sobre um meio vasto, sempre incertos e flutuantes, levados de uma ponta para a outra; qualquer termo em que pensemos nos agarrar e nos firmar, abala-se, e nos abandona, e, se o seguimos, ele escapa às nossas tentativas de pegá-lo, escorrega e foge com fuga eterna; nada se detém para nós. É o estado que nos é natural e entretanto o mais contrário à nossa inclinação. Ardemos no desejo de encontrar uma posição firme e

uma última base constante para aí edificar uma torre que se eleve ao infinito, mas todo o nosso alicerce cede e a terra se abre até os abismos.²

Tentando ignorar a criatura parecida com um lagarto que paira na minha visão periférica e me encara com um olhar fulvo impassível e tranquilo *Sou paciente, posso esperar. Vou vencer pelo cansaço.*

E portanto não há remédio melhor do que jantar com amigos, mas a adorável C___ responde ao meu e-mail dizendo que, de todas as datas que indiquei, nenhuma é boa.

Pois parece que C___ deseja formar um grupo de convivas de dimensões heroicas. Eu havia pensado que o jantar seria apenas C___ e o marido e talvez mais outro casal, mas descubro que C___ quer convidar X, Y, Z — *Todos os seus amigos, Joyce — que também querem vê-la* — mas esses outros, um deles presidente de universidade com agenda muito ocupada, não poderá estar presente nas datas que marcamos a lápis, talvez em outras datas, talvez no fim do mês, ou no começo de abril — por fim, mando um e-mail a C___ sugerindo que façamos um jantar pequeno, só ela e o marido e mais um ou dois casais — porém C___ insiste *Tantas pessoas querem vê-la, Joyce!* — ela tem dez convidados “agendados” para um sábado no início de abril — mas R___, amigo mútuo, não pode nessa data — nem S___, que estará em Roma para uma conferência sobre direito internacional — e então, será que eu não poderia olhar minha agenda de novo; mais e-mails são trocados; afinal, C___ convidou dezoito pessoas — vários deles “amigos” que não vejo há muito tempo — mas destes, um ou dois são “não confirmados” — e por isso C___ tem que mudar a data do jantar; a nova data sugerida não é possível para mim; novamente, C___ precisa mudar a data; começo a me dar conta de que, embora C___ tenha dito que ela e o marido estão “ansiosos” para me ver, na verdade estão apavorados de me ver; com esse intuito, C___ ergue obstáculos para o nosso jantar como numa corrida equestre em que cada salto deve ser mais alto que o anterior, e mais arriscado; imagino uma mesa de jantar de dez metros e, na cabeceira mais distante, a viúva posicionada como uma leprosa, o mais longe possível da adorável C___ *Eu preferiria um jantar pequeno, só você e seu marido e talvez outro casal, acho que é assim que eu gostaria que fosse*, e-mail suplicante que C___ ou não recebe ou opta por ignorar; então de repente os e-mails sobre o assunto cessam; o jantar heroico idealizado pela adorável C___ nunca se concretiza.

Passarei muito tempo sem ter notícias de C____, embora conhecidos em comum me garantam *C____ diz que está com saudades de você e quer vê-la em breve!*

[Z](#) Pascal, Blaise. *Pensamentos*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (N. da T.)

De mudança

“Boa tarde! É a... Joyce?”

Sim é a Joyce. Preparando-se para a inevitável pergunta seguinte *Cadê o seu marido, Joyce?*

Ou talvez, já que todo mundo está nesses termos amistosos, todos se chamam pelo primeiro nome aqui no Hopewell Valley Fitness Center, a entusiasmada recepcionista loira pergunte *Cadê o Ray, Joyce?*

Porém ela não pergunta por Ray. Se está curiosa — pois nunca pisei no Fitness Center sem Ray — (embora às vezes Ray viesse sem mim) — ela não demonstra.

A recepcionista loira é incansável em sua radiância, empolgação — no papel de instrutora do Fitness Center ela tem o dever profissional de ser empolgada —, mas não é boba. Porque é óbvio que maridos devem sumir da lista do Fitness Center frequentemente: separação, divórcio, morte?

Separação e divórcio são mais plausíveis do que morte, dentre os membros do Fitness Center. Pois os homens muito idosos e/ou “fora de forma” provavelmente não estão matriculados em academias.

Em todo caso, não seria diplomático perguntar. E talvez a recepcionista loira veja no meu rosto certo enrijecimento, a tensão em volta dos olhos suplicando *Por favor não pergunte!*

Todas as academias são lugares de esperança, otimismo. Crença no futuro como progresso. *Qualquer benefício é bom!*

O treinador de Ray nunca deixava de elogiá-lo. Quanto mais elogios, mais Ray se esforçava. Porque queria “ficar em forma” — “manter-se saudável”.

Íamos ao Fitness Center, em média, umas três vezes por semana, nos últimos anos. Íamos somente nos meses de inverno.

É muito esquisito estar aqui sem ele. Tenho de pensar — perceber — que ele não está atrás de mim na escada, ou lá fora, sentado no carro. Ele não entrou antes de mim para começar a se alongar.

Quando alguém passa o cartão de plástico no aparelho do balcão de entrada, uma voz mecânica gorjeia OBRIGADO APROVEITE SUA GINÁSTICA!

Vim à academia com um objetivo. Imagino que tenha sido para me exercitar — a menos que tenha sido para cancelar a matrícula.

Exercício físico! — esforço! Este será meu consolo.

Talvez eu consiga dormir se ficar exausta. Talvez consiga dormir “normalmente”. Partes do meu cérebro parecem ter sido gaseificadas. O tipo de gaseificação que faz a garrafa sibilar e as bolhas escorrerem pela mão.

O Fitness Center fica a cerca de três quilômetros da nossa casa, perto da movimentada Rota 31. É um edifício sem características distintivas, sem janelas, com luzes fluorescentes, exalando uma música perpétua — “rock melodioso” — “clássicos do pop” — num ritmo animado.

Às vezes essa música era intrusiva. Alta, insípida, persistente, desmiolada. Quando não aguentava mais eu procurava áreas do prédio — desocupadas, por vezes escuras — onde a música não era transmitida, e lá eu corria sem sair do lugar, ou ficava sentada anotando o que me preocupava na época, enquanto Ray se exercitava nas máquinas.

Era comum eu permanecer do lado de fora. Eu preferia o ar livre, correr/caminhar numa pista, ou por trilhas. No campo ao lado do Fitness Center eu corria traçando um enorme oito, num transe de felicidade — uma felicidade normal/doméstica —, pois sempre achei correr sensacional, ao mesmo tempo revigorante e reconfortante.

Correr sempre foi para mim uma meditação, contemplação.

Mas agora tais estados de espírito são apavorantes, pois não consigo controlar meus pensamentos.

Ralph Waldo Emerson observou sabiamente *Um homem é o que ele pensa o dia inteiro*. Suponhamos que ao usar *homem* o filósofo não tenha excluído a *mulher*.

Se pudermos controlar nossos pensamentos, poderemos controlar — o quê? Apenas nossos sentimentos, emoções. Apenas nossos pensamentos. Do vasto e insondável mundo além de nós mesmos, não temos o mínimo controle.

Que tristeza me dá lembrar que o brilhante Emerson “perdeu” a cabeça ao envelhecer. Por vários dos seus últimos anos de vida ele existiu num estado de consciência semelhante a uma luz que diminui devagar, se apagando.

Foi uma réplica sombria, irônica, maliciosamente cruel ao otimismo ensolarado de Emerson. Como pode haver confiança em si mesmo se não há *si mesmo*?

Há dias — semanas? — eu pretendia vir ao Fitness Center. Pois aqui, sou desconhecida, assim como Ray era desconhecido — alguns dos funcionários nos conheciam como *Ray*, *Joyce* — mas não sabiam mais nada de nós.

Tento agora imaginar um universo paralelo — na verdade, seria um universo bem mais provável, plausível e reconhecível do que este universo — em que Ray estaria comigo, como sempre esteve. Do lado de fora, com o carro estacionado há vários minutos, sem sair do banco de motorista. Fitando a parede de estuque do edifício e esperando — o quê? Minha vida agora parece ser esperar, esperar algum acontecimento, esperar alguma decisão, esperar descobrir o que devo fazer em seguida. Sozinha no carro — aqui? Mas por quê? Sem um companheiro a quem dizer *Bem — o que estamos fazendo aqui sentados? Vamos lá. Já chegamos.*

Muitas vezes ao voltar para a nossa casa — isto é, *minha casa* — me pego sentada no carro desse jeito, numa espécie de paralisia espiritual. Quando estou longe de casa, fico ansiosa para voltar; quando estou em casa, penso que é um lugar perigoso e eu devia fugir; no entanto, no carro parado do lado de fora de casa, numa espécie de estase, não raro passo minutos sem me mexer, como que hipnotizada. Ray ficaria surpreso com esse modo de agir, totalmente “atípico” de sua mulher.

A mulher que ele conheceu como *sua mulher*. Agora, como *sua viúva*, ela não se sai tão bem.

Ray era o guardião da família e da casa. Sem a condução de Ray a casa já começa a ruir. Pense no colapso da elegante casa futurística na bela e arrepiante parabolazinha de Ray Bradbury, “Chegarão chuvas suaves”.

Longe da casa, sentada aqui — onde? — por quê? — lutando contra a sensação de pânico crescente — de repente me convenço de que a casa está em risco. Entretanto, minha letargia é muito grande para que eu consiga dirigir até lá. E há algo mais de que tenho medo — mais medo — que é o Fitness Center.

Medindo o grau de medo/pânico: fico mais ansiosa com a casa ou de entrar no Fitness Center; é *mais prático* lidar com a ansiedade em relação à casa ou a ansiedade em relação ao Fitness Center?...

Olha. Você está aqui. Você deve ter algum motivo para estar aqui.

É o que Ray me diria, exasperado.

Ah mas reluto tanto em deixar a segurança (relativa) do meu Honda branco sujo — para entrar no Fitness Center — e seguir até a ampla sala de ginástica, para onde Ray sempre ia.

Logo darei nome a tais lugares: *ralos de pia*.

Lugares repletos de lembranças viscerais, provocando terror se nos aproximamos.

Nessa fase do Cerco — ainda é começo de março — não sou capaz de entender minhas experiências de forma coerente, muito menos categorizá-las. Taxonomia é a resposta instintiva a um mundo de fecundidade e complexidade desalentadoras mas por enquanto não tenho forças para taxonomia.

Grande parte da minha vida me engolfa como uma onda espumosa/imunda. Nessa onda há pedaços de escombros — algas marinhas, cacos de vidro, torrões de barro, peixes podres, coisas obscuras — uma espécie de catatonia espiritual como se eu tivesse levado uma ferroadada de um animal marinho venenoso escondido na onda — uma medusa, por exemplo.

No sul da costa de Jersey nós as vimos uma vez: centenas — milhares? — de medusas jogadas na praia após a tempestade.

Transparentes, translúcidas, mortas moribundas. Mesmo estando mortas seria imprudente tocar em uma daquelas medusas com os dedos desprotegidos.

Ray disse *Vamos embora daqui. A gente pode ir caminhando para outro lugar.*

(Por que estou pensando em medusas no Hopewell Valley Fitness Center? Por que todo pensamento que penetra meu cérebro parece vir de algum lugar além de mim, e por que tais pensamentos causam tanto dor como prazer? Falávamos bastante de voltar a Cape May. Nunca vimos a migração anual dos pássaros, que dizem ser espetacular, tampouco a migração das borboletas monarcas. Havia anos que falávamos nessa viagem até o sul de Jersey, que nem seria uma viagem exótica, apenas algumas horas de carro, e nesse meio-tempo fomos à Inglaterra e à Europa algumas vezes mas nunca voltamos à bela Cape May e agora a ideia zomba de mim *É tarde demais para Cape May. Você nunca irá a Cape May.*)

Lisa está cumprimentando alguém no balcão da recepção. Outro cartão

de plástico disparou o alegre OBRIGADO APROVEITE SUA GINÁSTICA!

Já se passaram vários minutos e continuo parada no corredor onde fica a escada que desce para a sala de ginástica.

Penso em como vir ao Fitness Center com Ray era divertido, ou podia ser divertido às vezes.

Um tipo diligente de diversão.

Uma vez, fazendo compras numa daquelas lojas com tamanho de depósito e sem janelas da Rota 1, eu disse a Ray com ar de surpresa genuína *É divertido fazer compras contigo quando você está de bom humor! Nem importa onde nós estamos.*

Ray disse num tom seco *Não importa?*

O senso de humor de Ray! — ele era jocosos, frio, geralmente muito engraçado. Nunca chamava atenção de um grupo de amigos contando histórias ou anedotas, seu estilo era murmurar apartes, às margens do agrupamento. Vez por outra seu humor era inesperado, desconcertante. Sei que, se Ray pudesse tecer um comentário sobre o Hopewell Valley Fitness Center, e sobre as horas que passara ali na esperança de manter “a boa forma”, prolongando assim a sua vida, ele teria dito encolhendo os ombros, num tom filosófico sardônico — *Bom, foi uma bela perda de tempo não foi!*

Sorrio, ouvindo isso.

Mas não há nada mais triste.

O desafio é o seguinte: reunir todas as minhas forças, descer os degraus até o térreo e adentrar o ambiente grande, aberto, de pé-direito alto onde ficam as esteiras e os aparelhos de musculação.

Estou me tornando catatônica? *Estou catatônica?*

(A respeito do quê pensam os *catatônicos*, me pergunto. Envolto pelo concreto, talvez nem cheguem a pensar. Talvez seja este o ponto da catatonia.)

“Só a esteira. Meia hora. Eu consigo.”

Entretanto — hoje em dia é tão comum eu ficar sem fôlego. Meu coração sempre parece estar um pouco acelerado. Enquanto Ray cumpria seu dever indo de um aparelho para outro, eu apenas corria na esteira — ficando o mais distante possível de outras pessoas. Não queria ser distraída pelas bufadas/lufadas/gemidos de homens suados e de rosto vermelho em seus aparelhos como imagens de corpos contorcidos, rostos tortos e olhos esbugalhados saídas do *Inferno* de Dante.

(Ray era um desses machos diligentes, determinados? Na verdade não! Havia certo — difícil descrever — *langor tenaz* nos exercícios do meu marido que raramente o deixavam suado, e muito menos ofegante. Ray nunca fora um atleta, nem tinha muito interesse por esportes, a força vital do macho americano e, além da política, a fonte principal de *laços masculinos* em nossa cultura.)

Na esteira, que programo em 7 e depois aumento aos poucos até o 10 — (para os não iniciados, isso quer dizer dez quilômetros por hora — não é rápido para quem corre) — eu acabaria me entregando aos devaneios — livrando a mente da miríade de distrações da minha vida doméstica — o que poderia ser chamado de “vida real” — o que eu chamaria agora de minha *indescritível vida real preciosa* — para virar as páginas que escrevi naquela manhã — revisando, reescrevendo, “copidescando” na minha cabeça — nessas horas minha memória é extremamente visual — fotográfica? — e a corrida parece intensificá-la; meu metabolismo parece “normal” quando estou correndo... Mas agora, temo a direção que meus pensamentos vão tomar, se correr na esteira. Temo que a onda espumosa me engolfe, trazendo consigo mais do que posso suportar.

No ambiente ameno da academia, estarei à mercê da lembrança que vejo quase o tempo inteiro. Independente de onde esteja, independente do que eu olhe — encare — na verdade vejo Ray na cama do hospital — no momento em que entrei correndo no quarto — no instante em que soube que tinha chegado tarde demais.

O rosto dele está tão sereno! Os óculos foram retirados de seu rosto como se ele estivesse dormindo. O fio intravenoso em seu braço roxo, a máscara de oxigênio que o desfigurava, o monitor cardíaco — todos removidos.

Desistiram dele. As máquinas — tiraram dele, abandonaram ele.

Cheguei tarde demais. Eu também o abandonei.

É como se uma cortina se fechasse sobre o mundo. Nessa cortina, a memória de Ray. Minha última visão de Ray...

A loira alegre Lisa fica surpresa porque estou sozinha. Ou porque não a cumprimento com um breve sorriso radiante que espelhe o dela.

Antes que a recepcionista do Fitness Center tenha a chance de indagar se há algo errado eu lhe digo — as palavras escapam com leve gagueira — que meu marido e eu resolvemos “descontinuar” nossas matrículas.

Seria de imaginar que corri até a recepção para avisar de um incêndio.

“Ah! Tem algum — motivo?”

Explico que vamos nos mudar.

Estávamos muito satisfeitos com o Fitness Center — “Tem sido um lugar ótimo, vamos sentir falta” — porém — vamos nos mudar.

A impressão é de que Lisa fica pessoalmente chateada com isso. Talvez seja algo no meu rosto — os olhos marejados, a tensão dos lábios — o que a deixa preocupada. Hesitante, comenta que faz um tempo que não vê Ray — umas semanas — e respondo na mesma hora, “Não, não — você está enganada. Faz menos tempo que Ray veio aqui”.

Por que me interessa tanto corrigir a recepcionista quanto a essa questão extremamente banal, eu não sei.

Com cuidado, pronuncio nossos nomes para Lisa — “Raymond Smith” — “Joyce Smith”. Com um sombrio sorriso misturado ao franzir da testa Lisa pega nossos cartões em uma pasta. Digita algo no computador. Está nos encerrando, imagino. Apagando, cancelando. Contudo — “As mensalidades sua e de seu marido estão pagas até março, então você pode continuar a nos visitar...”.

Nunca! A ideia me enche de medo.

“Para onde você e Ray vão se mudar, Joyce?”

Tenho um branco. Não consigo lembrar por que estou aqui. E por que — sozinha?

“Para longe. Não sabemos ao certo.”

“Vou passar um tempo sem te ver”

9 de março de 2008. Desde quando o levei ao hospital não sonhei mais com Ray. Desde sua morte, não sonho com Ray. Mas agora, esta noite, sonho com Ray.

Não o vejo com clareza, não estamos próximos. Ele está recostado em uma cama — acho — embora use o familiar suéter azul. O rosto dele está perto do meu, nos tocamos. Me inclino sobre ele, e contra ele. Ele me mostra duas fotos emolduradas — ou diagramas — e também não consigo vê-las com nitidez. Tantas vezes — inúmeras vezes! — em nossa vida juntos Ray me mostrava materiais relativos a impressões, projetos de capas, fotografias, folhas com modelos de fontes — Ray pedia minha opinião, trocávamos ideias — mas agora, como não consigo ver direito o que ele está segurando, não posso dizer nada; fico ao mesmo tempo ansiosa e incomodada, pois acho que algo é esperado de mim — mas o quê?

A voz de Ray é baixa, prosaica: “Acho que vou passar um tempo sem te ver.”

E então o sonho termina — eu acordo — estou perplexa e estou acordada — é como se Ray estivesse neste quarto comigo um segundo atrás — e agora...

“Ah meu Deus!”

Uma enorme sensação de perda me domina, mal a aguento. Tenho a impressão de estar parcialmente debaixo da colcha da minha mãe, e estou parcialmente vestida. Agora, sempre uso meias para dormir — meias quentes de lã — meus dedos estão gelados, mesmo com as meias; ponho um roupão de flanela azul por cima da camisola; ainda assim, tremo muito, e tento dormir encolhida, passando os braços em torno da minha (fina) cintura, com firmeza. Às vezes o abajur da mesa de cabeceira fica aceso ao longo da noite, e a tevê continua ligada, sem som; se um dos gatos dorme comigo ao pé da cama é o Reynard, que entra no quarto e pula na cama como se às escondidas no meio da noite, mas apenas por vontade própria e nunca — nunca! —

quando o chamo; ele se espreme contra o meu pé ou a perna com a lateral do corpo mas se recusa a me dar atenção se falo com ele ou acaricio sua cabeça.

Esta noite — são quase 5h da manhã — a tevê não está ligada, não tenho companhia felina, estou sozinha na cama. Há alguns papéis de Ray espalhados à minha volta — mas não o manuscrito do romance, que deixei de lado por enquanto. Na mesa de cabeceira estão manuscritos de alunos que li, editei e comentei horas atrás. Há o som do vento nas árvores lá fora — ao longe, uma coruja — parece ser uma coruja — pois o berro abafado também pode ser o barulho emitido pela presa de uma coruja.

Um de nós diria *Ouça! Está ouvindo a coruja?*

Agora, não quero ouvir a coruja. Independente do que sejam esses berros horripilantes, não quero ouvi-los.

O que eu quero é voltar ao sonho. É só o que quero. Tamanho anseio, é como a sede, uma sede terrível, esse anseio de voltar ao sonho com Ray que foi o acontecimento mais feliz da minha vida, nessas últimas semanas.

“Não consigo te encontrar cadê você”

Estávamos em uma cidade estrangeira. Tínhamos nos separado. Havia um hotel — um hotel amplo — alugáramos um quarto nesse hotel — mas eu não conseguia achá-lo. Eu andava pela rua, *sozinha — fiquei muito aflita com a possibilidade de não te encontrar — no sonho parecia que eu jamais iria te encontrar — e não tínhamos nenhuma forma de nos comunicarmos...*

Esse sonho recorrente começou poucos anos depois de nos casarmos. Quantas variações desse sonho eu tive ao longo das décadas, nem consigo imaginar — centenas? — milhares?

Ray deu risada quando lhe contei esse sonho. Ray não levava sonhos a sério, ou dava essa impressão.

De manhã na cozinha era a hora que eu narrava a Ray meu sonho recorrente de perda — a perda *dele*. Sempre que eu contava o sonho, tratava-se de um sonho ligeiramente diferente, mas sempre que eu contava o sonho ficava óbvio que era um sonho idêntico.

Esse sonho de novo! Você sabe que eu jamais te deixaria.

Bem, eu sei, mas...

Eu jamais teria um sonho desses com você.

Em leve tom de censura Ray falava como se essa fosse a questão — certa incapacidade de confiar nele, da minha parte — e não, o que parece evidente, meu pavor de perdê-lo.

Desde que Ray morreu, meu único sonho recorrente parece ter cessado.

De fato, o sonho recorrente que a Viúva tinha havia décadas terá cessado para sempre. O que possivelmente refuta a teoria de que o inconsciente não tem senão uma noção de tempo primitiva e mistura a seu bel-prazer passado, presente e futuro, como se fossem uma coisa só.

“Sinto informar”

Agradeço pelo envio. Sinto informar que, devido à morte inesperada do editor Raymond Smith, a *Ontario Review* deixará de ser publicada após o número de maio de 2008.

Imprimi umas centenas desses papezinhos azuis, alguns dias depois da morte de Ray.

É uma indicação da minha concentração fraturada na época — não obstante minha reputada prolixidade — que inúmeros rascunhos tenham sido necessários para compor esse papelzinho de rejeição melancólico.

De início, escrevi *morte inesperada*, mas depois, relendo o que havia escrito, achei que soava muito — melodramático, ou autocomiserativo. Ou subjetivo.

Pois para quem a morte de Raymond Smith era *inesperada*; e por que estranhos ligariam para isso? Por que estranhos deviam ser informados?

Portanto *inesperada* foi tirada, porém mais tarde, depois de quantas horas e rascunhos eu teria vergonha de dizer, *inesperada* foi reinserida.

Sinto informar sobre a morte inesperada de Raymond Smith.

Como um grande inseto voador num estado de loucura branda preso em um espaço pequeno, essas palavras adernaram e cambalearam dentro do meu crânio durante uma quantidade exagerada de tempo.

Pois eu sabia — o bom-senso ditava — que não tinha escolha, teria de encerrar a *Ontario Review*, que Ray e eu editávamos juntos desde 1974. Foi devastador mas não vi alternativa — 90% da organização da revista e 100% do trabalho editorial/financeiro eram da alçada do meu marido.

Começamos a bianual *Ontario Review: A North American Journal of the Arts* quando morávamos em Windsor, Ontário, e lecionávamos no departamento de inglês da Universidade de Windsor. Tive a ideia de que como “revistas pequenas” haviam sido essenciais para a minha carreira de escritora, eu devia ajudar a custear uma revista nossa; além disso, tanto Ray

como eu tínhamos interesse em promover a obra de autores excelentes que conhecêramos no Canadá e nos Estados Unidos. Nosso objetivo era publicar escritores canadenses e americanos e não fazer distinções entre os dois, o que seria projeto especial da *Ontario Review*.

O primeiro número, Outono 1974, foi recebido com bastante interesse no ambiente literário do Canadá — não por se tratar de uma reunião extraordinária de talentos norte-americanos de primeira categoria (que acreditávamos ser o caso) mas por haver, na época, muito mais escritores e poetas do que canais conceituados para divulgar suas obras no Canadá. Tivemos a sorte de publicar uma entrevista com Philip Roth — que eu “conduzi” — bem como ficção de Bill Henderson, que pouco depois fundaria o lendário *Pushcart Prize: Best of the Small Presses*, e Lynne Sharon Schwartz antes de lançar seu primeiro livro de ficção. Assim como a maioria dos editores iniciantes, pedíamos aos amigos que escrevessem para nós e nossas resenhas “curtas” — de livros novos de Paul Theroux, Alice Munro e Beth Harvor — na época praticamente desconhecida — eram assinadas por “JCO”.

Criar uma revista literária é uma aventura aconselhável para os medrosos ou os que desistem fácil. Nem Ray nem eu sabíamos o que esperar. A primeira experiência de Ray com um tipógrafo foi quase um desastre — o homem nunca tinha feito nada mais ambicioso que o cardápio de um restaurante chinês — as provas de impressão ficaram repletas de erros que exigiram muito tempo e paciência da parte de Ray; e, quando os exemplares finalmente foram impressos, por algum motivo que nunca entendemos, vários estavam manchados com digitais de sangue.

Gostaria de lembrar as palavras exatas de Ray quando abrimos, ansiosos, a caixa da gráfica, e vimos as manchas misteriosas nas capas. Quero acreditar que tenha feito um comentário espirituoso mas é provável que tenha emergido de sua garganta algo mais parecido com um soluço.

E é bem possível que eu tenha dito em vão *Ah amor! Como é que isto foi acontecer!*

Cuidadosamente examinamos cada exemplar para eliminar os sujos — outra tarefa que durou horas. Exatamente quantas cópias desse número de estreia Ray havia encomendado, eu não lembro: talvez mil?

(Se foram mil, a maioria nunca foi vendida. Sem dúvida, nós as doamos. E parte do pagamento que demos aos colaboradores foram assinaturas de três

anos. Só anos depois a *OR* teria uma circulação de mil.)

A edição do segundo número foi bem mais tranquila do que a primeira. Por um pequeno golpe de sorte — eu tinha escrito para Saul Bellow, a quem mal conhecia, pedindo que me enviasse algo — tivemos uma “autoentrevista” de Bellow mais ou menos na época de *O legado de Humboldt*. (Quando a agente literária de Bellow descobriu que Saul nos mandara essa preciosidade, ela tentou fazer com que não a publicássemos; mas era tarde demais, dissemos a ela — já tinha ido para a gráfica.) Publicamos obras da escritora canadense Marian Engel e poemas de Wendell Berry, David Ignatow, César Vallejo (traduzido) e Theodore Weiss (destinado a se tornar amigo íntimo nosso depois da nossa mudança para Princeton em 1978).

Em 1984, quando já fazia alguns anos que estávamos em Princeton e Ray e eu abandonamos o magistério a fim de sermos editores/organizadores em período integral, resolvemos expandir nosso pequeno empreendimento editorial para incluir a publicação de livros. (Por quê? Devido a certa “mistura temerária de idealismo e masoquismo”, na explicação jocosa de Ray.) Embora nem a revista nem a editora gerassem lucro, não éramos, definitivamente, “sem fins lucrativos”; nossos projetos eram financiados com fundos privados, por meio do meu salário na Universidade de Princeton e outras fontes mais casuais de renda.

A década de 1980 foi uma época em que bibliotecas ainda assinavam periódicos literários e compravam livros de poesia, situação que mudaria drasticamente no fim dos anos 90. Nos círculos editoriais canadenses a *Ontario Review* logo alcançou o posto de eminência literária que nos Estados Unidos era ocupado por *Paris Review*, *Kenyon Review*, *Quarterly Review of Literature*, e Ray Smith se tornou um organizador/editor “importante” naquela região.

A educação jesuíta que Ray tivera na adolescência incutira nele a predileção pelo que é chamado de *perfeccionismo* mas também pode se assemelhar, para um observador neutro, a um *transtorno obsessivo-compulsivo*. Portanto, Ray era o editor ideal — assim como editor de texto e revisor; embora mandasse provas de impressão para os nossos autores, não confiava nos olhos de ninguém além dos dele, e consequentemente fazia tudo menos “tipografar” — naqueles dias em que ainda se compunha a tipografia — e sem dúvida teria feito isso também, se soubesse fazê-lo. Além da nossa vida doméstica, o trabalho de Ray era sua vida. Acima de tudo, Ray adorava

trabalhar com escritores: não existe relação mais íntima e intensa, quando o editor se concentra verdadeiramente em editar e o escritor está disposto a ser “editado”. É necessária enorme empatia, tato, diplomacia, perspicácia — e senso de humor. Ray obtinha — parece masoquismo, ou ao menos excentricidade — um prazer genuíno ao ler manuscritos não solicitados, que chegavam aos milhares, todos os anos; passava para mim as ficções “promissoras”, mas que tinham de ser aprimoradas, para que, se eu quisesse, pudesse trabalhar com o escritor, dando sugestões editoriais. Dava-lhe um prazer especial trabalhar com autores que um de nós havia “descoberto” — como Pinckney Benedict, minha premiada aluna de Princeton cuja monografia excepcional, *Town Smokes* (1987), se tornou um dos primeiros livros publicados pela OR Press, e viraria um dos nossos títulos mais duradouros.

Quando Ray falava de Pinckney era com uma entonação — entusiasmada, carinhosa — especial na voz.

Quando Ray falava dos vários escritores e poetas com quem trabalháramos no decorrer dos anos, era visível a importância que tinham para ele — mesmo aqueles que nunca tínhamos encontrado.

Que comovente é, apesar de devastador, ver a dedicatória do *Pushcart Prize: Best of the Small Presses* de 2009, organizado por Bill Henderson:

para Raymond Smith (1930-2008)

Agora, tudo isso acabou. Ninguém pode assumir o lugar de Ray. Acima de tudo, continuar publicando a *Ontario Review* sem Ray não teria sentido para mim — seria igual a comemorar o aniversário de alguém *in absentia*.

O número de maio estava quase pronto quando Ray foi internado. Só mais alguns dias de trabalho — que espero conseguir levar adiante, com o auxílio do nosso tipógrafo em Michigan. Tenho pavor de decepcionar os colaboradores de Ray, que esperam ver seus trabalhos na revista dele.

Terei que pagá-los também — é claro. Terei que calcular quanto devem receber, preencher cheques e enviá-los pelo correio. Terei que empacotar os exemplares dos colaboradores e enviá-los. Uma espécie de ardor me domina, quase uma espécie de euforia. *Se eu conseguisse, Ray ficaria muito impressionado comigo! Aí sim ele saberia o quanto eu o amo.*

Quando liguei para Gail Godwin para avisar sobre Ray, a reação de Gail foi imediata — “Ah Joyce — você vai ser tão infeliz”.

Que verdade! É um fato duro que poucos gostariam de admitir.

Existem amigos que vemos com frequência — e existem amigos que vemos raramente. Minha amizade de mais de trinta anos com Gail Godwin tem sido basicamente epistolar, autoral. Somos que nem primas, ou irmãs, de uma era distante — a era remota das irmãs Brontë, talvez. E a casa de Gail fica numa colina em Woodstock, Nova York, de onde se veem ao longe as montanhas Catskill, tem o ar de romantismo e isolamento das lendárias charnechas de Yorkshire.

Ray e eu fizéramos muitas visitas a Gail e ao seu companheiro de longa data, o ilustre compositor Robert Starer, na casa de Woodstock. A morte repentina de Robert na primavera de 2001 causou uma sensação triste de que uma era se encerrava, embora eu não ousasse pensar que meu marido seria o próximo.

Como foram similares nossas experiências, a de Gail e a minha! É assustador.

Assim como Ray, Robert foi internado como que “temporariamente” — sofrera um ataque cardíaco de que parecia se recuperar; sua condição era “estável”; então, um dia, de manhã cedo, quando Gail se preparava para ir vê-lo no hospital em Kingston, ela recebeu um telefonema de um médico que não conhecia — que por acaso estava de plantão naquela hora: “Sinto informá-la que Robert não sobreviveu.”

Não sobreviveu! Mas ele estava se recuperando... não estava?

Assim protestamos, incrédulas. Nos apegando ao que pareciam nos ter prometido, feito crianças. *Mas, mas...! Mas ele estava se recuperando! Você disse — ele estava vivo.*

Gail também dirigiu em transe até o hospital. Gail também não acreditou que o marido não a estaria esperando no quarto de hospital. Dirigindo de manhã cedo por uma estrada escura, ambas pensamos, céticas *O meu marido está morrendo? Ele está morrendo? Ele não pode estar — morrendo! O médico disse — ele está vivo...*

Muito depois de a esperança sumir, essas palavras-fantasmas permanecem.

Vivo, ele ainda está... vivo. Está se recuperando.

Ele vai ter alta na próxima terça.

Gail me ofereceu solidariedade, conselhos. Ando tão desolada que acho difícil falar. Raramente falo com alguém ao telefone hoje em dia, mas consigo falar com Gail e dizer a Gail que gostaria que morássemos mais perto, para que comiserássemos juntas, mas nenhuma das duas está disposta a se mudar. Quem além de Gail seria capaz de me dizer: “Sofra, Joyce. Ray merece.”

É isso mesmo. É verdade. Mas o teste é: sou forte o suficiente para sofrer? E por quanto tempo?

Você mandou o resto da cópia para o Doug? E o projeto de capa que eu não terminei — você pode prepará-lo e mandá-lo para ele por FedEx?

(Doug Hagley é o excelente tipógrafo de Ray, em Marquette, Michigan.)

É mais prático admitir — se por milagre Ray pudesse ressuscitar, depois de um ou dois dias — depois de algumas horas — ele voltaria ao trabalho na *Ontario Review*.

Ele trabalhou na cama de hospital no último dia de sua vida. A essa altura ele estaria muito preocupado com a possibilidade de que o número de maio fosse adiado...

Estou tentando. Amor, eu estou tentando!

Como uma desesperada num veleiro, um pequeno veleiro afundando no mar bravio, depois que o marinheiro morreu, varrido pelo mar e afogado e o companheiro que sobrou tem de impedir que o veleiro afunde... É ridículo pensar em completar a viagem quando o máximo que se pode esperar é continuar embarcado.

E portanto, eu tento. Farei o que Ray gostaria que eu fizesse — se eu conseguir.

No momento, abro as correspondências. O trabalho de Sísifo de grampear papeizinhos azuis com rejeições aos manuscritos. Às vezes entro num transe vigilante ao ler versos de poemas, contos, até que meus olhos perdem o foco.

No hospital, líamos juntos os manuscritos e os discutíamos. Levei dois contos cuja publicação eu recomendava para que Ray os lesse — duas histórias que me deixaram muito entusiasmada — mas agora, de repente, isso acabou. Me aflige pensar que talvez os manuscritos tenham se perdido, nunca tenham voltado do hospital.

Terrível pensar que as coisas estão se perdendo! Me esforcei tanto mas os óculos de Ray sumiram.

À medida que os dias — semanas — meses passam, o esforço para responder aos manuscritos para avaliação enviados à *OR* se tornará cada vez mais irritante. Imaginei que se espalharia pela comunidade literária — através do site da *Ontario Review* e dos obituários — a notícia de que Ray Smith faleceu, que a revista foi suspensa — entretanto, com a previsibilidade de um relógio, os manuscritos continuam a chegar. Claro que a maioria é de obras enviadas a vários editores, como se por escritores robôs que iniciam as cartas com *Prezado editor* e parecem não ter a mínima noção de qual é a proposta da *Ontario Review*. (Mais de dois anos depois, manuscritos de robôs continuarão a chegar na caixa de correio, alguns dirigidos a *Raymond Smith, editor*, embora esta “editora associada” sitiada tenha parado de mandá-los de volta, imaginando que a esta altura a lei da caducidade já esteja em voga. Basta!)

Contudo, em março de 2008, sou diligente — se é que esta seria a palavra certa — no que diz respeito a abrir correspondências. De vez em quando, chegam manuscritos do tamanho de livros, não solicitados — que devolvo ao remetente com um papelzinho azul *Agradeço pelo envio*. Às vezes acrescento umas palavras e assino com minhas iniciais. Até no meu estado de torpor tenho o ímpeto de incentivar escritores, ou de pelo menos não desanimá-los. Penso *Podia ter significado alguma coisa para mim, anos atrás*.

Apesar de nada ter muito significado para mim hoje em dia. A possibilidade de ser “incentivado” se tornou abstrata e teórica para mim — “incentivado” com que objetivo?

Sua escrita não vai salvá-lo. Conseguir ser publicado — pela Ontario Review Press! — não vai salvá-lo. Não se iluda.

Assim como acontece com o lixo, não ousa deixar que a correspondência se acumule; poderia até (quase) dizer que a correspondência é o lixo. Mais pavorosas, mais ainda que as cestas de condolências Harry & David, são as subespécies horrendas de papelão enrugado em que certos editores insistem em embrulhar livros, fechadas com grampos de metal grossos que nem pregos. Tentar abrir uma dessas monstruosidades é um ato de masoquismo — às pressas, eu as descarto com a prontidão que se usaria para afastar uma cobra venenosa.

Suplicando *Não! Chega disso! Por favor tenham piedade.*

Toda semana as latas de lixo ficam tão cheias que as tampas de plástico caem com um estrondo contra a calçada quando as levo até a rua.

Por que Sísifo empurraria uma pedra montanha acima? — é mais provável que o pobre coitado do homem amaldiçoado empurrasse lixeiras montanha acima, dia após dia, *eternamente*.

Em meio a tudo isso, que piada — piada cruel — que os editores continuem a me enviar provas de livros e manuscritos querendo comentários elogiosos — ainda mais correspondência, pacotes a serem rasgados e reciclados. No meu estado de plena lucidez — que pode ser confundido com depressão banal — nada é tão patético quanto esses pedidos. Nada tão triste, tão frívolo, tão ridículo — um elogio *meu*.

Se o nome “Joyce Carol Oates” afixado a seus próprios livros não faz com que sejam vendidos, como o nome “Joyce Carol Oates” afixado ao livro de outra pessoa ajudaria a vender o livro? É uma piada!

Meu coração palpita de ressentimento, desespero. Embora meu esforço pareça tão inútil, como faxinar todos os cômodos da casa à espera de que meu marido volte do hospital, acender todas as luzes — ou apagar todas elas — pareço incapaz de parar, e a ideia de contratar alguém que me ajude, ou até de pôr alguém dentro desta casa com tal intuito, é impossível. Só sei que — não posso decepcionar Ray. É meu dever como esposa dele.

Quer dizer, viúva dele.

Me sinto presa. Estou presa. Uma vez, vimos um jovem cervo do outro lado do nosso lagunho, um macho, balançando a cabeça de forma violenta — os chifres finos estavam enganchados no que parecia ser um arame. É assim que me sinto — minha cabeça está presa no arame.

O tal do réptil — o basilisco — vem me encarando esse tempo todo com seu olhar vítreo, os pensativos olhos sáurios que penetram minha alma. *Você sabe que pode acabar com isso quando quiser. Sua alma de lixo ridícula. Para que sobreviver ao seu marido? Se você o ama, como afirma? Você não acha que está todo mundo esperando você morrer, acabar com essa insensatez? Sobreviver ao seu marido é uma vulgaridade abominável e você não merece viver nem mais uma hora, você é exatamente o lixo que tem que empurrar para longe.*

IV

Purgatório, inferno

Só o Inferno essa fuga me depara: Eu sou Inferno pior!

— Lúçifer em *Paraíso perdido*, de Milton⁸

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia.

— Albert Camus, “O absurdo e o suicídio”,
de *O mito de Sísifo*⁹

⁸ John Milton. *Paraíso perdido*. Tradução de António José de Lima Leitão. Belo Horizonte: Itatiaia, 1994. (N. da T.)

⁹ Albert Camus. *O mito de Sísifo*. 3ª ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2006. (N. da T.)

“Nem Joyce nem eu podemos atender no momento”

Alô! Nem Joyce nem eu podemos atender no momento mas se você deixar um recado com os detalhes e o número do seu telefone, ligaremos assim que possível. Agradecemos pela ligação.

A mensagem da secretária eletrônica, gravada por Ray anos atrás num tom de voz meio desanimado, saúda todos que ligam, já que hoje em dia — no fim do inverno/começo da primavera de 2008 — eu dificilmente atendo o telefone.

Sim eu ouço o telefone tocar e — não consigo me mexer para atendê-lo.

O toque do telefone me paralisa, mal respiro até que pare.

Tenho de resistir ao ímpeto de correr quando o telefone toca.

Correr para longe, me esconder. Em algum canto.

É verdade, temos identificador de chamadas — Ray o instalou no telefone da minha escrivania — e portanto eu deveria ser capaz de evitar ligações indesejadas e falar com os amigos mais queridos, mas em geral não estou perto do telefone e meu impulso é de me afastar, não de correr até ele.

Muitas vezes não tenho vontade de falar nem com meus amigos mais queridos.

Medo de desmoronar ao telefone.

Medo de esgotar o limite de solidariedade dos amigos.

Medo de atos inúteis, frívolos e constrangedores.

Ninguém me repreendeu por continuar a usar a mensagem de Ray, por enquanto. Embora algumas pessoas tenham comentado o fato.

Uma disse que é “reconfortante” ouvir a voz de Ray exatamente como há anos ela é nessa mensagem.

Uma disse — com delicadeza — que é “meio desagradável, uma distração”.

Uma disse — “É uma abstração esquisitíssima lidar com a voz na secretária eletrônica”.

Diante desses comentários, não digo nada.

Com o tempo, será sugerido — com tato e delicadeza — pelos meus amigos mais próximos que eu mude a gravação. Uma amiga oferece o marido para uma regravação.

É um conselho sensato, mas pareço não escutá-lo. Nunca respondo a ele, simplesmente pareço não escutá-lo.

Mas num acesso de raiva quero berrar *Você apagaria a voz do seu marido da mensagem da secretária eletrônica? Claro que não!*

Só depois de um ano e meio eu enfim serei capaz de apagar a mensagem de Ray e substituí-la por uma voz robótica (feminina) de gelar o sangue. Mas no decorrer deste ano-furacão de 2008, a voz de Ray prevalecerá.

Da universidade, da minha sala no 185 Nassau, não raro ligo para nossa casa. Primeiro disco 9 para ligação externa e depois o número. Uma espécie curiosa de alívio — porque o toque do outro lado da linha é indistinto do toque que ouço há anos, quando ligava para Ray deste telefone. Geralmente eu ligava para o meu marido sem nenhum motivo específico, apenas dar oi, murmurar *Te amo!* e desligar, e agora que é inútil ligar, continuo ligando.

Cinco ou seis toques e então um clique — e lá está a voz de Ray — exatamente como eu lembrava — como tem sido ao longo de todos esses anos em que não dei valor à gravação, como se fosse uma característica permanente da paisagem, ou o oxigênio que me cerca — *Alô! Nem Joyce nem eu podemos atender no momento mas se você deixar um recado com os detalhes e o número do seu telefone, ligaremos assim que possível. Agradecemos pela ligação.*

Não é raro eu ligar mais de uma vez para esse número. Meus dedos se movem sem sentir como dedos “dizendo” o rosário.

As palavras de Ray viraram uma espécie de poesia — o tipo de poesia americana vernacular direta, cristalina e perturbadora aperfeiçoada por William Carlos Williams em estrofes colunares simples. Com o ouvido aguçado, presto atenção no modo como Ray acentua as sílabas, a pausa entre as palavras — quase consigo escutá-lo tomando fôlego, posso ver sua expressão facial quando esses segundos tão preciosos de sua vida de setenta e sete anos, onze meses e vinte e dois dias foram gravados —

Alô!

Nem Joyce nem eu podemos atender no momento

Mas se você deixar um recado com os detalhes

*e o número do seu telefone
Ligaremos
assim que possível
Agradecemos pela ligação*

Mas depois, em silêncio, eu desligo.
Nenhum recado.

*Quantas viúvas não fizeram esse telefonema inútil — discaram números que
são seus próprios números; quantas viúvas não escutaram a voz do marido
falecido de novo, de novo — de novo...*

Assim como você também fará, um dia. Se for a sobrevivente.

A Ordem Militar do Coração Púrpura

Mantenha-se em movimento. Não quebre promessas. Luto é autocomiseração, narcisismo. Não se entregue.

Todos os dias traço um objetivo modesto: sobreviver ao dia.

Não é este o princípio fundamental dos Alcoólicos Anônimos? *Um dia de cada vez.*

Minha amiga Gloria Vanderbilt me consolou *Uma respiração de cada vez, Joyce. Uma respiração de cada vez.*

Gloria Vanderbilt, cujo filho, Carter, morreu de forma indescritível, praticamente diante dela.

Logo depois que Ray morreu Gloria foi a Princeton passar um tempo comigo — para comiserar, para dar esperanças — e deixou sob meus cuidados uma estatueta de Santa Teresa que lhe fora deixada por sua amada babá muitos anos antes, quando, como num conto de fadas brutal dos Irmãos Grimm, Gloria Vanderbilt se tornou um brinquedo num processo de custódia que se desenrolou nos tribunais da cidade de Nova York e foi explorado pela imprensa de forma lúgubre.

Essa estatueta de Santa Teresa está em cima da cômoda de nosso quarto. Da cômoda do meu quarto. De onde posso vê-la bem, do ninho que fiz na minha cama.

Cristo! O que é que uma estátua de Santa Teresa está fazendo no nosso quarto? Ray exclamaria num susto exasperado. *Eu passo uns dias fora e... uma estátua de Santa Teresa no nosso quarto?*

Como todos os católicos romanos permanentemente prescritos, Ray se ofendia muito com qualquer incursão de sua antiga “fé” na sua vida pós-religiosa.

Contudo: como todos os católicos romanos, Ray sabia diferenciar Santa Teresa da Virgem Maria.

Como explicar essa estátua de Santa Teresa na nossa casa, não tenho como explicar. Só que a estátua está de frente para mim, no meu ninho, a

uma distância de menos de dois metros.

3 de março de 2008.

Para Gloria Vanderbilt

A estátua de Santa Teresa fica um assombro no nosso quarto. Emana um ar de tranquilidade e beleza antigas. Não acredito que você me deu uma parte tão preciosa da sua vida. Eu disse a Elaine (Showalter) e a algumas outras pessoas que vieram me visitar que não me acho merecedora desse presente e uma delas disse, “Mostra o amor que a Gloria tem por você”, o que me deixou de coração apertado.

Muito obrigada,

Joyce

O basilisco!

Olhos vítreos e fria postura sáuria. Completamente imóvel, seu coração de réptil mal bate.

Horrorosa criatura parecida com lagarto que me chama *para a morte, para morrer*.

Se meu sono é um sono drogado, o basilisco desaparece. Mas quando acordo — quando a consciência me golpeia feito gás lacrimogêneo — a coisa volta.

Como o gato de Cheshire no *País das Maravilhas* — primeiro, Alice vê um sorriso enlouquecido surgir no ar; em seguida, aos poucos, os contornos de um enorme gato desajeitado o substituem.

Assim é o basilisco. O olhar morto que surge primeiro; depois, o resto.

Se eu tomo Lorax na dose que me receitaram, tenho certeza de que o basilisco vai desaparecer. Ou, se a criatura obscena pairar no meu campo de visão, não me incomodarei.

Mas se eu tomar esse calmante potente em excesso — ou os soníferos que me foram receitados — mergulharei em um sono profundo, possivelmente num coma e dessa forma o basilisco triunfará.

Portanto estou decidida a *Me manter em movimento! Cumprir minhas promessas!*

Quando Ray foi internado, cancelamos nossa visita à Universidade de Nevada em Las Vegas. Mas acho que vou honrar o resto dos meus compromissos profissionais e manter ao máximo a programação da minha

antiga vida.

Cleveland, Ohio. Boca Raton, Flórida. Universidade de Nova York.
Columbia, Carolina do Sul e Sanibel Island, Flórida.

Leituras, palestras, visitas para as quais fui contratada há meses. Minha agente sugeriu cancelar todas as minhas obrigações pelo próximo semestre mas eu lhe disse que não, não posso fazer isso.

Orgulho de integridade profissional.

Desejo de não ser vista como fraca, destruída.

Medo de ficar em casa, sozinha.

Medo de me perder longe de casa.

Medo de desmoronar no meio de estranhos.

Medo de ser “reconhecida”...

5 de março de 2008.

Para Jeanne Halpern

Eu te liguei ontem por volta das 22h de Cleveland, sitiada pela nevasca, depois da minha leitura na Cuyahoga County Library, que foi boa apesar do clima tenebroso; no meu quarto de hotel no Ritz — uma suíte formidável, com flores — fui dominada pela solidão e medo porque não poderia ligar para o Ray como sempre fazia nessas horas... Então te liguei e Lily atendeu; e fico contente porque você não estava em casa pois eu ficaria muito emotiva, e acabei ligando para o Edmund White, que me animou rapidamente com histórias de sua vida e desventuras...

Com muito carinho,

Joyce

6 de março de 2008.

Para Elaine Showalter

Um delícia ver você e English! Na maior parte do tempo sinto angústia, no entanto, a respeito de questões jurídicas/financeiras, e tenho uma impressão bastante macabra sobre minha vida. Mesmo com remédios, não consigo dormir — tomei uma dose e meia do remédio que me foi receitado e não poderia ter ficado mais desperta, e amanhã tenho que dar aula, pegar o carro e ir até NYC para uma leitura... Acho que,

sem Ray, não vejo muito sentido em nada do que faço. Mas foi uma delícia ver você e English nos dois dias. “Luz do dia” é a hora boa para mim — o resto do tempo não é tão bom assim.

Com muito carinho,

Joyce

Com certa seriedade eu penso em mandar para o e-mail de amigos um comunicado *Por favor não riam de mim e/ou fiquem alarmados mas será que posso “contratar” um de vocês — se vocês puderem superar os escrúpulos da amizade e deixar que eu pague de algum jeito real — para que me mantenha viva por um ano, pelo menos? Caso contrário —*

Claro que é só meia verdade.

Claro que não ousou insinuar tamanho desespero, as fofocas se alastrariam como fogo no nosso círculo de amizades, e além disso, terrivelmente além, círculos concêntricos de amigos íntimos/“bons” amigos/conhecidos simpáticos/colegas desconhecidos floresceriam na internet, realçados de forma lúgubre para que todos vissem.

6 de março de 2008.

Para Mike Keeley

Mike, obrigada! Ray te amava muito. Ele não fazia ideia de que nunca mais nos veria de novo — as últimas palavras dele (eternizadas na minha caixa de mensagens) foram tão carinhosas e animadas. Acho inacreditável. Anseio por um companheiro — mesmo uma fantasia ou um companheiro fantasma (feito Harvey o coelho invisível) para morar nesta casa, para aludir não ao homem de verdade e sim a um vislumbre da essência dele. Metade do tempo, eu acho que devo estar completamente doida. Em outros momentos, como na noite passada, acho que estou relativamente sã. Espero que as coisas fiquem mais fáceis. Mas o lado jurídico/financeiro é opressivo, e talvez me destrua antes que o lado emocional o faça...

Com muito carinho pelos dois,

Joyce

Minha descoberta é: os dias são suportáveis se divididos em segmentos.

Para ser mais exata, os dias são suportáveis *apenas se divididos em*

segmentos.

A viúva logo percebe que um dia inteiro, como os outros o vivem — o vasto e medonho Saara de tempo intratável —, é impossível de aguentar.

Portanto a viúva é aconselhada a dividir o dia em Manhã — Tarde I — Tarde II — Começo da Noite — Noite.

As manhãs, que seria de se imaginar como os piores momentos, na verdade não são tão ruins assim, já que a viúva provavelmente ficará na cama mais tempo do que as pessoas “normais”. Como a viúva fica mais feliz — isto é, feliz — somente durante o sono — sono profundo — num sono negro como piche, que antecede não só a qualquer lembrança da catástrofe de sua vida como também a qualquer lembrança da possibilidade de catástrofe — é provável que a viúva ache muito difícil se levantar da cama.

Levantar da cama? Que tal... abrir os olhos?

Ninguém é capaz de entender — ninguém, a não ser a viúva — que o ato de *abrir os olhos* é exaustivo, é um ato que exige imprudente abandono, rara coragem, imaginação; ao *abrir os olhos* a viúva se compromete a viver mais um dia de cerco contínuo, um tufão de emoções que nos deixa arruinadas e devastadas e no entanto decididas a sermos, ou dar a impressão de sermos, resilientes, até mesmo “normais”. Pior ainda, depois de *abrir os olhos* vem o ato de *levantar da cama* — o que requer, nesse estado de fraqueza, a motivação e a obstinação de um atleta olímpico.

A princípio, eu passava bastante tempo sem conseguir me convencer a abrir os olhos, permanecendo deitada num estado semelhante ao coma; ouvindo com crescente pavor os ruídos de mensageiros na entrada da garagem, os passos dos entregadores trazendo embrulhos (indesejados, invariavelmente volumosos e grampeados) até a porta da frente e o toque da campainha; uma vez, ou mais de uma, amigos bem-intencionados vieram me visitar, atravessando o pátio e tocando a campainha; como não atendi, me acovardando no ninho bagunçado da minha cama, abarrotada de papéis, provas de livros, livros da noite anterior, os bem-intencionados amigos obviamente bateram à porta — bateram com força os nós dos dedos contra a porta — chamando, com a voz projetada de forma a disfarçar o alarme: “Joyce? Joyce?” Às vezes eu simplesmente tinha adormecido ao amanhecer, e a intrusão — isto é, a visita do amigo — o amigo bem-intencionado — acontecia por volta das 9h; às vezes, como resultado da minha confusão insone, quando entregava os pontos às 5h e tomava meio comprimido de um

sonífero prescrito — ainda não era o Zolpidem, pois eu estava acumulando cápsulas de Zolpidem, e sim Lunesta — as batidas ocorriam ainda mais cedo, me despertando do negrume do sono de total, deliciosamente aguardado esquecimento com uma marretada na cabeça e me deixando paralisada de desespero, sofrimento. Nesses momentos — e são vários esses momentos na vida de comédia idiota da viúva — fica claro que se eu realmente tomasse coragem de engolir uma “overdose” de remédios — se enfim conseguisse canalizar toda a minha energia numa tentativa temerária de “acabar com o meu sofrimento” — o gesto seria interrompido abrupta e grosseiramente com a chegada inesperada do amigo. “Joyce? *Joyce?*”

Que horrível, o som do meu nome. Nessas horas. Pois ser *Joyce* é ser, por definição, *a pessoa que ninguém gostaria de ser*.

Joyce Carol Oates tem uma sonoridade ainda mais falsamente melancólica, devido à pretensão das muitas sílabas. Que piada!

Contudo, vou me comportar de forma razoável, pode contar com isso. Tentarei ter um comportamento razoável. Em todo caso, que alternativa me resta além de me arrastar para fora da cama, espalhando papéis no chão acarpetado, uma ou duas provas encadernadas, uma ou duas separatas de Raymond Smith, brochuras surradas de Pascal, Nietzsche, da *Ética* de Espinosa (consultada tanto pela possibilidade de induzir o sono quanto pela emoção de ver a imaginação de um especialista em lógica voltada para o desafio de reduzir o caos do mundo a unidade, ordem, sanidade, sentido), e embora meu cérebro tenha virado uma massa úmida de gaze em que ideias loucas abundam feito larvas, e eu provavelmente parecesse um espantalho preso a uma caminhonete e arrastado por uma estrada sulcada, aparecia no corredor — (nessa casa térrea em que prevalecem paredes de vidro não há outro esconderijo que não os banheiros, o cômodo onde fica a fornalha, e um ou dois cantos escurecidos de outros aposentos) — dando ao amigo uma resposta casual e desesperada — “Oi! Olá! Sim estou aqui! Estou bem — estou legal! Estou *aqui!*” — acrescentando com um riso estoico forçado, “É que eu não posso te receber agora, mil desculpas — eu te ligo mais tarde”.

O amigo responde: “Joyce? Você está bem *mesmo?*”

“Estou! Sim *estou bem!* Te ligo depois.”

Suplicando em silêncio *Por favor, neste momento, vá embora. Por favor!*

Pensando *Não tenho onde me esconder? Não tenho — a não ser que eu morra?*

Em outra manhã o telefone toca — cedo — depois de uma noite terrível de insônia que transbordou para o dia como água turva — o telefone tocando no cômodo vizinho que é o escritório de Ray e por alguma razão, em vez de me encolher debaixo das cobertas fingindo não escutar, sou compelida a atender — pois pode ser “meu” advogado, ou “meu” contador — um ou outro indivíduo que as infundáveis exigências dos *deveres da morte* fizeram surgir na minha vida — sou permeada pela angústia ao pensar *tenho que atender* — e portanto cambaleio até o cômodo vizinho sem estar totalmente vestida, de pés descalços e trêmula e é meu irmão Fred que mora em Clarence, Nova York, não muito longe do velho e há muito tempo demolido sítio da família, na desolada Millersport, Nova York — uma comunidade rural cerca de trinta quilômetros ao norte de Buffalo — e é claro que fico contente de falar com Fred, meu irmão caçula que tem me confortado, ainda que pelo telefone, e à distância; meu admirável irmão que foi muito atencioso com nossos pais em seus últimos anos de vida, quando eles estavam em uma casa de repouso em Amherst; mas enquanto estou ao telefone com Fred um entregador aparece na porta, a menos de cinco metros, toca a campainha, bate com os dedos, e eu me agacho no escritório de Ray e tento me esconder implorando *Por favor vá embora! Vá embora e leve junto o que você tiver por favor!*

No meu exemplar de Nietzsche leio o famoso aforisma do filósofo — *O pensamento do suicídio é um forte consolo: com ele atravessamos mais de uma noite ruim.*¹⁰

Nietzsche também disse *E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.*¹¹

E, na voz quase visionária de Zaratustra, *Muitos morrem tarde demais, e alguns morrem cedo demais. Ainda parece estranho o ensinamento: “Morre no tempo certo!”*.¹²

Esses aforismas me vêm à cabeça com frequência, feito choques elétricos! E em momentos inesperados, feito choques aleatórios.

No entanto: mesmo diante de sua profunda solidão e do desespero da prolongada doença/loucura final, Friedrich Nietzsche não cometeu suicídio.

Albert Camus tampouco cometeu suicídio. (De acordo com ele mesmo, Camus teve uma morte ainda pior — a morte “sem sentido” em um acidente

de carro, como passageiro. Seria preferível o suicídio!)

Não pense — se você tem a mente sã e acha o suicídio abominável — (como Ray achava) — que o suicídio é, para os outros, um pensamento “negativo” — de jeito nenhum. O suicídio é de fato uma ideia confortante. O suicídio é uma porta secreta pela qual se pode deixar o mundo a qualquer instante — a decisão é só sua.

Pois quem pode impedi-lo, se o suicídio for realmente seu desejo? Quem tem a autoridade moral, quem pode saber o que se passa no seu coração?

O olhar do basilisco! — é a tentação do suicídio. É a própria face da morte, vazia.

Porém, por mais confortante que seja a ideia do suicídio, ela também é aterrorizante. Pois o suicídio é a porta secreta que, depois de aberta e atravessada, se fecha e se tranca atrás de você — jamais será possível reatranspassar a porta.

O olhar do basilisco é maldito. É uma tentação à qual se deve resistir.

Dessa forma, pensar seriamente em suicídio é um impedimento ao suicídio. Assim como pensar nas consequências póstumas do suicídio — o efeito que causará nos outros.

Meu irmão Fred, por exemplo. Pois recentemente fiz dele o testamenteiro do meu espólio.

Assim como sou a “testamenteira” do espólio de Ray, tendo portanto herdado um manancial de responsabilidades semelhante à responsabilidade que uma pessoa sentiria ao carregar uma pirâmide de ovos por um chão irregular.

Falando com meu irmão eu penso nessas coisas mas jamais dividiria esses pensamentos com ele, nem com ninguém; jamais importaria uma intimidade tão incômoda a alguém. Uns dias atrás cheguei a perguntar a uma amiga o que ela faria no meu lugar, imaginando que ela diria *Claro que eu me mataria* e no entanto ela declarou, surpreendentemente, depois de pensar bem, *Acho que eu me mudaria para Paris. Compraria um flat e moraria em Paris. É — acho que eu faria isso mesmo.*

Que bizarrice me pareceu! Como sugerir a uma paraplégica que se dedicasse ao esqui, ou a maratonas de corrida.

(O único amigo com quem conversei abertamente sobre essas questões foi Edmund White, que viu muitos de seus amigos e amantes morrerem de Aids e é, no momento em que escrevo isto, o indivíduo mais velho

diagnosticado como HIV positivo; o querido Edmund que tem, muito provavelmente, um estoque de comprimidos como os meus, acumulados ao longo dos anos, e apreço pelo aviso de Nietzsche de que devemos morrer no tempo certo...)

O entregador foi embora. A conversa com meu irmão terminou. Agora que estou “de pé” — o primeiro obstáculo do dia vencido com êxito — quase me sinto animada. Penso que em geral Ray acordava entre 7h e 7h30. Parecia despertar imediatamente, sem transição; num instante adormecido, no outro acordado; já eu acordo aos poucos, devagar, como se saísse de uma região profunda do mar para a superfície iluminada lá em cima; deixando a região escuramente calorosa dos sonhos em direção à dureza da luz do dia. Até seu derradeiro inverno, em que parecia ter menos energia, Ray saía para correr — fazer jogging — por cerca de três quilômetros todas as manhãs, independentemente do clima — além de sair comigo todas as tardes (corrida, caminhada, andar de bicicleta, Fitness Center); mas nunca tive a disposição de Ray para me levantar bem cedo. E para correr no frio, até debaixo de chuva, às vezes.

Repreendendo-o com carinho — “Seus pés estão molhados! Você vai pegar uma pneumonia”.

7 de março de 2008.

Para Jan Perkins e Margery Cuyler

Existe algo parecido com um “grupo de apoio aos enlutados” na cidade? Talvez eu tenha que tentar isso... Não sei se sou capaz de aguentar sozinha. Tenho a impressão de que a minha personalidade está se desintegrando. Principalmente à noite. Em geral fico bem quando estou com outras pessoas mas começo a desmoronar quando a sós. Acho que de certa forma não consigo entender que Ray se foi de verdade. Que não está em algum outro lugar onde não posso vê-lo. Me parece impossível...

Talvez algo similar às reuniões do AA — (soa tão nabokoviano).

Me perdoem por falar tanto de mim mesma! É prova da minha demência...

Com carinho,

Joyce

Dentre as muitas coisas que não contei aos amigos está o fato de que, no dia seguinte à morte de Ray, naquela noite insone, tirei mais ou menos metade das minhas roupas do closet do nosso quarto.

Não as roupas de Ray! As minhas.

Numa pilha joguei vestidos, saias, calças, blusas — suéteres — peças que não usava havia um ano ou mais. Em alguns casos, uma década.

Vestidos que eu usara, com Ray, muito tempo antes, em Windsor. Em Detroit. Jantares, festividades. Existem fotografias de nós dois, com nossos trajes elegantes. Parecendo muito felizes.

Na ânsia de me livrar dessas roupas — roupas que outrora foram novas — roupas que outrora me agradava vestir — de joelhos com papel toalha e Windex para limpar o assoalho empoeirado do closet.

Uma espécie de raiva arde em meu coração. Por que estou com tanta raiva — raiva zombeteira — *Agora você está sozinha. Toda essa vaidade é inútil. Como você é ridícula! É isso o que você merece.*

Roupas amassadas em uma pilha, enfiadas num saco de lixo, para serem levadas até a esquina. Parece tão essencial me livrar dessas coisas, não olhar para elas uma segunda vez, não penso em chamar a Boa Vontade, ou o Exército da Salvação — ou talvez tenha a sensação de que ninguém iria querer minhas roupas, ninguém iria *me* querer.

No dia seguinte, o lixo foi recolhido e as roupas se foram, e metade do meu closet está vazio — sou tomada por uma sensação de perda.

Por que fiz uma coisa dessa? Por que com tamanha urgência?

As roupas de Ray continuaram intocadas. O belo casaco esportivo de lã cinza, o casaco de pelo de camelo, as camisetas ainda estão no saco de roupas para lavar, o short cáqui está bem dobrado... Mas tem a gaveta da cômoda repleta de meias, acho que vou doar as meias de Ray, tem uma organização de auxílio aos veteranos para a qual vou ligar — a Ordem Militar do Coração Púrpura.

Semanas depois, fito o cartão deixado pelo Coração Púrpura na nossa caixa de correio. Só pode ser coincidência, penso.

Necessitamos de pequenos artigos domésticos e roupas em bom estado. Levantamos fundos para serviço militar, assistência social e reabilitação relativos aos membros da Ordem Militar do Coração Púrpura dos EUA. Os qualificados para afiliação são veteranos feridos, inválidos e/ou deficientes,

cônjuges, órfãos e outros sobreviventes.

Na mesma hora, coloco as meias de Ray — (dobradas com esmero depois de terem sido lavadas por Ray) — numa sacola de pano. Tantas meias! — meias de algodão brancas, meias de seda pretas, meias xadrez. Não consigo doar as camisetas, suéteres, paletós, gravatas de Ray — mas as meias são mínimas, lhes faltam identidade e significância.

Em outros sacos e caixas, mais peças de roupa (minhas), artigos domésticos aleatórios, como pratos, copos, vasos, canecas de café.

Nada disso precisa ser descartado mas acho que tenho de doar mais do que simples meias para a organização de auxílio aos veteranos. E quando no meio da manhã uma van aparece na frente da nossa garagem e o motorista se aproxima para botar as coisas no veículo eu sinto um lampejo de pavor, a sensação que temos quando nos damos conta de que estamos cometendo um erro terrível mas que já é tarde demais — tarde demais!

Agora, a gaveta de Ray na cômoda está vazia. Não sei por que fiz o que fiz. (Eu pensei que *precisava* da gaveta da cômoda?) Estou enjoada, perplexa. Poderia ter corrido atrás da van e gritado para que ele parasse, poderia ter pegado as meias de volta — (talvez) — mas uma espécie de paralisia me dominou, eu simplesmente fiquei na janela olhando, impotente, assim como ao chegar tarde demais à cama de Ray eu fiquei olhando, impotente, para Ray, meu cérebro esvaziado até de ódio de mim mesma, de recriminações a mim mesma.

A criatura semelhante a um lagarto, o basilisco — que quer que eu entregue os pontos, que morra — me encara, imóvel e decidido, à espera, a poucos metros de distância, mas eu não olho. Não vou olhar.

[10](#) Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (N. da T.)

[11](#) Ibid. (N. da T.)

[12](#) Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (N. da T.)

Em movimento!

Mantenha-se em movimento! — essa é a salvação.

E portanto, nessas semanas alucinatórias após a morte de Ray, estou decidida a personificar “JCO” de forma tão impecável quanto a raça de replicantes personificou seres humanos no filme cult *Blade Runner*. Estou decidida a personificar “JCO” não só por ter sido contratada para fazê-lo mas porque — um fato que dificilmente admitiria nas sessões de perguntas que sucedem as leituras/palestras — é o jeito mais eficaz de escapar do basilisco.

E há o fato claro e evidente *Que diferença faz onde você está, não existe nenhum lugar em que você não esteja só e todos os lugares são equidistantes em relação à morte.*

Condado de Cuyahoga, Ohio. 4 de março de 2008. Em meio à nevasca — ventos com uivos diabólicos — há um ar quase festivo — leviandade, júbilo — quando o avião que transporta cerca de sessenta passageiros de palidez fantasmagórica para o oeste da Filadélfia à maneira de um barquinho em mar bravio — ligeiramente inclinado, cambaleante — mas não de modo desastroso — pela pista espumada de neve no aeroporto de Cleveland.

Vou tentar me sentir bem quanto a isso. Vou tentar não ouvir o refrão jocoso batucando na minha cabeça *There once was a ship, and she sailed upon the sea. And the name of our ship...*

De alguma forma, contradizendo os conselhos dos amigos e da minha agente de longa data Janet Cosby, aconteceu de eu vir a Cleveland dar uma palestra — “A vida (secreta) do escritor: feridas, rejeições e inspiração” — para uma noite de arrecadação de fundos patrocinada pela Biblioteca Pública do Condado de Cuyahoga num subúrbio de Cleveland, Ohio. Minha apresentação não é na biblioteca e sim no Ohio Theater, um cinema majestoso da década de 1920 que sofreu uma restauração esquisita, com um céu de feltro azul-escuro com estrelas cintilantes — um ambiente vasto é

sugerido, transformações mágicas como num livro infantil — um ambiente cavernoso de mil cadeiras — das quais apenas metade será ocupada, em consequência do clima terrível.

“Sra. Oates! Muito obrigada por ter vindo! Ficamos sabendo do seu marido, sentimos muitíssimo...”

Minhas anfitriãs são mulheres: bibliotecárias. Pessoas muito legais.

Inevitavelmente, em qualquer lugar — (sim, podem citar esta minha declaração!) —, as pessoas mais bacanas que conhecemos tendem a ser bibliotecários.

Como é difícil, entretanto — manter a compostura como “JCO” quando me tratam, sem nenhum rodeio, como uma mulher cujo marido faleceu — como “viúva”.

Como é difícil, também, mudar de assunto — desviar do assunto —, pois não posso desmoronar, não agora. Sei que essas mulheres têm boas intenções, é claro que têm boas intenções, talvez uma ou outra também seja viúva, mas suas palavras me abalam e fico sem fala, de início. Ao aceitar suas condolências tenho de ser delicada, graciosa. Tenho de entender que a solicitude delas é genuína, que não têm noção do quanto eu não gostaria de ser lembrada da minha “perda” — especialmente neste momento.

Aos poucos, “JCO” retorna, ou reassume — o momento de precariedade passou.

Penso em fazer uma camiseta com a inscrição:

SIM MEU MARIDO MORREU.

SIM ESTOU MUITO TRISTE.

SIM É MUITA GENTILEZA DE SUA PARTE ME DAR OS PÊSAMES.

AGORA PODEMOS MUDAR DE ASSUNTO?

Junto com mais oito ou dez pessoas, em sua maioria mulheres, sou levada para jantar em um clube privativo próximo ao Ohio Theater; nossa anfitriã — claramente uma doadora endinheirada — me encara com um olhar quase rude no decorrer do jantar, enquanto me interroga sobre o tamanho do meu romance *A filha do coveiro*, que parece ter sido o único livro meu que já leu. Existem pessoas para as quais uma obra de ficção parece ser uma espécie de obstáculo, ou desafio — um retrato de vidas ou de perspectivas de vida que diferem de suas próprias e portanto requerem esse tipo brutal de

interrogatório. A situação é composta pelo fato de que a mulher tem nítidos problemas de audição, então minhas respostas murmuradas com educação causam olhares inexpressivos, e a voz dela é elevada, estridente quando ela me questiona por que, tendo sido “classe média” na Alemanha, os membros da família judia do meu romance “entregaram os pontos” tão rápido e “viraram camponeses” nos Estados Unidos? Fico tão pasma com tal questão, e com a estridência curiosa empregada na pergunta, que tenho de pensar bem em uma resposta. Porque estavam traumatizados com as experiências que tiveram na Alemanha, eu digo. Porque foram obrigados a fugir de casa, ficaram desabrigados, apavorados — eles sofreram. Os nazistas perseguiram os judeus — claro que você sabe disso, não é? A mulher me encara. Ela é surda de verdade? Está agindo com teimosia, tentando criar polêmica? Será uma esnobe? Antissemita? Ou simplesmente tacanha? Sim, ela declara, com expressão desdenhosa, mas empobreceram tão rápido, viveram na miséria. O pai havia sido professor, deveria ter mais discernimento... Que bizarrice, que desagradável, me lembra um comentário assombroso dirigido a Susan Sontag e a mim numa conferência literária em Varsóvia, no começo dos anos 1980, por um tradutor polonês — *Os judeus poderiam ter se salvado dos nazistas. Mas foram muito preguiçosos.*

Os outros convidados do jantar — as bibliotecárias — ouvem em silêncio. Queria estar sozinha — em qualquer lugar, sozinha! — enquanto tento explicar para a mulher cética que o escritor não apresenta os personagens como seriam idealmente, mas como podem ser de forma plausível; não estou a ponto de contar que *A filha do coveiro* foi baseado na vida de minha avó — minha avó judia, a mãe do meu pai — muito antes de eu conhecê-la. É óbvio que a mulher que me importuna com questões está acostumada a ser levada a sério, pois logo é revelado que ela e o marido já “jantaram com os Bush” — isto é, George W. e Laura — num evento de arrecadação de fundos de US\$ 25.000 por prato; o marido dela é um “republicano convicto” — um homem mais velho. De má vontade, ela cede, “Imagino que não fosse fácil conseguir emprego aqui. Na década de 30”. Pois é, eu digo. É isso mesmo. Não era fácil — “Jacob Schwart virou coveiro porque não tinha alternativa”.

Porém ela repete, como se fosse o grande desastre: “Sim, mas eles entregaram os pontos rápido demais. É isso o que não entendo.”

Fico enfurecida, com vontade de dizer a ela *E em quanto tempo você*

entregaria os pontos? Um mês, uma semana? Um dia?

Tenho a impressão de que as outras mulheres estão constrangidas. Mudam de assunto. Pela primeira vez tenho a sensação de que foi um erro vir aqui. Deixar minha casa no meio de uma nevasca para dar uma palestra em uma biblioteca pública de Ohio — no meio de uma nevasca. É óbvio que não estou com a cabeça no lugar. Essa conversa boba com uma estranha, uma “republicana convicta” — de que me importa isso, ou ela? De que me importa o que essa mulher acha? Nunca mais a verei, nunca mais voltarei ao Condado de Cuyahoga.

O jantar continua, num tom mais leve. Posso contar histórias — não de mim, ou de meus desventurados ancestrais judeus, mas de outros escritores, amigos escritores, nomes conhecidos de meus convivas que estão ávidos para serem entretidos e não param de me dizer o quanto se sentem “gratos” por meu avião não ter caído com a tempestade, ou por eu não ter cancelado em cima da hora — “É isso o que se espera, sabe?”.

Todos concordam com veemência. Até a mulher que tanto condenou minha família judia. *Eles* teriam cancelado em circunstâncias similares, é claro.

Não posso lhes dizer que cancelar não era opção. Porque se o tivesse feito, talvez cancelasse o compromisso seguinte. E o outro. E haveria uma manhã em que eu nem sequer me levantaria da cama.

No fim do jantar já me esqueci da conversa desagradável com a doadora de péssima audição e me sinto quase eufórica, exultante. É como se Ray estivesse presente e me lembrasse — *Se você ficou chateada por causa dela, é porque você se importa. Você não está totalmente derrotada, deprimida. Uma pessoa deprimida não sentiria raiva. É uma boa coisa!*

Há certa conveniência irônica na minha apresentação — “A vida (secreta) do escritor: feridas, rejeições e inspiração” — com o foco em *feridas* — principalmente na infância. Os escritores de quem falo — Samuel Beckett, as irmãs Brontë, Emily Dickinson, Ernest Hemingway, Sam Clemens, Engene O’Neill, entre outros — são exemplos brilhantes de indivíduos que transformaram *feridas* em arte; não são escritores geniais porque foram *feridos* e sim porque, sendo *feridos*, foram capazes de converter suas experiências em algo rico e estranho e inédito e maravilhoso. Lágrimas

brotam dos meus olhos quando cito o comentário emocionante feito por Ernest Hemingway — é tão profundo que o cito duas vezes para a plateia:

A partir das coisas que aconteceram e de todas as coisas que você sabe e todas as que você não pode saber, você cria algo através da invenção que não é uma representação mas algo inteiramente novo, mais verdadeiro do que qualquer coisa verdadeira e viva, e você o torna vivo, e se o fizer bem o suficiente, você lhe dá a imortalidade. É por isso que escrevemos e não existe outra razão.

(Hemingway tinha cinquenta e tantos anos — quase no fim de sua vida — quando deu esta declaração entusiástica ao jovem George Plimpton, que o entrevistava para um dos primeiros números da emergente *Paris Review*. O idealismo retumbante ia de encontro à personalidade profundamente ferida, se não mutilada, de Hemingway — a alma torturada, o espírito amargurado e rancoroso — e no entanto, como é forte!)

Durante a apresentação sinto como se voasse nas alturas — como sempre — como se tivesse deixado para trás minha *ferida* pessoal, na coxa do palco; mas depois, sozinha, quando os aplausos se aquietam e a sessão de autógrafos termina, e sou levada de volta ao hotel — sozinha —, estou em um momento perigoso.

Eu faria piada disso, se pudesse — “Amor? Estou aqui em Parma, Ohio. No meio de uma nevasca — e na Snow Road. Não me pergunte o porquê!”.

Ou: “Tem um buquê gigantesco aqui no meu quarto — um cheiro forte de lírio — parece uma casa funerária.”

Se eu fosse ligar para Ray como em geral fazia nessa hora, seria isso o que eu lhe diria, para fazê-lo rir. E

Ray diria —

Não fique trabalhando até tarde.

Volta logo!

Eu te amo.

É fato que estou em Parma, Ohio, mas não é realmente verdade que estou, neste instante, na 2111 Snow Road, o endereço da Biblioteca do Condado de Cuyahoga; estou em um hotel muito agradável neste subúrbio de Cleveland.

Tampouco é verdade que sei o que Ray diria. É bem provável que conversássemos sobre as coisas mais mundanas... como geralmente fazíamos.

Esse é meu primeiro compromisso longe de casa desde que Ray morreu

e portanto a primeira noite longe de casa em que não posso ligar para ele.

Como é implacável a neve batendo contra as janelas do hotel! Uivos demoníacos lá fora! Foi muita gentileza de minhas anfitriãs bibliotecárias deixar o grande e belo arranjo floral à minha frente, com lírios brancos que exalam uma doçura deliciosa... Que tristeza sinto em não ter ninguém com quem dividir essas flores, assim como não há ninguém com quem dividir a luxuosa suíte do hotel, a cama “king size” do tamanho de um campo de futebol.

Sinto-me muito sozinha — não tenho ninguém esperando meu telefonema para casa — ninguém sabe onde estou, ninguém se importa; é o tipo mais sentimental de autocomiseração, eu sei; contudo — como transcendê-lo? Não sou o Sísifo de Camus — o “herói do absurdo” que resiste à tentação do suicídio através da estoica aceitação de seu destino. Devemos imaginar Sísifo feliz, diz Camus. No que eu retrucaria *Sério? O que o próprio Sísifo diria?*

No quarto de hotel um bocado frio por causa da corrente de ar — próximo às janelas altas e estreitas — o basilisco paira. Se eu virar o rosto, a criatura recua — o olhar vítreo, a expressão de tenebrosa paciência.

Nunca consideraria “me ferir” longe de casa — é claro. Portanto estou segura aqui em Parma, Ohio.

Porém estou tão angustiada e deprimida que tenho de ligar para minha amiga Jeanne — mas sua filha Lily é quem atende — Jeanne não está em casa; telefono para Edmund White, que está em casa, em seu apartamento em Chelsea, na cidade de Nova York, e nem parece se surpreender por sua amiga escritora Joyce estar ligando às 23h de Desespero, Ohio.

Que sorte tenho de Edmund falar comigo a essa hora! Se existe um Mozart da amizade, Edmund White é o Mozart da amizade; o mais solidário dos indivíduos, emocionalmente disponível para os amigos a qualquer hora; Edmund não julga, ele que já sofreu todos os julgamentos possíveis, como ele mesmo admite, além da vergonha. Em um trecho surpreendente de *My Lives* (*Minhas vidas*) ele diz de si mesmo:

Na minha busca por leveza, às vezes me sinto um macaco-aranha balançando nas árvores em um mundo cada vez mais desflorestado. Se olho com atenção ainda acho momentos de frivolidade, de tolice ressoante, de cumplicidade feliz, até mesmo de pura alegria vesga. Até agora ainda fui capaz de enxergar o

próximo galho, mas às vezes é bem difícil.

Naquela noite, deitada na enorme cama sob cobertas frias escuto a neve batendo contra as janelas feito neutrinos enlouquecidos e penso *Eu consegui. Estive aqui. Não cancelei. E agora — o que vem a seguir?*

Em movimento! — “Ainda viva”

Universidade de Nova York, NY. 6 de março de 2008.

Não em meio a uma nevasca uivante mas em um fim de tarde invernal frio e úmido.

Não no balanço desesperador da minha vida no céu e sim levada de carro pelo New Jersey Turnpike, saindo no Holland Tunnel, uma paisagem que me é familiar, a menos de duas horas de casa.

Casa! A ideia me deixa ansiosa, sem fôlego. Pois assim que me distancio de casa eu desejo voltar para ela.

Agora, em certo sentido, sou uma desabrigada. Pois o lar, o lugar de refúgio, solidão, amor — onde meu marido vivia — não existe mais.

Onde estou, por que estou aqui, eu preciso lembrar a mim mesma — *Onde não há lugar nenhum onde estar, todos os lugares são iguais.*

Meu amigo Ed Doctorow é meu anfitrião esta noite. Farei uma palestra/leitura para um grupo de jovens escritores em uma “casa de escritores” próxima ao campus da NYU. Hoje foi um bom dia, um dia “seguro” — mais cedo, dei aula em Princeton; agora, estou na casa de escritores na NYU; é um período de várias horas em que não sou obsessivamente uma viúva e sim outra pessoa, mais livre — que esses jovens escritores de Nova York veem como “Joyce Carol Oates” — e embora a identidade seja uma espécie de embuste, ela é familiar e confortante como meu velho e surrado casaco vermelho acolchoado que bate quase nos meus tornozelos e tem um capuz no qual posso me esconder.

Esse casaco, meu velho casaco vermelho, comprado ao lado de Ray anos atrás, me faz lembrá-lo, entretanto. Pois é o casaco que vesti diariamente no inverno, em muitos invernos, enquanto Ray usava um ou outro de seus paletós da L.L. Bean. (Esses paletós, agora pendurados no armário do corredor de casa. Não raro fito o armário, acaricio as mangas. A mente vazia, confusa.) Ao ser saudada pública e calorosamente por Ed Doctorow, abraçada e beijada nas faces, me lembro de Ray, muito de Ray, pois nunca

tinha visto Ed Doctorow e sua esposa, Helen, sem também estar acompanhada de Ray, no decorrer dos anos.

Tento lembrar quando ocorreu nosso primeiro encontro com Ed e Helen. É possível que tenha sido quando Ed deu uma oficina de ficção em Princeton, no fim dos anos 1970. Íamos a Sag Harbor, na distante costa norte de Long Island, para visitar os Doctorow na casa de campo do casal.

“É com prazer que apresento minha amiga Joyce Carol Oates...”

É isso que diz Ed aos jovens escritores, dentre os quais muitos são seus alunos. Existe um ar festivo nesse ambiente abarrotado, um tipo de empolgação e nervosismo que jovens escritores — jovens artistas? — emanam. Gostaria de lhes dizer que ser um escritor “consagrado” — até mesmo um “importante escritor americano” — (designação que me parece completamente irreal) — não garante confiança, segurança, ou mesmo noção de que/quem se é.

Você sabe como o romance vai acabar quando você o começa?

Já aconteceu de você mudar finais que tinha planejado quando chega ao fim?

Quem foi sua maior influência?

Um medo violento me domina, de que algo acontecerá ao manuscrito inacabado de Ray, *Black Mass* — algo acontecerá com a casa na minha ausência.

Vândalos destruindo a casa. Um incêndio...

O que você está escrevendo agora?

Como saber se a história vai virar um conto ou um romance?

Você já começou a escrever um conto e ele se transformou num romance?

Você já começou a escrever um romance e ele se transformou num conto?

Quando você soube que queria ser...

A verdade nua e crua é: para ser escritor, você precisa ser forte o suficiente para escrever. Você precisa ter força emocional, e precisa ter força física. Agora que não tenho mais essa força, me parece errado tentar responder às questões dos jovens escritores como se fosse um oráculo de Delfos autoral...

(Sem dúvida o oráculo de Delfos sabia muito bem que era um impostor. Todo oráculo sabe que é um(a) impostor(a). No entanto — quando os outros

lhe fazem perguntas, e estão ávidos por acreditar que você sabe as respostas, quem é você para quebrar o feitiço?)

De onde você tira as ideias?

... sua inspiração?

Inspiração! Acima de qualquer pessoa, sou incapaz de falar de inspiração — me sinto um balão cujo ar vazou — murcho, achatado. Porém dou um jeito de responder a questão de forma plausível —

As ideias surgem de qualquer lugar, todo lugar. Vida pessoal, o que alguém contou, relatos nos jornais, da história...

O que é estranho e inquietante na minha vida agora, e que não posso falar para ninguém — soaria de tal modo banal, antes de mais nada —, é que estou assoberbada de ideias para contos, poemas, romances — romances inteiros! — que me vêm em lampejos como aquelas imagens alucinatórias que nos surgem quando mergulhamos no sono; essas ideias aparecem, faíscam e florescem e somem em poucos segundos, praticamente todas as vezes que fecho os olhos. E tenho certeza de que — se tivesse tempo — se tivesse tempo, energia, força, “inspiração” — eu poderia levá-las a cabo, assim como levei a cabo tantas ideias de histórias no passado.

Talvez seja sintoma da insônia. Talvez seja sintoma do luto. Talvez algum tipo de fissura neurológica no meu cérebro. Em meio aos clamores de canções, versos de poemas, vozes e músicas que ouço em partes... Nunca na vida me senti tão “inspirada” — e ao mesmo tempo tão abatida, exausta; não tive energia nem para anotar essas ideias, quanto mais para tramar formas de levá-las a cabo.

No fim da noite Ed Doctorow me acompanha até o carro que me levará de volta a Princeton. Ed me dá um abraço carinhoso e me diz outra vez como ele e Helen ficaram tristes por Ray. Ele me diz que achava que eu cancelaria o compromisso e eu digo a Ed, “Ah mas por que eu cancelaria esta noite? Onde estaria senão aqui? Quer dizer — onde eu preferiria estar...”.

Pensando Não tenho uma casa de verdade. Não importa onde estou, agora sou uma desabrigada.

Claro que é errado, pois tenho uma casa. E tenho muita sorte, como viúva, por ter essa casa.

Pense nas viúvas que realmente ficam desabrigadas devido à morte do

marido! Para as quais um tipo de *sati* seria o menor dos sofrimentos.

O desafio é viver numa casa da qual o *sentido* desapareceu, feito o ar vazando de um balão. Um vazamento vagaroso, porém fatal. E um dia o balão murcha: não é mais um balão.

Ao identificar os livros dispostos na mesa de centro como “livros de Ray”, tentei injetar sentido neles, sentido que outrora habitava os objetos mas que já se esvaziou; assim como tentei injetar sentido nos paletós, casacos esportivos, camisetas e calças etc., pendurados nos armários da casa — peças de roupa masculinas, mas pertencentes a — quem?

O terror de simples “coisas” das quais o sentido se esvaiu — esse é um terror que domina a viúva em momentos como esse, ainda mais frequentes desde que comecei a viajar e voltar para a casa vazia.

Pois nada contém *sentido* — somos rodeados por simples coisas que injetamos, e cobrimos, de sentido. As coisas nos põem em transe, como numa espécie de hipnose, alucinação.

A casa inteira onde moro — onde agora moro sozinha — cada cômodo, cada móvel, cada obra de arte nas paredes, cada livro — e agora, mais visível a cada dia, pois a primavera se aproxima de modo inexorável, como uma locomotiva no trilho, as fura-neves, açafrões e brotos de tulipa no jardim que Ray criou no pátio — foram esvaziadas de *sentido*. Esses objetos, “coisas” — sinto quase um quê de ódio por elas — ressentimento e repulsa. Se olho fixo para algo — um espelho, por exemplo —, uma espécie de cortina tolda o meu olhar. Não é raro ficar zozza, pasma e confusa quando boto os pés na minha casa, mesmo sentindo um imenso alívio — alegre por estar de volta: “Oi, amor! Olá! Cheguei...” Se não tiver cuidado, bato contra a poltrona, ou a mesa; minhas pernas estão (ainda) cobertas de hematomas; às vezes fico sem fôlego, como se a casa tivesse sido esvaziada de oxigênio, ou algum gás tóxico inodoro tivesse se infiltrado; tenho dificuldade em me equilibrar como se o chão se inclinasse sob meus pés. Quanto mais encaro o espelho, por exemplo o espelho da sala de jantar, na parede adjacente à da cozinha, mais o reflexo ondula, embaça — aquilo é um rosto? Ou a ausência de rosto? *Pois eu também estou definhando. Sem ninguém que me veja, ninguém que diga meu nome e me ame, definho rápido.*

As obras de arte nas paredes. As grandes pinturas a óleo de Wolf Kahn. São os objetos mais notáveis de nossa casa, os olhos são imediatamente atraídos para eles. As visitas sempre comentam os quadros — “Que lindo!

Quem é o artista?” Às vezes fico parada, fitando, hipnotizada. Pois esta é a magia da arte — pode nos tirar de nós mesmos, pode hipnotizar. Entretanto — perversamente — tenho pensado em tirar algumas das obras de arte das paredes porque são uma lembrança dolorosa de Ray — de quando Ray e eu as compramos, na cidade de Nova York, pouco depois da mudança para Princeton. Há duas paisagens de Wolf Kahn muito grandes — uma plantação de alfazema, uma floresta outonal — bem como alguns pastéis, todos eles cenas da Nova Inglaterra no extraordinário estilo impressionista do pintor. Compramos a plantação de alfazema em uma galeria de Manhattan, as outras foram compradas do artista em pessoa, ou cedidas por ele, quando visitamos seu estonteante ateliê branco em Chelsea. (O ateliê de Wolf Kahn é banhado de luz porque o pintor sofre de uma degeneração macular e precisa de toda luz possível ao pintar. Ao ver enormes telas nas paredes, todas elas pinturas em andamento e todas em maravilhosos tons pastel, turbilhões de cores que pareciam sonhos, tive a ingenuidade de perguntar a Wolf Kahn como era trabalhar com a beleza todos os dias, não com o emaranhado da prosa como ficcionistas, e Wolf respondeu, com o ar de quem explica algo elementar, que eu já deveria saber: “As telas não são belas para mim. A beleza não tem nada a ver com isso. Estou resolvendo problemas.”)

Resolvendo problemas. É claro. É isso o que é ser humano.

A viúva precisa se lembrar: a morte do marido não aconteceu a ela e sim ao marido. Não tenho o direito de me apossar da morte de Ray. O redemoinho de emoções, essa febre boba, náusea, indisposição — o que isso tem a ver com o verdadeiro luto, lamento? Alguma parte disso é verdadeiro luto, lamento? Preciso parar de me concentrar no passado, que não pode ser alterado. Preciso parar de ouvir essas vozes irritantes, insultantes — Meu marido está vivo? Sim! Seu marido está vivo sra. Smith!

Preciso tomar um comprimido esta noite, ou talvez meio comprimido — mas deixar a outra metade aqui na mesa de cabeceira, com um copo de água, para as 4h. Por precaução.

Em movimento! — “Boca do rato”

Boca Raton, Flórida, 9-10 de março. Seguindo o princípio de que pouco importa onde a viúva está, já que não existe mais um lugar em que a viúva se sinta em casa, me flagro num ambiente — por onde corre muito vento, “lindo” — assim como anúncios brilhosos na *Vanity Fair* são “lindos” — totalmente surreal: Boca Raton!

Trata-se do Boca Raton Arts Festival. Para o qual Ray e eu fomos convidados juntos, meses antes. Agora, Edmund White teve a bondade de me acompanhar. E meu amigo David Ebershoff, o ex-editor da Modern Library, é um dos participantes. É um período de dois dias que vão transcorrer num borrão como a paisagem vislumbrada de um automóvel acelerado — o mais memorável é que, uma noite, após a minha leitura, os convidados da recepção estão completamente chocados, incrédulos e impressionados, querendo conversar somente a respeito do escândalo Eliot Spitzer, que foi manchete do *New York Times* daquela mesma manhã.

Pois é claro que neste balneário afluyente da Flórida, aparentemente povoado em sua maioria por afluentes moradores de Manhattan, todos são leitores do *New York Times*.

“A gente conhece a família! O pai do Spitzer — Bernard — um homem maravilhoso — um *pai de família dedicado!* — ele vai ficar *devastado.*”

“A gente conhece a esposa — a família da esposa —”

“Como um homem é capaz de *fazer uma coisa dessas* com a esposa —”

“— a família dele —”

“— filhas —”

“*Meu filho* — ele é exatamente desse jeito! Igualzinho ao Spitzer! Essas mulheres — ‘garotas de programa’ — essas mulheres horríveis — os homens não conseguem resistir a elas, é horrível — *meu próprio filho!* — eu sei, ele está fazendo dessas coisas — ele está colocando a família dele em risco — que coisa horrível —”

“E ele é tão hipócrita — Spitzer —”

“Ninguém suporta o Spitzer — um tirano, um canalha —”

“— falso, desprezível —”

“— que nem o Giuliani —”

“— Giuliani? Bem pior! —”

“Não, não bem pior que o Giuliani — as políticas do Spitzer são boas — liberal democrata incontestável —”

“Ele é um charlatão! — o Spitzer. Qualquer coisa que tenha surgido daquela investigação — o pai ‘emprestando’ dinheiro a ele —”

“Dinheiro da campanha — ele gastou em ‘piranhas’ —”

“No que foi que deu aquilo? — aquela investigação —”

“Imagine só, o cara gastou US\$ 80.000 em prostitutas! Ele gastou o *dinheiro da campanha* em prostitutas!”

“Coitado do Bernard. Fico pensando nessa família —”

“Bernard? O pai? Ele também é um charlatão!”

“Não, ele não é não! Ele é um bom pai de família, um homem maravilhoso — dedicado —”

“*Meu filho* — ele se recusa a falar de sua vida doméstica — não tem nem noção do risco em que está botando o casamento dele — essas ‘garotas de programa’ são que nem cocaína — homens casados são incapazes de *resistir*.”

Essas discussões inflamadas giram ao nosso redor, Edmund White e eu ficamos fascinados e não ligamos nem um pouco de sermos deixados de lado. O que nos é mais espantoso — como se Ethel Merman tivesse saído de um palco da Broadway com toda a maquiagem imitando pintura de guerra, enfeitada e brilhosa, em roupas de grifes caras adequadas a balneários e o cabelo com cor e textura de algodão-doce — é a mulher temperamental que fala do filho com tanta franqueza, de modo tão bizarro, em um encontro de desconhecidos; para Edmund e eu, em especial, como se pelo fato de sermos escritores “literários” pudéssemos lhe oferecer interpretações e observações excepcionais.

“Talvez isso enfie um pouco de bom-senso na cabeça do meu filho, isso que aconteceu com Spitzer. Se uma coisa dessas acontecesse na nossa família...”

Ninguém repara quando Edmund White e eu abandonamos a recepção, depois de assinarmos a maior quantidade possível de livros nossos, na verdade mais exemplares do que teríamos previsto em tal ambiente. Pois

agora existe um drama da vida real, ao lado do qual os estratagemas da ficção são meras sombras. Não há nada melhor que o escândalo dos outros, a devastação da família dos outros e a ruína de uma carreira pública para exaltar corações.

Quase me esqueci da razão pela qual me sinto tão — desolada.

Por que sinto como se me recuperasse de — de quê? — de uma gripe bem forte?

Uma amiga me escreveu esta carta comovente:

Sofri um colapso nervoso aos vinte e oito anos e, além de surtos de pânico, tive uma insônia severa. Foi porque eu estava passando por uma mudança interna drástica, e lembro que a insônia era um inferno. Durou cerca de seis meses e minha única opção era me agarrar aos fios de sanidade durante o dia. Sentia que estava louca e me perguntava se um dia voltaria a me sentir normal. Foi muito assustador — e os sintomas parecem similares aos seus... Me sentia como a moleira de um bebê, onde há um buraco que se fecha aos pouquinhos, e a gente só acha que está seguro quando as lâminas do crânio finalmente se juntam. Apesar de o buraco ainda estar lá, a gente sente como se caísse no abismo COMPLETAMENTE SOZINHO. Então (eu acho) pode ser de grande valia seus amigos se revezarem para ficar na sua casa contigo. Também acho que um grupo de apoio aos que estão de luto ajudaria... Você precisa saber que nossos corações estão contigo e que gostaríamos de apoiá-la de todas as formas que pudermos.

Ficar na minha casa comigo! — são palavras pungentes.

Fico grata, mas terrivelmente constrangida — e envergonhada — de pensar que meus amigos estão falando de mim — é óbvio que estão preocupados comigo — *e mal dei pistas de como estou desesperada, agitada, de como eu mesma mal me reconheço.*

É uma espécie de terapia ou é uma coincidência — (mas na vida da mente, como Freud sugere, não existe coincidência) — que a história que estou escrevendo, numa lentidão excruciante, que me exigirá literalmente semanas, meses, para terminar, seja sobre suicídio: uma jovem poeta abandonada pelo amante, movida pela depressão/fúria/loucura a se matar...

O romantismo do suicídio, para poetas! — o ser elevado, as expectativas arrebatadoras que não podem ser supridas, o afogamento pela linguagem, “música” — o pavor de que a “música” cesse.

Ou de que tenha cessado sem que o poeta soubesse.

Mas meu conto não é sobre a perda da “música” — não exatamente: é sobre uma mulher abandonada pelo amante que também é pai de sua criança... uma criança que ela pensa em matar junto consigo... e portanto a situação é bem diferente da minha.

Ou pelo menos eu acho que é.

Não vou cometer suicídio. Não tenho nem sequer um plano claro, coerente!

Pois um amigo filósofo me disse — avisou — que “tomar comprimidos” não é uma boa ideia.

Você não tem noção de quantos comprimidos tomar, ele declarou. Você enjoa e vomita, entra em coma e desperta com danos cerebrais — e então, jamais terá a oportunidade de se matar.

Que conversa prosaica bizarra! E estávamos em um restaurante, cercados de convivas alegres e amigáveis.

Não havia lhe contado sobre a coleção de comprimidos. De algum modo, ele parecia saber.

Ou talvez — é uma ideia repentina, horripilante — acumular comprimidos seja lugar-comum, todo mundo age assim e pelo mesmo motivo.

Maneiras infalíveis de cometer suicídio, meu amigo filósofo diz, são parcas. Um tiro no cérebro, seria de se imaginar — “No entanto, você pode errar — e precisa de uma arma”; inalar gás carbônico — “No entanto, alguém pode descobrir você cedo demais”; tomar uns comprimidos antes de se asfixiar com um saco plástico na cabeça, muito bem apertado — “No entanto, é tão trabalhoso e sem jeito que você pode acabar entrando em pânico e mudar de ideia”.

O suicídio pode ser um assunto tabu, mas falar dele dessa forma tem certa comicidade sombria. As pessoas tentam um ar excessivamente casual, ou um ar excessivamente sóbrio. Até ao aludir a ele as pessoas tendem a parecer insinceras, infantis, sedentas de atenção.

Claro que não foi isso o que eu quis dizer! Pouco do que eu digo deve ser levado ao pé da letra.

Claro, sou um fantasista... Não é possível que você me leve a sério.

Houve um filósofo — Leibniz? — que alegava crer que o universo estava sempre ruindo e sempre se reintegrando, eternidade afora. Não lembro se ele também acreditava em Deus — suponho que sim, se foi Leibniz, no fim do século XVII. No que diz respeito à metafísica bizarra, esta teoria não é a mais bizarra. Rejeitá-la por ser ilógica, arbitrária e impossível de provar seria irrelevante. E portanto passei a ver meu “eu” — minha “personalidade” — como uma entidade que rui quando estou sozinha e sem que os outros percebam; mas depois, como que por mágica, quando estou acompanhada, minha “personalidade” se reintegra.

Como alguém que tem de atravessar uma corda bamba, sem rede de segurança — rápido, antes que caia! — mas não muito rápido.

Ao caminhar com Edmund White pela praia — andando devagar na areia úmida — na véspera de nossa partida de Boca Raton, Flórida, conversamos sobre Ray, que Edmund conhecia bem; e falamos do namorado francês de Edmund, Hubert, que morreu de Aids alguns anos atrás, sobre o qual escreveu em seu romance *O homem casado* com uma franqueza inabalável; de como nos parece, a nós que “sobrevivemos”, que uma parte de nós morreu com quem amamos, e foi enterrada com eles, ou transformada em cinzas. A morte é o fato mais óbvio — normal — banal da vida e contudo — como falar dela, quando a vimos tão de perto? Quando um morre e o outro vive, que “vida” é essa que resta? — por muito tempo, Edmund afirma, vai parecer irreal. *É irreal* — justaposta à intensidade do amor que foi perdido.

E portanto, que maravilha é ter um amigo como Edmund, com quem posso falar dessas coisas. E Edmund é o mais entusiasmado dos companheiros, e me faz rir. E me faz esquecer a voz furiosa dentro da minha cabeça *Está errado! Você não pode se divertir. Se Ray não pode estar aqui à beira-mar, não está certo você estar aqui. Você sabe disso!*

Mais tarde, ouvimos o incrível jovem pianista chinês Lang Lang tocar Chopin. Mais tarde ainda, assistimos a *Lockdown* na minha suíte de hotel — um documentário corajoso e cansativo da tevê a cabo, ambientado na prisão masculina de segurança máxima de Illinois, que nem Edmund nem eu tínhamos visto antes — “A situação dessas pessoas é pior que a nossa!”.

E talvez às 23h mudemos para a CNN para ver quais são as últimas

revelações chocantes sobre o escândalo Eliot Spitzer.

Em movimento! — “A Mulher Maravilha da literatura americana”

Colúmbia, Carolina do Sul. 19 de março de 2008.

E agora tenho a companhia acolhedora e amável de Janette Turner Hospital, que me convidou para fazer uma leitura na Universidade da Carolina do Sul, junto à sua classe enorme de escritores americanos contemporâneos — o romance meu que eles leram foi *As cataratas*, mas alguns também leram *A filha do coveiro* — há uma bruma de aplausos, apertos de mão e rostos sorridentes — estou exultante, eufórica — pois como é fácil, como é *natural* sorrir quando os outros sorriem. A viúva teria de estar clinicamente deprimida/catatônica para não reagir.

Sra. Oates! A senhora é minha escritora preferida, o primeiro romance seu que eu li foi Eles...

Sra. Oates! Li todos os seus livros, meu favorito é Blonde...

Minha irmã faz aniversário no domingo, será que a senhora poderia escrever Feliz aniversário, Sondra! — assinar e datar, obrigada...

Um rumor de vozes, um bramido nos meus ouvidos — embora eu pareça estar sorrindo e de fato esteja *muito feliz de estar aqui* — quem quer que seja, ou tenha sido, “Joyce Carol Oates” — estou *muito feliz de ser ela* — se é esta a pessoa que conquistou tamanha atenção, pelo menos para essa hora passageira de acolhida calorosa.

Estou tentando lembrar qual era a sensação — não deve ter sido há muito tempo, um mês e um dia — de estar *viva*; a sensação de que era *uma pessoa de verdade*, e não este simulacro de pessoa; a sensação de que, se não voltar logo ao meu quarto de hotel, vou me desintegrar em cacos que cairão com um tinido no chão. E no entanto — assim funciona a vaidade (secreta) da viúva: eu penso que só agora, nesse estado completamente lúcido mas reduzido, sou capaz de *enxergar as coisas como de fato são*.

Pois quando Ray era vivo, eu não estava sozinha nem quando ele não

estava comigo; agora que Ray se foi, mesmo quando estou com outras pessoas, um grupo de pessoas, nunca estou não sozinha.

A cura da solidão é o isolamento — como disse Marianne Moore. Mas o isolamento me é assustador, neste momento!

Séculos atrás, escritores esperavam alcançar a imortalidade através da escrita — os sonetos de Shakespeare são permeados por essa esperança — os últimos versos de *Metamorfoses* de Ovídio são quase desafiadores na reivindicação —

*Agora minha obra está encerrada. Ela permanecerá,
Acredito, apesar da ira de Jove, o fogo e a espada,
Para além da fome do Tempo...
Parte de mim,
A melhor parte, imortal, estará
Acima das estrelas; meu nome será lembrado
Onde o poder romano dominar terras conquistadas,
Serei lido, e ao longo dos séculos,
Se as profecias dos bardos forem verdadeiras,
Estarei vivo, para sempre
— (Ovídio, Metamorfoses, “Epílogo”)*

Na era contemporânea — no Ocidente, pelo menos — não é que a maioria dos escritores não acredita mais em “imortalidade” — para nossos livros ou para nós mesmos; é que tal afirmação, ou até tal desejo, carrega em si um tom irônico/cômico. Quem teria imaginado, na época de Ovídio, no século I a.C., que um dia haveria um mundo em que a própria expressão “poder [romano] sobre as terras” seria despojada de sentido, bem como o deus de todos os deuses, “Jove”. É um triste conforto — muito mais triste do que confortante — saber que seus livros são traduzidos, vendidos e supostamente lidos em vários países, ainda que sua vida tenha sido despedaçada; e foi uma zombaria ter recebido a “boa notícia”, por e-mail, na véspera do aniversário de Ray na semana passada, de que a exposição muito esperada dos meus livros pertencentes ao escritor/entrevistador Larry Grobel em Los Angeles acabava de ser montada na Powell Library da UCLA sob o

título JOYCE CAROL OATES — A MULHER MARAVILHA DA LITERATURA AMERICANA. (“...ao longo de quatro décadas ela escreveu mais de 115 livros, 55 romances, mais de 400 contos, mais de uma dúzia de livros de ensaios e não ficção, oito livros de poesia e mais de trinta peças teatrais...”)

Ray abriria um sorriso diante disso — ou gargalharia: “A Mulher Maravilha da literatura americana”.

O que a viúva perdeu — pareceria uma perda insignificante, para os outros — foi a possibilidade de ser *caçoada*.

De todas as categorias de ser, o menos provável é que A Viúva seja *caçoada, motivo de risadas*.

É a véspera do aniversário de Ray, 11 de março. Amanhã ele faria setenta e oito anos.

Janette me confia que não sabe como suportaria a perda do marido — um acadêmico aposentado, professor de sânscrito, estudioso de história comparada e filósofo das religiões que lecionou na Queen’s University, em Kingston, Ontário; ela acha que se “encolheria em posição fetal e enfiaria a cabeça debaixo das cobertas por alguns meses”.

Penso *Isso! Que imagem fascinante*.

Janette me leva de carro ao evento. Janette me faz confidências do jeito como as mulheres fazem confidências a outras com quem não têm muito tempo juntas — coisas cruciais têm de ser ditas, e rapidamente. Ela me conta de uma amiga que perdeu o marido de forma inesperada e se tornou depressiva e agorafóbica.

Agorafobia! Penso *Posso tentar isso, a seguir*.

A perspectiva de ficar em casa, me esconder em casa — em vez dessa viagem frenética... Viajar logo depois da morte do meu marido foi a faceta mais visível de minha loucura assim como a minha loucura foi a faceta mais íntima de meu luto. Porém a viagem é vista como “profissional” — é respeitável, mas me esconder em casa não seria respeitável.

Agorafobia — medo de lugares abertos. *Claustrofobia* — medo de lugares fechados.

Como seria infernal, se as duas fobias estivessem associadas! Pois haveria certo conforto humano na agorafobia, pelo menos. Assim como um animal ferido ou agonizante se afasta para ficar sozinho a pessoa ferida aspira

à solidão, ou para morrer dela, ou para ser curada.

A agorafobia é uma afecção mais comumente feminina do que masculina — três a quatro vezes mais comum, de fato. Não pode ser porque os homens são menos neuróticos e propensos a fobias do que as mulheres mas porque, tradicionalmente, os homens quase não têm a opção de não sair de casa — “ganhar a vida” — enquanto as mulheres, esposas e mães, tradicionalmente ficavam “confinadas em casa”.

Em algumas culturas fundamentalistas, mulheres são praticamente encarceradas em casa: prisioneiras de seu/nosso sexo. Trata-se de um extremo, do qual a “dona de casa” da cultura americana contemporânea é um exemplo mais liberal, aparentemente mais liberado. Ser reclusa em nossa cultura é considerado um tipo (perverso) de opção; para se ficar morbidamente “confinada em casa” é necessário ao menos um ajudante, em geral um membro da família. Alguém disposto a pagar pela subsistência, comprar comida, mediar a relação do agorafóbico com o mundo externo.

Penso em Shirley Jackson — escritora brilhante, arrepiante e divertida e “feminista” numa época — década de 1950 — em que o “feminismo” ainda não tinha sido estabelecido como um jeito novo e revolucionário de as mulheres pensarem a respeito de si mesmas, que terminou a vida com uma agorafobia severa, incapaz de sequer sair do quarto sujo de sua casa em North Bennington, Vermont.

Não que Shirley Jackson tenha “perdido” o marido de forma literal — mas sim que, repetidas vezes, Stanley Edgar Hyman foi publicamente infiel a ela, em muitos casos com alunas de graduação de Bennington que o veneravam.

A morte mais horrenda — obesidade mórbida, vício em anfetamina, alcoolismo. Shirley Jackson passou meses escondida no quarto imundo — tendo Hyman como cúmplice? — certa de que àquela altura ele lhe era indiferente — antes de ser encontrada morta; seu coração parou, aos quarenta e nove anos de idade.

E houve também Emily Dickinson, cujo afastamento do mundo parece ter sido inversamente proporcional ao desabrochar de sua poesia revolucionária. Isolada — protegida? — pelas paredes do lar da família Dickinson em Amherst, Massachusetts, Dickinson era ao mesmo tempo confinada à sua casa e “livre” — nos intervalos entre os afazeres domésticos e os cuidados com parentes agonizantes — para criar poesia.

*Dentro de minha flor — me escondo —
Para ao murchar em teu Vaso
Tu — sem que saibas — por mim sintas
Quase que uma saudade —
(903)¹³*

Dickinson comentou com a sobrinha Mattie que só precisava se isolar no quarto, girar a chave e — “Tenho liberdade!”. Seu afastamento gradual do mundo foi visto pelos parentes como “apenas um acontecimento” — não como consequência de alguma deficiência real ou uma anomalia de sua personalidade.

É estranho que eu sinta tamanha afinidade com Emily Dickinson quando, aos olhos de observadores imparciais, eu pareceria tão diferente!

Contudo: assim como o “perfeito homem de ação é o suicida” — nas palavras de William Carlos Williams — o indivíduo “em movimento” mais frenético pode estar resistindo à tentação da agorafobia.

Ao chegarmos à bela casa de Janette com vista para o lago, quando ela me mostra os cômodos banhados pelo sol e eu aperto a mão de seu marido — sinto uma pontada no coração pensando que toda essa beleza, esses móveis escolhidos com cuidado, os tapetes coloridos, obras de arte, livros — tudo que faz de uma casa um *lar* — serão horríveis para Janette, um escárnio, como as coisas na minha casa se tornaram um escárnio, se ela perder Cliff.

Sou uma louca de pensar essas coisas? Numa hora dessas?

Para a viúva, todas as esposas são futuras viúvas. Nosso olhar é o do basilisco, o qual você há de querer evitar.

Esta noite, no meu quarto na hospedaria da USC— na cama alta e coberta de dossel que me lembra um trenó antiquado —, versos de Emily Dickinson passam correndo pela minha cabeça. Não sei se estou acordada ou dormindo; ou meio acordada e meio adormecida; aquele estado da alma permeável em que a poesia é a forma de discurso mais natural e o poeta fala pela alma *in extremis*:

*O Cérebro dentro do Encaixe
Funciona — a seu jeito —
Mas se uma farpa deslocar-se —*

É mais fácil Você

Levar de volta uma Enxurrada

Que já rachou os Morros —

E abriu no chão a própria Rota —

E os Moinhos quebrou —

(556)¹⁴

Na manhã seguinte, a caminho do aeroporto de Colúmbia — Cliff está na direção, Janette no banco ao lado e eu no banco de trás do carro de Cliff —, me pego comentando que pelo menos não precisava mais me preocupar com aviões, como sempre me preocupei quando Ray estava me esperando em casa. “Eu pensava: e se o avião cair? Aí nunca mais vou ver Ray. Mas agora não me preocupo mais com aviões caindo. Não me preocupo com nada.”

Eu queria soar otimista, alegre. A intenção era fazer Janette e Cliff rirem. Mas o silêncio incômodo no carro revela que meu comentário foi inadequado e que deixei meus anfitriões constrangidos e de repente fico desesperada para estar *em casa*.

¹³ *Alguns poemas*. Tradução de José Lira. São Paulo: Iluminuras, 2008. (N. da T.)

¹⁴ *Alguns poemas*. Tradução de José Lira. São Paulo: Iluminuras, 2008. (N. da T.)

Sanibel Island, Flórida. 20 de março de 2008.

A ventosa/ensolarada Sanibel Island, no Golfo do México, para onde fui a convite da Biblioteca Pública de Sanibel Island — sem dúvida a mais espetacular das bibliotecas americanas em cidades pequenas! Assim que dou entrada no quarto de hotel — uma suíte — na verdade, um apartamento pequeno com cozinha compacta e sacada — janelas com vista para uma paisagem deslumbrante de praia/oceano/céu — ponho um casaco, um chapéu, tênis de corrida — faço jogging depois de tomar uma ducha fria enquanto epifanias me atacam como se eu tivesse viajado centenas de quilômetros para ter tais revelações — *Ray não estava infeliz, Ray não vivenciou a morte como você a está vivenciando, ele não vivenciou a perda que você está vivenciando, ele não tinha noção do que estava por vir e portanto não sofreu — Ray teve uma vida feliz — Ray amava o trabalho, a vida doméstica — Ray amava o jardim dele — ele não sofreu a perda de sentido que sua sobrevivente sente; ele era definido por esse sentido, que você deu a ele; não por um momento da vida dele em que não fosse amado, e ele sabia disso; para Ray, a morte não foi uma tragédia e sim uma conclusão.*

É isso mesmo! Essa lógica me desarma de tal modo que começo a tremer, tremo quase convulsivamente de empolgação, acho que deve ser empolgação — pois estou convicta de que é esse o raciocínio: *Ray não estava infeliz, só você está infeliz. Pense em Ray e não em você, para variar...*

A viúva é alguém a quem tais epifanias ocorrem com frequência. A viúva é alguém a quem tais pepitas de insight, revelações profundas, “verdades” surgem com uma intensidade desconcertante. Quando você vir a viúva contemplando o espaço, como se ouvisse algo que ninguém mais escuta, pode ter certeza de que a viúva está recebendo tais revelações da mesma maneira que uma pessoa adormecida recebe os sonhos, ou um esquizofrênico recebe alucinações.

Nos dias seguintes à morte de Ray, me senti uma matéria inerte

bombardeada por ondas radioativas — a cada minuto uma revelação pungente, profunda — descobertas de parar o coração! —, mas elas evaporavam quase na mesma hora, sumiam.

Então a vida é assim! A vida é... delimitada pela morte!

As pessoas morrem! As pessoas morrem e desaparecem! Todos nós vamos morrer!

Todos nós vamos sofrer, e todos vamos...

É lastimável, pode-se dizer injusto, que as revelações mais entristecedoras sejam completamente banais, corriqueiras. Portanto a viúva tem de encarar o fato de que, embora abalada até o âmago de seu ser, e a lucidez do luto a atinja a intervalos irregulares, frequentes, imprevisíveis, só o que ela pode saber a respeito da experiência é uma série conhecida de vocábulos.

...nós vamos sofrer, e todos nós vamos morrer. E...

Só que agora, voltando para o hotel, o céu já escureceu, permeado por nuvens robustas em tom de vasos embaçados, e as ondas cor de chumbo, e toda a convicção cessou, e toda a falsa alegria, e os pensamentos que me assaltam agora são sarcásticos, desanimadores — *Você! Você é muito ridícula! Tentando se animar quando o único fato relevante na sua vida é que você está sozinha. Você é viúva, e está sozinha. Você não está preparada para ficar sozinha porque você achava que seria amada, seria protegida e cuidada para sempre. Mas agora você é viúva, você perdeu tudo isto. Seu coração não se partiu, ele murchou. Você é ridícula por viajar para tudo quanto é canto fazendo “palestras” — “leituras” — porque tem pavor de ficar em casa. Você tem pavor de ler o romance de Ray por ter pavor de descobrir nele algo que te perturbe. Num grande ato de covardia, você permanece em casa, para tentar trabalhar, para escrever — apavorada com a ideia de que você não é capaz. Você é um fracasso, não é amada, não é mais jovem, é desprezível, é um lixo. E você é ridícula...*

“...esta noite nossa convidada... ‘Joyce Carol Oates’... ela criou parte da ‘mais duradoura ficção da nossa era’... nascida no norte do estado de Nova York, atualmente vive em Princeton, Nova Jersey... premiada com o National Book Award, Prix Femina... autora de tantos títulos que seria difícil listá-los...”

A bondosa bibliotecária que me apresenta não está zombando de mim,

eu sei. Intellectualmente, eu sei disso. Porém, as profusas asserções feitas a respeito de “JCO”, a lista de prêmios e honrarias, citações tiradas de resenhas, de críticos como Henry Louis Gates Jr. e Elaine Showalter, têm jeito de absurdo; no meio da apresentação, espero que as pessoas da plateia comecem a rir, balançando a cabeça num gesto de escárnio — *Você! Você acha mesmo que a gente acredita nesses absurdos que dizem sobre você?*

Contudo, a plateia é muito cortês, até mesmo entusiástica. A plateia é numerosa, o que me deixa satisfeita. O que direi a ela? Lerei para ela? Que desânimo não sentiriam esses moradores de Sanibel Island caso lhes contasse o que as epifanias que tive na praia me revelaram; se eu declarasse *Sim é verdade que eu era escritora — uma escritora de reputação bastante ambígua — “controversa” é o termo mais respeitoso. Mas agora — agora não sou escritora. Agora não sou nada. Legalmente, sou uma “viúva” — é essa a opção que tenho de marcar. Mas além disso — não tenho certeza se existo.*

Quando me dirijo aos moradores de Sanibel numa imitação impecável da minha persona de escritora (é o que quero imaginar!) descubro que estou examinando o ambiente com os olhos, como se procurasse — o quê? Quem? Em lugares públicos eu pareço procurar por alguém que sumiu — me pergunto se passarei o resto de minha vida procurando alguém que não está...

Sinto como se tivesse perdido algo visível — um braço, uma perna. Ou como se parte do meu rosto tivesse sido manchada e distorcida como num quadro assustador de Francis Bacon. Assim como no prognóstico mais cruel e sucinto de um biscoito da sorte, uma ideia me ocorre — *Ninguém desta sala gostaria de trocar de lugar com você: viúva.*

Enquanto falo, minha atenção se volta para os homens mais velhos, grisalhos, da plateia — homens que talvez sejam da faixa etária de Ray — embora Ray não tivesse cabelo grisalho e sim cabelo escuro com fios prateados; nessa comunidade de ricos aposentados na Flórida há inúmeros indivíduos mais velhos, idosos com bengalas e andadores, em cadeiras de rodas... Uma fantasia bizarra me vem à mente: vou conhecer um homem, um homem mais velho, um homem em cadeira de rodas, e me será concedida uma segunda chance com esse homem — eu não tive a oportunidade de levar meu marido de volta para casa depois da passagem pelo centro de reabilitação — não “servi de enfermeira” para ele nem por um dia.

Mas que absurdo é, até em fantasia — nenhum homem mais velho que

necessite de uma enfermeira/companheira poderia ter vindo à biblioteca de Sanibel sem ajuda! E de fato, ao analisar com atenção, todos os homens idosos/debilitados estão acompanhados.

O que poderia ser mais ridículo do que olhar com inveja para desconhecidos em cadeiras de rodas! Ninguém acreditaria no quanto a viúva é compulsiva por fantasias, nem a própria viúva.

Sim! Foi decidido que você poderá ter seu marido de volta, mas num estado degradante. Em troca de ele estar vivo, você terá de cuidar de um homem convalescente, inválido, muito doente; um homem que perdeu a visão, ou a audição; um homem que respira com a ajuda de aparelhos; um homem que tem de ser alimentado por um tubo; pode ser que você precise doar sangue, medula óssea, rim...

Mais tarde, no hotelzinho, estanco na sala de estar escura e contemplo o oceano escuro — um trecho da praia, areia branca — nuvens de vapor e um vislumbre da lua — de repente me vem a convicção *Ray não pode ver isso, Ray não pode respirar...* Como tenho pensado, em restaurantes, fitando cardápios, obrigada a escolher algo para comer *Está errado. É crueldade, egoísmo. Ray não pode comer...*

Poucas horas antes eu corria por essa praia sob o sol deslumbrante, ao que parece sem pensar *Ray não pode ver esse sol, o mar, nada disso.*

Fecho bem a veneziana! Fecho tão bem que o cordão corta meus dedos. Se o sol matinal se derramar contra a janela, serei poupada de vê-lo.

Fecho bem a veneziana. Se de manhã o sol se derramar contra a janela, não vou ver.

“Com licença — a senhora não pode sentar aí.”

Uma fileira de assentos, uma cadeira quebrada, nenhum lugar onde me sentar no abarrotado aeroporto de Charlotte, Carolina do Norte, e portanto ponho meu casaco em cima da cadeira, acomodo a bolsa — esperando a conexão atrasada para a Filadélfia — olhando para o nada, refletindo. Tão ansiosa para voltar para casa e no entanto — temerosa de voltar para casa. Vezes e mais vezes, vezes sem conta vejo Ray na cama de hospital; me vejo me aproximando timidamente; ouço a voz suplicante *Amor? Amor...?* Foi o instante antes de saber, quando não era possível que eu não soubesse; antes,

eu suspeitava, eu temia o pior, assim como, na hora da batida do carro, eu havia me preparado para o pior, mas então, naquele instante, eu saberia. Foi o momento crucial da minha vida: antes dele havia a possibilidade de ficar aliviada, feliz; depois, fui condenada, amaldiçoada.

Assustada por uma voz masculina rouca — “*Ele* está sentado aí”.

“Ele? Quem?”

“Meu filho.”

Apesar de a cadeira estar desocupada, bem como quebrada, de fato há uma criança novinha sentada/engatinhando no chão sujo em frente dela, alheia a mim e à raiva que o pai sente de mim. Recolho logo meus pertences e me desculpo com o homem irado — “Mil perdões — não vi o seu filho. Não vi que tinha alguém ‘sentado’ na cadeira”.

Embora o pai da criança esteja estranhamente aborrecido comigo, como se não tivesse apenas tomado a cadeira do filho mas também violado a santidade especial de sua família, minhas desculpas hesitantes e as lágrimas que brotam dos meus olhos parecem apaziguá-lo, pois ele para de me encarar e murmura, “Tudo bem”.

Recuo na mesma hora. Há também uma mãe — e outra criança novinha — *uma família* — sem saber me intrometi numa *família*! Me torno extremamente consciente do meu estado isolado e desprezado — *sem família, sem marido* — continuando a pedir desculpas apesar de o meu rosto se dissolver, meu tênue autocontrole evapora e antes que eu tenha a chance de dar as costas e me afastar às pressas já estou chorando de forma humilhante, como uma criança choraria, abrindo caminho cegamente em meio à multidão que se acotovela para embarcar nos aviões.

Pelo aeroporto congestionado, tropeçando. Não tenho onde me esconder — estranhos me olham de relance, meu rosto marcado de lágrimas — se alguém reconhecer a “Mulher Maravilha da literatura americana” — que vergonha! — que constrangedor!

Eu penso *Estou desmoronando. Estou me desenredando. Entrando em colapso. Preciso chegar em casa. Não posso sair de casa nunca mais.*

“Jamais esqueça”

A parte mais difícil da viagem é a volta. Quando antes a volta era a melhor parte da viagem.

“Amor? Oi...”

No hospital ele dizia, referindo-se a um ou outro procedimento metódico, *Eles fazem um alvoroço por qualquer coisa, neste lugar.*

Na realidade, ele estava enganado. No fim das contas “eles” não fizeram alvoroço suficiente por coisas que eram cruciais.

“Amor. Oi...”

Voz abobalhada de desespero. Nem os gatos se iludem.

Ando pelos cômodos da casa e em cada um deles há uma representação de Ray — isto é, da aquarela retratando Ray que um amigo pintor fez depois da morte dele, como se fosse a capa do último número da *Ontario Review*.

O original, emoldurado, fica na cozinha. Fotocópias foram distribuídas pelos outros lugares, inclusive a porta do escritório de Ray e a minha escrivaninha.

Assim, enquanto caminho pela casa, vejo o rosto de Ray, mais ou menos como estaria se estivesse vivo neste dia. Para me receber, para me alegrar. Para me afirmar *Você não vai ser vencida por isso. Você consegue!*

Aforismas fluem pela minha mente. É como tentar evitar com o dedo que a torneira goteje, tentar parar esse fluxo.

Por exemplo, este aforisma arrepiante de Nietzsche:

O que alguém é começa a se revelar quando o seu talento declina — quando ele cessa de mostrar o quanto *pode*.¹⁵

A isso, a viúva pode acrescentar: *o que eu sou começa a se revelar agora que estou sozinha. Nesta revelação mora o terror.*

Não foi disso, de vontade própria, de seu desejo específico de se ferir, nem

mesmo de seu desejo racional de anular a cascata incessante de palavras cortadas e zombeteiras na sua cabeça Sua vida terminou, você está acabada, está morta e enterrada e você sabe disso, sua hipócrita! — *que ela começou a analisar as formas como poderia morrer; foi pelo próprio desejo — friamente concebido, puro e inviolável como um prelúdio de Chopin de beleza insuperável* Existe uma saída, e a saída é a morte.

Sobre uma bancada ela arranjou os comprimidos acumulados no decorrer de anos tanto pelo marido como por ela mesma. São analgésicos receitados para dores há muito dissipadas e esquecidas. São analgésicos de cujos frascos um ou dois comprimidos foram tomados — obviamente, comprimidos fortes demais para se correr o risco de tomar numa vida normal! Havia soníferos, havia “relaxantes musculares”. Havia calmantes, sedativos. Na bancada onde os dispôs, ela os contou cuidadosamente. Hipnotizada pelos comprimidos, cápsulas. Hipnotizada pelo que contêm. Uma sensação tamanha de segurança, alívio, a domina! Marco Aurélio aconselha O poder de tirar sua própria vida sempre lhe pertence. Jamais esqueça.

Ela jamais esqueceu.

¹⁵ Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (N. da T.)

O segredo da viúva

Meço cada Pena que encontro
Com um Olhar agudo, perscrutante —
Pergunto se é tão pesada quanto a que Eu tenho —
Ou se é mais cômoda de transportar.

Emily Dickinson, 561[16](#)

[16](#) Emily Dickinson. *Poemas e cartas*. Organização de Nuno Vieira de Almeida. Tradução de Nuno Júdice. Lisboa: Edições Cotovia, 2000. (N. da T.)

O telefone tocando ao longe como se abafado por camadas de algodão e mais tarde uma mensagem por e-mail — algumas mensagens por e-mail — PARABÉNS! — não um mas dois livros que lancei no ano passado foram indicados ao prêmio do National Book Critics Circle em duas categorias — ficção, não ficção. A notícia me deixa um pouco mais triste do que antes pois penso *Mas não tenho ninguém com quem dividir isso. Não tenho ninguém.*

Você não seria capaz de imaginar como notícias “boas” podem ser dolorosas. Quem imaginaria?

Notícias “ruins” — se eu fosse diagnosticada com câncer, por exemplo — seriam um alívio, já que Ray seria poupado de recebê-las. Mas notícias “boas” não podem ser divididas — é doloroso.

Sobre as cobertas, o gato mais velho, Reynard, ainda dorme encolhido à maneira dos felinos, com uma das patas grossas tampando os olhos bem fechados. Seria quase de imaginar que Reynard não respira, mas, ao olhá-lo com atenção, dá para ver sua barriga se mexer. *Reynard* recebeu este nome de mim quando pequeno devido à bela pelugem tigrada — que desbotou e ficou um pouco mais áspera com o tempo — e também devido a *Raymond*.

Me lembrando de quando Ray trouxe Reynard para casa, a fim de me fazer uma surpresa. Um gatinho miúdo, tirado de um abrigo para bichos abandonados de Pennington.

Quantos anos atrás! Não quero calcular a idade de Reynard.

No decorrer da noite, Reynard dormiu ao meu lado, se espremendo calorosamente contra minha perna, o que foi confortante e ao mesmo tempo limitante, pois não ousei me mexer por medo de perturbá-lo, levando-o a saltar da cama e sair trotando, e portanto agora arrumo a cama com o mesmo cuidado que tenho ao arrumá-la todas as manhãs — como se envergonhada pelo ninho, ele precisa ser, até certo ponto, desfeito — livros, manuscritos etc., transferidos para uma mesa próxima.

Também arrumo a cama rapidamente para evitar que eu volte para o

ninho. Já tinha me esquecido da razão para ter sido convocada a *receber parabéns* — uma dor na região do coração é só o que resta — pensando em como meu pai me garantira que não havia necessidade de que Ray e eu fôssemos visitá-lo naquele momento — “Você está ocupada dando aulas, não tem pressa — você pode vir depois — você pode vir me ver a qualquer hora” — ele me convencera — é claro, eu esperava ser convencida — “Continuarei aqui”.

Mas não continuou. Nunca mais o vi.

Quando papai ficou satisfeito porque a mamãe estava sendo bem cuidada, na casa de repouso em Amherst, Nova York, ele adormeceu, meu irmão Fred me contou, e não acordou mais.

Ninguém poderia acordá-lo. Papai era tratado de enfisema, câncer de próstata, um problema cardíaco, mas não parecia estar perto da morte. Porém — um sono forte o dominou e ele jamais acordou.

Tão exausto! Passara anos preocupado com a saúde da minha mãe, isso se tornou uma obsessão para ele. Papai havia se extinguido em vida.

Agora acaricio Reynard — roço sua cabeça dura para provocar um ronronar baixinho, quase inaudível, um fraquíssimo zumbido de reconhecimento — piscando os olhos, contenho lágrimas de tristeza pelo meu pai, que faleceu em maio de 2000.

Naquele seu último ano de vida nos falávamos sempre por telefone. Como a audição do meu pai estava comprometida, visitá-lo tinha algumas desvantagens — ele parecia escutar, sorria e mexia a cabeça, e não dava para saber se ele realmente ouvia o que dizíamos. Mas, ao telefone, papai escutava muito bem. E assim conversávamos, como nunca conversávamos pessoalmente.

Dizer *Eu te amo* era difícil. Acho possível que eu nunca tenha dito *Eu te amo* para o meu pai. Só no final das conversas eu conseguia murmurar palavras apressadas e aparentemente casuais como *Te amo, pai! Tchau!*

Meu pai, minha mãe. Meu marido.

Indo embora um por um.

Para onde?

Parabéns! II

O horror é: um dos livros indicados ao prêmio é meu *Journal: 1973-1982*. Para o qual — descobri recentemente — não consigo olhar.

Pois se eu o fizer, cada página, cada parágrafo será uma zombaria. Cada entrada — a maioria delas esbaforidas, datilografadas depressa e nunca revisadas — um testamento de uma época mais juvenil, feliz, inconsciente da minha vida — é uma zombaria contra mim no final do inverno/começo da primavera de 2008.

Piores ainda são as fotografias — a primeira é especialmente devastadora, Ray e eu em nossa casinha de tijolos na Riverside Drive East, Windsor, Ontário, sentados no sofá enquanto eu posava, risonha, derramando chá na xícara de Ray com uma (pelo que me lembro) chaleira vazia; enquanto Ray, cabelos compridos, escuros, costeletas ao estilo daquela época remota, me olha com um sorriso carinhoso. *Naqueles tempos, a gente achava que viveria para sempre! Nunca pensávamos no que nos aguardava.*

Ou, se pensávamos, era algo superficial, *pro forma* — mortalidade, morte, a perda como “tema” de obras literárias que discutíamos com conhecimento de causa.

Inúmeras fotografias do *Journal* foram tiradas pelo próprio Ray — o homem invisível por trás da câmera. Joyce de casaco comprido na praia atrás da nossa casa em Windsor, no rio Detroit; Joyce com outro casaco comprido em uma rua de Mayfair, Londres, em 1972; Joyce ao lado de uma jovial Margaret Drabble, posando em frente à casa de Maggie em Hampstead Heath, 1972.

Claro que Ray viu o *Journal* — pelo menos trechos dele, e todas as fotos — mas os meus pais não. As fotografias deles também são devastadoras de ver.

Devido à indicação, serei obrigada a ler uma parte do *Journal* e discuti-lo com meu advogado/poeta/amigo Larry Joseph e John Freeman, o presidente do National Book Circle, daqui a algumas semanas, na cidade de

Nova York. E por causa da outra indicação, serei obrigada a ler trechos do meu romance *A filha do coveiro* em um ou outro evento literário.

Como é esquisito para o escritor, cujo sangue vital parece ter secado para que suas obras em prosa “ganhem vida” — sejam um simulacro da vida através da língua escrita —, quando o escritor é obrigado a revisitar a obra, passado um tempo. Às vezes é uma experiência dolorosa, forte — abrir o livro, contemplar as linhas impressas e relembrar — daquele jeito impotente, vertiginoso como relembramos, ou meio que lembramos, um sonho perdido — o estado emocional em que você se encontrava, na época da escrita.

No meu caso — um caso “póstumo” — a sensação é *Mas eu estava viva na época! Me lembro disso.*

Meus amigos erguem as taças em minha homenagem. Meus amigos me dão sorrisos alegres. Meus amigos estão nitidamente contentes por mim. E estou grata, ou aparento estar; estou sorrindo e erguendo minha taça — de água com gás — transformando meu rosto numa aproximação razoável de animação, expectativa. Meus amigos vêm sentindo piedade de mim há tanto tempo que esta oportunidade de me dizer *Parabéns!* em vez de — por exemplo — *Meus pêsames!* não deve ser subestimada.

Nesse belo restaurante de Princeton meus amigos não zombam de mim, eu sei. Ninguém está zombando de mim. Apenas adolescentes insolentes zombam do luto, riem ruidosamente da morte, são seduzidos por videogames que simulam mortes violentas — supostamente por não terem experiência relativas à morte, a não ser como jogo.

Nesse estado póstumo minha carreira — tudo o que tem a ver com “Joyce Carol Oates” — passou a me parecer remota, um pouco absurda, ou sinistra — como um dirigível preto flutuando entre fileiras de árvores, a certa distância.

Uma vez, John Updike disse que criara “Updike” a partir dos galhos e lamaçais de sua infância na Pensilvânia — eu também, portanto, criei “Joyce Carol Oates” a partir dos galhos, lamaçais, campos e canais da minha infância no norte do estado de Nova York. Ao que parece, nós dois — isto é, nossas pessoas reais — John, Joyce — ficamos impressionados, de modo geral, pelas conquistas de nossos homônimos. Uma prateleira de livros é formidável quando vislumbrada de relance — como se a conquista acontecesse de

relance, e não fosse forjada — laboriosa, obsessivamente — com anos de empenho.

Quando sair do restaurante a fim de voltar para casa, terei de pegar a Rosedale Road em direção ao interior — sempre essa mesma rota — me fazendo lembrar nitidamente os dias e noites de vigília hospitalar — *Vivo! Ainda vivo!* — a voz do outro lado da linha de telefone dava a impressão de certeza, sinceridade — esperança.

Decepcionando as pessoas. Decepcionando amigos/editores/agentes. Acho que esse é o pendor da “JCO” do qual não consigo me desligar por completo. *Você vai acabar se decepcionando de novo. Quando meus livros não ganharem. Mil desculpas, não posso fazer nada.*

No dia 28 de fevereiro, John Updike escreveu uma carta de condolências eloquente e desoladora. Gostaria de poder citá-la — as correspondências pessoais de John não são menos belas que suas obras publicadas —, mas as cláusulas de seu testamento proíbem a publicação de suas cartas. Nessa breve missiva datilografada, John diz que ele e a esposa, Martha, ficaram “chocados” ao ler sobre o falecimento de Ray no obituário do *New York Times*. Em seus “olhos da mente”, declarou John, Ray era “ainda jovem e uma peça fundamental no mundo literário”. Tão “calmo, gentil, de fala mansa e são” — Ray mal parecia um “homem de literatura”.

Ao ler isso, apesar das lágrimas, não consegui segurar o riso. Pois como era típico de John Updike, uma observação engraçada entranhada numa simples declaração de condolências.

John conclui com a afirmação de que ele e Martha sentiriam saudade da “presença reconfortante” de Ray. Havia mais coisas, é claro — mas esta é a essência da carta.

(No decorrer dos anos, desde abril de 1977, John Updike e eu trocamos talvez centenas de cartas e cartões — cartões selados com o endereço de John em Beverly Farms, Massachusetts, eram o modo típico de John se comunicar: ele os executava com o floreio de um sonetista da Renascença — que, após a morte dele, tive esperança de lançar como livrinho.)

Li rapidamente essa carta de John Updike quando a recebi e guardei-a.

Junto com outras tantas cartas e cartões adoráveis, algumas das quais não consegui ler do começo ao fim, enfiei-a na minha *Sacola Ecológica*

Reutilizável cor de grama. E esta noite — no fim da noite — na verdade já passou das 2h — nos intervalos de um súbito furor de limpeza doméstica — sou levada a relê-la e a pensar na primeira vez que Ray e eu visitamos John e sua então esposa Martha Bernhart em Georgetown, Massachusetts, no verão de 1976.

Lembro a charmosa casa antiga na avenida principal, onde o tráfego era constante e portanto, vez por outra, mal nos escutávamos. Lembro como Martha me parecia formidável, uma loura resoluta que trouxera três jovens filhos para esse novo casamento/lar — que prova de amor!

Me lembro de John dizendo que Harvard exercera um efeito destrutivo sobre ele — Harvard era “antimatéria” — e transformara sua natureza “caipira” em outra pessoa, um “antieu”. Bizarramente, disse que ele era “não famoso” — mas eu era.

(A essa altura, John tivera um enorme êxito com *Casais* — havia se tornado não só famoso como infame.)

Claro que John sempre falava de forma brincalhona, provisória. Na leveza de seu tom era a antítese de dogmático, briguento, afirmativo: sua atitude natural era fazer piadas de si mesmo. A coisa mais surpreendente que me disse foi que o *Ulisses* de James Joyce lhe parecia “feio”.

Ulisses! — o mais belo, entusiástico, fantasmagórico dos romances, do qual Updike tanto aprendeu.

Uns anos depois visitamos John e Martha na casa majestosa no alto de uma colina em Beverly Farms, ao norte de Boston: a quintessência do subúrbio de classe média alta, da qual John se orgulhava de ser dono. A essa altura já fazia muito tempo que havia deixado para trás seu jeito caipira da zona rural da Pensilvânia e o descartado feito roupas velhas. A casa dos Updike era cara, mobiliada com excessos, imensa — John nos levou para dar um passeio — vimos o aglomerado de cômodos pequenos no alto da casa, onde ele trabalhava: a escrivaninha e a máquina de escrever ficção, outra escrivaninha e a máquina de escrever resenhas, outro espaço para manuscritos, provas, livros. De todos os escritores americanos do sexo masculino, John Updike deve ser o mais alegremente *doméstico*, e *domesticado*: não faziam o estilo dele os prazeres dúbios das tendências masculinas, tais como caçadas, pescaria, caminhadas por trilhas difíceis; não fazia o estilo de John, que adorava e era adorado por mulheres, o arrebatamento que une os homens como esportes coletivos, o exército, as

guerras.

Faz anos que não visitamos os Updike. E agora, Ray e eu nunca mais os visitaremos.

O cheiro de limpador de ralo faz arder minhas narinas — um odor pungente, forte — mais de quinze minutos se passaram desde que derramei o limpador no ralo das três banheiras e agora tenho de correr para os banheiros e abrir a água quente, para que o limpador “desça”.

Não que os ralos estejam entupidos, por enquanto. Não que alguma dessas tarefas domésticas precise ser feita, por enquanto. Ainda não.

Essa memória, impregnada nos detalhes mais arenosos, assim como as roupas de cama da coitada da Emma Bovary estavam impregnadas pela sua agonia física, no entanto falha diante da perspectiva de sugerir com exatidão o quanto, o muito, o interminável muito, que há para a viúva fazer após a morte do marido; tanto a fazer, porém ainda mais a ponderar, em vários graus de angústia, mesmo quando, como neste caso, o marido falecido deixou registros financeiros em ótima ordem, e um testamento. *Um testamento inequívoco e juridicamente executado deixando tudo para a esposa sobrevivente!* No entanto — mais um documento é exigido — “urgente” — e mais uma cópia “original” do atestado de óbito — esse documento em pergaminho endurecido que é, para a viúva, o mais terrível de ter nas mãos.

Conselho para a viúva: FAÇA CÓPIAS DO ATESTADO DE ÓBITO, MUITAS!

Mais uma vez estou no escritório de Ray, revirando os arquivos dele. Muitos são de fato arquivos “meus”, já que reorganizei os materiais e os coloquei em pastas de papel manilha marcados com letras grandes para evitar confusão. (À viúva se aconselha: SEMPRE ESCREVA EM LETRAS GARRAFAS nessas circunstâncias. Assim como à viúva se aconselha: SEMPRE DEIXE AS CHAVES EXATAMENTE NO MESMO LUGAR.) Mais tarde do que devia, tirei todas as pastas do chão; é completamente atípico do coitado do Reynard aplacar a angústia subindo na mesa para urinar nos detestáveis documentos — esforço demais para um gato idoso.

Até 4h10, quando sou tomada pela exaustão, procurarei o tal do papel que Matt me pediu. Diligentemente, procurarei, embora saiba — (acho que sei) — que revistei essas pastas diversas vezes, bem como revistei as gavetas de arquivos de Ray, e o armário do escritório de Ray, sem encontrar o que me

garantiram que *tem de estar aí*.

Pois Ray Smith deixou registros tão meticolosos que é inconcebível que esse documento não esteja *no escritório dele. Em algum canto*.

Da última vez que revirei as coisas de Ray, inclusive as gavetas da escrivaninha, que continham basicamente materiais de escritório como clipes, canetas, selos, eu descobri um cartão — *Para minha amada mulher* — que ele ainda não havia assinado.

Essas descobertas, de partir o coração.

Além disso, pilhas de cartões de aniversário antigos, alguns feitos à mão e com intuito cômico, de mim para Ray.

Guardei todos esses objetos preciosos, para que fiquem seguros. Junto com uma pilha de instantâneos e fotografias nossas, as primeiras tiradas no outono de 1960, em Madison, Wisconsin.

Num lugar proeminente da escrivaninha de Ray está seu calendário de 2008. Como são essenciais para as nossas vidas, os calendários!

Seguro o calendário de Ray na mão. Contemplo o calendário de Ray. Não é a primeira vez que olho fixo para o calendário de Ray num momento sombrio da madrugada, como se fosse uma charada a ser decodificada. Pois tudo o que a viúva faz, a viúva já fez antes. Em pouco tempo a viúva se torna um fantasma assombrando a própria casa.

Que irônico e terrível é que Ray tenha marcado com x todos os dias de janeiro de 2008; em fevereiro, ele marcou com x os dias 1 a 10 — o décimo dia, um domingo, seria o último dia que passaria em casa.

Com seu estilo metódico, Ray mantinha uma espécie de agenda no calendário. Compromissos, tarefas a cumprir, prazos de revistas e gráficas. Nossos compromissos sociais eram anotados com abreviações. Se eu tentar, posso lembrar quais foram os compromissos — quais jantares, noites em restaurantes, no McCarter Theater. Réveillon, Ano-Novo... 14 de fevereiro, dia dos namorados, Ray marcou como se fosse uma festa.

Fui abandonada com essa série de x. Se examinar o calendário de 2007 de Ray, que ainda está em cima da escrivaninha, descobrirei um ano inteiro — 365 dias! — metodicamente marcado com x.

Aos poucos, nossas vidas se tornam uma série de (cada vez mais) x. Com uma satisfação mal-aplicada, marcamos com x o dia, o fim de uma semana, um mês, um ano — sem nunca pensar que a oferta de dias é, no final das contas, finita, e nós a gastamos.

Parabéns! Penso que, anos atrás, pode ter sido dez, ou quinze anos atrás, estávamos nos preparando para dormir quando o telefone tocou, imediatamente me passou pela cabeça *Aconteceu alguma coisa com a mamãe ou o papai* — a pessoa que telefonava seria o meu irmão, neste caso; mas ao atendê-lo, enquanto Ray me olhava, preocupado, a pessoa se identificou como editora do caderno literário do *Philadelphia Inquirer*, e declarou estar me ligando para anunciar — para “ser a primeira a me avisar” — que eu era a vencedora do Prêmio Nobel de Literatura daquele ano; não era exatamente um fenômeno inédito em nossas vidas, tais rumores serem transmitidos a mim, ou a Ray, sempre em tom de empolgação; ano após ano, esses vagos fragmentos de boatos, supostamente boiando na cabeça de quantas dezenas, centenas de possíveis candidatos; naquela noite tal informação, ou melhor, desinformação, me chegou em meio a um troar de sangue nos ouvidos, já que eu temia um telefonema relativo a meus pais e agora — ao contrário — essa notícia estonteante mas improvável — para acelerar meu coração e instigar minha queda pela ironia *Qualquer indicação de qualquer livro meu é ao mesmo tempo o anúncio de que o livro não venceu* — só que nesse caso, enquanto a jornalista do outro lado da linha garantia com veemência que o motivo de sua ligação não era a mera “indicação” e sim a notícia de que Joyce Carol Oates havia ganhado o prêmio Nobel de Literatura...

O objetivo do telefonema da editora do *Philadelphia Inquirer* era extrair de mim um comentário, reação, a essa notícia maravilhosa, mas eu só conseguia perguntar como a jornalista sabia disso, como sabia com tanta certeza; ela insistiu que tinha “fontes” — que não era apenas boato.

Eu lhe disse obrigada mas quero esperar o anúncio oficial.

Mas eu havia ganhado, a editora insistiu. Em poucas horas, eu receberia um telefonema de Estocolmo!

Quando desliguei o telefone e contei a Ray do que se tratara a ligação, ele riu e disse, “Claro! Vamos para a cama”.

Registro de e-mails

17 de março de 2008.

Para Edmund White

Muito obrigada pelo telefonema, mas eu não estava com disposição de atender o telefone naquela hora... Tenho tentado atravessar a noite sem o remédio [Lorax] e prefiro estar cansada/grogue amanhã a ficar “viciada”... tenho ataques de pânico, suores, angústia, mas estou decidida a não entregar os pontos... tenho lido na cama e tomado notas, o que de certo modo me acalma... Os gatos têm certeza de que estou completamente louca porque passo a noite em claro, como Ray e eu nunca fazíamos; portanto eles têm saído e voltam para dentro de casa praticamente sob ordens.

Acho que você pode ser tolerante aos seus soníferos, é óbvio — mas eu não tenho o hábito de usar nenhum tipo de remédio e sem dúvida as “ideias suicidas” têm sido intensas...

No começo da noite tive uma longa e agradável conversa com Gail Godwin, que perdeu o marido/companheiro de mais de 30 anos há alguns anos...

Com muito carinho pelo meu companheiro de viagem,

“a insone de Princeton” —

Joyce

17 de março de 2008.

Para Richard Ford

Não consigo encarar nenhum tipo de evento comemorativo [em homenagem a Ray]... Tenho medo de atender o telefone e ser um velho amigo querendo sofrer comigo — tipo arrancar as patéticas casquinhas finas dos meus machucados com os dedos — embora eles tenham “boas intenções” — eu sei! — mas simplesmente não consigo encarar a ideia de que amigos venham aqui e Ray não esteja; isso me faria mal, apesar de Jeanne achar

que é uma boa ideia, mas não estou com disposição, espero que Jeanne entenda...

O que penso do recado [telefônico] de Ray é que ele não tinha nenhuma noção do que o esperava. Talvez uma crise médica por causa de um aumento súbito de temperatura — Jeanne diz que essa bactéria virulenta é capaz de atravessar a corrente sanguínea e matar até mesmo uma pessoa mais jovem em poucas horas. É pavoroso. Mas talvez Ray tenha sido poupado disso. (Assim como Bob Fagles não está sendo poupado... Aí está o verdadeiro terror e tragédia.)

Gosto de imaginar que ele simplesmente adormeceu — nem se deu conta do que estava acontecendo. Febres altas provocam delírios... É provável que ele não tenha sentido dor.

Minha “escrita” hoje em dia consiste praticamente em e-mails, mas só para uns poucos amigos. Não consigo usar o telefone...

Eliot Spitzer não é uma figura? Uma mudança bem-vinda...

Com muito carinho aos dois,

Joyce

22 de março de 2008.

Para Edmund White

Estou muito ansiosa por você e pela nossa festa. Mas uma tristeza de insônia esta noite, embora tenha tomado uma dose forte do remédio, e simplesmente não consigo dormir; e não consigo imaginar mais noites que nem essa. Sinto tanta vontade de engolir todos os comprimidos do frasco... É claro, temos que dar bom exemplo aos outros, inclusive aos alunos. Estou muito esgotada por causa das tarefas e obrigações; acho que foi um erro não ir atrás de Ray logo depois, na noite em que ele morreu. Toda essa sequência tem sido insana, sem trégua e sentido. Claro que aprecio muito sua presença... Você me ajuda a seguir em frente... Se eu pudesse dormir ao menos uma ou duas horas, tenho certeza de que me sentiria de outra forma. É que me parece impossível.

Os dias se arrastam, se arrastam sem nunca chegar ao fim, como naquela peça do Sartre em que as pálpebras das pessoas foram removidas...

Com muito carinho,

Joyce

22 de março de 2008, 4h08.

Para Doug Hagley [tipógrafo, Marquette, Michigan]

Nenhum desses números está muito claro na letra de Ray... Essa situação toda é avassaladora... A insônia me é devastadora — não consigo dormir nem tomando o remédio inteiro — não sei mesmo o que fazer, mas não sou capaz de imaginar mais dias — semanas? — desse jeito. Não havia percebido que a revista [Ontario Review] seria tão complicada e agora me questiono sobre a possibilidade que teria de levá-la adiante após a morte repentina de Ray. Estou fora de mim, totalmente.

Com muito carinho,

Joyce

23 de março de 2008.

Para Doug Hagley

Muito obrigada pelo conselho... Tenho que me concentrar em vencer um dia de cada vez, depois uma noite de cada vez, e tentar não entrar em pânico por causa do vazio/solidão. Apesar de cercada por amigos — pareço incapaz de recuperar a energia que tinha antigamente, e acho que se pode dizer que ando totalmente deprimida... não fazia ideia de como era até agora. Vou ficar triste quando encerrarmos nossa colaboração... Sua presença tem sido maravilhosa apesar dos quilômetros de distância.

Vou encontrar nosso contador amanhã e perguntar várias coisas, dentre elas sobre o futuro da OR Press. Imagino que ele me dirá, como muitos já disseram, inclusive você, que é melhor eu não tomar nenhuma decisão por enquanto.

Com muito carinho, a quilômetros de distância,

Joyce

23 de março de 2008.

Para Gloria Vanderbilt

...acabei de chegar de uma caminhada rápida, e me sinto um tanto revigorada. A pior hora é durante a noite, claro — estou tentando vários remédios — no fim das contas, talvez seja melhor me recostar e ler e tentar tomar notas... não tenho conseguido escrever de nenhum jeito formal mas tenho feito muitas anotações entusiasmadas nas últimas semanas... tudo

confuso e desarrumado e irreal e aparentemente sem fim. Adoro a bela estátua de Santa Teresa, ela insinua tanta calma e dá a impressão de ter superado o tempo. Acho que ela vai sobreviver a todos nós. Seria o certo.

Hoje é Páscoa e espero ver “novidade” nas coisas. As últimas seis semanas foram claustrofóbicas e pesadas, e estou ávida por mudanças!

Com carinho,

Joyce

O estoque

Lorax — 43 tabletes de 1 mg — “para ansiedade”

Metocarbamol — 67 comprimidos de 2 mg — “para dores musculares”

Citalopram — 29 tabletes de 40 mg — “para depressão, ansiedade”

Vicodin Es — 29 tabletes de 30 mg — “para dor”

Propoxy — 30 tabletes de 30 mg — “para depressão, ansiedade”

Lunesta — 18 comprimidos de 3 mg — “para insônia”

Zolpidem — 30 comprimidos de 10 mg — “para insônia”

Quinidina — 5 tabletes de 200 mg — “para taquicardia”

Tylenol ^{PM}

Benadryl

Aspirina

Advil

Melatonina

O estoque de remédios da viúva, espalhado sobre a pia, é uma acumulação fortuita dos anos. Todo lar americano deve ter esse arsenal de remédios guardado nos armários do banheiro, no fundo das prateleiras, em gavetas. O remédio mais antigo listado aqui, quinidina, receitado por um médico de Princeton que já se aposentou há muito tempo, data de 1989. (O remédio ainda faria efeito, passado tanto tempo? Quantos alguém precisaria tomar para fazer o coração parar de bater de vez?) Os analgésicos são mais recentes, e os ansiolíticos/antidepressivos e soníferos receitados são todos recentes e todos meus.

Tais quantidades de comprimidos e tabletes sobraram dessas receitas, porque pouquíssimos desses remédios foram tomados como prescritos. Um único tablete de Vicodin e você tem a sensação de que levou uma marretada na cabeça — quem ousaria tomar outro tablete?

E portanto me resta um rosário de comprimidos. Uma única década desse rosário e a vítima terá sumido. O sofrimento da viúva terá sumido.

Um sono tão profundo que até os *olhos brilhantes e mortos como pedras preciosas* terá sumido.

Caso contrário, a viúva está EM VIGÍLIA. Nunca houve tamanha VIGILÂNCIA quanto a que habita o crânio da viúva feito um rápido tiroteio. Deitada, EM VIGÍLIA, ao longo de horas intermináveis de suores noturnos, totalmente assustada — não como uma adulta mas como uma criança fica assustada — tentando não pensar no resto de sua vida.

Calculo quanto tempo terei de aguentar esse limbo póstumo — dez anos? Quinze? *Vinte?*

Você tem sua escrita, Joyce. Você tem seus amigos. E seus alunos.

Essas observações parecem quase um escárnio. Mas é claro que ninguém tem a intenção de escarnecer.

Você sabe que Ray não gostaria que você se sentisse assim. Ray iria querer que você...

Mas estou zangada com Ray! Se Ray aparecesse na porta deste quarto, eu não falaria com ele.

Foi o desleixo dele! Ele se permitiu contrair pneumonia, e ele se permitiu morrer. Ele me deixou para trás — com isso.

A verdade é que fui eu — a esposa, a viúva — que deixei meu marido para trás.

Quando você abandona a pessoa que confiou em você, não existe consolo.

Seu castigo é *ser você mesma: viúva*. É um mero castigo.

“Posso ser forte. Posso parar com isso.”

E portanto, esta noite, não tomarei outro comprimido. Nem outra metade de comprimido. Nada do detestável Lorax que deixa minha boca seca como giz e meus olhos ardendo a ponto de lacrimejar. Estou encolhida no ninho, meias de lã, um robe de flanela sobre a camisola, pois estou ao mesmo tempo trêmula e encalorada, suada — minha nuca está escorregadia por causa do suor; recostada nos travesseiros do ninho, como nunca fiz quando Ray era vivo, fico razoavelmente confortável lendo, tentando ler — a nova tradução de *Os irmãos Karamazov*, ou será a nova tradução de *Dom Quixote*; e vejo, de soslaio, o manuscrito do romance de Ray em cima da mesa de cabeceira,

debaixo de outros papéis, que talvez eu leia por impulso esta noite — talvez comece a ler esta noite — pois as palavras datilografadas com seriedade estão esmaecidas, desbotando — as folhas têm pelo menos trinta anos, talvez quarenta anos; *Black Mass* foi escrito antes de meu jovem marido me conhecer, e uns anos depois de nos casarmos foi parcialmente revisado, ou reescrito; o romance é um documento secreto, eu reflito; bem como minha própria escrita, numa espécie de código, é uma escrita secreta; como toda escrita é secreta, mesmo ao ser levada a público — “publicada”.

Posso ser forte, penso. *Posso parar com isso.*

O que quer que seja essa coisa terrível que está acontecendo comigo, dentro de mim — tenho o poder de pará-la. Se for capaz de me concentrar.

Porém — não sou capaz de me concentrar. Não como antigamente. Como se, caso fosse preciso que eu pulasse da cama, me vestisse às pressas e dirigisse até o centro médico — não acho que seria capaz de fazê-lo. Não agora.

Não de novo.

Talvez seja um sintoma da abstinência — a incapacidade de levantar da cama de manhã. (O próprio conceito de “manhã” está aberto a revisão quando a pessoa está deprimida — “manhã” vira um termo elástico, assim como “meia-idade”.) Sinto braços, pernas, cabeça pesados que nem concreto. Um esforço para respirar — e que esforço inútil! Esqueça o ato de rolar uma rocha montanha acima feito o Sísifo de Camus, o que dizer da inutilidade que é *respirar*?

Como é fácil ligar a tevê. Mudar de canal, depressa, sem parar por mais que alguns segundos. E como é ridícula a vida, vista como uma sequência — uma concatenação — de “cenas” misturadas, aleatórias e dissociadas: principalmente com o som desligado, esses fragmentos da vida dos outros — vidas simuladas — não têm mais sentido do que sombras dançando na parede.

Pois elas também são fragmentos de vidas. E muitos dos atores de filmes antigos não estão mais vivos. Atores-fantasmas, com rostos “icônicos” — embora eles mesmos tenham morrido faz tempo.

Ainda que publicamente eu me identifique como uma pessoa que lê e não vê televisão com frequência, é verdade — me acostumei aos programas da madrugada — mudando de canal numa espécie de movimento perpétuo — uma lívida fita de Möbius da alma. Court TV, com um estoque infinito de

documentários sobre ciência forense, processos e assassinatos célebres — Animal Planet, Turner Classic Movies, CNN, USA, TNT — seria de imaginar que a insônia se mostraria frutífera, produtiva; da mesma maneira que, para alguns de nós, fantasias de “dias de afastamento por doença” evocam a perspectiva do prazer ilimitado da leitura, todo o *Em busca do tempo perdido*, por exemplo, na nova tradução, ou uma (re)leitura de toda a obra de Jane Austen, a mais deliciosa das válvulas de escape; ou, melhor ainda, tomar notas para um novo projeto, ou “pôr em dia” as correspondências. Então, quando você enfim se adoenta e precisa ficar de cama, muito indisposto, digamos que gripado, você sente uma fraqueza tão horrível, tão inequivocamente doente, que só o que consegue é recostar a cabeça ou descansar a cabeça no travesseiro. A leitura, há tanto vista como uma recompensa muito merecida, de repente está fora de questão, bem como se levantar da cama e dançar — correr — até a outra ponta da casa.

E assim tem sido comigo. Apesar de minhas boas intenções, perco rapidamente o interesse em reler *A montanha mágica*, mais rápido ainda *Guerra e paz* — *Auto de fé*, de Elias Canetti, que quero ler há anos, desde que Susan Sontag o recomendou a mim de forma veemente, se mostra penosamente excruciante, e chato; algumas páginas do livro de um amigo-filósofo sobre Wittgenstein, dedicadas a mim anos atrás, é tudo o que aguento. Quanto a *Dom Quixote* e *Os irmãos Karamazov* — essas grandes obras que li pela primeira vez quando adolescente agora passam por cima da minha cabeça feito nuvens monumentais, bem distantes de mim, inalcançáveis.

O controle remoto da tevê, em meio ao redemoinho de cobertas no ninho, é alcançável.

Estudos sobre morbidez

Por que está tudo tão — *luminoso*?

Mesmo através de minhas pálpebras — *luminosidade-
-cegante*?

Agora, na esteira da minha noite heroica de insônia — quando imaginei estar triunfando sobre meu (suposto) vício em Lorax — o dia é tão interminável, tão destroçado pela dor de cabeça, uma luminosidade estonteante mas manchada por lesões curiosas, feito rasgos em um cenário barato de teatro — eu penso *Se ao menos! Se ao menos conseguisse dormir! Me deitaria aqui, nesse chão, e fecharia os olhos e dormiria só por uns minutinhos! Se ao menos* — nesse lugar onde nunca tinha feito compras, Shop-Rite na Rota 1, empurrando confusamente um carrinho emperrado de comestíveis pelos intermináveis corredores sob a luminosidade das lâmpadas fluorescentes; meu coração bate de um jeito esquisito e ouço um zumbido alto nos ouvidos, pois consegui dormir no máximo uma hora na noite anterior, suada e trêmula no ninho amarrotado, me levantando diversas vezes para tropeçar pela casa e diminuir o termostato... É insuportável permanecer acordada, mas qual é a alternativa? — quando tento dormir minha mente dispara; meu cérebro é um carrinho descontrolado que não contém nada, não há conteúdo nos meus pensamentos, além da preocupação obsessiva *vício em remédios, insônia* — *vício em remédios, insônia*; com a compulsão de uma verdadeira insone, uma noite cheguei a me levantar da cama para olhar, em Homero, o encontro de Odisseu e seus homens com os monstros marinhos entre os quais precisam navegar:

Ali mora Cila [na caverna de Érebo], a ladrar terrivelmente; seus latidos, realmente, são como os duma cadelinha recém-nascida, mas ela, de fato, é um monstro cruel...

Doze patas tem ela, todas atrofiadas, seis pescoços de extrema longura e, em cada um deles, uma cabeça medonha; nestas, três feiras de dentes,

cerrados e numerosos, carregados de negra morte.

(...)

Por baixo dela, a divina Caríbdis aspira a água escura. Três vezes por dia ela arreversa e três vezes suga tremendamente; que não esteja lá quando ela sorver; nem mesmo o deus que o solo estremece te salvaria da ruína.

(...)

Penetramos gemendo naquele estreito; de um lado estava Cila; do outro, a divina Caríbdis...¹⁷

Onde a batalha da vida é rigorosa, primitiva, fundamental — o pavor é de ser devorado vivo.

Onde a batalha da vida é mais “civilizada” — o pavor é de ser levado à loucura.

Se ao menos! Mas não vou.

Esta noite, jantar na casa de uma amiga.

A elegante casa em Princeton da qual minha amiga E. deve sair em breve — porque sua vida doméstica/conjugal também desmoronou.

Casa, lar, família — são palavras misteriosas, carregadas de sentido. Indicam condições que vemos como fato consumado, até que um dia, de forma irrevogável, não mais podemos vê-las como fato consumado.

E. tem sido uma das minhas mais intensas correspondentes por e-mail desde a morte de Ray. De madrugada — de manhã bem cedinho — E. e eu trocamos mensagens muito íntimas, inspiradas, de um surrealismo lírico.

Apesar de E. não pensar em si nos mesmos termos que eu — ela não se considera tão abalada como uma viúva — sinto certa afinidade entre nós. Ambas perdemos nossos companheiros mais próximos, ambas nos vimos subitamente sozinhas.

Vivendo sozinhas, em casas que dividimos com outra pessoa durante muitos anos.

Você poderia dizer que nós duas estivemos em um acidente de carro. Nossas feridas não são exatamente visíveis.

Quem poderia dizer — o que é pior? Perder o marido para a morte ou perder o marido porque ele decidiu ir embora por outra mulher?

Nesta noite, no jantar, somos apenas quatro: quatro mulheres, das quais três se divorciaram — (todas mais de uma vez) — e uma “enviuvou”.

Boa parte da conversa travada durante o jantar se concentra na situação de E. — a iminência de sua expulsão da linda casa — sua crise financeira — as formas como o companheiro parece ter traído sua confiança.

Onde existe traição, pode haver raiva, fúria. Penso, com inveja, em como seria mais saudável, muito mais *estimulante*, ter esses sentimentos, em comparação com a tristeza do luto, que é como um sobretudo molhado que a viúva tem de usar.

Uma das mulheres — divorciada algumas vezes — nos conta que o marido mais recente lhe roubou milhares de dólares, mas que o advogado a aconselhou a não processá-lo: “Não valeria a pena.”

É chocante que o homem em questão — conhecido na comunidade como um ilustre cientista pesquisador — pareça ter sido desonesto, fraudulento. Pelo modo como M. fala dele, seria de imaginar que ela o despreza. No entanto, ela havia abandonado o marido anterior por esse homem, causando um escândalo em Princeton, alguns anos antes.

Todas haviam deixado um cônjuge que não suspeitava de nada. Todas foram profundamente feridas pelo cônjuge abandonado.

E as histórias de E. sobre o companheiro traiçoeiro com quem vivera por dezessete anos! Relatadas com firmeza, e humor.

O vinho ajuda. Se a pessoa bebe.

Em meio a esse papo indecente ao estilo Mulher de Bath, me sinto muito só, muito — inexperiente, ingênua... É fato que Ray foi o primeiro homem da minha vida, o último homem, o único homem... Apesar da minha reputação como escritora, minha vida pessoal foi moderada e decorosa como um papel de parede de Laura Ashley.

As mulheres voltam a atenção para mim. Tinha ficado quieta. Não posso dizer a elas *Estou louca para ir para casa, me enfiar no meu ninho. Mesmo se não conseguir dormir. Estou tão infeliz aqui...*

Mas na verdade estou feliz aqui. Estou “me divertindo muito” aqui. As mulheres são uma ótima companhia, E. preparou um jantar esplêndido, existe certo estímulo em estarmos juntas — como se a deslumbrante mesa de jantar — a luz das velas refletida na madeira, os delgados jarros de vidro de flores brancas — fossem uma espécie de bote salva-vidas e nós quatro estivéssemos no bote, em um mar agitado.

M. pergunta se tenho dormido e lhe digo que não estou dormindo muito bem, mas parei de tomar o remédio prescrito no qual fiquei viciada — na

noite anterior, consegui não entregar os pontos e tomar o remédio; se esperava que M., uma profissional com algum tipo de diploma em medicina, se impressionasse com tal comentário, me surpreendo com a rispidez com que M. fala a mim, de maneira ostensiva, mas também para o benefício das outras: “Você poderia ser ‘viciada’ nesse remédio até o resto da vida, mas isso não seria tão sério quanto ficar sem dormir. Se você não dorme, o sistema imunológico se enfraquece, você fica suscetível a doenças e infecções e sua expectativa de vida diminui. Se não dormir, você morre.”

Como isso me soa a maldição, permaneço sentada, perplexa, à mesa de jantar, o olhar fixo. Como me sinto indefesa, como quem poderia cair do bote salva-vidas por mera fraqueza, exaustão. *Se não dormir, você morre.*

M. fala em tom de autoridade. M. nos diz que “estudos sobre morbidez mostraram...”.

Estudos sobre morbidez! As palavras me dão calafrios. Estava tão decidida a dar um fim ao meu vício em Lorax — como se isso equivalesse a dar um fim ao vício em angústia, depressão, insônia — a própria condição de viúva...

Voltando para casa, sinto uma angústia crescente, mas também uma espécie de alívio infantil — *Eu tentei dar um fim ao vício. Eu tentei!*

[17](#) Homero. *Odisseia*. Canto XII. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2006. (N. da T.)

Tem alguém dentro de casa! Tem um intruso dentro de casa! Desatenta, ela não trancou todas as portas — de novo. E agora, a Morte entrou pela porta dos fundos, que dá para o terraço. Amedrontada e petrificada, ela jaz na cama. Passos no corredor. Sem fazer barulho, a porta, que fica entreaberta, é escancarada. Um vulto na escuridão — uma escuridão dez vezes mais escura — pois ela desligou o abajur da mesa de cabeceira, evidentemente — e ela adormeceu — não foi? — num estado de exaustão angustiada — num estado de abstinência do remédio — “despersonalização” — incapaz de se mexer enquanto o intruso se aproxima. Pois a Morte é sempre ele. A Morte é sempre muda e eficiente e o jeito mais eficiente é apertar o travesseiro contra o rosto dela, o nariz e a boca. Sem ar! Sem oxigênio! Ela luta, em pânico. Não foi essa a Morte que ela havia imaginado. Não era essa a Morte que ela desejava. Ela vai tentar lutar pois é um animal lutando pela própria vida — a vida corpórea, a vida rudimentar do animal, que nada sabe a respeito do luxo da perda, do luto, da melancolia. A mulher que luta em sua cama suada e remexida tem uma força inesperada, mas a Morte é mais forte.

V

“Você parecia tão feliz”

Embora você amasse Ray, e muito, e não pudesse imaginar sua vida sem ele, você vai começar a descobrir que está fazendo coisas que Ray não teria muito interesse em fazer, e que você está conhecendo pessoas que não teria conhecido quando Ray estava vivo, e tudo isso irá mudar para melhor a sua vida, mesmo que neste momento você ache que não.

— Eleanor Bergstein

Cedo demais!

Isso me choca — que o frio constante da estação em que Ray morreu — o céu de Nova Jersey feito uma panela malpolida, o lusco-fusco perdendo a densidade na terra parda no fim da tarde — aos poucos vá cedendo lugar à *primavera*.

A viúva não quer mudança. A viúva gostaria que o mundo — o tempo — tivesse *acabado*.

Assim como a vida da viúva — ela tem certeza — já *acabou*.

Um tipo perverso de conforto, alívio — que o inverno tenha se prolongado por tanto tempo, persistido até o fim de março, começo de abril.

Parada no limiar da porta, contemplando o pátio. Há quanto tempo estou aqui, não tenho noção. O que me fascina — o que me enche de medo — são os delicados brotinhos verdes que irrompem da crosta de neve do solo: tulipas. *Cedo demais! É cedo demais*.

As tulipas de Ray. No último outono, ele escavou o canteiro todo e plantou dezenas de bulbos de tulipa. Ajoelhado na terra macia e escura, com uma concentração total, contente, *feliz*.

Para o jardineiro, a perspectiva do futuro não é ameaçadora, mas sim *feliz*.

Ele me mostrara os pacotes de bulbos de tulipas, oriundos da Holanda. Bem vermelhas, com riscas amarelas, com riscas violeta, brancas com riscas laranja claras feito renda. Havia comprado as tulipas em sua chácara/centro de jardinagem preferido, o Kale's Nursery, a cerca de três quilômetros da nossa casa.

Quer vir comigo? — Vou ao Kale's depois do almoço.

Geralmente eu dizia que não. *Não, obrigada, tenho trabalho a fazer.*

Agora meu coração se aperta, lembrando. Que burrice — loucura — me cegou, que imaginei ser o *trabalho a fazer* mais importante que acompanhar meu marido ao Kale's.

Em outros canteiros, próximos à entrada da garagem, galantos brancos já

florescem — quase invisíveis, discretos. São flores tão miúdas e delicadas, parecidas com campainhas, que dá quase para confundi-las com flocos de neve amontoados, ou ignorá-las por completo em meio ao acúmulo de folhas podres do fim de inverno, entulhos causados pelas tempestades.

E açafão, que Ray também plantou: violetas, com riscas roxas, amarelas, laranja-claro... *Cedo demais! É cedo demais para isso tudo.*

Essas flores pequenas do começo de primavera eu colhia, só algumas poucas, para botar em vasinhos sobre a mesa de jantar, no peitoril da janela da cozinha, às vezes na escrivaninha de Ray.

Agora, a ideia de colher flores, levá-las para dentro de casa, me é repugnante, imoral.

Bem como preparar uma refeição na cozinha. Sentar à mesa de jantar e comer.

Tanta coisa está se tornando *imoral*, porque não *acabou*.

“Não é justo. Ray iria gostar tanto de...”

De estar *aqui*. De estar *vivo*.

Penso em como, naquela manhã de fevereiro, encontrei Ray no quarto de hóspedes, diante da mesa branca Parsons, lenços amassados espalhados sobre o tampo em volta do *New York Times* aberto. Em como insisti para levá-lo ao centro médico. Em como acreditei — ambos acreditamos — que era uma inconveniência, um incômodo — uma interrupção do nosso dia útil — mas que Ray já estaria em casa dentro de algumas horas, ou talvez na manhã seguinte.

Pelo caminho até o hospital contagioso — este verso de William Carlos Williams reverbera na minha cabeça feito uma matraca contínua.

E eu penso, indefesa eu penso, que terrível é o fato de que, quando levei Ray até o Princeton Medical Center, tenha sido ao *hospital contagioso* que o entreguei, como uma boa esposa. Levando meu marido para longe da casa onde ele havia sido tão feliz, e o entregando — a quê? Ele confiara em mim, ele estava fraco, doente. Não teve forças para resistir ou questionar minha decisão.

E agora, as tulipas. Essas tulipas da Holanda, que sobreviverão a ele.

Uma espécie de ira me domina, tenho quase vontade de escavar os bulbos de tulipa, ou cobrir os brotos com folhas podres, terra.

Se a viúva pudesse *parar o tempo*.

Se a viúva pudesse *voltar no tempo*.

Minha boca está seca, sinto meus lábios rachados. Há o gosto azedo familiar da manhã — a *manhã seguinte* do insone — esse estado de torpor/dor de cabeça/zumbi que sucede uma noite interminável interrompida por períodos de “sono” — não o forte Lorax que parei de tomar apesar do conselho de S., mas outros remédios, espalhados pela noite: às 23h talvez meio comprimido de Lunesta; às 4h outra metade, ou, de acordo com as recomendações de um amigo, um ou dois tablets de Tylenol PM, ou Benadryl — remédios vendidos sem receita que dizem *não criar um hábito*.

Que temor eu tenho de adquirir um *vício*! — ser *viciada*!

O resto da minha vida está em ruínas, porém — estou decidida a não me tornar viciada.

Embora tenha passado a sentir grande empatia por todos os tipos de viciados em drogas, assim como por alcoólatras, os *feridos ambulantes* que nos cercam — eles são nós mesmos, automedicados. O mal-estar espiritual deles é tamanho que só remédios fortes podem aplacá-lo. Caso contrário, são suicidas.

Enquanto na minha vida antiga eu acreditava, com convicção moral de colegial, que o vício em drogas, alcoolismo, suicídio — o colapso geral de um indivíduo — sugeria alguma forma de abandono espiritual, que poderia ser evitado com a força de vontade — agora acredito no exato oposto.

O que me espanta é que haja tantos que não sucumbem. Tantos que não se mataram...

Não tenho certeza se o “suicídio” — como ideia — era abominável a Ray, ou se Ray lhe era indiferente. Não me lembro de nenhuma ocasião em que Ray tenha falado do suicídio como questão filosófica, menos ainda como questão pessoal. Apesar de lembrar que ele deu aulas sobre a poesia de Sylvia Plath, cujos emocionantes versos encantatórios são apelos à nulidade, à extinção:

Morrer

É uma arte, como tudo o mais.

Nisso sou excepcional.

Desse jeito faço parecer infernal.

Desse jeito faço parecer real.

Vão dizer que tenho vocação.

— *Lady Lazarus*¹⁸

É a “lascívia quase inominável” — da qual Anne Sexton também fala em sua poesia — esse desejo de se *automedicar*, a ponto de se *autoaniquilar*.

Como se fosse um engano terrível, um erro básico — que a pessoa esteja viva e o ato do suicídio seja uma correção, um “endireitamento” do que está “errado”.

A viúva sente no coração que não devia *estar viva*. Ela está confusa, assustada — ela sente que está *errada*.

Parada no limiar da porta, tremendo, contemplando o pátio, os brotinhos verdes de tulipas, pensando essas coisas como se estivesse em transe. Se Ray estivesse vivo eu não estaria aqui, não pensaria essas coisas; o fato de que penso essas coisas é profundo, preciso levar essas ideias adiante. Na minha visão periférica a criatura que parece um lagarto reluz levemente — por que eu precisaria *disso*?

Agora a manhã termina, agora um levante de ar, um cheiro de — primavera? — porém a viúva está praticamente catatônica, hipnotizada. Se o telefone tocar não terei forças para atender, mas o toque me tiraria desse transe. Ah quem vai ligar para mim, que amigo vai pensar — *Talvez seja uma boa ideia ligar para a Joyce para dar um oi, coitada da Joyce! — mas ela não vai atender o telefone mesmo.*

¹⁸ Sylvia Plath. *Ariel*. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. Campinas: Verus Editora, 2007. (N. da T.)

Despedida em Las Vegas

Essas noites de transe televisivo — controle remoto entre os dedos dormentes — o filme que tenho visto com frequência, aos pedaços, como um espelho quebrado, é *Despedida em Las Vegas*.

Trata-se de um filme que nós evitamos ver. Tanto Ray quanto eu não tínhamos nenhum interesse nele — a história de um alcoólatra terminal. Independentemente de ter recebido ótimas críticas e de as pessoas terem falado dele com admiração — nós não iríamos querer assistir a ele, jamais.

Porém, inesperadamente, no decorrer das semanas que se seguiram à morte de Ray, é *Despedida em Las Vegas* que exerce sobre mim uma espécie curiosa de feitiço.

Às vezes ele está passando em dois canais a cabo, em horários diferentes. Em uma semana, é provável que sejam várias exhibições. Ainda não o vi do começo ao fim — (mas agora, é raro eu ver qualquer coisa “do começo ao fim” — estou irrequieta demais e minha atenção anda muito dispersa) — mas assisti a trechos de quinze, vinte minutos, numa sequência misturada com continuidade suficiente apenas para que eu compreenda o enredo.

Como se somente durante esses trechos *Despedida em Las Vegas* fosse suportável.

Coisas têm significado. Tudo tem significado. Não existe coincidência.

Algumas das cenas eu já vi diversas vezes. A última cena, arrebatadora, apenas uma vez. E apenas uma vez também, tardiamente, a abertura do filme — uma sequência que explica o comportamento autodestrutivo do protagonista, ao mesmo tempo que nos distancia dele e enfraquece a empatia que sentimos por ele.

Quase contra minha vontade, sou envolvida por esse relato sombriamente cômico/terno-mórbido de um roteirista de Hollywood alcoólatra de trinta e tantos anos? — quarenta e poucos? — que vai a Las Vegas depois de ser abandonado pela esposa, com o propósito de beber até a

morte.

Se antes eu não tinha o menor interesse no desempenho de Nicolas Cage, premiado com o Oscar pelo papel do alcoólatra “Ben Sanderson” — agora fico hipnotizada por ele. Até agora, Cage não era um ator por quem eu sentia uma admiração extraordinária, mas essa atuação é impressionante, totalmente convincente. No entanto, estou ainda mais encantada com “Sera” — uma prostituta de Vegas interpretada por Elisabeth Shue que exala um tipo de beleza pálida, prestes a se extinguir. O fato de *Despedida em Las Vegas* ser um romance apesar do tema — de que alguém passa a zelar pelos amantes condenados — é surpreendente. A devoção da prostituta Sera ao condenado Ben é ao mesmo tempo ultrajante, da maneira como a devoção de certos mártires e santos cristãos lendários é ultrajante, e convincente. *Não escolhemos as pessoas por quem nos apaixonamos. O amor que sentimos é nosso destino. Não escolhemos nosso destino.*

E: *Por nos restar tão pouco tempo...*

Depois de ver o filme em pedaços, fica evidente que Sera sobreviveu a Ben e está recontando a história de seu amor por ele. Seu amor desesperançado por ele.

No início do relacionamento, Ben avisa a Sera *Nunca me diga para parar de beber.*

Sera avisa a Ben *Não tente me fazer mudar de vida.*

Ben afugentaria Sera, ele chega a ser infiel a ela — um homem tão embebido em álcool que mal seria sexualmente potente. É a devoção absoluta da mulher ao homem condenado e impenitente que torna *Despedida em Las Vegas* um filme tão forte.

Tudo que de início me desagradava no filme, antes de tê-lo visto de verdade, agora me parece irresistivelmente cativante. Assim como me desagradavam, ou eu reprovava, as “fraquezas morais” daqueles que se automedicam, e agora tenho a sensação de que os entendo e simpatizo com eles — *Pois eu mesma virei um deles.*

Meu interesse em *Despedida em Las Vegas* aumenta quando descubro que o escritor John O’Brien, de cujo romance semiautobiográfico o filme é adaptado, era alcoólatra, suicida — (é claro, quem mais poderia escrever um relato tão profundo dessa vida condenada) —, e que ele cometeu suicídio na segunda semana da produção do filme.

O que é comovente, cativante — que Sera permaneça com Ben, até o

fim. Ela não o deserta. Ela não se salva abandonando-o. Ela não espera dele nada além do que ele pode lhe dar. *Ficar com ele, o atormentado homem condenado, por quanto tempo for possível. Entender que o tempo que têm juntos é limitado. Esperar nada mais do que... o que é.*

Embora tenhamos ficado mais íntimos de Ben do que de Sera, foi Sera quem sobreviveu a Ben. Pois o mais provável é que a mulher viva mais que o homem — e seja a narradora da vida/morte dele.

A mulher é quem escreve a elegia. A mulher é o repositório da memória.

Então o filme acaba com uma reprise do relacionamento deles — as memórias “felizes” de Sera a respeito do condenado Ben. Podemos ver como uma mulher poderia sentir atração — contrariando seu próprio bom-senso — por tal homem.

Na saúde e na doença. Até que a morte nos separe.

“A vida não vivida...”

Mas o quociente de dor que a gente sofre já não é chocante o bastante para não precisar de uma amplificação ficcional, que dê às coisas uma intensidade que é efêmera na vida e que por vezes chega a passar despercebida? Não para algumas pessoas. Para umas poucas, muito poucas, essa amplificação, que brota do nada, insegura, constitui a única confirmação, e a vida não vivida, especulada, traçada no papel impresso, é a vida cujo significado acaba sendo mais importante.

Philip Roth, *Fantasma sai de cena*¹⁹

Como eu gostaria de acreditar nestas palavras!

Palavras corajosas e desafiadoras que reivindicam, para o escritor, uma vida privilegiada de significado, sentido, e valor maior do que o da mera “vida” — a alegação de que a arte é recompensa para as decepções da vida.

Encolhida no ninho, lendo a prova encadernada do novo romance de Philip — que Ray havia lido pouco antes de ser internado. Gostaria de crer nessa reivindicação pela arte mas não consigo — de qualquer modo, não é uma possibilidade para mim.

Desde que Ray morreu — *morreu* é uma palavra nova, sou quase capaz de usá-la sem hesitar — me dei conta de que a minha escrita — a minha “arte” — é uma parte da minha vida, mas não a parte predominante.

Reverenciamos o culto à genialidade — como se a “genialidade” se sustentasse por si só, o cume de uma montanha solitária. É algo falso, irracional.

Minha vida é a minha vida como mulher, minha vida “humana” como se pode dizer, e a vida “humana” é definida pelos outros: pela trama, enceradura, teia sempre mutante dos sentimentos dos outros; o estado de espírito dos outros não pode ser imobilizado, assim como a própria existência deles não pode ser imobilizada. A afirmação de Philip Roth é de que “letras

no papel” permanecem de uma forma que a vida não pode permanecer, e talvez seja verdade, em certo sentido — (pelo menos para os escritores cujas obras não estão eternamente esgotadas) —, e no entanto, que consolo frio, rarefeito!

Aqui está um predecessor americano falando em um idioma muito diferente, mas numa linguagem comum:

Um escritor deve viver e morrer por meio de seus escritos. Bom para isso e bom para nada mais. Uma Guerra; um terremoto, a revitalização das letras, a nova revelação de Jesus, ou dos Anjos, Céu, Inferno, poder, ciência, o Neant [Nada] — existem somente como os traços do pincel dele.

Ralph Waldo Emerson, “Experiência”

O pincel *dele*. Pois essa é uma postura masculina, eu acho. A bravata, a inutilidade.

A bravata diante da inutilidade.

É pavoroso considerar — quem sabe um dia, devido à solidão, ao desespero e à rebeldia — que eu também farei tal alegação.

Cruéis, brutas e estúpidas “boas intenções”

“Ahhh Joyce — você está usando *pink*. Que ótimo.”

Como um tapa na cara, ou um soco no estômago — essa exclamação vinda de uma mulher ao nos encontrarmos, acompanhadas de várias outras mulheres, depois do funeral de Robert Fagles na capela da Princeton University. A mulher não é uma amiga íntima — na verdade é uma velha conhecida — por quem tive afeição no passado, embora no momento minha única vontade seja a de lhe dar as costas e fugir.

O que eu devia estar usando? Preto?

Como você ousa falar comigo desse jeito! — e que estupidez a sua, confundir rosa-escuro com “pink”.

Claro que consigo manter a civilidade. Suponho que tenha conseguido sorrir. Só a minha amiga Jane percebe o choque, a mágoa, a incredulidade no meu rosto.

A intenção dela é boa. Ela não quis te chatear. Ela é esquisita, desajeitada — ela não sabe o que dizer, e não sabe como não dizer nada.

Contudo, assim que posso, eu fujo.

“Recomeçar — tipo, um divórcio — pode ser bom.”

Um sorriso enorme toma o rosto desse homem, uma veemência afável na voz — me parece inútil destacar que meu marido e eu não nos divorcíamos — “Sou viúva. É diferente”.

Mas ele insiste: “Não é uma diferença real. Não é literal. É ‘recomeçar’ — você pode seguir qualquer caminho.”

“Sério!”

“O cônjuge se foi. É um fato literal. Se ele se mudou ou... tanto faz.”

Ele é um empreiteiro que chamei à minha casa, para me dar um orçamento dos consertos. Não o conheço, mas foi muito bem recomendado por amigos em comum. Não é alguém que Ray conhecia, nem ele conhecia

Ray. Onde seus modos afáveis, sua convicção, como a de um homem que passou por um divórcio — foi arrastado pelos escombros, surrado e humilhado — mas já o superou.

“A casa é sua, você pode fazer o que bem entender dela. Pode renová-la, pode construir um anexo, pode *vender*. Esse é o ponto principal.”

É verdade? Essa conversa bizarra? Ou é uma conversa perfeitamente normal e racional, do tipo que as pessoas travam com mulheres que acabaram de “perder” os maridos, e eu sou hipersensível, como se a camada mais superficial da minha pele tivesse sido descamada? Tento não me aborrecer, pois é claro que esse homem também tem boas intenções — não quer ser cruel, bruto e estúpido — sua ideia é *Olhe pelo lado bom! Para que ficar triste! É uma oportunidade de ouro!*

Quando o empreiteiro vai embora, estou zozza, exausta. Seu prepotente cartão de visitas é rasgado em pedacinhos. Os recados alegres e num tom de voz alto demais que ele me deixa não serão retornados. Quando, um dia, a picape dele vira na entrada da minha garagem como se, por impulso, estando na vizinhança, ele tivesse resolvido fazer uma visita, eu corro para os fundos da casa, para longe da porta da frente, e me escondo.

“Ahhh Joyce! Fiquei *tão triste* quando soube...”

No meio de um jantar com amigos em um restaurante de Princeton, no meio de sorrisos e gargalhadas entre amigos, algo parecido com uma ave predadora voa sobre nós, depois de ter me avistado do outro lado do salão — (na verdade eu o vi, esse indivíduo, caminhando na minha direção) — e dessa vez eu digo depressa, espero estar sorrindo ao dizê-lo, uma estocada de tesoura no meu coração — “Agora não, por favor. Não é a hora certa, obrigada”.

Edmund White me relata que uma conhecida mútua, uma administradora da universidade, se lamentou com ele por “nunca ter chegado a mandar umas flores para Joyce” — e rimos juntos do comentário, como se as flores dessa mulher, qualquer demonstração de solidariedade ou mesmo de reconhecimento por parte dessa mulher, fossem ter algum significado.

“Eu disse a ela que não se incomodasse”, declarou Edmund. “Disse a ela que você já tem todas as flores que poderia querer.”

Com seriedade, uma amiga me consola.

“O ‘luto’ é neurológico. Uma hora, os neurônios são ‘recircuitados’. Imagino que, se for o caso, você poderia acelerar o processo só de *saber*.”

“Queremos vê-la, Joyce! Faz tanto tempo.”

Em outro restaurante de Princeton com amigos — três casais, dentre eles os nossos amigos mais antigos de Princeton — por acaso acontece de um dos homens erguer a taça num brinde ao casamento — aos casamentos duradouros — pois todos os casais estão juntos há mais de cinquenta anos; a conversa se volta para os tempos idos, lembranças antigas, dos casamentos deles; relembram com detalhes, um dos homens, em especial, fala sem parar; e fico péssima de tanta vontade de estar longe dessas pessoas, longe do papo involuntariamente cruel que me exclui a ponto de parecer que nunca conheceram Ray, que era amigo deles. *Como é possível que não saibam o quanto me magoam? Como é possível, se todos eles conheciam Ray muito bem...*

“Desculpem. Tenho de ir embora.”

Pela primeira vez desde que meu marido morreu, choro num lugar público, e preciso sair às pressas, ainda que meus amigos me olhem fixamente; um dos homens me segue, se desculpando, na intenção de ser gentil — mas não posso falar com ele, tenho de fugir.

O primeiro colapso em público, e o último.

“E o que você vai fazer? Vender sua casa?”

Se eu tirar minha própria vida não será um ato premeditado e sim impulsivo.

Um dia — mais provável que seja noite — a solidão vai ser esmagadora — mais que esmagadora, sem sentido — & eu estarei tão cansada — cansada até a medula — & a certeza de que essa condição não vai mudar e sim prevalecer, ou piorar — & eu vou fraquejar, ou talvez sentir uma onda de força, a resolução de finalmente acabar com isso — como alguém que treme na ponta de um trampolim — um trampolim altíssimo — e a profundidade da água lá embaixo é desconhecida — a superfície encapelada, cintilante, plástica — & então — o estoque de comprimidos será a solução.

Mas como deixar esse bilhete? Esse bilhete vacilante? Pois deve ficar claro...

Não estou sugerindo que a vida não é rica, maravilhosa, bela, diversa e sempre surpreendente, e valiosa — somente que, para mim, não existe mais acesso a esta vida. Não estou sugerindo que o mundo não seja belo — isto é, uma parte do mundo. Apenas que, para mim, esse mundo se tornou remoto e inacessível.

Na costa, num emaranhado de escombros da tempestade, e uma balsa ou veleiro ou cruzeiro iluminado destraça — na costa você fica parado enquanto o barco se afasta — luzes piscando, música, vozes — gargalhadas. Se você acenar para o barco, ou não acenar para o barco, o resultado é o mesmo: ninguém percebe, e o barco se afasta no mar.

“Nunca, jamais faria isso outra vez”

Cara Joyce,

Ah por favor não pense em entregar os pontos. Muitas pessoas que apreciam e precisam da sua amizade sentiriam uma falta terrível de você. Isso pode soar meio abrupto, mas comecei a pensar que talvez nós sejamos amigos, e não há dúvida de que não quero perder uma amiga que acabei de descobrir! E não queremos perder mais ninguém com uma sensibilidade como a sua... Não consigo imaginar que você queira que a obra de toda a sua vida seja tingida por essa enorme tristeza. Tentei me matar uma vez — ninguém próximo de mim soube ou sabe disso — muitos, muitos anos atrás, quando eu fazia graduação na Universidade de Minnesota. Estava sob muita pressão na faculdade, fazendo disciplinas avançadas, trabalhando para pagar a mensalidade, morando com a namorada. Eu achava que era capaz de fazer tudo — e fazer muito bem — mas fiquei assoberbado. Não peguei o caminho infalível, ao estilo viril de Hemingway... Tomei comprimidos, que permitem um tempo de reflexão antes que seja tarde demais. Por fim, me dirigi ao pronto-socorro, onde fui tratado com uma crueldade chocante (para que eu aprendesse a lição?). E no fim, eu saí do hospital sem ser notado, em meio a alucinações fortes! (O que acho igualmente chocante.) Óbvio que sobrevivi à tentativa, e que nunca, jamais faria isso outra vez. Até a mera visão do sol já vale a pena...

Por favor, cuide-se.

G.

O “mundo real”

Do lado de fora da redoma de vidro que aos poucos sufoca a vida existe o “mundo real”, a uma distância remota e grotesca por suas contorções sempre mutantes — vislumbrado por meio de manchetes de jornal, fragmentos de noticiários na tevê — evitados pela viúva assim como se evita contemplar o sol durante um eclipse.

Exatamente a razão para isso, para as “notícias” me aborrecerem tanto, eu não sei. Não acho que pode ser só porque Ray tinha avidez por notícias, principalmente sobre política. Não acho que seja apenas isso.

Se antes eu passava pelos canais a cabo só por curiosidade, e fiquei alguns meses assistindo à Fox News de madrugada, fazendo pesquisa para um romance ambientado no “inferno dos tabloides” — agora não suporto ouvir os monólogos bombásticos e as “mesas-redondas” com gritos e interrupções.

Em Princeton, Nova Jersey — onde ninguém vê Fox News e meu interesse nesses tão íntegros inimigos do “progressivismo secular”/liberalismo/democratas é considerado uma excentricidade da mentalidade distorcida de ficcionista —, o *único assunto de conversas* há meses são as primárias do Partido Democrata para a candidatura presidencial nas próximas eleições.

Pois a impressão é de que meia Princeton está fazendo comício por “Hillary” — a outra metade por “Obama”: em eventos sociais, há discussões intermináveis acerca dos méritos/deméritos de “Hillary”/“Obama” — discussões intermináveis acerca dos méritos/deméritos das campanhas dos candidatos — discussões intermináveis acerca da falência política/moral/econômica/intelectual/espiritual do governo de Bush e de como um futuro presidente democrata deve lidar com esse tenebroso legado.

Não é raro haver discordâncias ríspidas, sonoras: diversas pessoas de Princeton participam ativamente de uma das campanhas, levantando fundos, redigindo discursos, “dando consultoria”. (Um único, peculiar indivíduo de

Princeton é “a favor da guerra do Iraque” — um homem de notoriedade local que serve de assessor de Bush/Cheney para questões referentes ao Oriente Médio.)

É assombroso que basicamente as mesmas palavras sejam repetidas vezes e vezes sem conta — “Hillary” — “Obama” — com variações sutis, cambiantes. Seria de imaginar que não existe mais nada na vida, nada de importante na vida, além das primárias do Partido Democrata. Nada além de política!

Porque não são pessoas feridas. Porque têm a liberdade de se importar com tais coisas — a vida que é mais-do-que-pessoal, maior-do-que-pessoal — como você não tem.

Nesses eventos eu penso em Ray. Eu vejo Ray.

A imagem do meu marido na cama de hospital — naquela cama de hospital derradeira, fatal — sobreposta à desta sala de estar, desta reunião de pessoas brilhantes. Penso em como Ray perdeu esse mundo, ele perdeu seu lugar nesse mundo, ele foi expulso desse mundo, enquanto, sem perceber sua ausência, o mundo continua a girar.

Se eu tirasse minha própria vida... Nesse ambiente, como são lúgubres, tolas, tristes, banais essas palavras! Nesse instante, suicídio não é uma possibilidade.

Penso no meu amigo de Minnesota — que ainda não conheci — que me escreveu com tanta franqueza e tanta bondade sobre a vez em que tentou se matar quando estudante de graduação — eu nunca, jamais faria isso outra vez. Sua missiva serena e atenciosa é uma censura ao meu desespero.

Preciso pensar no luto como doença. Uma doença a vencer.

E no entanto: como me sinto sozinha, em meio aos amigos. Poderia ser uma paraplégica observando dançarinos — não é nem inveja o que sinto deles, é quase uma espécie de incredulidade, eles são completamente diferentes de mim, e bastante desatentos. Eles são as pessoas naquele barco repleto de luzes se afastando no mar, sou abandonada na costa. Agora quero pensar *Mas a sua felicidade também é fugidia. Ela vai durar um tempo e depois vai acabar.*

Assim como em um jantar na cidade de Nova York, em um restaurante do Upper East Side, meu amigo Sean Wilentz e nosso amigo comum Philip Roth logo ficam absortos numa discussão — uma discussão acalorada — na verdade, uma “altercação” — em que fico na posição de uma espectadora

desafortunada de uma partida de pingue-pongue, olhando de um para o outro. Sean, que está trabalhando para Hillary Clinton, tem muitas críticas a Obama; Philip, um defensor ardoroso de Obama, tem muitas críticas a Hillary Clinton. É de impressionar, ouvindo os dois, a recusa de ambos em admitir o ponto de vista do outro, bem como a ausência de qualquer gesto de quase concessão — *Talvez eu esteja enganado, mas...*

Penso em como, da última vez que vi Philip Roth, Ray estava comigo — é claro. Visitamos a cidade e jantamos juntos em outro dos restaurantes preferidos de Philip. O Russian Samovar. Na época, Philip nos contou que começara a se sentir solitário em sua casa de campo em Cornwall Bridge, Connecticut — um por um, seus velhos amigos faleciam — e os invernos eram especialmente complicados. Como nos era distante naquele momento qualquer ideia de que Ray — também um “velho amigo” de Philip, embora não fosse um amigo próximo/íntimo — poderia ser o próximo a morrer...

É assim, a gente sempre acha que a morte está em outro lugar.

Embora a morte possa ser iminente, ela é iminente *em outro lugar*.

Como gostaria de conseguir lembrar o que conversamos com Philip! Enquanto os homens prosseguem com a rixa — agora o assunto mudou para a charada sempre reiterada *Se Hillary for eleita, onde Bill vai ficar? Na Casa Branca? Dizendo a ela o que fazer?* — eu penso que mais do que tudo, nós gargalhávamos; Philip é muito engraçado quando está profundamente concentrado em discussões políticas; Ray tinha opiniões firmes sobre política, mas não era briguento, e na época ele e Philip tinham opiniões iguais.

Ray e eu nunca visitamos Philip em Cornwall Bridge, apesar de termos visitado amigos/vizinhos de Philip, anos atrás — Francine du Plessix Gray e seu marido, o artista Cleve Gray. Cornwall Bridge é um lugar rural, muito lindo e cheio de montanhas, e fica no noroeste do estado, perto da fronteira com Massachusetts, um lugar ideal para o escritor que é meio recluso, ou que valoriza a privacidade.

Penso que não aguentaria viver sozinha, como Philip vive desde a dissolução do seu casamento com Claire Bloom, anos atrás. Uma vida tão voltada para a escrita e a leitura; uma vida de isolamento, em cujos intervalos há noites com amigos, e (aparentemente curtos) casos com mulheres mais novas; uma vida corajosa, uma vida estoica em consonância com a afirmação *e a vida não vivida, especulada, traçada no papel impresso, é a vida cujo*

significado acaba sendo mais importante.

Uma citação de Franz Kafka me vem à mente. A conclusão de “Um artista da fome” — *Nunca achei comida que quisesse comer. Se tivesse achado, teria me empanturrado como todo mundo.*

Para Philip, como para mim — Kafka é um primo-predecessor. Mais antigo, distante, icônico, “mítico”. Muito antes de descobrir que a mãe do meu pai era judia, e portanto que sou até certo ponto “judia”, eu já sentia uma estranha afinidade com Franz Kafka: todos os aforismas proferidos por Kafka tendem a se alojar nas profundezas da minha alma.

Ninguém além de você teria permissão para cruzar esta porta, já que a porta foi concebida somente para você. Agora vou fechá-la.

O horror da vida póstuma da viúva me domina. A porta à minha frente, a única porta de entrada que tenho — me será fechada em breve.

Philip foi muito gentil ao me escrever logo após a morte de Ray. Não só uma vez, mas duas.

Pois não respondi da primeira vez. A carta de condolências de Philip — sucinta, muito comovente — eu deixei no canto da minha escrivaninha, onde a via sempre que me aproximava. Uma folha de papel comum, algumas palavras datilografadas — *Nas poucas ocasiões em que estivemos juntos, fiquei impressionado com a tranquilidade e a bondade dele... Sua coragem é tamanha que você seguirá adiante, mas neste momento deve ser uma perda atordoante. Estou pensando em você.*

Espalhadas pelo meu escritório como alguém arranjaria pedras preciosas num ambiente comum, estão essas cartas e cartões de condolências de alguns de nossos amigos. Mas a maioria continua enfiada no saco de lona verde, fechada.

Respondi a pouquíssimas cartas. Uma letargia esquisita me toma, o pavor das palavras que a viúva precisa escrever.

Obrigada por suas condolências. Obrigada por pensar em Ray e por pensar em mim...

Palavras tão banais, superficiais! Assim como o “bilhete suicida” que passa pela minha cabeça boa parte do dia e da noite, que suponho que terei bom-senso/orgulho suficiente para nunca dividir com ninguém.

Se Hillary conquistar a nomeação —

Se Obama conquistar a nomeação —

Se os democratas ganharem a maioria no Congresso, finalmente —

Que legado horrível as guerras de Bush no Iraque, no Afeganistão!

Quando nos despedimos, na East 80th Street, Philip e eu nos abraçamos. É um gesto mudo, como se entre dois indivíduos surrados. Se eu dissesse a Philip que Ray havia lido *Fantasma sai de cena* pouco antes de ser internado no hospital, do qual nunca saiu, eu não contaria que, para mim, os trechos mais arrebatadores do romance tinham pouco a ver com o protagonista e muito com um amigo de Connecticut chamado Larry, que, diagnosticado com câncer, consegue contrabandear cem soníferos para dentro de seu quarto de hospital no intuito de se matar num lugar onde profissionais estivessem à mão para cuidar de um cadáver. Assim, o atencioso marido e pai pouparia a família de “tudo o que lhe fosse possível das coisas grotescas que fazem parte de um suicídio”.

Tenho certeza de que “Larry” era um vizinho de Philip em Connecticut — mas não tenho coragem de perguntar.

A primeira vez que encontramos Philip Roth foi no verão de 1974. Eu havia entrevistado Philip para o primeiro número da *Ontario Review*, numa série de perguntas para as quais Philip escreveu respostas cuidadosas. Conversamos no Central Park — demos uma passada no apartamento de Philip, por volta da East 80th Street, perto do Metropolitan Museum of Art — ficamos várias horas juntos. Lembro-me de nós três dando muitas gargalhadas. Lembro-me da habitual prudência, cautela de Philip. Mas não sei bem o que escrevi no final da entrevista, sobre o interior do apartamento de Philip — o escritório dele repleto de livros, inclusive o clássico de Baugh, *A Literary History of England* (*Uma história literária da Inglaterra*), e, na parede, “uma fotografia lúgubre, cativante de Franz Kafka” — idêntica à fotografia que, em meus tempos de graduanda idealista e literária na Syracuse University, no outono de 1956, eu tinha grudado na parede bege e desnuda diante da minha escrivaninha.

Historinha de amor

Numa noite de autógrafos na cidade de Nova York, uma figura alta de jeans, colete de brim, blusa azul de algodão com as mangas dobradas com esmero até os cotovelos me apresenta sete livros para dedicar *para Lisette*. Não fica claro se a pessoa é homem ou mulher, relativamente jovem ou não tão jovem, um boné de beisebol foi abaixado para tampar parte do rosto dele/dela.

“‘Lisette’! É um nome incomum.”

“É. Também acho.” A voz é grave, rouca — voz feminina?

“Você é Lisette?”

“Não. Lisette é minha namorada.”

Ergo os olhos e percebo que é uma mulher — trinta e tantos ou quarenta e poucos anos — magricela, com cabelos curtos cor de areia, um rosto de traços fortes e olhos pálidos. Reticente por natureza, talvez — mas algo provocou nela uma súbita ânsia de falar comigo, como se em segredo.

“Lisette ama seus livros, e eu amo Lisette. Então vou dar esses a ela.”

“É uma grande gentileza da sua parte.”

Nesses eventos públicos, minha voz irradia uma espécie de ternura que me surpreende. Será minha viuvez uma miragem, será essa personalidade pública alegre e sorridente meu verdadeiro eu?

O voto da viúva — *Se não estou feliz, ao menos posso tentar deixar os outros felizes.*

“E qual é o seu nome?”

“Meu nome? M’r’n.”

“Marian?”

“Mar’n.”

Ela fala de má vontade, em voz baixa. Como se, fosse qual fosse seu nome, ele pouco lhe importasse.

“E o que você faz?”

“O que eu *faço*? — Sou aposentada.”

“Você parece nova demais para ser aposentada.”

É verdade. Agora que penso nisso, a mulher de olhos pálidos e vestida com brim é jovem demais para ser aposentada. Há algo na maneira como ela se porta, com cautela, hesitação, que insinua a expectativa da dor, e o desejo de evitá-la; e o desejo ainda mais forte de disfarçá-la. Seu rosto magro ruboriza. “Eu dirigia um caminhão. Não dirijo mais. Lisette mora em Denver. Estou indo para Denver morar com ela.”

“Denver! Fica bem longe.”

Assinando as folhas de rosto dos meus livros, com a caligrafia grande e clara da minha meninice tão longínqua, sempre me sinto um pouco tonta, como se, nesses momentos, a fachada séria da vida fosse removida e revelasse uma espécie de festa a fantasia. Sou a Autora, os indivíduos sorridentes que esperam pacientemente na fila para que seus livros sejam assinados são os Leitores. Nossos papéis dão um quê de satisfação pueril, como naquelas bandejas em que cada tipo de comida tem seu lugar, para que os alimentos não se misturem. Talvez seja só ao dedicar livros aos leitores que certos escritores sorriam.

“Não tão longe assim. Posso ir dirigindo. Não voo, mas dirijo. Vou encher meu caminhão. É uma viagem só de ida.”

Assino meu penúltimo livro, um exemplar em brochura de *Blonde*. Tenho a impressão de que a misteriosa Lisette é louca. Pergunto como ela e Lisette se conheceram e a mulher diz, “Nós tropeçamos uma na outra. Numa livraria. Quer dizer, nós tropeçamos uma na outra — mesmo! Eu dei um pisão no pé da Lisette. Não era minha intenção machucá-la, mas — foi assim que nos conhecemos”. A mulher fala em sílabas concisas e rápidas como quem não fala há algum tempo. Seu tom agora é sôfrego, quase eufórico. Na esteira de uma leitura cheia de gente, a atmosfera é geralmente festiva; estranhos se pegam entabulando conversas com estranhos, esperando a fila andar.

“E o que a Lisette faz?”

“Lisette não *faz*, Lisette simplesmente *é*.”

É uma declaração tão espirituosa que rimos juntas. A mulher de brim está encantada por ser interrogada a respeito da misteriosa Lisette.

“Bom! Boa sorte em Denver.”

A mulher recolhe os livros, os acomoda na curva do braço. Um deles cai com um baque no chão e ela se inclina para pegá-lo, o corpo rígido. Ela se vira e murmura, por cima do ombro, “É, obrigada. Eu vou ficar bem. Assim

que eu chegar a Denver vou ficar bem e quando eu vencer a leucemia, eu vou ficar bem”.

Poucos segundos depois a mulher desaparece do meu campo de visão. Sinto um ímpeto forte de correr atrás dela.

Mas o que eu diria? Quais palavras? Não tenho nenhuma noção.

Espero que você seja feliz. Você e Lisette, em Denver. Estarei pensando em você. Não vou me esquecer de você.

Tulipas

“As tulipas de Ray estão florindo — tão lindas.”

No pátio ensolarado, meus amigos admiram a meia dúzia de tulipas vermelhas, algumas tulipas creme, com riscas cor-de-rosa... Sorrio como se a visão das tulipas — o fato de haver tulipas, apesar de Ray ter partido — seja um tipo de mágica compensatória pelo fato de que Ray se foi.

Por que as tulipas de Ray estão aqui, e não Ray? Por que nós estamos aqui, e não Ray?

A amargura me sobe, como algo indigesto. É a amargura/incredulidade do velho e louco Lear, após a morte de Cordélia.

O que é a viúva — qualquer idade, qualquer condição — senão uma variante do velho e louco Lear.

As belas tulipas de Ray, os belos açafrões de Ray, os belos narcisos e junquinhos de Ray, plantados na colina atrás de casa, na ponta de um córrego sinuoso que se derrama no nosso laguinho... O belo corniso de Ray aqui no nosso pátio, que logo florescerá.

Tento não pensar *Que zombaria! Isso tudo é tão banal.*

Claro que tomo o cuidado de esconder a inquietude dos meus amigos, que são amigos muito especiais, os quais amo pela generosidade, pela bondade, pelo bom-senso e pelo carinho. São pessoas por quem Ray nutria grande afeição, se não amor. Acho que sim — amor. Existe/existia um amor (implícito) entre eles.

No hospital, quando sugeri que Ray ligasse para Susan e Ron, de início Ray pensou em fazê-lo, mas depois mudou de ideia: “Seria emotivo demais.”

Ao me lembrar disso agora, me pergunto se Ray não tinha alguma noção de que sua condição poderia ser grave. De que ele poderia nunca mais rever Susan e Ron.

“Essa era a época do ano em que Ray ficava mais feliz. Dentro de uma ou duas semanas... Ele gostava tanto...”

“... o jardim dele era tão lindo.”

Aterrorizante, a forma como a viúva se agarra a essas coisas. Essa conhecida metáfora — *se agarrar às pequenas coisas*. Ou será que é — *se agarrar através das pequenas coisas*.

Tentando respirar. Só um pouco de oxigênio! Só seguir adiante.

Por quê?

Como é a questão. Por quê não se pode perguntar.

A noite de ontem! Por muito tempo me lembrarei da noite de ontem.

Raramente o desejo de morrer — de ser *aniquilada* — foi tão forte quanto na noite de ontem. Na casa de velhos amigos, que conhecem Ray e eu há quase trinta anos.

Nesse ambiente, que devia ser amigável, reconfortante — “seguro” e não um “ralo de pia”.

Pois de alguma forma, como se tivessem planejado com antecedência — (o que tenho certeza de que não foi o caso) —, meus amigos não fizeram nenhuma menção a Ray. O marido falou praticamente só de política — Hillary/Obama — Bush/Cheney — pior ainda, política da Universidade de Princeton — enquanto eu permanecia sentada, olhando fixo para a janela — reflexos da mesa de jantar, nesta janela — tentando lembrar quando tinha sido *a última* vez que Ray e eu nos sentamos àquela mesa — quando teria sido a última vez que Ray esteve ali; foi doloroso para mim que o marido não só não mencionasse Ray como se dirigisse a mim da mesma forma que se dirigia aos vários outros convidados, com uma atitude jocosa e brincalhona, como se quaisquer palavras que lhe saltassem da boca, por mais exageradas, comicamente surreais, provocantes, fossem um mero espetáculo; uma diversão, um passatempo; um gênero de ostentação acadêmica/intelectual não muito diferente da exibição de um pavão macho, cambaleante sob o peso de sua magnífica cauda aberta. Quase tranquila, pensei *Isso é insuportável, eu não vou sentir falta disso* — querendo fugir daquela casa, ir para casa engolir depressa todos os comprimidos do estoque de que eu fosse capaz, antes de perder a coragem — *Qualquer coisa! Qualquer coisa menos isso* — mas assim que saí da casa e comecei a dirigir — assim que pus os pés nesta casa — aquela sensação terrível se dissipou, como se um peso de verdade saísse dos meus ombros.

“Amor? Oi...”

Pois aqui é o lugar onde Ray espera. Se Ray está em algum lugar.

Quando estou com outras pessoas, uma dor me consome, uma ânsia de

estar sozinha. Mas quando estou sozinha, uma dor me consome, uma sensação de que é perigoso estar sozinha.

Sozinha, estou arriscando minha vida. Pois o vazio é quase insuportável.

Com os outros, estou a salvo.

Não feliz, mas *a salvo*.

O basilisco, por exemplo, raramente me segue quando saio de casa. Em meio à confusão de gente tagarelando sobre política, o basilisco parece não ter nenhum poder, nenhuma presença. Se nos perguntam *Como você está?* não devemos responder *Suicida. E você?*

Contudo, a minha felicidade agora são os outros.

Outro dia, na faculdade, fiquei realmente feliz, senti uma vibração — ainda que breve, ainda que patética — enquanto lia o trabalho de uma aluna-escritora; revisões de uma jovem de uma das minhas oficinas. Foi um prazer ver a habilidade com que a escritora havia absorvido nossas críticas, como tinha revisado seu conto para torná-lo emocionalmente envolvente, convincente...

E há outros alunos-escritores este semestre. Jovens escritores cujos trabalhos são relevantes, “promissores”...

Preciso ter fé nessa ligação com os outros. Nessas “relações” — por mais passageiras que sejam.

Mas essas relações são passageiras. Essas relações não são “reais” — não são íntimas. Você está se iludindo ao achar que um envolvimento profissional com os outros pode compensar a perda de intimidade na sua vida.

“Você devia consultar um terapeuta” — “um psicólogo especialista em luto” — “um grupo de apoio a pessoas que perderam os cônjuges” — claro que sim, é um conselho admirável, e no entanto — quem é digno de confiança? Nesta era da memória, podemos confiar sequer que profissionais não violarão a confidencialidade?

Me lembro daquele psiquiatra que tratou Anne Sexton em seus últimos anos de vida. Ele não teve receio de violar o código de ética profissional ao falar sobre ela, revelando as fantasias mais sórdidas e patéticas de uma mulher doente em entrevistas ao biógrafo de Sexton.

Estamos numa era de “exposição total”. O memorialista se condena, como numa paródia da penitência pública, admitindo assim que a condenação, o desmascaramento, a humilhação dos outros é justificada. *Acho*

que isso é antiético, imoral. Brutal e cruel e inescrupuloso.

Já que as memórias são o gênero literário mais sedutor, as memórias são o gênero mais perigoso. Pois as memórias são um repositório de verdades, a cada vez que uma verdade distinta é proferida, mas as memórias não podem ser um repositório de Verdade, que tem a mesma amplitude que o céu, é vasta demais para ser percebida com um único olhar.

Um amigo insta — “Você devia escrever um livro de memórias. Sobre sua vida desde a morte de Ray”.

Um amigo insta — “Você não devia escrever um livro de memórias. Não sobre esse assunto. E não agora”.

Outro amigo me espanta ao dizer, com evidente seriedade — “A essa altura, você já deve ter escrito a primeira versão de um romance sobre Ray. Ou — conhecendo você! — dois romances...”

Não um amigo, e sim um conhecido de Princeton, me confunde ao dizer, num tom de censura genuína — “Escrevendo sem parar, né, Joyce?”.

Me impressiona o desejo que os outros têm de acreditar que sou tão resistente, tão — vigorosa... Manhãs em que mal consigo me levantar da cama, dias longos em que praticamente coxeio de tanta exaustão e minha cabeça zumba em consequência da noite insone, e no entanto as exclamações jocosas e brincalhonas são jogadas sobre mim feito confetes imundos — como é exasperador, o próprio vocabulário de tais escárnios — *Escrevendo sem parar, né?* — já que uma resenha minha apareceu na *New Yorker*, ou no *New York Review of Books*, ou um conto escrito muito antes da morte de Ray foi publicado em uma revista; um livro recém-publicado, escrito há mais de um ano, em uma época mais inocente.

Óbvio, as pessoas querem imaginar que a viúva é forte — mais forte do que é, ou pode ter esperança de ser. É inútil — é apenas autocomiseração — querer explicar que o “antigo” eu se foi, junto com a “antiga” força; esse senso de si próprio que é chamado propriocepção — segundo Oliver Sacks (citando Sherrington),

“nosso sentido secreto, nosso sexto sentido” —, o contínuo, mas inconsciente fluxo sensorial das partes móveis do nosso corpo (...) por meio do qual a posição e tono destas são continuamente monitorados e ajustados, porém de um modo que se mantém oculto de nós por ser automático e inconsciente.

Oliver Sacks. “A mulher desencarnada”, em *O homem que confundiu sua*

*mulher com um chapéu.*²⁰

É isso! — ou melhor, é isso o que *não é* mais, para mim. Como um dos pacientes de Sacks lhe diz, tentando descrever a sensação sombria de que o eu essencial está perdido, inacessível — “É como se o corpo estivesse cego”.

A alma também pode ficar “cega”. Ou o que é tido como alma, no campo faiscante/perfurante do cérebro.

O indivíduo saudável — o indivíduo “normal” — vivencia a propriocepção com a mesma falta de ciência que vivencia o oxigênio ao respirar. A pessoa ferida, a viúva, foi desencarnada: ela tem que se empenhar para evocar o “eu” perdido — como quem enche um balão grande, obrigado a estourar o enorme balão de tamanho real a cada manhã, o balão que é você, um esforço exaustivo e deprimente, porque parece não ter nenhum objetivo específico afora criar um balão em tamanho natural a ser habitado, do qual, aos poucos, o ar vazará, no decurso das doze horas seguintes, até que a pessoa possa cair no “sono” — algum tipo de esquecimento abençoado. Mas na manhã seguinte, o esforço deve ser feito de novo.

De novo, e de novo!

Para os sadios, nenhum esforço específico é necessário para ser “sadio”. Para os feridos, muito esforço é necessário para fingir ser “sadio” — a pergunta paira constantemente, ao alcance das mãos: *por quê?*

Nossos amigos me deixaram dois vasos de alecrim — “como lembrança”. Vou plantar um deles no pátio, debaixo da janela de onde sempre via Ray lendo o *New York Times*, ou espalhando as folhas do trabalho, e o outro no cemitério de Pennington, ao lado da lápide do túmulo de Ray.

²⁰ Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (N. da T.)

Perdoe por favor!

“Hoje. Farei.”

Se fizer disso uma espécie de cerimônia, talvez consiga levar adiante. Pelo menos posso começar.

Me sentarei no pátio — no banco branco de ferro forjado ao lado das tulipas de Ray — sob o calor do sol do início de abril — e abrirei cartas.

Essas cartas — de solidariedade, condolências — comiseração — guardadas no saco de lona verde — um saco de lona agora bastante pesado/volumoso — que não fui capaz de abrir. Agora penso com calma e até com um ar de expectativa, ansiedade. *Farei isso. Preciso fazer isso, é claro. Agora já estou forte o suficiente.*

26 de fevereiro de 2008.

Fiquei muito, muito triste ao saber da morte de Ray. Me lembro dele como um homem extremamente gracioso e amável. As pessoas se sentiam — como pôr em palavras? — seguras sob o olhar dele, observadas, e na companhia maravilhosa de uma mente racional e analítica. Com sua integridade gigantesca e cristalina, ele afirmava através da própria presença e existência uma bondade humana de que jamais me esquecerei. Embora não o conhecesse muito bem, minha vida é mais rica por ter estado em sua companhia. Não consigo nem imaginar sua dor ou sua perda, mas por favor saiba que você está sempre nos meus pensamentos. Lembro que uma vez, em Princeton, vi você e Ray à margem da estrada — vocês tinham descido das bicicletas para ajudar um animal ferido — acho que era um cervato. Ou talvez a mãe tivesse sido morta e vocês estivessem resgatando o cervo. Todos esses anos e isso ainda me vem à mente...

Esta carta, de um amigo-poeta que desde então se mudara de Princeton para a cidade de Nova York, é a primeira que tiro do saco de lona Earthwise.

Lê-la me deixa abalada, mordendo os lábios para segurar o choro. Como é desnorteante — é de *descarnar* — estar sentada aqui ao sol, nessa manhã de abril de 2008, e no entanto ser arremessada de repente para o passado — *você tinham descido das bicicletas para ajudar um animal ferido...* Foi na Bayberry Road. Claro que me recordo. E sinto vergonha — não respondi a essa carta linda, redigida com tanto cuidado. Não tinha nem mesmo lido até agora, e não respondi, e semanas se passaram, e sinto vergonha.

Tantas coisas desfiaram. Tantas coisas saindo do meu controle.

De repente fico angustiada. Me pergunto se foi uma boa ideia — abrir as correspondências. Chamo os gatos — “Reynard! Cherie!” — para que me façam companhia. A porta da cozinha está entreaberta — um dos gatos aparece, hesitante, atento — é Reynard, o gato mais velho que anda com o corpo rijo; a outra, Cherie, tem me dado mais confiança ultimamente, talvez por perceber, com sua arguta sabedoria felina, que agora só temos uns aos outros, Ray não vai voltar para lhe dar o café da manhã e deixar que ela se acomode sobre o *New York Times* enquanto ele tenta lê-lo, nunca mais.

Os dois gatos emergem, piscando os olhos como se o sol os ofuscasse. Ambos se esticam no terraço de lajota, debaixo do sol. O rabo de Reynard se retorce, o que indica que está receoso, desconfiado. Cherie toma banho de sol, rolando no chão, exibindo a barriga de pelugem cinzenta, num abandono exuberante. Minha vontade é de chamar Ray, para que ele veja os gatos ao sol — ele riria de Cherie.

Amor? Cadê você? Venha ver.

Um cervato do outro lado da janela do meu escritório — perus silvestres caminhando diante da janela — cardeais vermelhos, galos azuis e champins na fonte para passarinhos: *Amor, vem ver! Corre.*

Em junho passado eu corri até o escritório de Ray para chamá-lo ao meu, para observar, a uma distância de uns seis metros, uma corça dando à luz dois cervatos minúsculos, numa área amadeirada junto à minha janela.

Assistimos, fascinados. Era uma cena espantosa — a corça tão calma, os nascimentos aparentemente fáceis, tranquilos; os cervos, do tamanho de gatos miúdos, logo se apoiaram sobre as pernas esguias, capazes de andar, mesmo que cambaleando um pouco.

A brutalidade da natureza é tamanha que um cervo recém-nascido precisa ser capaz de andar — de correr — logo após o parto. Caso contrário, é devorado por predadores.

No Condado de Mercer, Nova Jersey, não existem predadores naturais. No outono/inverno há caçadas em lugares selecionados. Mas não em bairros residenciais. Não aqui.

Em um inverno, antes que tal singeleza bem-intencionada fosse proibida por lei no município de Hopewell, Ray espalhou comida para os cervos em um dos rochedos da nossa casa, onde poderíamos observá-los através das paredes de vidro da sala de estar e do solário. A princípio, ficamos encantados com os vários cervos, dentre eles cervatos e um macho jovem, que surgiram para se alimentar; no dia seguinte, o número de cervos havia dobrado; no outro dia, triplicado; por fim, havia um monte de cervos, e vários eram irritadiços e barulhentos, inclusive uma corça feroz que bloqueava os cervatos, bufando e batendo as patas — “Acho que não foi exatamente uma boa ideia”, declarou Ray.

Sem mais comida para os cervos. Depois disso, eles continuaram a aparecer por uns tempos, fitando nossas janelas com expressões mudas de reprovação animal.

A cena mais estranha que chamei Ray para ver, da janela do meu escritório, vai soar implausível: um cervato estava passando diante da minha janela e, atrás dele, um violento peru silvestre lhe bicava os calcanhares. Vimos, estupefatos, os dois sumirem atrás de casa — o cervato acelerando o passo, o peru logo atrás. Ray disse, “Se a gente não tivesse visto essa cena, jamais acreditaria”.

Ray sempre dizia, “É muito difícil trabalhar nesta casa, com a quantidade de coisas que acontecem diante das nossas janelas”.

Agora tento relembrar — quando foi que nosso amigo-poeta nos viu, “resgatando” o cervato? Cinco anos atrás? Dez? Andávamos de bicicleta pela Bayberry Road quando reparamos em um cervato pequenino aparentemente abandonado à beira da estrada. Por ingenuidade, levei o cervato para casa na cesta da bicicleta, embalado no meu suéter, e quando telefonamos para o Abrigo de Animais de Hopewell, fomos repreendidos por “interferir” — devíamos ter deixado o cervato exatamente onde estava, presumindo que a corça voltaria e se reuniria a ele.

“É, mas e se ela não voltar?”, perguntou Ray.

Levamos o cervato de volta, dentro do carro. Nós o deixamos à beira da estrada. Quando retornamos, um tempo depois, não havia sinais do cervo.

O princípio parece ser — *Não interfira na natureza!*

As cartas seguintes tiradas do saco de lona não são tão perturbadoras — por mais que sejam demonstrações muito gentis, muito atenciosas de solidariedade. A viúva é informada de que a morte de seu marido é do interesse dos outros, não apenas seu; o intuito disso é confortar, consolar. *Tínhamos um grande amor por Ray. Ray era um homem tão humano, digno, astuto, sábio e gentil. É uma perda devastadora...* E isso, de outra ex-moradora de Princeton, uma amiga-escritora que vive atualmente na Filadélfia:

Estou muito triste por Ray ter partido. Vou sentir saudade de seus olhos atentos, brilhantes, de seu bom humor e vivacidade. Quando eu estava perto de Ray, sentia-me docemente confortada por sua bondade.

A morte é um grande mistério. Quando [meu companheiro] morreu, foi um enorme alívio procurar as palavras que expressassem o que eu estava vivenciando, o que me parecia totalmente novo, um lugar onde nunca estivera antes, mesmo com todas as mortes que eu já tinha visto. Sabendo como você escreve, talvez você já esteja terminando o primeiro dos muitos romances que te ajudarão a explorar o que você tem vivido...

Diante dessas palavras, começo a tremer. De fato tremo de frio, com uma espécie de fúria engasgada. *Sabendo como você escreve, talvez você já esteja terminando o primeiro dos muitos romances...*

Óbvio que essa amiga-escritora não tem a intenção de ser cruel. Não deseja fazer troça, insultar. Sei que sua intenção é boa — ela escreveu uma carta atenciosa e até profunda, que não devo julgar de minha perspectiva desesperada. *Terminando um romance! Não consigo nem terminar um bilhete de agradecimento!*

As primeiras cartas foram postas de lado. Eu sei — tenho plena consciência — que as “boas maneiras” obrigam a viúva a responder a todas as manifestações de solidariedade — (a não ser que o remetente tenha indicado *Por favor não se incomode em responder*) — mas ainda não estou preparada para dar início às respostas.

Sem olhar, enfio a mão no saco de lona. Na maioria são cartões, alguns muito bonitos e aparentemente feitos à mão, mas há muitas cartas, tanto datilografadas como manuscritas. Ray ficaria perplexo com essa efusão de solicitude!

Não consigo aceitar o fato de que Ray morreu. E agora que essa notícia terrível e lamentável não pode mais ser negada, não compreendo, e me recuso a compreender, a injustiça que é. Tenho o egoísmo de pensar na justiça em relação a mim mesmo, e Ray era muito mais jovem que eu. Além disso, era saudável e bonito como poucos. Portanto, suponho que sempre tenha cuidado da dieta e feito exercícios. E também, se a bondade tem algo a ver com a justiça, Ray era um homem bom, sábio, gentil e extraordinariamente cortês... Quando penso na qualidade da “calma diante do perigo”, penso logo em Ray Smith. Imaginemos que Ray e eu estivéssemos em um barquinho em Nantucket, prestes a afundar em uma tempestade. Sem saber nada a respeito do conhecimento que Ray tinha de navegação, aposto que Ray permaneceria calmo e sempre tomaria a decisão certa.

Minha consciência não apreende o fato de que nunca mais veremos Ray Smith. Não pode ser verdade. Vocês dois foram tão amáveis conosco, foram os primeiros que me convidaram para jantar quando eu estava no meio da radioterapia... Vocês nos receberam em casa e fizeram com que eu me sentisse sadia e normal. É provável que você não se lembre daquela noite, mas eu lembro. Sentei-me ao lado de Ray e tive uma noite feliz. Não falamos da doença. Ray estava muito feliz com seus pássaros e flores e com você, sua amada.

Kate passou aqui hoje de manhã cedo para me dizer que Ray faleceu durante a noite, e nos sentamos juntas na cozinha, lembrando aquele homem querido, e tentamos descobrir como poderíamos ajudá-la, mas percebemos que não podemos. Liz disse, “Lá na minha terra a gente assaria um pernil e levaria para lá”, mas isso não nos pareceu correto, em Princeton.

Estou lhe escrevendo para expressar minha tristeza pela sua perda. Sei que o tipo raro de relação que você e Ray tiveram (têm) é a única

coisa que pode consolar, ainda que seja fonte de luto. Todos o respeitavam. Nessa época terrivelmente descortês, ele era um cavalheiro de verdade... Era tranquilizante conversar com ele. E eu sempre adorava ver vocês dois juntos. Dava para perceber o quanto ele fazia você se sentir segura. Espero que agora você não se sinta insegura. Caso haja agora ou no futuro alguma caridade em nome dele, por favor me avise.

Fiquei profundamente chocado e deprimido ao saber do falecimento de Ray. Parece que foi ontem que conversamos. Eu o admirava muito — você sabia que a Ontario Review publicou minha primeira memória/conto...? No decorrer dos anos, o apoio de Ray (e seu) foi tudo para mim. A próxima edição do Pushcart Prize será dedicada a Ray, assim como meus comentários no Symphony Space em 26 de março... uma pequena homenagem a Ray.

De um amigo-escritor que perdeu a filha adulta há pouco tempo:

Você e eu sabemos que nada que se diga pode servir de alívio diante da tristeza insondável. Mas espero que você esteja escrevendo novamente, ou que escreva em breve. É difícil escrever quando não há alegria. (Eu mesmo ainda não voltei.) Mas essa é a nossa única saída. Não é? E você leva tanta alegria aos outros. Nós vamos nos arrastar, mas vamos sair dessa, tenho certeza — uma hora chegaremos a um ponto em que poderemos conviver com a tristeza profunda, mas viver ainda assim. Saiba, enquanto isso, que você tem o nosso amor, que jamais se dissipará.

De um ex-colega da Universidade de Windsor, hoje um proeminente escritor canadense:

Me lembro de Ray com muito carinho, não só por todo o trabalho que ele fez, junto contigo, ao publicar minha primeira coletânea americana, mas simplesmente porque ele era ele... Estou enviando este

cartão de missa por causa de algo que Ray me disse anos atrás. Ele disse que o pai ficou mais orgulhoso quando ele virou coroinha do que quando ele recebeu o título de doutor. Então é uma homenagem ao coroinha que obteve o doutorado e muito mais.

Outro colega canadense:

Sinto muito pela sua perda e espero que você possa vivenciar seu luto livre e profundamente... Não há consolo possível, eu sei. Vocês estiveram tão completamente juntos, por tanto tempo. Há mais de 30 anos as pessoas os viam juntos, de mãos dadas. Só pode ser muito difícil, mas por favor, não se sinta só... Quando minha mãe morreu, adotei a técnica da Gestalt de dizer a mim mesmo, sempre que tinha um surto de tristeza, “eu escolho ter uma mãe que está morta”, e isso me ajudou... Depois de um tempo, é uma autopunição resistir ou lastimar o que é real.

Ray era o homem perfeito — uma alma bondosa e honesta e doce. Sempre pensava nele como o par perfeito. Ele parecia se sentir muito confortável como o marido de uma... escritora. Poucas escritoras têm alguém como Ray. Ao aconselhar alunas e até minhas filhas, Ray era um de meus exemplos do “tipo certo de homem”. Falava com elas sobre um homem que fosse capaz, de verdade, sem ciúme ou egoísmo, de apoiar os esforços e conquistas delas como se fossem dele próprio.

Ficarei com saudade de Ray, mas sempre sentirei a presença dele. Ele sempre será um dos fios que criaram minha personalidade.

Não escrevi antes porque não queria admitir o fato de que Ray nunca mais atenderá o telefone...

Me dei conta de que nunca vi você sozinha, sem Ray — sempre vi vocês dois juntos. Não consigo imaginar vocês longe um do outro...

Cartas de viúvas! — estas eu leio com avidez. Há nelas uma linguagem especial, estou começando a perceber.

Você tem estado sempre nos meus pensamentos, já que conheço a devastação da tristeza bruta pela perda da pessoa que nos é mais próxima e querida. Que privilégio foi, entretanto, ter nesta vida um casamento feito o seu, que conjugava amor e trabalho com perfeita harmonia. Desde a primeira vez que vi você e Ray, admirei a colaboração enriquecedora e o jeito carinhoso como se tratavam... Embora talvez não ajude a aliviar seu sofrimento pela perda, repasso a você algo que [meu falecido marido] me disse alguns dias antes de morrer: “Você ficará de luto pelo resto da vida, mas não perca a vitalidade.”

Não há um jeito fácil de superar o que você está vivenciando. Sei muito bem disso. Nada que lhe digam pode acabar com a dor. Eu vou ter saudades da minha vida com [meu falecido marido] eternamente e até hoje ela continua a ser tão comovente e importante e monumental como sempre foi.

Depois de quase dois anos minhas feridas estão menos abertas, mas me lembro o tempo inteiro do [meu falecido marido] e estou começando a me confortar com a ideia de deixá-lo viver no meu coração. Quero que a memória dele continue viva... Acho que fiquei em estado de choque por bastante tempo após a morte dele — funcionando aos trancos e barrancos. Acho difícil imaginar como você consegue continuar lecionando — sendo sua persona pública... Por favor, seja gentil consigo mesma. A cura virá no seu devido tempo. Mas você precisa de um tempo para si. Ah, como eu queria que estivéssemos mais próximas. Por favor, me ligue quando quiser. Eu amo você, Joyce, e lhe mando um abraço e um beijo daqui de longe.

...uma mensagem para dizer que tenho pensado em você desde que Ray morreu — o caráter definitivo absoluto da morte é ao mesmo tempo o aspecto mais óbvio dela e o mais assustador — levei muito tempo para superar o atordoamento causado pela morte do [meu marido], que na verdade era bem previsível. (Agora eu vejo.) Espero que você esteja bem e ativa — no início, escrever era só mais uma tarefa penosa — não havia ninguém para ler o que eu escrevia. Mas existe...

Desde o primeiro e-mail que você me mandou naquela manhã de segunda com a notícia chocante, reparei nisto: embora você estivesse em estado de choque, num momento em que viver sem Ray certamente parecia inimaginável (como acho que ainda deve parecer), em que, se a sua experiência foi igual à minha, você talvez não tivesse vontade de continuar vivendo — até as palavras que você escolheu demonstraram sua resistência e a intenção de sobreviver a isso e reconstruir sua vida. Reparei nisso, já que nem todo mundo tem essa capacidade — é involuntária, eu imagino: mas também me senti assim quando envievei de repente. Depois, quando você estava na casa de Jeanne, notei que, apesar do sofrimento terrível por que estava passando, você não estava deprimida: estava atenta, percebendo e participando da vida ao seu redor. Fiquei aliviada e contente de vê-la assim. Ninguém “supera”. Há pouco tempo, uma pessoa me disse que estava feliz por eu ter “superado” o luto pelo meu marido e perguntei a ela na mesma hora, “O que te faz pensar que eu superei?”. E [meu marido morreu] há vinte anos.

Querida Joyce, você sabe que as palavras se dissolvem e escorregam em momentos feito esse...

Sim. As palavras podem ser “impotentes” — porém as palavras são tudo o que possuímos para nos escorarmos contra nossas ruínas, já que temos apenas uns aos outros.

Uma hora transcorreu. O sol mudou de posição. Os dois gatos abandonaram o pátio e estou sozinha e a solidão pesa sobre mim como um

objeto de chumbo. É uma medida de como estou *descarnada* o fato de ter que pensar para lembrar onde estou; por que estou aqui, no pátio, ao ar livre.

Tantas cartas e cartões! Tanta solidariedade e gentileza!

A intenção era começar a responder as cartas. Trouxe cartões-postais, e a caderneta de endereços de Ray, bem como a minha; mas agora estou tomada de letargia, uma sensação nauseante a que sucumbo. *É um erro. Não sou capaz de fazer isso. Ainda não.*

Durante todo esse tempo — uma hora e meia — abri apenas uma fração das cartas guardadas no saco. A bolsa ainda pesa com a quantidade de cartas e cartões e me sinto muito pesarosa, mas simplesmente não sou capaz.

Por favor me perdoe, se você foi uma das pessoas que me escreveram. A pessoa a quem você escreveu não está mais aqui, não sei ao certo quem é esta no lugar dela.

“Feliz e animada”

Por impulso — por ingenuidade — fomos morar em Beaumont, Texas.

De todos os lugares improváveis — essa cidade litorânea industrial no sudeste do Texas, perto da fronteira da Louisiana, no fim do verão de 1961.

O primeiro emprego de Ray como professor foi no Lamar College de Beaumont: um cargo de professor assistente que ele aceitou rapidamente depois que nos casamos, em janeiro de 1961. Ele achava que era melhor ter um emprego, e um emprego que fosse razoavelmente seguro, para “sustentar” a esposa. Com doutorado em literatura inglesa do século XVIII pela Universidade de Wisconsin, Ray parecera atraente para o departamento de inglês de Lamar, bem como para alguns outros departamentos de inglês que lhe fizeram ofertas de empregos como professor assistente — um de que me lembro era no norte de Wisconsin, perto da fronteira com o Canadá.

Por algum motivo, imaginamos que o Texas seria romântico. Pensamos, sim, que o Texas seria distante. Por mais louco que pareça em retrospecto, ambos queríamos colocar certa distância entre nós e nossas famílias... Queríamos ser “independentes”.

Nos anos seguintes eu me tornaria tão ligada aos meus pais que acharia esquisito um dia ter pensado dessa maneira. Ray também se tornou mais próximo da família dele, em Milwaukee, após a morte do pai.

No início da década de 1960, esperava-se que o homem “sustentasse” a esposa. Não era exatamente comum que a mulher, mesmo com o título de mestre em inglês pela Universidade de Wisconsin, quisesse trabalhar, ou conseguisse um emprego; e quando me candidatei a lecionar inglês para os calouros do Lamar College, ou, mais tarde, numa ingenuidade que eu nem sequer poderia mensurar, nas escolas de Beaumont e dos arredores, minhas candidaturas foram rejeitadas.

No Lamar, embora tivesse sugerido a Ray na época da entrevista que, se eu terminasse o mestrado, ele talvez pudesse “usar a Joyce” como professora de inglês dos calouros, o diretor do departamento se recusou a me contratar,

no fim das contas — até certo ponto um choque, uma decepção. Nas escolas públicas de Lamar, apenas professores com diploma em Educação, de preferência de faculdades estaduais do Texas, estavam habilitados a lecionar.

(O sistema escolar público sofria uma segregação rigorosa, assim como a cidade de Beaumont. Ray e eu não tínhamos muito conhecimento deste fato quando nos mudamos mas logo percebemos que “negros” eram muito diferentes de “brancos” — tão diferentes que pareciam falar um dialeto tão exótico que era quase ininteligível aos nossos ouvidos nortistas.)

Que entrevistas humilhantes! Me lembro de uma “superintendente assistente” das escolas públicas de Beaumont me fitando com frieza, como se, com meus diplomas da Syracuse University e da Universidade de Wisconsin em Madison, e uma ou outra publicação listada no meu *vitae*, eu fosse uma espécie de impostora subversiva. “Sua especialização na graduação foi em inglês”, ela disse, franzindo a testa diante do meu currículo, “mas você tem domínio adicional em ‘fi-lo-so-fi-a’”. A pronúncia de *fi-lo-so-fi-a* foi tão cuidadosa que poderia tratar-se de uma doença.

Isso, eu confirmei hesitante. A informação estava correta.

“Bem!”, disse a mulher, agora sorridente, com um olhar triunfante, “Você estudou ‘fi-lo-so-fi-a’ no colegial?”.

Não, admiti.

“Então como espera ensinar a matéria nas nossas escolas?”

Pronto, ela me pegou. Minhas pretensões foram totalmente expostas.

“Não ensinamos ‘fi-lo-so-fi-a’ nas escolas públicas de Beaumont, sra. Smith.”

O triunfo da mulher estava completo. Minha candidatura foi rejeitada.

Com o constrangimento, não tive noção de como retrucar, a não ser com um agradecimento murmurado e uma partida rápida.

No estacionamento, Ray me aguardava no nosso Volkswagen preto de segunda mão. (Nosso primeiro carro! — tivemos de pegar cem dólares emprestados com o irmão de Ray para podermos comprá-lo.) Ao ver a expressão abatida no meu rosto, Ray apertou minha mão e disse, “Deixa pra lá, amor. Você pode ficar em casa escrevendo”.

Parco consolo, pensei, para uma rejeição profissional tão zombeteira.

Beaumont, Texas! Depois, para sempre — por quase cinco décadas —,

quando Ray e eu deparávamos, como acontecia com frequência, com alguma crise sério-cômica, dizíamos *Mas não estamos em Beaumont!*

Ou, *pelo menos não estamos em Beaumont.*

Minha lembrança dessa cidade em East Texas, perto do Golfo do México, um dos pontos do “Triângulo Dourado” (Beaumont, Port Arthur, Orange), é vívida, visceral: o ar era nebuloso, encrespado; o ar tinha gosto de laranja podre, seguido por um ressaibo químico pungente; quando o sol se punha, o céu irrompia em tons apocalípticos de carmesim, laranja-fogo, roxo-hematoma — “O céu não está *lin-do!*”, exclamavam os residentes, como se tais poentes fossem um sinal de Deus e não a consequência da poluição causada pelas refinarias de petróleo que na época se expandiam ao longo da costa.

Nossa lembrança mais viva de Beaumont, além do ar sempre turvo, era de esperar — esperar e esperar! — em longas filas de carros nos cruzamentos de trem, enquanto vagões de carga matraqueavam lentamente — eternamente — diante de nós. Chovia quase todo dia, e às vezes era chuva bem forte; ventanias vinham do Golfo, a ameaça de furacões; na esteira das chuvas torrenciais e dos dilúvios partes das estradas geralmente ficavam inundadas ou intransitáveis; mais de uma vez, uma fila de carros teve de manobrar para desviar do cadáver inchado de um boi no meio da pista; por todos os cantos, havia cobras mortas — algumas de comprimento enervante — destruídas e esmagadas contra o cimento. Outra piada recorrente no nosso casamento — se “piada” é o termo adequado para recordar um incidente carregado de susto, repulsa, quase histeria — tinha a ver com as “baratas-americanas” da região — baratas enormes com asas que pareciam se espalhar por todos os lados, e invencíveis. No meio de nossa primeira noite no duplex alugado e mobiliado, não muito distante do campus do Lamar, persuadi Ray a investigar o barulho de algo correndo no nosso quarto, e com uma lanterna Ray descobriu uma multidão de baratas; a essa altura, eu já estava em cima de uma cadeira, emitindo gritos de horror que não ajudavam muito; Ray conseguiu expulsar as baratas com uma vassoura, declarando mais tarde que os espécimes maiores de fato o haviam “enfrentado” — o haviam “encarado”.

Na manhã seguinte, para o nosso horror, descobrimos que o duplex inteiro estava infestado — colchão, estrutura da cama, sofá, poltronas — bufês, armários — o interior das paredes; num surto de pânico, nos mudamos para um apartamento em uma área mais sofisticada de Beaumont, que, com o

salário modesto de Ray, mal podíamos pagar.

É de memórias assim que a intimidade mais intensa nasce.

Quando se é jovem, os piores erros podem se transformar em bênçãos. Foi um erro terrível ir morar em Beaumont, Texas — um erro terrível o meu marido ter aceitado um cargo de professor no Lamar College, onde, no final do primeiro semestre, Ray Smith causou certo escândalo ao avaliar seus alunos como se fossem graduandos de Wisconsin, apesar de ter sido contratado para “elevar o padrão” da faculdade; foi um erro, e teria provocado uma crise grave em muitos casamentos, um casal recém-casado viver num lugar do país tão longínquo, onde não conheciam ninguém, a centenas de quilômetros de suas famílias.

No entanto, de algum modo: nossos oito ou nove meses de exílio em Beaumont foram muitas vezes idílicos, ternamente íntimos, e sem dúvida produtivos. Nesses meses, nos tornamos tão extremamente próximos, tão profundamente dependentes um do outro, de um jeito que não éramos quando morávamos em Madison, Wisconsin, e frequentávamos as aulas da faculdade, que ficamos “casados” dessa forma a vida inteira, como melhores amigos e companheiros um do outro.

Foi nessa época que estabelecemos a rotina de nossas vidas domésticas: trabalho de dia, caminhada no fim da tarde, jantar, leitura/trabalho de noite, até a hora de deitar. Enquanto Ray dava aulas na faculdade, num enorme cubo atarracado de concreto sem janelas — construído assim para economizar nos custos com o ar-condicionado, no clima impiedoso de Beaumont —, eu lidava com a solidão recém-descoberta por meio da reescrita de um manuscrito de contos e o início de um romance novo, parcialmente inspirado na paisagem árida do Texas e na sensação de que eu estava *in extremis* num lugar tão distante de tudo o que me era familiar. Tanto os contos como o romance tratavam de questões “filosóficas” — a exploração, na ficção, dos conceitos de predestinação e autonomia, que tanto me fascinavam quando fazia graduação na Syracuse.

Nunca na vida fiquei tão isolada, na minha ligação com o mundo através de um único indivíduo, meu marido. Nunca havia tido tanto tempo ininterrupto para trabalhar, pois antes eu era estudante, e a vida do estudante é fragmentada e conduzida por horários; agora, com horas a sós, eu podia

mergulhar na minha escrita, como quem imerge sob a superfície do mar. Nesse isolamento eu poderia ter me afogado — havia manhãs, dias inteiros, em que sentia uma pontada de pânico, por talvez estar cometendo um erro, outro erro, em me lançar no que antes me parecera arriscado demais para sequer cogitar — *a vida de escritora*.

Sempre tive a impressão, e ainda tenho, de que é uma espécie de arrogância, ou de insolência — afirmar ser *escritor*, ser *artista*. No universo da classe trabalhadora subliterária dos meus pais e avós, tal afirmação teria sido encarada com descrença, se não escárnio. A pilhéria da diretora das escolas públicas de Lamar é exatamente o tipo de reação que se esperaria da zona rural de Nova York daquela época: “‘fi-lo-so-fi-a’?”

Em nosso apartamento (quase sempre) livre de baratas em um bairro afastado de Beaumont — Sweet Gum Lane era o nome assustadoramente lírico da rua! — eu enfim tinha tempo de ler os autores que, no meu curso de graduação, me pareceram tão irresistíveis, encantadores, provocantes — Dostoievski, Kafka, Pascal, Espinosa, Nietzsche, Mann, Sartre, Camus. Por acaso, um dos meus professores, Donald Dike, nos dera aulas sobre as obras em prosa de um escritor de que ninguém tinha ouvido falar — Samuel Beckett: *Molloy*, *Malone morre* e *O inominável*. Pouco depois de nos conhecermos, quando Ray soube que eu andara lendo Beckett na graduação, e que havia escrito um ensaio sobre a trilogia em prosa de Beckett que foi publicado num periódico acadêmico de crítica, ele me olhou com certa surpresa, mas sorriu ao dizer, “Nossa! Você deve estar falando sério”.

Pode ser que eu estivesse falando *sério*. Mas minha *seriedade* nunca foi um obstáculo no meu casamento.

Em Madison, e quando vivera em Milwaukee, antes de começar a pós-graduação, Ray também desejava ser “escritor” — foi então que começou o manuscrito a que daria o título de *Black Mass*, sobre o qual se debruçara ao longo de anos, de forma intermitente. Quando me deu o manuscrito do romance para que eu lesse, foi aos poucos — alguns capítulos ele achava “menos incoerentes” que outros — e certos trechos ele considerava “de qualidade razoável” — mas no geral tinha muitas dúvidas, e não queria buscar incentivo em mim, já que eu era sua jovem e amável esposa. “O que quer que você me diga não será objetivo. Você vai querer me proteger de críticas.”

Não, eu disse. Não vou!

Entretanto, provavelmente era verdade. Provavelmente é sempre verdade quando lemos algo escrito pela pessoa que amamos e não queremos magoar. Nosso desejo é de que essas pessoas *fiquem felizes* — nosso desejo é de que sejamos o meio através do qual elas *fiquem felizes* — críticas objetivas não vicejam em uma terra como essa.

Por esses motivos, e por outros motivos mais particulares, eu não queria mostrar a Ray minha ficção. A reação de Ray ao meu trabalho provavelmente seria idêntica à sua reação ao que eu cozinhava: *Amor ficou uma delícia!* ou *Amor está excelente*.

Embora Ray Smith fosse bastante crítico alhures, uma figura polêmica no departamento de inglês do Lamar, onde no primeiro semestre como professor reprovara mais alunos do que o restante dos colegas juntos, e dera mais notas D e C-, ele raramente criticava meus escritos; talvez de fato nunca tenha sido crítico com os trabalhos que eu lhe dava para ler, somente encorajador, entusiástico. Por mais de quatro décadas Ray leu meus artigos e resenhas com o olhar afiado e desapiedado de um homem treinado por jesuítas para detectar incorreções gramaticais e erros de lógica — era o editor ideal, cujos comentários editoriais são marcados com traços leves de lápis.

Penso agora, ao escrever isto — Ray jamais verá...

Nunca mais vou ver seu *confuso* escrito a lápis — a sutileza de um ?.

O casamento ideal é o do escritor com seu editor — se o editor é seu melhor amigo e companheiro.

Nos intervalos de meus longos dias de escrita sobre uma mesa de jogos do nosso quarto em Sweet Gum Lane, resolvi começar uma pós-graduação na Rice University — na época, Rice Institute of Technology — em Houston, a uns cento e cinquenta quilômetros de distância; devia parecer, para uma pessoa que desejava lecionar em faculdades, um passo necessário. Eu não nutria grande amor pela academia ou o tipo de imersão em documentos históricos que é, ou era, a essência dos estudos avançados de pós-graduação em literatura inglesa, mas estava ávida pela autossuficiência; não queria ser *sustentada pelo* marido para sempre; achava injusto que Ray precisasse trabalhar, em circunstâncias tão desagradáveis, enquanto eu tinha tempo para escrever. No meio da semana, eu pegava um ônibus para Houston, frequentava as aulas de duas disciplinas da pós-graduação, ambas com ênfase em documentos históricos — Shakespeare, O Século XVII; Ray ia com o Volkswagen me encontrar, jantávamos e pernoitávamos em um hotel e

voltávamos para Beaumont de manhã. Como era romântico! Escapar de Beaumont já era por si só um grande alívio — em comparação, Houston era uma *cidade*, e o campus da Rice era um oásis, um lugar tão prestigioso que, quando mencionei para a esposa de um docente em Beaumont que eu estava fazendo matérias na pós-graduação da Rice, a mulher pestanejou, espantada: “Nossa, é muito difícil entrar na Rice — você deve ser *inteligente*.”

Abandonei o programa de doutorado na Rice de repente, quando descobri, em uma viagem de ônibus para Houston, que um conto meu publicado em uma revista literária havia sido listado no “rol de menções honrosas” da *Best American Short Stories 1962*, organizada pela renomada Martha Foley.

É possível que Ray tenha lido alguns, se não todos, contos reunidos no meu primeiro livro, *By the North Gate*, já que a obra foi dedicada a *Raymond Smith*. Não creio que Ray tenha lido meu primeiro romance, *With Shuddering Fall*, quase todo escrito durante nosso exílio em Beaumont.

Me lembro de ler para Ray um dos aforismas de Nietzsche, que eu usaria como epígrafe de *With Shuddering Fall*: “O que se faz por amor sempre acontece além do bem e do mal.”²¹

Ray pediu que eu repetisse.

“O que se faz por amor sempre acontece além do bem e do mal.”

Com formação jesuíta, sendo o mais perspicaz dos editores, Ray disse: “‘Sempre’ — eu circularia ‘sempre’, com um ponto de interrogação.”

E houve também a manhã em que liguei para Ray — de um telefone público do posto de gasolina mais próximo — (éramos pobres demais, no nosso apartamento em Sweet Gum Lane, para ter telefone) — para lhe dar a boa notícia, na verdade uma notícia inacreditável: *By the North Gate* tinha sido aprovado para publicação por uma editora de Nova York conhecida por seus livros “com tendências esquerdistas” — uma série de romances de James T. Farrell, por exemplo, bem como o primeiro romance de Saul Bellow, *Dangling Man*. Foi um certo choque receber uma carta — em um envelope — e não um manuscrito devolvido, num pacote de papel manilha; mais que um choque, ler a primeira linha da carta — *É com alegria que lhe informamos...* em vez do mais comum, *Sentimos lhe informar...*

Porém, o mais extraordinário é que eu receberia um adiantamento de US\$ 500 — que para nós, na época, equivalia a no mínimo US\$ 5.000.

O ato de escrever pode ser uma descida à mais profunda, mais oculta e

“inescrutável” parte do seu ser, ou partes; tentar ser publicado, para um jovem escritor, não é diferente de pescar, lançar linhas dentro de um rio misterioso e extremamente obscuro na esperança de ser “aceito” — quanto mais linhas de pesca se jogam, maior o desespero; mas também maiores as probabilidades de que algo — algo positivo! — aconteça um dia. E assim foi, no meu caso.

Nas águas turbulentas e impiedosas do mercado editorial da nossa época, qual seria o destino de uma coletânea de contos “filosoficamente” inspirados escritos por uma jovem desconhecida intitulado *By the North Gate*, cujo endereço para devolução era Sweet Gum Lane, Beaumont, Texas?

Qual seria o destino da maioria dos manuscritos “não solicitados” enviados a uma editora de Nova York?

É claro, a pequena editora familiar e independente Vanguard Press acabou há muito tempo, e seu catálogo considerável foi adquirido pela Random House.

Naquela manhã, ao ligar para Ray na faculdade, minha euforia com tamanha boa notícia foi refreada por uma súbita torrente de sintomas físicos — minha visão ficou turva, me faltava ar e meu coração batia de forma irregular — meus dedos dos pés e das mãos estavam gelados — por mais bizarro que pareça, minha língua ficou *dormente*! — “Tenho uma boa notícia e uma má notícia para te dar”, eu disse a Ray, meus dentes batendo, “— a boa notícia é que meu manuscrito de contos foi aceito pela Vanguard Press e a má notícia é — acho que estou sofrendo um de... derrame...”.

Ray pediu que eu descrevesse os sintomas. Ray declarou, “Você só está feliz e animada. Parabéns!”.

[21](#) Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (N. da T.)

Sangue na água!

Joyce Carol Oates lamenta sinceramente não poder ler, muito menos comentar, os diversos manuscritos, provas de impressão e livros que recebe, muitas vezes de alta qualidade, que somam milhares no decurso de um ano. Ela lamenta sinceramente não poder trocar correspondências com indivíduos que, em outras circunstâncias, adoraria conhecer.

Joyce Carol Oates lamenta sinceramente não poder fornecer comentários elogiosos para material publicitário, exceto em circunstâncias extraordinárias, por estar inundada de pedidos.

Joyce Carol Oates lamenta sinceramente que, tendo sua vida desfiado como uma meia velha, ela não possa ajudá-lo a cozer sua própria meia. Ela lamenta, sinceramente!

Com a acuidade de tubarões percebendo o sangue na água, presas vulneráveis se debatendo numa atitude imprudente, nas semanas e meses seguintes à morte de Ray, muitos desconhecidos — infelizmente, não só desconhecidos — me escreveram com pedidos que começam com as palavras inevitáveis/idênticas/palpitantes *Sei que você deve estar ocupadíssima mas...*

Agora que o volume de cartas e cartões de condolências diminuiu — e há semanas não recebo uma “cesta de condolências” de Harry & David — parece que esse outro tipo de correspondência, que pode ser chamada de *suplicatória*, se não *precatória*, cresce numa proporção alarmante.

Sei que, enlouquecida pelo luto, sem dúvida suicida e inevitavelmente exausta e fora de si, podemos convencê-la a fazer um favor para mim, que você mal conhece — mas seja rápida! O prazo para os elogios da sobrecapa é segunda-feira.

O lado inesperado da viuvez é a falta de paciência — o aumento da irritabilidade — (já que a irritabilidade é o primeiro degrau da escada da

histeria) — e portanto tenho vontade não só de não responder à maioria das cartas *suplicatórias* como jogá-las lá fora, na lixeira de recicláveis.

“Me deixem em paz! Por que vocês não me deixam em paz!”

De vez em quando sou ludibriada — “ludibriada” é o termo adequado — por cartas que tentam se passar por solidárias *Senti muito ao saber da morte do seu marido* mas logo se revelam um pedido de um ou outro favor; algumas vezes, esses pedidos vieram de pessoas que Ray publicara na *Ontario Review*. O mais insistente é um artista de Nova York que me pediu que escrevesse sobre seu trabalho para o catálogo de uma futura exposição, e quando expliquei — de início, me desculpando — que estava exausta, abarrotada de responsabilidades em consequência da morte de Ray, e com o meu próprio trabalho bastante atrasado, que eu simplesmente não podia, ele me escreveu de volta para dizer *Mas o prazo só termina em novembro*.

Eles me parecem tanto com tubarões predadores! Como me ressinto deles! Não só pela frieza agressiva como pela ingenuidade em imaginar que qualquer publicação deles, qualquer conquista, fará a menor diferença nas suas vidas, ou na vida dos outros.

Às vezes fico tão aborrecida que ando de um lado para outro da casa, cerrando os punhos de leve, ou não tão de leve assim. Faço um grande esforço para imaginar qual seria a reação de Ray, se estivesse aqui para me aconselhar.

Amor, você está nervosa. Não leve essas pessoas tão a sério.

“Mas... como não levá-las a sério? Tudo isso... essas pessoas... ocupam boa parte da minha vida agora.”

Claro que não. Você está exagerando. Não se aborreça à toa.

“Mas... o que eu faço com todas essas cartas? Todos esses... manuscritos, provas? Mal tenho tempo de resolver as finanças — ‘deveres da morte’ — você me deixou tão de repente. Como é que eu vou viver, sem você?”

Agora faz silêncio. Falei sem pensar, de forma ofensiva. Em vida, não teria falado desse jeito com meu marido chateado.

Você vai ter que viver. Você não tem escolha.

Este será meu novo mantra. Espero que ele abafe o outro mantra recente que grudou na minha cabeça feito uma mariposa presa em uma teia de aranha — um comentário de James Joyce já nos últimos anos de vida — (seria da pesada lápide de Joyce, *Finnegans Wake*?) — “*Como tudo é miúdo!*”.

...vai ter que viver. Não tem escolha.

E portanto, o que eu acho que vou fazer — o que *vou fazer* — é consultar meu médico de Pennington e pedir uma receita de antidepressivos.

Onde há sangue na água, pode haver uma criatura se debatendo, desesperada para sobreviver. Serei essa criatura, não desistirei.

Você vai ter que viver. Você não tem escolha.

Feridos ambulantes

Tão perto da morte — porém ainda “viva” — a grande surpresa da viúva é o fato de se ver na vasta companhia do que se pode chamar de *feridos ambulantes*.

Claro que Ray e eu sabíamos que alguns dos nossos amigos tomavam antidepressivos. Não faziam segredo: falavam disso abertamente, sem formalidades — um ou dois já tinham até escrito na internet sobre o uso de antidepressivos, que haviam sido tanto benéficos como nem tão benéficos. (Um poeta-amigo próximo obteve ótimos benefícios quando começou a usar o antidepressivo chamado Paxil, mas, depois de uns anos, quando o remédio passou a perder a eficácia, sofreu efeitos colaterais horripilantes.) Mas agora, principalmente nas minhas trocas noturnas de e-mails, descubro que uma porcentagem inesperadamente alta de gente que conheço está de fato “sob” antidepressivos.

Que chocante! Algumas das pessoas mais bem-sucedidas, aparentemente autoconfiantes, são e no geral *alegres* que eu conheço não só tomam antidepressivos mas afirmam que “não conseguiriam viver sem eles”; na verdade, têm tanta experiência com medicamentos psicotrópicos, depois de anos de experimentação, que me dão informações detalhadas, listas de remédios, benefícios e efeitos colaterais. Uma das minhas amigas mais bem-sucedidas e alegres me confia que se tornou especialista na área e me dirá exatamente o que falar para o médico, para que ele receite não só o antidepressivo ideal como um remédio auxiliar a ser tomado junto com o antidepressivo. E todos me advertem — o remédio só começará a fazer efeito depois de umas duas semanas, e mesmo assim, o efeito pode ser irregular por um tempo.

Sofra, Joyce! Ray merece.

Que vergonha eu sinto, por estar tão fraca! Pois essa é a grande

descoberta da minha vida póstuma — *Não sou forte o suficiente para continuar uma vida sem sentido a não ser sobrevivendo ao dia e depois sobrevivendo à noite. Não sou forte o suficiente para acreditar que uma vida tão insignificante vale o esforço de prolongá-la.*

Um dos vários antidepressivos que os amigos me recomendaram foi “Cymbalta” — um nome melódico que alude a um planeta distante ainda não contaminado pelas neuroses do *Homo sapiens*. E portanto em meados de abril, mais ou menos na época em que ficou perfeitamente claro que a nova estação era iminente e que o clima frio de gelar e doer em que Ray havia morrido chegava rapidamente ao fim, comecei, sem hesitar muito, e com certa esperança, o regime de um comprimido de 30 mg por dia.

Além de, à noite, um sortimento improvisado de supostos remédios que dão sono — em sua maioria, remédios que não exigem receita, como Benadryl.

Além de, durante o dia, fazer um esforço consciente de *adotar uma atitude não mórbida, por exemplo: sofri um acidente de carro, e estou me recuperando...*

Os últimos passos de uma mulher

Joyce Carol Oates, autora de...

Me levantando da cadeira — subindo um degrau — essa sensação sombria e abafada de algo sendo dito ao longe — como em um vácuo em que não há som, apenas vibrações a serem decifradas através de algum mecanismo do cérebro — e a luz cegante, luz de palco, obscurecendo a plateia para que seja — onde? — que estranho ser aplaudida, sei que não há escárnio nesse aplauso, assim como não há escárnio nas coisas extremamente generosas que foram ditas a meu respeito pela mulher que me apresentou; este não é o território da coisa feia parecida com um lagarto ironizando *Aqui está uma mulher absolutamente só. Aqui está uma mulher absolutamente não amada. Aqui está uma mulher que não vale mais que um balde de lixo. Por que vocês estão aplaudindo uma mulher dessas, estão malucos?*

De alguma forma abril chegou — quase dois meses desde que Ray morreu.

Tenho a impressão de que eu devia pedir desculpas a Ray. Sou assolada pela culpa por ainda estar aqui, e ainda ser mais ou menos a mesma pessoa que era antes da morte dele — enquanto a vida dele acabou. Tudo o que era *dele*, perdido de modo irrevogável.

Há algo frívolo, vulgar — trivial — nesse tipo de sobrevivência, eu pondero.

Se você entende o que estou dizendo, você compreende.

Senão, não.

Você, que tem a mente sã. Você, se imaginando a salvo em uma ilha flutuante no meio do Mar de Sargaço do sofrimento.

Não tenho rancor em nome de mim mesma — eu penso que sim, é isso o que eu mereço. Mas tenho rancor em nome de Ray.

Num ângulo oblíquo demais para pensar, ainda mais racionalmente, a viúva fala uma língua que os outros não entendem. Assim como a aranha

viúva-negra, com seu nome tão adequado, é melhor evitar a viúva (humana).

Sou acordada com cutucadas gentis — saindo do meu torpor de zumbi induzido pelo Cymbalta devido às expectativas da plateia aqui de Camden, Nova Jersey — no campus da Rutgers feito uma ilha flutuante no meio da deprimente favela dividida pela guerra nessa que é a cidade americana mais economicamente desfavorecida/tomada pela criminalidade.

Penso em como, não muito longe do pódio, numa casinha de estrutura de madeira que comprara para si, agora restaurada e transformada em centro de artes, Walt Whitman passou os últimos anos de uma vida de exuberância extraordinária — pode-se dizer, a mais exuberante de todas as vidas de poetas. O grande cronista da alma americana em seu estilo expansivo, extrovertido, assim como sua contemporânea Emily Dickinson foi a grande cronista da alma americana em seu estilo retraído, introvertido. Ah, Walt Whitman — se ao menos pudéssemos crer em você, assim como o admiramos, e desejamos evocá-lo para dentro de nós como nosso lado melhor, mais corajoso, mais otimista:

O menor broto mostra que na verdade a morte não existe...

Tudo avança e avança sem parar, nada se destrói,

Morrer é algo diferente do que todos supunham, e bem mais afortunado.

— “*Canção de mim mesmo*”²²

No começo da noite, em meio a um zumbido de vozes, gargalhadas amistosas, um bufê no refeitório da Rutgers-Camden com os outros participantes do festival, passei por um momento de aflição — um momento duvidoso em que a confusão do Cymbalta não me pareceu adequada — ao me ver enraizada num lugar, fitando uma carne com sangue escorrendo em bandejas enfeitadas com alface murcha — e fitando as pessoas cordiais e *alegres* — por acaso, homens — que cravavam os garfos na carne que estava em seus pratos, sem hesitar diante da sanguinolência, como um leão não hesitaria em arrancar fora o pescoço da presa ainda viva; mas havia uma irmã de luto no jantar, uma poeta/memorialista/tradutora com quem tive conversas íntimas e francas; uma mulher na sombria e cruel situação de *não-ser-ainda-viúva* — cujo marido está nos primeiros estágios de Alzheimer.

Rachel já escreveu a respeito do suplício. Não é segredo, não estou quebrando sua confiança. Em meio aos animados carnívoros do refeitório nos

apegamos uma à outra feito irmãs. Por mais terrível que seja perder o marido, talvez seja mais aflitivo perder a pessoa que ele era; conviver com ele diariamente enquanto piora; sentir que não tem alternativa, como Rachel sentiu, além de tomar providências para que ele seja hospitalizado, enfrentando os protestos de parentes e amigos que não têm ideia do que você está passando... Rachel é muito magra, sua pele é muito pálida, ela também é um dos *feridos ambulantes*. Eu gostaria de confortá-la: “Você sofreu um trauma. Você precisa se cuidar.”

Ela conheceu Ray como editor; nunca conheci o marido dela, mas ouvi falar de sua carreira exemplar, principalmente como professor da Columbia.

Entre nós, uma pergunta tácita que não fazemos — qual de nós teve menos sorte.

Perder o marido de repente ou — perder o marido a excruciantes passos lentos.

Perder o marido em meio a uma inundação de solidariedade ou — perder o marido em meio a acusações e recriminações.

Me pergunto — será que Rachel vislumbrou o basilisco, no canto dos olhos? No canto da alma? Será que Rachel ouviu o basilisco que tem o perverso dom da linguagem, sua voz cruel e escarnecedora?

Não ousou perguntar. Tenho medo do que Rachel possa dizer.

Nem pergunto, como poderia perguntar, se ela está tomando algum remédio para ansiedade/depressão/insônia.

Quanta empatia eu sinto por Rachel! Ou é o que penso. Pois no meu estado de zumbi induzido pelo Cymbalta nunca sei muito bem se estou de fato “sentindo” alguma coisa ou apenas simulando o que uma pessoa normal sentiria naquelas circunstâncias; assim como me tornei exímia em personificar *Joyce Carol Oates* como uma espécie de feixe de luz pós-Whitman de exuberância e otimismo.

Joyce Carol Oates, autora de...

Mas talvez seja um erro. Esta noite, neste lugar.

Talvez hoje eu realmente desmorone. Talvez até o torpor do Cymbalta me deixe na mão.

Pois esse é — esse era — o restaurante preferido de Ray na cidade de Nova York. Pois viemos aqui inúmeras vezes, quando fazia sol; em uma ou

duas ocasiões acompanhados de amigos, mas em geral sozinhos. Comemoramos um ou dois aniversários meus aqui, almoço no Boathouse Restaurant no Central Park, em uma mesa com vista para o lago onde cisnes e outras aves aquáticas patinham amistosamente; e na água escura, se olharmos de perto, há tartarugas logo abaixo da superfície, tartarugas de um tamanho surpreendente e aparência arcaica, que aludem a bichos de uma era primitiva.

O evento é uma festa para arrecadar fundos para a Associação de Crianças Autistas. Talvez eu tenha sido convidada para ser a oradora especial por ter uma irmã mais nova que é autista, mas talvez tenha sido principalmente por ser muito amiga de uma grande amiga dos organizadores, e por estar disponível.

Para intensificar o ar *quase real*, leio um poema que escrevi anos atrás e que provavelmente não leio diante de uma plateia há vinte anos — “Autistic Child”: um poema curto dedicado à minha irmã autista, Lynn, internada em Amherst, Nova York, desde o começo da década de 1960... Quando a plateia faz perguntas sobre o poema, e sobre minha irmã, sou franca ao explicar que, nos anos 50, quando Lynn foi diagnosticada como autista, pouco se sabia a respeito do autismo, mas muito se especulava: uma época embebida em Freud em que as mães de crianças autistas, assim como mães de homossexuais, levavam a “culpa” pelas anomalias dos filhos.

Faz-se um silêncio fulminante quando digo isso. Pois *culpar* é a reação mais natural, quando a vida de alguém é arruinada.

Culpar quem está mais próximo e mais volúvel — a mãe.

Esta noite fria e úmida com ventanias! É inacreditável que esse lugar açoitado pela chuva seja o mesmo Boathouse Restaurant de que Ray e eu tanto gostávamos.

É uma noite de frio e vento inclementes — 27 de abril de 2008. Penso em uma época mais feliz, ensolarada — Ray e eu de mãos dadas, à nossa mesa com vista para o lago.

Vamos alugar um barco a remo?

Talvez — outra hora.

Penso no nosso próprio lago, menor que esse, no bosque atrás da nossa casa no número 9 da Honey Brook Drive, que Ray encheu de tartarugas oriundas de um “fornecedor de animais selvagens para lagos” de Wisconsin. As tartarugas nos encantavam quando se deitavam com exuberância sob o sol, sobre uma tora caída que Ray arrastara até o lago com este intuito;

ansiosa, eu esperava as tartarugas aparecerem para que pudesse chamar Ray *Venha ver! Suas tartarugas.*

Ray também encheu o lago de girinos — e teve grande êxito. (Quando alguém se aproxima do lago, no calor, dezenas de sapos pulam na água, coaxando, alarmados.) Obteve muito menos sucesso ao encher o lago de carpas chinesas pequenas e coloridas, que, em poucas semanas, foram devoradas por uma grande e voraz garça azul de pernas compridas que pousou no ambiente tranquilo delas como uma criatura heráldica/demoníaca numa paisagem de Bosch.

Uma por uma, as belas carpas foram devoradas pela ave de rapina até desaparecerem todas — e a ave foi embora.

Lembra das carpas?

Lembra da garça?

Lembra de como ficamos chocados? Como fomos ingênuos?

Lembra de quando você [Ray] correu até o lago para afugentar a garça, berrando e abanando os braços? Da garça voando para as árvores, tranquila, à espera?

Que tristeza! Nossos peixinhos lindos!

Depois da festa de arrecadação de fundos, me dizem que a noite fez um “enorme sucesso”. Me dizem que “foi muito importante” para os pais e familiares das crianças autistas me ouvirem falar com tamanha franqueza a respeito da minha irmã e meus pais e eu ter respondido a qualquer pergunta que me fizessem. E eu penso no verso de Anne Sexton que a poeta obcecada com o suicídio adotara como uma espécie de mantra — *Viva ou morra mas não estrague o mundo para os outros.*

E agora, nesta manhã, contemplo o pátio.

Percebo vagamente *Tem alguma coisa errada aqui.*

Nos momentos em que, pré-Cymbalta, eu ficaria angustiada e aborrecida, agora fico anestesiada, percebendo *As tulipas de Ray foram decapitadas*, como se a afirmação fosse proferida por uma voz robótica, à distância.

É como se alguém tivesse entrado no pátio com um foice e cortado a parte de cima das tulipas de Ray — não daria mais para reconhecer como tulipas essas plantas verdes e mirradas.

Demoro muito tempo para absorver essa informação. Não que esteja nervosa ou chateada — não estou —, mas mesmo no torpor induzido pelo Cymbalta entendo que algo muito triste aconteceu aqui, e que é irrevogável.

Cervos entraram no pátio durante a noite. Cervos empurraram o portão para abri-lo — sem dúvida, esqueci de fechá-lo direito — e devoraram as belas tulipas de Ray numa questão de segundos, mastigando e engolindo numa atitude tão negligente e automática como se devorassem ervas daninhas.

Eu choraria, mas não me restaram lágrimas.

Pela primeira vez eu penso — “Por sorte, Ray não está aqui para ver. Ele ficaria muito aborrecido”.

Por sorte. Ray não está aqui.

Nessa manhã de dor de cabeça forte eu fico na porta da frente, chamando nosso gato mais velho — “Reynard? *Reynard!*”

Parece ter sumido durante a noite.

No entanto, a impressão é de que não tenho mais “sentimentos” — no torpor do Cymbalta eu mal me lembro do que são “sentimentos” — eu estaria tomada de angústia e culpa.

“Reynard? Cadê você? Café da manhã...”

Minha voz vai sumindo. Como é boba e melancólica a expressão café da manhã.

Outrora um gato luzidio de pelugem laranja, com um estilo sedutor de cutucar nossos tornozelos com a cabeça e se aconchegar e ronronar quando nos sentávamos juntos no sofá, Reynard era o predileto de Ray; foi Ray quem o escolheu no meio de uma ninhada de gatinhos do abrigo e o trouxe para casa a fim de me surpreender.

Já deve fazer uns doze anos. Como os anos passaram rápido!

Reynard não superou a morte de Ray — uma presença que não seria capaz de nomear ou definir, mas cuja ausência lhe é muito dolorosa.

Nas últimas semanas, começou a envelhecer a olhos vistos. De forma tão rápida que todos os resquícios de juventude se esvaíram. A cabeça parece desproporcional em relação ao corpo, as pernas se tornaram esguias. Perdeu peso da noite para o dia — as costelas aparecem sob a pelugem, assim como a espinha.

A espinha! Acariciando Reynard, sinto a vértebra, com um arrepio.

Da última vez que a veterinária examinou Reynard, no outono, ela disse que Reynard era um gato “idoso” mas “estava aguentando firme” — é pouco provável que dissesse a mesma coisa agora.

Volta e meia, ultimamente, ele parece respirar com dificuldade. Ontem de noite o levei para o sofá da sala — a ponta do sofá que era de Ray — imaginando que mergulharia numa letargia felina profunda e morreria em paz nos meus braços — mas não morreu.

Reynard passou um tempo deitado, arfando enquanto eu tentava confortá-lo, mas depois se debateu para ser solto, de início com fraqueza, depois com mais energia, até que passou a me arranhar com as garras afiadas e tive de soltá-lo.

Foi irritante, e também desnorteante, ver o quanto Reynard queria escapar dos meus braços. Na porta do terraço dos fundos, se agitando para escapar, para sair ao ar livre, embora a noite estivesse fria e chovesse. E portanto abri a porta do terraço e Reynard saltou numa rapidez surpreendente para um gato idoso, e durante a noite saí para chamá-lo algumas vezes, da porta dos fundos e da porta da frente; mas ele não voltou; nem dormia junto à porta da frente pela manhã, na sua posição de sempre, esperando pacientemente que a porta se abrisse e ele pudesse entrar para ser alimentado.

De madrugada, grogue pelo torpor causado pelo Cymbalta, que nunca se traduz em sono de verdade, tive a impressão de que Reynard dormia aos pés da minha cama, espremido contra a minha perna.

“Reynard? Cadê você...”

Ao procurar Reynard lá fora, fico horrorizada por descobri-lo deitado a poucos metros da porta dos fundos, por onde saíra na noite anterior, esticado contra a parede numa posição que tornaria impossível eu vê-lo de dentro de casa.

Como se ele tivesse sentido vontade de voltar para dentro. Mas a porta estava fechada.

Agora eu choro, agora soluço — “Reynard! Ô Reynard!”

É uma tristeza soluçante e nauseante, do tipo que me acometeu no quarto de hospital de Ray, no dia anterior à morte dele. Numa hora que não parecia que Ray morreria.

Outro terror — Reynard está rígido, feito um gato esculpido em madeira. Os dentes estão arreganhados, os olhos semiabertos, se no rosto dos gatos é

possível haver expressão, a de Reynard é de extrema agonia, dor.

Não foi uma morte pacata. Foi uma morte animal aflitiva, sofrida a sós.

Fico perplexa com a morte dele, minha cabeça gira. Estou tão despedaçada que acho que estou perdendo a sanidade. Reynard não era um gato jovem! Reynard era um gato idoso! Entretanto, não consigo parar de chorar — não um lamento normal e sim devastado, desenfreado. Feito uma criança perturbada, acaricio a pelugem áspera e fria de Reynard, como se pudesse trazê-lo de volta à vida — acaricio a cabeça de Reynard, ossuda, nodulosa. Os dentes arreganhados como se rosnasse — um sorriso raivoso e brutal — desconcertante de se ver...

A culpa também é sua. Você o deixou do lado de fora, no frio. Ele congelou até a morte. Ele morreu sozinho.

Cuidadosamente, embalo Reynard em uma de nossas toalhas de banho largas — uma toalha verde e grossa que, de acordo com o costume na nossa família, era a toalha de Ray. Sob o olhar desconfiado de Cherie, que mantém distância, carrego Reynard para além do jardim e o coloco em meio à grama alta. É a atitude correta a tomar? É a atitude mais sensata? Não me sinto forte o bastante para cavar uma cova para o Reynard, nesse solo duro. Por algum motivo, derrapo e bato com o joelho no chão e Reynard cai dos meus braços, rígido como se congelado.

Tenho consciência de mim mesma como se me visse de longe, uma mulher que virou um personagem de cartum, como em um desenho de Charles Addams, carregando um gato de cartum enrijecido.

Por sorte, Ray não está aqui. Ray ficaria muito triste.

²² Walt Whitman. *Canção de mim mesmo*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Associação Alumni, 2000. (N. da T.)

É um assunto tabu. Como os *mortos* são traídos pelos vivos.

Nós que estamos vivos — nós que sobrevivemos — entendemos que a culpa é o que nos liga aos mortos. O tempo inteiro escutamos seus chamados, a crescente incredulidade em suas vozes *Você não vai se esquecer de mim — vai? Como você pode se esquecer de mim? Não tenho ninguém além de você.*

Na maioria dos dias — na maioria das horas — a viúva habita o mundo subterrâneo do *nem-aqui* e *nem-ali*. Em boa parte das horas do dia a viúva anseia pelo esquecimento inexprimível do sono.

Pois a viúva é a pessoa póstuma que passa por viva. Quando a viúva sorri, quando a viúva ri, vê-se o brilho no olhar dela, a loucura total, uma atriz desesperada para interpretar seu papel como os outros desejam que ela interprete o papel e somente outra viúva, outra mulher que perdeu o marido recentemente, é capaz de perceber a fraude.

Uma viúva olhando de relance para outra — *É assim que você se sente? Você também está morta?*

(...) levei muito tempo para superar o atordoamento causado pela morte do [meu marido], que na verdade era bem previsível. (Agora eu vejo.)

Relendo a carta da minha amiga, me choco com essas palavras que antes eu não havia apreendido totalmente.

A autora dessas palavras na verdade é uma escritora muito conhecida, cujo livro de memórias sobre a morte do marido e sua própria sobrevivência foi um grande best-seller e sucesso de crítica uns anos atrás. Ao reler a carta agora, me pergunto se foi o fato de ficar “atordoada” que induziu minha amiga-viúva a escrever as memórias, que misturam tão bem o clínico e o poético — se ela tivesse compreendido na época da morte do marido que a morte dele “na verdade era bem previsível”, ela teria escrito as memórias?

Ela conseguiria?

Agora sou levada a pensar: existe alguma perspectiva sob a qual o luto da viúva seja mera vaidade; narcisismo; a pretensão de que a própria perda é tão especial, tão extraordinária, que nunca houve perda igual?

Existe uma perspectiva sob a qual o luto da viúva é apenas uma espécie de passatempo patológico, ou de hobby — uma predileção do tipo que é diagnosticado como TOC — “transtorno obsessivo-compulsivo” — não muito diferente de passar horas lavando as mãos todos os dias, ou juntar tudo quanto é tipo de bobagem inútil; ficar de joelhos “encerando” assoalhos de tábua corrida com papéis toalha e lustra-móveis, ou aspirar o pó de tapetes já imaculados durante a madrugada... *Se ao menos alguém ridicularizasse a viúva em público, desse um belo chute na viúva, desse um tapa na cara ou risse na cara da viúva — o feitiço talvez fosse quebrado.*

Às 4h, tais epifanias me vêm à mente feito cometas em miniatura. Tal sabedoria, que em poucas horas será perdida no estado grogue que sucede a insônia e a náusea fraca do medicamento antidepressivo que nunca permite a total vigília, assim como nunca permite a total inconsciência; nunca permite a lucidez dos pensamentos, e abafa até os pensamentos mais urgentes feito estática de rádio. Dessa vez, pesquisei o medicamento na internet e não me surpreendi com o que encontrei.

Medicamentos antidepressivos são indicados a indivíduos que sofrem de pensamentos obsessivos, insônia, depressão, fantasias suicidas; entretanto, medicamentos antidepressivos podem exacerbar pensamentos obsessivos, insônia, depressão, fantasias suicidas.

Inequivocamente, medicamentos antidepressivos causarão retenção urinária, constipação, sonolência, redução de apetite e perda de peso. Em certas pessoas, parestesia, visão embaçada, pesadelos vívidos, tremores, ansiedade, palpitações cardíacas, suores, despersonalização.

Será que esse remédio está ajudando? Será que... está piorando a situação?

Não tenho como saber. Desde a morte de Ray deixei de ser uma pessoa que raramente pensa na “saúde” ou “estado de espírito” e virei uma coleção ambulante de sintomas, como um esqueleto chocalhando por aí num saco de juta frouxa — certos dias, nem sou capaz de imaginar o que *personalização* pode ter sido — não me lembro nem de ter sido uma *pessoa*.

Meu médico em Pennington recomenda que eu comece a tomar 60 mg de Cymbalta por dia, 30 mg a mais. Já que a dose baixa “parece não estar ajudando”.

Na drogaria de Pennington, como um personagem maniaco em um romance de Dostoievski com tendência à autodestruição, engulo um comprimido de Cymbalta de 60 mg assim que o farmacêutico me entrega o frasco. Ao voltar para casa dirigindo, imagino chumaços de algodão enchendo meu cérebro, minhas artérias. É verdade — minha visão está embaçada. E é verdade, meu coração pula com frequência e se contrai em “palpitações” — mas não tenho mais pensamentos obsessivos a respeito de Ray na cama de hospital, ou Ray na casa funerária, quando deixei de vê-lo uma última vez. *O medicamento é um tecido através do qual os objetos são vistos de modo tão vago que você não tem noção do que são. Você não tem noção do motivo pelo qual deviam significar algo para você, ou quem quer que seja.*

“Vergonha de ser ‘branco’”

Foi há muito tempo, em Detroit, Michigan. No bairro residencial um quarteirão a oeste da Woodward Avenue e um quarteirão a leste da Eight Mile Road onde compramos uma casa — nossa primeira casa! — na Woodstock Drive.

Nos mudamos de Beaumont, Texas, assim que o ano acadêmico de 1961-62 terminou. Na verdade, estávamos tão ansiosos para ir embora daquela paisagem desolada de East Texas que Ray enviou as notas finais pelo correio já a caminho de Detroit, onde conseguimos empregos como professores para o ano seguinte; conseguimos enfiar tudo que tínhamos no Volkswagen preto em forma de bota, que ribombava a cem quilômetros por hora e não tinha aquecimento, afora as rajadas de ar quente que escapavam do motor.

Em Detroit, moramos um ano em um prédio residencial na Manderson Road, perto de Palmer Park; depois, compramos uma casa colonial de dois andares e quatro quartos na Woodstock Drive, numa área conhecida como Green Acres. O preço da casa em maio de 1963 foi US\$ 17.900.

O salário anual de Ray como professor da Wayne State University era de US\$ 5.000. Meu salário anual como professora da Universidade de Detroit era de US\$ 4.900. O distinto homem que me contratou — seu nome, famoso na região naquela época, era Clyde Craine — me confidenciou que ele e o presidente da Wayne State haviam trocado ideias, para garantir que o salário de Ray fosse um pouquinho mais alto que o meu.

Na Woodstock Drive, na primavera de 1963, nossa casa reluzia de tão nova. Paredes externas cobertas de alumínio branco, tijolos vermelhos alaranjados, persianas azul-escuras — para nós, a casa era de uma beleza estonteante, não nos cansávamos de contemplá-la. Passamos de carro pela nossa casa inúmeras vezes antes de nos mudarmos, admirando-a, planejando como a mobiliaríamos. Claro que não éramos os donos da casa, do ponto de vista técnico — a dona era a caixa hipotecária.

Me lembro de ter ficado magoada e aborrecida quando, no banco, meu modesto salário na Universidade de Detroit foi descartado. Só o salário de Ray contava. Eu era uma mulher casada, declarou o gerente do banco, com uma expressão entre o desdém e a pena. Era bem provável que abandonasse o emprego dali a alguns anos para ter um filho.

“Mas a gente não está planejando ter filhos.”

“Sinto muito. A norma é essa.”

Junto, nossos dois salários eram respeitáveis. Mas somente o salário de Ray poderia ser computado para a hipoteca de trinta anos.

Trinta anos! A expressão no rosto de Ray, ao assinar aqueles documentos!

“Vamos acabar com isso em 1993. Em tese.”

Logo descobrimos que em Detroit a segregação racial era pouco mais branda que em Beaumont. A região em que morávamos era totalmente branca. Os jornais *News* e *Free Press*, de Detroit, eram dominados por matérias sobre incidentes supostamente “raciais” — se decodificados da forma certa. Mas a cidade só sofreria uma explosão de violência racial em julho de 1967.

Antes de nos mudarmos para a casa nova, antes mesmo de termos as chaves da casa, íamos até lá de noite para cuidar do gramado — a essa altura, apenas terra inculca e dura e ervas daninhas. Levávamos sacos e mais sacos de terra arável, plantas para cobrir o solo, arvorezinhas. Plantamos sementes de grama diligentemente. O quintal era largo, delimitado por um beco; depois do beco havia outra fileira de casinhas, além da Eight Mile Road, que era uma rua movimentada. Um dia, quando Ray trabalhava no quintal e eu passava o ancinho na entrada, uma criança da vizinhança se aproximou para me perguntar — “Você tem dezoito anos? Minha mãe falou que você não parece ter idade para ser casada”.

Eu ri. Não só tinha mais de dezoito, como já tinha vinte e quatro anos. Meu primeiro livro tinha sido aprovado para publicação — embora o lançamento tivesse sido adiado para o outono de 1963. Era professora da Universidade de Detroit, administrada por jesuítas, onde, no departamento de inglês, havia apenas duas mulheres — uma freira idosa com o título imponente de Irmã Bonaventure, e eu; e meu belo e adorável marido Ray era professor da Wayne State — a mais prestigiosa “instituição de ensino superior” da região, com ordens dadas pelo estado do Michigan de levar

educação aos alunos culturalmente desfavorecidos — isto é, geralmente negros. Com seu título de doutor pela Universidade de Wisconsin, Ray era considerado um acadêmico de alta reputação, com a possibilidade de promoção na Wayne, ou em outra faculdade; com meu título de mestra e um número crescente de publicações, eu era o que chamam de “promissora”. Éramos muito jovens, felizes e otimistas! — tínhamos o mundo inteiro diante de nós.

Uns meses depois de nos mudarmos para a casa da Woodstock Drive, os vizinhos começaram a reclamar conosco — principalmente com Ray, que trabalhava no quintal, assentando os tijolos de um pequeno pátio improvisado: havia boatos de que “pretos” iriam morar do outro lado da rua. Moradores de ambos os lados falavam do proprietário da casa do outro lado da rua, que “tinha traído” seus vizinhos — ele havia registrado a casa numa corretora de imóveis que vendia para “pretos” numa tentativa de “desvalorizar o bairro”.

Ingênuos, Ray e eu não tínhamos noção do melodrama racial latente em Green Acres, para onde nos mudamos cheios de expectativas. Tínhamos pouco conhecimento do notório histórico de violência racial em Detroit — um motim sanguinolento em Belle Isle, um parque natural da cidade, em 1943, no qual trinta e quatro pessoas foram mortas e muitas outras ficaram feridas; a nova ameaça de “desvalorização do bairro” nos bairros residenciais brancos de toda a cidade — corretores imobiliários inescrupulosos planejando que famílias negras se mudassem para casas em bairros “brancos”, a preços baixos, convencendo proprietários aflitos a vender suas casas, e assim provocando o pânico — parecia que da noite para o dia, quarteirões inteiros dos bairros residenciais do lado oeste, havia muito colonizados, começavam a ser adornados por placas de À VENDA. Havia ali uma paródia demoníaca de integração racial que uma hora empurraria a população majoritariamente branca para os subúrbios — Birmingham, Bloomfield Hills, Southfield, Grosse Pointe e St. Claire Shores — e reduziria vizinhanças inteiras a fileiras de casas abandonadas e lotes vazios repletos de escombros, como se na esteira de uma guerra — embora ninguém fosse capaz de prever tal cataclismo, naquela época.

Na Green Acres de 1963, onde as casas geralmente eram novas e bem-cuidadas e ficavam a certa distância da área pobre, não havia pânico de verdade — ainda.

Em Beaumont, as raças viviam tão distantes que não havia — ainda — tensão perceptível. Em Detroit, numa economia que para alguns estava em expansão e para outros estagnada, a tensão era evidente. Apesar de nunca assistirmos à televisão — de fato, nem tínhamos o aparelho — tínhamos consciência de que havia uma histeria latente no ar, e muitas vezes me sugeriram — como “mulher branca” — que tomasse bastante cuidado ao andar sozinha por qualquer lugar quase deserto, ou até pelo estacionamento da Universidade de Detroit, na extremidade do campus.

A mídia local fez estardalhaço sobre uma mulher sozinha — uma “mulher branca” — cujo carro enguiçara na via expressa John Lodge, à noite, e que foi agredida, perseguida, estuprada e espancada por “jovens negros” predadores.

Pode ter sido nessa época, ou um ou dois anos depois, que começaram a alardear o fato — se é que era fato — de que havia mais revólveres na área de Detroit do que residentes, e de que, entre os agentes da lei, a cidade de Detroit, Michigan, era conhecida como Murder City, EUA.

Em Green Acres, uma placa de À VENDA levantada do outro lado da rua, diante de uma casa de tijolos de dois andares, foi derrubada ou retirada; logo depois, a placa de À VENDA reapareceu e foi derrubada ou retirada. Todos os dias, quando passávamos de carro pela Woodstock Drive, nos inquietava prestar atenção na situação da placa À VENDA. “Quem está fazendo isso?”, um de nós perguntava, e o outro dizia, “Quem você acha que é? Nossos vizinhos”.

Atrás das casas que ficavam de frente para a nossa na Woodstock Drive, havia o cemitério municipal.

Certos vizinhos acreditavam que “pretos” tinham um medo exacerbado de viver perto de cemitérios e portanto, uma noite, furtivamente cortaram as videiras e arbustos dos fundos do terreno, que escondiam o cemitério. Quando soube disso pelo homem que vivia na casa ao lado, Ray não teve reação, como o homem talvez esperasse, e a conversa acabou abruptamente.

Eu não estava presente e portanto não ouvi. Não faço ideia do que Ray disse de verdade e do que Ray ouviu em resposta. Mas sei que a conversa foi desagradável, e que Ray ficou chateado e enojado com o comportamento dos nossos vizinhos.

“Dá vergonha de ser ‘branco’.”

Milwaukee também, onde Ray nasceu e viveu até ir embora para fazer

faculdade, tinha subúrbios brancos segregados. Mas Milwaukee nunca sofreu tanta tensão racial quanto Detroit e tinha um histórico comparável de violência racial.

Era raro Ray falar da terra natal ou da família. O pai era um católico romano “devoto” que esperava que Ray virasse padre e ficou decepcionado quando Ray abandonou o seminário jesuíta depois de se formar na prestigiosa escola jesuíta Marquette, em Milwaukee. A mãe já tinha se aborrecido quando Ray parou de ir à missa dominical aos dezoito anos, mas, ao contrário do pai, não tentara “argumentar” com ele.

Como a esposa deve respeitar os parentes do marido até mesmo quando — como acontece às vezes — o marido não os respeita totalmente, ou parece ter alguma desavença com eles, eu jamais falei sobre a família de Ray de outra forma que não afetuosa e positivamente; se eu perguntasse a Ray sobre o pai, por exemplo, a seriedade do seu rosto, a resistência palpável de sua atitude, me permitia ver que estava me intrometendo na privacidade do meu marido, e que era melhor recuar.

Minha impressão era de que os pais de Ray eram conservadores no aspecto político, assim como muitos católicos; que, na questão volátil dos direitos civis dos negros, e em todas as questões que envolvessem mudanças sociais radicais ou até moderadas nos Estados Unidos do início da década de 1960, eles eram inflexíveis em sua oposição.

Quando pensamos em *The Times They Are A-Changin’* de Bob Dylan, imaginamos o polêmico cantor se dirigindo a americanos brancos feito os pais de Ray — *Your sons and your daughters are beyond your command*, seus filhos e filhas estão fora do seu comando.

Não há outras palavras que causem mais horror no coração dos pais — em especial, no coração de pais católicos conservadores.

(E que admiração Ray tinha por Bob Dylan naquela fase inicial, encantadora e iconoclasta da carreira de Dylan!)

Logo depois aconteceu, em Green Acres, de a casa em frente à nossa, do outro lado da rua, ser vendida, e, sim — a uma família negra.

Uma família negra totalmente “respeitável”, ao que nos parecia.

Pois nós também éramos extremamente atentos aos novos vizinhos. Nós também olhávamos pela janela de casa os homens da mudança carregando móveis e levando caixas para dentro da casa do outro lado da rua.

(Pois como poderíamos não ser *atentos*, como poderíamos não *olhar*?

Embora praticamente não tivéssemos a sensação de que mais alguém vivia na Woodstock Drive e fosse provável que não reconhecêssemos nenhum dos nossos vizinhos fora de contexto — estávamos perfeitamente atentos à nova família negra. A raça nos torna hipervigilantes no sentido mais primitivo e doloroso.)

Ansiosos, esperamos algum acontecimento — algum ato trivial de vandalismo, ou crueldade. Se a família negra sofreu qualquer tipo de agressão, não soubemos, e não teríamos sido informados, em todo caso. Um dia, Ray disse, “Vamos lá dar um oi”.

E portanto atravessamos a rua, tocamos a campainha, apertamos as mãos dos novos vizinhos e nos apresentamos: “Ray Smith” — “Joyce Smith”.

Não me recordo de nem uma palavra que trocamos mas presumo que tenhamos “dado as boas-vindas” à nova família — nem me recordo do casal negro, a não ser do fato de que eram um pouco mais velhos do que aparentavam à distância, e de que o homem era um médico formado pela Wayne State. Me lembro do homem e da esposa nos fitando com olhar inquiridor — sorrindo — apesar de não terem nos convidado a entrar, e não terem feito muitas perguntas.

Nunca mais falamos com o casal negro, nem eles falaram conosco. Sempre trocávamos acenos de saudação, ao passarmos de carro ou cuidando do gramado. Sorríamos, simulávamos cumprimentos animados — “Oi! Como vai!”. De um modo que nos levava a achar que contribuíamos para a melhora na situação do racismo em Detroit.

Quatro anos depois a cidade explodiria em violência racial. Após anos de “brutalidade policial contra negros” um ataque pela polícia de Detroit na United Community League for Civil Action no domingo, dia 23 de julho de 1967, provocaria um cataclismo social de incêndios criminosos, saques, rebeliões e até tiroteios; tanto brancos como negros se envolveram na rebelião, mas a fúria negra predominava e era muito explorada pela imprensa; a violência se estenderia por vários dias, tornando a Murder City, EUA, um monumento nacional ao caos racial/social americano:

Quarenta e quatro pessoas morreriam, 5.000 ficariam desabrigadas, 1.300 prédios seriam destruídos, 2.700 estabelecimentos comerciais seriam saqueados, o cheiro de escombros em chamas se prolongaria no ar, alguns diriam que para sempre. Na primeira noite de motins os proprietários brancos como nós se esconderam em casa com as portas e janelas trancadas, persianas

abaixadas, escutando o barulho apavorante das sirenes, gritos raivosos e tiros esporádicos e a espera até que a lei marcial fosse declarada e a Guarda Nacional de Michigan ocupasse a cidade.

Vergonha de ser “branco” — mas qual era a opção?

Não fez diferença

“... no colégio em que eu estudei, em Los Angeles, quatro desde junho.”

“... no meu colégio, em Boston, dois desde o Natal.”

“... um garoto de onze anos, em New Brunswick.”

“... três colegas que eram melhores amigas, em Toronto.”

“... na Berkeley.”

“... na Cornell.”

“... na NYU.”

Na esteira de um conto sobre suicídio dolorosamente franco, escrito por uma americana de ascendência coreana da minha oficina avançada de ficção, que já havia escrito outro conto sobre suicídio, os outros discutem o suicídio de uma forma que sugere que esse é um assunto tabu de que, em outras circunstâncias, não falaria; aqui, na oficina de ficção, o ânimo com que falam sugere que esse é um assunto sobre o qual pensaram bastante.

“... em Tóquio, é, tipo, uma epidemia.”

“... em Déli...”

Nas outras disciplinas que cursam na universidade, a impessoalidade é a norma. O discurso escrupulosamente impessoal é o único modo aceitável de comunicação. Nossas aulas de escrita criativa no prédio de artes no 185 Nassau oferecem um contraponto em que a maioria das verdades inquietantes pode ser expressa. Excentricamente, o que é “ficção” é possivelmente o que é “mais real” — ao escrever personagens fictícios, é bem provável que o jovem autor esteja escrevendo sobre si mesmo.

Claro, trata-se de “ficção” — em um conto, o graduando suicida que acaba se enforcando no chuveiro do dormitório estudantil não é aluno de Princeton e sim de Yale.

Ou estudante de Harvard.

(Ainda não houve nenhum caso de um aluno de alguma universidade que não fosse da Ivy League se enforcando em algum conto das minhas oficinas. Até fantasias suicidas são animadas por certo esnobismo residual.)

“... você tem que tornar o campus de Yale, tipo, mais verossímil.”

“... você tem que fazer com que ele não pareça estar em Princeton. Lendo o conto, é impossível não pensar que ele *está*.”

Como é aflitivo o fato de que meus jovens escritores — o mais velho deve ter vinte ou vinte e um anos, o mais jovem dezenove — estejam tão obcecados com suicídio; ou, se não com o suicídio em si, com a depressão severa que precede o suicídio. Fantasias suicidas são apresentadas num estilo sério-cômico, às vezes composto com crueza, como em um cartum de R. Crumb. Muitas vezes dizem que as histórias se basearam em um indivíduo que o autor conhecia, ou do qual ouvira falar — “na escola secundária” — “colega de dormitório do meu irmão em Stanford” — e se a forma de suicídio é contestada ou criticada na oficina, a réplica é o protesto: “Mas aconteceu de verdade, dessa forma.”

Em meio à discussão animada, há aqueles que ficam quietos, prestando atenção. Como a americana de ascendência coreana que escreveu os contos mais reveladores e inquietantes sobre fantasias suicidas, com direito a trechos perturbadores de tão detalhados sobre uma colegial que pretende “se cortar” como prelúdio para retalhar os pulsos.

Esses graduandos inteligentíssimos, talentosíssimos, privilegiadíssimos de Princeton! É tentador pensar *Esse é o assunto secreto deles. É o elo deles.*

Claro que eu não lhes contaria que um amigo meu, vice-presidente da Rutgers de New Brunswick, comentou comigo outro dia que o suicídio se tornou praticamente uma “epidemia” entre estudantes em idade universitária em partes do país.

Claro que não lhes contaria do basilisco.

(Pois e se o basilisco for conhecido por algum deles? Por vários deles?)

Não lhes contaria que Anne Sexton se referiu ao desejo de morrer como *a cobiça quase inominável*.

Nem lhes contaria que conheci muito bem pelo menos um suicida.

Pelo menos um suicida, dentre as centenas de alunos para os quais lectionei desde Detroit, em 1962.

Pareceu quase um acaso que Richard Wishnetsky tivesse perambulado até o meu escritório na Universidade de Detroit numa tarde da primavera de 1965 — “perambular” é o termo correto pois tive a impressão de que Richard vagava sem rumo, embora se vestisse com uma elegância incomum em estudantes, com cabelo aparado, uma camiseta de algodão branco, óculos

reluzentes. Sua saudação foi acompanhada de um sorriso, sutilmente hostil: “A senhora é — ‘Joyce Smith’? Me disseram para vir encontrá-la.”

Na Universidade de Detroit, eu sempre seria “Joyce Smith”. Mas algumas pessoas sabiam, e se dizia nos jornais locais, que eu também era “Joyce Carol Oates”, uma escritora. Quando Richard Wishnetsky pronunciou o nome “Joyce Smith”, foi com um piscar de olhos ou um fremir da bochecha para indicar *Mas eu sei quem você é de verdade! Minha alma gêmea.*

Cheio de autoconfiança, ou aparente autoconfiança, Richard Wishnetsky se apresentou, partindo do pressuposto de que eu tinha tempo para ele, ou abriria espaço na agenda para ele, embora fosse nítido que eu estava ocupada; sem hesitar, esticou o braço para pegar minha mão e apertá-la, coisa que nenhum outro aluno da Universidade de Detroit havia feito. Ele tinha vinte e três anos e eu tinha vinte e sete.

Era uma disputa de forças de vontade? Em sala de aula, aprendi a projetar uma espécie de autoridade brincalhona; fora de sala, ainda hoje tenho propensão a ser tímida, até mesmo reticente. Pessoas poderosas me derrubam e sugam todo o oxigênio do ar se eu não ficar atenta e conseguir me defender.

Ali estava um rapaz que se tinha em alta conta: poucos minutos depois de nos conhecermos, já tinha me dito que se formara com honras pela Universidade de Michigan e, mais impressionante ainda, era pesquisador com bolsa Woodrow Wilson. (Na mesma hora, achei estranho: por que um pesquisador com bolsa Woodrow Wilson escolheu a Universidade de Detroit para obter um diploma em sociologia, um departamento medíocre em uma universidade medíocre? Bolsistas Woodrow Wilson podem estudar em qualquer lugar, praticamente.) Logo ficou claro, através dessa conversa e de outras posteriores, que os interesses de Richard iam muito além da sociologia: filosofia, religião, literatura europeia, o Holocausto, judaísmo. Desde o primeiro instante também ficou claro que Richard era brilhante e desprendido; muito eloquente, embora fosse comum falar tão rápido a ponto de quase gaguejar e a saliva reluzir em seus lábios; e era extremamente desdenhoso com relação à maioria das pessoas: “Eles são animais de rebanho” era um comentário — (nietzschião) — frequente. Era mordaz nas acusações contra a Detroit suburbana, onde passara boa parte da vida, à exceção dos quatro anos em Ann Arbor — a família, os amigos e os vizinhos de Southfield — os membros da afluente sinagoga Shaarey Zadek, em Southfield. Em 1965 era raro alguém falar com tantos detalhes, com tanto

conhecimento, sobre o Holocausto; boa parte dos judeus, além de boa parte dos não judeus, ainda estava em estado de negação no que dizia respeito à catastrófica campanha nazista pelo genocídio. Era um ralo cultural extenso que poucos ousavam explorar na época. Como professora universitária, eu era nova e inexperiente demais para perceber que aquele instigante aluno de pós-graduação era dominado pela mania — em comparação com meus alunos católicos de graduação, menos exuberantes e menos lidos, Richard resplandecia como uma fogueira.

Apesar de Richard nunca ter se matriculado formalmente em nenhuma disciplina que eu lecionasse, ele frequentava meus cursos maiores, em que às vezes discutia *Os irmãos Karamazov* ou *Os demônios* de Dostoiévski — (naquela época idílica de outrora em que se podia esperar que graduandos lessem romances tão longos); *Além do bem e do mal* e *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche; romances e peças de Sartre, Camus, Beckett e Ionesco; *A morte de Ivan Ilitch* de Tolstói, *A metamorfose* de Kafka. Impaciente com os estudantes mais novos, mais obtusos da sala, Richard nutria o hábito de se expressar, se dirigindo diretamente a mim como num diálogo intenso e íntimo; enquanto os outros alunos escutavam, perplexos e ressentidos, Richard chegava ao auge da eloquência, evocando Goethe, Aristóteles, Heidegger, Nietzsche. Muitas vezes chegou perto de atrapalhar a aula, e eu era obrigada a lhe pedir que falasse mais baixo, e que falasse comigo depois da aula. É eletrizante — perigosamente contagioso — estar diante da mania, se não percebemos muito bem o que é a mania.

De todas as ideias que espumavam em sua cabeça, Richard era mais obcecado por duas: a “hipocrisia asquerosa” dos judeus “pós-Holocausto” na abastada América e a proclamação do profeta Zaratustra de Nietzsche de que “Deus está morto”.

Nos anos subsequentes, “Deus está morto” virou algo tão corriqueiro quanto *O grito* de Edvard Munch — percepções angustiantes da psique do homem moderno que se infiltraram, na cultura popular, na sensibilidade cômico-satírica de um Woody Allen. Pobre Richard Wishnetsky! Pagaria um preço horrível por estar à frente de seu tempo.

Um dia, no final da tarde, voltei ao meu escritório no departamento de inglês e deparei com Richard Wishnetsky sentado à minha mesa, examinando descaradamente os meus papéis. Apesar de todo o simulacro de igualitarismo entre nós nas nossas discussões intelectuais, fui pega de surpresa pela visão

de Richard sentado à minha mesa; a violação da relação entre professor e aluno me era espantosa, ainda que trivial. E algo no olhar de Richard me deixou nervosa.

“Com medo de mim, Joyce? Por que você está com medo de mim?”

A gargalhada de Richard foi estridente, demorada. O suor fazia seu rosto brilhar. Eu lhe disse que não tinha medo dele. Embora naquele momento, sozinha com Richard no escritório, eu tivesse medo.

Eu falava de Richard Wishnetsky para Ray de vez em quando. Mas não contei a Ray que Richard estava sentado à minha mesa. Não mostrei a Ray as diatribes e profecias maldatilografadas ao estilo Zaratustra de Richard.

Ray só viu Richard uma vez. Ele foi ao campus da universidade me buscar e lá estava Richard, que me seguira, querendo conversar. Ray disse, enquanto nos afastávamos de carro, “Eu acho melhor você não dar trela pra ele. Não acho uma boa ideia”.

“Ele não tem mais ninguém com quem conversar.”

“É o que ele diz.”

“Ele é muito comovente...”

“Ele não é seu aluno, é?”

“Não, mas...”

“O que ele quer de você, você não pode dar a ele.”

“Mas...”

“Não pode.”

Não era do feitio de Ray me censurar ou me dizer o que fazer. Não discuti com ele — não é da minha natureza discutir com pessoas próximas, a quem respeito — e se ignorei a intuição dele a respeito de Richard Wishnetsky, não lhe contei. Só muitos anos depois eu perceberia que Ray devia ter reconhecido, naquele rapaz atormentado, um resquício de sua personalidade durante a adolescência — não o exibicionismo intelectual de Richard, não o desdém messiânico pelos outros, mas a solidão absoluta de Richard, as desavenças com os pais e a obsessão com “religião”.

Era verdade, Richard Wishnetsky não era meu aluno. Apareceu e desapareceu da minha vida quando foi ficando mais perturbado, menos capaz de coexistir com as pessoas desprezíveis que o cercavam. Diziam que os pais haviam tentado interná-lo em um hospital psiquiátrico em Ypsilanti, sem sucesso. Talvez tenha sido expulso do campus da Universidade de Detroit por causar desordem na sala de aula. Havia outro professor por quem sentia uma

afinidade combativa, no departamento de alemão.

(Meu conto “In the Region of Ice” foi escrito nessa época. É um híbrido curioso de “realidade” e “imaginação” — claramente estimulado pela intrusão de Richard Wishnetsky na minha vida, mas narrado sob o ponto de vista de uma freira católica, que se envolve com o brilhante e alienado aluno judeu a um ponto que não me envolvi; o rapaz briga com a família, os amigos, os professores, deixa a casa no subúrbio e foge para o Canadá, onde comete suicídio. Se me perguntassem por que escrevi essa história, eu diria, “Porque Richard Wishnetsky está na minha cabeça e essa é a minha tentativa de exorcismo”. Achei que o conto também poderia ser uma história admonitória que eu poderia dar a Richard da próxima vez que o visse.)

Nunca mais vi Richard Wishnetsky.

Na manhã de 12 de fevereiro de 1966 — menos de um ano depois de entrar na minha vida — Richard interrompeu a celebração do sabá na sinagoga Shaarey Zadek em Southfield com o plano de cometer assassinatos seguidos de suicídio. Brandindo a pistola calibre .32 que comprara em Toledo, Ohio, Richard subiu à bimá, de onde o rabino Morris Adler, de cinquenta e nove anos, acabava de falar à congregação de quase oitocentas pessoas, inclusive a família de Richard; como um personagem saído de *Os demônios* de Dostoievski, Richard se dirigiu à congregação num estilo desafiador, com uma declaração preparada que sobreviveria muito a ele, gravada no aparelho da sinagoga:

“Esta congregação é uma paródia e uma abominação. Virou uma patetice por causa de sua hipocrisia a respeito da beleza e do espírito do judaísmo... Com este ato eu levanto um protesto contra essa situação humanamente revoltante e portanto inaceitável.”

Calmamente, Richard disparou dois tiros contra o rabino Adler e depois contra si. Ambos morreram devido aos ferimentos, mas não imediatamente.

Salientariam em diversos artigos sobre a tragédia que Richard Wishnetsky fizera seu bar mitzvah naquela mesma bimá. Salientariam que o rabino Adler tinha sido um modelo espiritual em sua vida e era amigo da família Wishnetsky.

Por quê por quê por quê por quê por quê!

Que perda! Que insensatez! Matar o homem que mais admirava, o rabino Adler, e se matar — em nome de meras ideias.

“In the Region of Ice” fez parte de várias coletâneas, recebeu um prêmio

O. Henry e virou um curta em preto e branco perfeitamente dramático de Peter Werner, que ganhou um Oscar em 1977 na categoria de Melhor Curta-Metragem. Ao reler o conto que escrevi tanto tempo atrás, fico imediatamente hipnotizada pelo diálogo, que recapitula o discurso de Richard de forma tão vívida, embora tenha sido bastante abreviado; de novo sou tomada pela empatia, tristeza, culpa. *Eu podia ter feito mais. Eu podia ter feito — alguma coisa.*

Para me confortar, Ray afirmou que a culpa não era minha. Richard Wishnetsky teria matado o rabino Adler e a si mesmo ainda que nunca me conhecesse — “Ele era muito doente”.

Mas ele havia me conhecido, eu pensei. E não fez diferença nenhuma.

Ralos de pia

A viúva precisa aprender: atenção aos ralos de pia!

O horror do ralo de pia não é o fato de existir. É compreensível, ralos têm que existir. O horror do ralo é que não o vemos, nunca o vemos, só percebemos que tropeçamos em um ralo quando já é tarde demais e somos puxados para baixo, cada vez mais...

No consultório dividido por alguns médicos, na Harrison Street. E um homem grisalho e alto e um pouco corcunda, um dos médicos residentes, me fita e sorri — ele me conhece? — e meu coração fica apertado, pois em geral esse tipo de sorriso antecede palavras que vão doer, palavras que vão machucar, palavras que darão um nó na minha garganta, embora quem diga tais palavras só queira ser gentil, é claro, como esse cavalheiresco homem grisalho na faixa dos sessenta anos que se aproxima, cuja aproximação não pode ser evitada, estendendo a mão, fala macia, melancólico, o mais simpático dos sorrisos, ele se apresenta como um dos médicos de Ray, o nome é familiar num sentido vago, sim eu digo, sim é claro, ele declara, “Fiquei muito triste ao saber da sua perda. Vi a foto de Ray no jornal. Ray era... muito” — ele pausa, procurando a palavra certa, feito um homem revirando o bolso em busca da chave do carro, que botara no lugar errado; um instante antes de se dar conta de que botara a chave no lugar errado, franzindo a testa, insistindo — “excepcionalmente agradável”. Ele faz outra pausa, com um sorriso triste. “Eu gostava muito de Ray — Raymond.”

Não me diga essas coisas, meu coração está partido.

Claro que agradeço ao dr. P___ por suas palavras. Apesar de ferida como se empalada por uma vara de aço afiada, agradeço ao dr. P___, piscando os olhos para conter as lágrimas enquanto recuo cambaleando, não me sinto bem, acho que vou rastejar para fora daqui, acho que vou me esconder no toalete feminino ou, melhor ainda, ir embora, voltar para casa.

Em um banco ao ar livre na estação de trem Princeton Junction — lenços amassados.

Alguém deixou para trás meia dúzia de lenços amassados, úmidos.

Só eu percebo. Pois o que há para perceber? — apenas entulho, lixo normal. Talvez você enrugue o nariz, enojado. Lenços deixados para trás nesse local público!

Sinto alguma coisa dilacerando meu coração, uma lasca de gelo, um caco de vidro, tão de repente fiquei fraca, vacilante. Mas não estou em pânico — sob o efeito de medicamentos não é possível entrar em pânico — imagine um ser vivo — “peru” — “bezerro” — tão limitado a um espaço minúsculo de uma vasta fábrica agrária que não consegue se mexer — ou um daqueles macacos de laboratório cujas cordas vocais foram cortadas para que não possa gritar de dor.

Porém, reparo que estou me afastando do banco. Não ousou olhar de novo para o banco. Vou esperar que eu me esqueça do banco. Acho que evitei um ralo traiçoeiro, contanto que seja capaz de me esquecer do banco.

Essa foi a primeira coisa errada. Os lenços úmidos amassados espalhados.

E eu lembro — acho — que, na noite anterior, quando Ray estava sentado na ponta que lhe cabia no sofá, lendo, ele também assoava o nariz, tinha lenços úmidos amassados espalhados na mesa ao seu lado que, quando se levantou, ele recolheu e jogou no lixo. E essa foi a noite anterior — a noite anterior ao pronto-socorro. Pois ele já estava indisposto. Já tinha começado. Os lenços amassados foram um sinal, que eu ainda não entendia.

Depois de iniciado, não pode ser interrompido. O salto inexorável rumo à morte: o ralo de pia inexorável.

Despersonalização. Dos muitos efeitos colaterais de remédios psicotrópicos, este é sem dúvida o mais benéfico.

No final de uma tarde, o beijo-nas-bochechas ritual.

À margem de uma reunião, posso sair sem que me vejam.

Tarde demais, esse é um ralo em que tropecei — os beijos, os abraços, as vozes exclamatórias animadas — sou lançada numa *escuridão dez vezes*

escura — como Melville diria *a escuridão da alma sem esperança* — me afasto cambaleante vendo outra vez com nitidez alucinatória como se estivesse lá de novo — nunca fui embora — a Unidade de Telemetria, o quarto perante o qual vultos estão parados, estranhamente imóveis — e no quarto está Ray sobre a cama de hospital estranhamente imóvel — *Isso não está acontecendo. Isso não é real, isso não pode estar acontecendo* mesmo ao me curvar em direção a Ray na cama, me curvar para beijar seu rosto, eu falo com ele, me perco no assombro ao falar com ele, meu marido, eu cheguei tarde demais, pois a pele dele é de uma palidez engessada e começa a esfriar.

Começa a esfriar! O que essas palavras significam!

No ralo, o tempo não passa. No ralo é sempre *aquele momento*. Mesmo em meu estado tonto, de zumbi, sou obrigada a saber que, como o bramido do sangue nos meus ouvidos, esse é o momento sempre presente, incessante.

No Pennington Market onde fazíamos as compras — pode ter sido trinta anos? — e onde Ray fez amizade com um dos caixas mais velhos, que conhecíamos pelo nome “Bob” — tinha uns sessenta ou setenta e poucos anos — que havia se aposentado mas quando a esposa morreu ficou tão só que resolveu arrumar um emprego no mercado local para conhecer pessoas, como um antídoto para a solidão. E uma vez, quando fiz compras sozinha, antes da morte de Ray, Bob me viu — sozinha — e com uma expressão aflita me perguntou onde estava Ray e eu disse, alegre — “Ah, Ray está em casa. Hoje estou fazendo as compras sozinha”.

Depois que Ray morreu, o que já me parece ter acontecido há muito tempo, mas também parece ter acontecido anteontem, quando vou fazer compras no Pennington Market, uma tarefa que adio o máximo, num ato semiconsciente eu evito Bob — uma súbita sensação de pânico me alerta para a presença de Bob (inocente, inócua) na fileira de caixas, que meu olho enxerga antes que meu cérebro chegue a se dar conta do vislumbre; assim como no âmagô do nosso cérebro reagimos à aproximação do perigo, a uma ameaça ao nosso bem-estar, confundindo um graveto retorcido com uma cobra venenosa; cheguei a empurrar o carrinho de compras para outro caixa, para pegar meu lugar atrás de outros clientes, quando Bob estava livre. Claro que evito olhar para Bob — tenho pavor de que Bob me veja. (Minha

suposição é: Bob já me viu fazendo compras — sozinha — algumas vezes; Bob já sabe que “alguma coisa aconteceu com Ray” — Ray morreu. Portanto, não tenho a audácia de permitir que meu olhar cruze com o de Bob nesse lugar público.) Porém esta tarde, sabe-se lá por quê, distraída com outras coisas, a tela de gaze menos permeável que de hábito no meu cérebro confuso, ou por mera inépcia, descuido, burrice — o basilisco é ligeiro no comentário *Você é tão burra, imprestável — você esqueceu a lista de compras — você deve ter perdido a chave do carro — de novo* — pareço ter cometido o erro de entrar na fila do caixa de Bob; só há um cliente à minha frente e Bob já me viu, não posso me afastar com o carrinho de repente, e sem dúvida não posso ir para outra fila; e portanto eu sou — de súbito, sem me preparar — forçada a encarar o olhar inquiridor de Bob, e o sorriso amistoso de Bob — (pois Bob é uma pessoa tão doce, tão gentil e cortês que ninguém imaginaria a dor no coração do viúvo), e quando Bob me pergunta a respeito de Ray — “Cadê o Ray? Faz um tempo que não o vejo” — fico perplexa por Bob não saber, não tenho alternativa além de gaguejar, “Receio que... Ray morreu. Ray — mês passado — Ray morreu...”.

Está errado: Ray não morreu no mês passado. Já estamos no fim de abril, Ray morreu há mais de dois meses.

É como se eu tivesse dado um tapa na cara de Bob. A expressão dele demonstra choque, incredulidade. Seu olhar se agarra ao meu, com medo. “Ray morreu?”

Há quase dois meses evito esse confronto. Já o previa e agora sou dominada pela tristeza apesar do comprimido de 60 mg de Cymbalta que tomei de manhã. Minhas mãos apertam a barra do carrinho de compras com tanta força que os nós dos dedos embranquecem.

Não há escapatória. Bob continua a me fitar, pesaroso. Esse homem amável não conhecia Ray de verdade — não devem ter se falado mais do que dez vezes, e sempre de forma breve — no entanto Bob fica tão chocado com a notícia quanto um velho amigo ficaria.

“Mas... o que foi que aconteceu? Quando...?”

Essas são as palavras prontas já pronunciadas muitas vezes a essa altura. *Pneumonia, Princeton Medical Center, melhorando, teria alta em breve — infecção, morreu.*

Infecção, morreu.

“Eu estava me perguntando por que — não via Ray — há algum

tempo...” Sem perceber os clientes que esperam atrás de mim, Bob continua a me fitar. Minha boca começou a fazer aquele horrível movimento de contorção, que indica perigo. Gaguejando, digo a Bob que não posso conversar agora, tenho que ir embora — “Desculpa — não posso fa-falar”.

Percebendo meu sofrimento, Bob se desculpa. Bob passa minhas compras na máquina registradora, a testa franzida. Me parece esquisito continuar o procedimento — passar o cartão de crédito, assinar — quando nós dois estamos tão abalados. Eu soube — por Ray — que quando a esposa de muitos anos de Bob faleceu — de câncer? — algum tempo atrás, Bob ficou numa solidão desesperadora, e em depressão, e adoeceu por um tempo; sei que Bob mora sozinho na região de Pennington e que seus filhos estão crescidos e espalhados.

Trata-se de um ralo que preciso evitar. Um ralo exaustivo e desconcertante. Ao empurrar o carrinho de compras até o estacionamento, sou observada de perto pela criatura feiosa semelhante a um lagarto, que me ridiculariza enquanto descarrego o carrinho de um jeito desastrado, ponho as sacolas de compras no porta-malas do carro *Você acha que dá para continuar assim? Sua vontade de viver é tão grande que você quer continuar assim?*

Enchendo o porta-malas com as compras, esvaziando o porta-malas em casa — que estranho, que bizarro, que esquisito é fazer isso sozinha, sem meu marido.

Você não tem orgulho, não tem vergonha — de continuar a viver assim?

(O que começou a me amedrontar: de vez em quando o basilisco consegue penetrar meu torpor induzido pelo Cymbalta, de modo imprevisível. É óbvio que se alguém está suficientemente drogado — quase em coma — “automedicado” — basilisco nenhum tem o poder de penetrar a consciência; mas tenho medo desse nível de sedação, sabendo como ela deve ser aumentada. É uma revelação cruel a pouca importância que tem para o basilisco a personalidade pública de alguém; definitivamente, o basilisco *não se impressiona* com nenhum tipo de realização literária, conquistas profissionais, cátedra numa universidade da Ivy League; fico especialmente vulnerável ao ser apresentada num local público, diante de uma plateia, quando o escárnio do basilisco é impiedoso e me distrai terrivelmente. Com uma percepção excepcional a criatura que parece um lagarto reconhece que é

mais desprezível uma pessoa de “prestígio” estar sozinha, sem amor, abandonada, do que para os outros, que talvez imaginem que adquirir “prestígio” os tornaria menos infelizes e portanto menos vulneráveis ao basilisco.)

Detroit inteira seria um *ralo de pia*, por exemplo. A casa na Woodstock Drive que nós adorávamos, e a casa maior para onde nos mudamos anos depois, a um quilômetro e meio da antiga e mais próxima do campus da Universidade de Detroit, na Sherbourne Road — que adorávamos menos, e na qual, em retrospecto, fomos menos felizes; pois foi nela que nos escondemos naquelas horas insanas de “motim”, ouvindo tiros na Livernois Avenue e sentindo o cheiro de fumaça e esperando que fôssemos poupados.

E a casa em Windsor, no número 6000 da Riverside Drive East.

Ao destrancar a porta do meu escritório na faculdade, às vezes eu vejo — por um breve instante — uma figura fantasmagórica à minha mesa, revirando meus papéis. Claro que não é Ray — Ray nunca se sentou à mesa do meu escritório, ele passou pouco tempo no meu escritório na faculdade ao longo de trinta anos — e sim Richard Wishnetsky, que está morto — através da própria mão desesperada, morto — há mais de quarenta e cinco anos.

O ralo de pia *interno*.

A uma amiga em Evanston, Illinois, 29 de abril de 2008.

(...) dificuldade de viver sozinha, Leigh. Minha vida mudou completamente. Tudo é mais demorado de fazer e não consigo me concentrar... Minha cabeça nunca para de zumbir/disparar num frenesi/com pensamentos inúteis. Só com remédio eu consigo desligá-la por umas quatro ou cinco horas por noite... Estou tomando um antidepressivo que pode fazer algum efeito... Me sinto profundamente mudada, como alguém que tivesse sido estripado/esvaziado... mas quando os amigos me veem, dizem que eu pareço e me comporto como sempre! Não acho que estão só tentando ser educados, o que torna tudo mais estranho ainda. O que me preocupa é continuar a viver desse jeito... é um esforço enorme e a utilidade é questionável. Todo mundo diz que “o tempo cura tudo”, mas quando temos certa idade e estamos

sozinhas, é improvável que nossa situação melhore. Os amigos continuam sendo maravilhosos...

*Com muito carinho,
Joyce*

A verdade brusca é: eu (muito provavelmente) não estaria viva se não fosse pelos meus amigos.

A um amigo-poeta em Boston, cuja mãe está agonizando em um asilo na Virgínia, 30 de abril de 2008.

Estou contigo em pensamento, Henri... Claro que vamos aguentar e seremos felizes de novo — algum dia — nem que seja de surpresa — talvez em julho.

Com muito afeto,

Joyce

(A mãe do meu amigo-poeta vive à base de algo chamado *dieta branda*. Tenho de dizer a mim mesma que Ray foi poupado disso, Ray não sofreu uma morte lenta em um asilo e sim morreu, Ray morreu de repente e ao que parece sem dor e talvez até sem ter consciência da morte iminente. Não estou à cabeceira da cama de Ray em um asilo, dando colheres de *dieta branda* na boca de Ray.)

Uma forma de escapar — evitar — o *ralo de pia da alma* — é mergulhar no trabalho. Pois o trabalho é, se não a sanidade constante, um antídoto à insanidade.

Você não pode trabalhar de verdade se estiver louca; se estiver louca, você não pode trabalhar de verdade. É auspicioso!

De fato, não sou mais capaz de escrever ficção, a não ser as duras penas. Como uma mulher embriagada cambaleando, batendo nas paredes, aturdida... Passei semanas trabalhando num único conto, enfim terminado na semana passada. Das muitas ideias e contos que tomam meu cérebro de assalto quando o torpor do Cymbalta passa, não tem nenhum que eu me sinta capaz

de executar; estou exausta demais, minha capacidade de concentração está baixa demais... A possibilidade de planejar um novo romance é tanta quanto a de eu atravessar a pé o Saara ou a Antártida. Meu meio principal de comunicação nessas primeiras semanas de vida póstuma é o e-mail.

Vou tirar da gaveta um romance que terminei antes da morte de Ray. Para me salvar, assim como uma pessoa que afunda se agarraria a uma corda, um cabo de resgate, para se suspender — para *subir*, *subir* — vou reescrever o romance inteiro: cada sílaba. Vou mudar o título. Vou mudar o tom, a “voz”. Nesse romance vou sofrer pelo meu falecido marido, assim como acreditei sofrer pelo meu falecido pai ao escrever a versão original do romance. Dessa forma, tentarei derrotar o basilisco que zomba de mim — vou “perdurar”.

Voltando para casa depois de escurecer e já ao me aproximar percebo que a rua virou uma espécie de túnel, margeada por veículos estacionados em ambos os lados — haverá uma festa na vizinhança? — por que isso me parece tão fatídico, ameaçador? Meu coração acelera quando sou obrigada a dirigir — devagar — no espaço estreito entre os carros parados — utilitários e minivans, quase todos de cores escuras, feito automóveis militares; tenho medo de arranhar a lateral de um deles; tenho a sensação de que levo muito tempo — minutos — para atravessar o túnel — começo a suar por baixo das roupas — e, finalmente, ali está nossa casa: sem luzes acesas, um lugar desolado, abandonado. *Eu sozinha estou sozinha, nesta rua. Sou a pessoa solitária que está sozinha.* Como não deixei nenhuma luz externa acesa nem qualquer luz dentro de casa para iluminar o caminho até o pátio, tenho de ir tateando para chegar lá. *A única pessoa que tem de tatear para entrar na própria casa. Não existe pessoa mais ridícula!* Não é nem o basilisco que zomba de mim, sou eu mesma.

Semanas atrás eu poderia voltar para casa a essa hora e haveria coisas deixadas para mim no pátio — uma caçarola ainda quente, saída do forno de um amigo, um saco cheio de sucos. Agora abril vai chegando ao fim e só me esperam entregas da UPS e da FedEx. O corniso viceja, uma árvore fantasma nas trevas. À luz do dia, não suporto olhá-la.

Em breve, o corniso coreano diante da casa, em frente ao meu escritório, começará a florescer. Essa árvore também era uma das preferidas de Ray.

Nunca é fácil voltar para uma casa vazia. Sempre que entro espero — meio que espero — ver o dano causado durante a minha ausência. Almofadas jogadas no chão, cadeiras derrubadas, abajures quebrados... Minha amiga Lois me disse *Me preocupo contigo, Joyce. Sozinha naquela casa. Ela é tão... acessível.*

Em Detroit, no nosso primeiro ano na casa de Woodstock Drive, chegamos em casa de noite e descobrimos que ela havia sido *arrombada*.

Imprudentes e ingênuos, entramos em casa. Nenhum de nós se deu conta de que algo estava errado. Ao ver as duas cadeiras da cozinha fora do lugar, as gavetas da cozinha abertas — a porta corrediça que dava para o pátio entreaberta — contemplamos em silêncio como se deparássemos com um enigma gigantesco demais para caber em nosso cérebro.

Em seguida, corremos para o segundo andar. No nosso quarto, fitando as gavetas da cômoda atiradas no chão, roupas e travesseiros jogados — *Alguém esteve aqui? O que é isso?* É estranho como fomos lentos para compreender a situação em que estávamos, como literalmente pensamos devagar, como se em câmera lenta, ou debaixo da água — dizem que essa reação é normal quando ocorre um arrombamento, a violação é tão íntima que de certo modo não é entendida de imediato.

E no meu escritório, um cômodo pequeno nos fundos da casa, onde os móveis eram poucos — uma mesa de jogos que eu usava para escrever, uma cadeira, duas ou três estantes pequenas de livros — passei bastante tempo olhando antes de reparar que minha máquina de escrever havia sumido...

Minha máquina de escrever! Naquela época anterior às máquinas de escrever elétricas. Eu tinha uma máquina manual, à qual eu era apegada como se pode dizer que um escravo algemado é “apegado” às algemas que com o tempo se moldam aos contornos de seus membros. Pode-se dizer, com razão — *Joyce ama a máquina de escrever dela! Joyce é totalmente dependente daquela máquina de escrever.*

Apesar de sempre ter escrito à mão, sempre datilografei meu trabalho na forma de rascunho finalizado. Agora ladrões tinham levado minha máquina embora, sabe-se lá com que propósito — não era nova, não era nem de longe um modelo caro, certamente não poderiam vendê-la? Penhorá-la?

Ray ligou para a polícia. Ray falou com os policiais quando eles chegaram. A essa altura já era tarde — passava das 23h. Os policiais averiguaram a casa, nos perguntando o que tinha desaparecido, e apenas

vagamente, hesitando, conseguimos lhes dizer — como se tivéssemos sofrido uma agressão pessoal, não conseguíamos pensar no que estava faltando, além da minha máquina de escrever e de umas facas e colheres banhadas em prata que foram presentes de casamento; tínhamos dinheiro escondido em algum lugar, os policiais indagaram, e dissemos que não, não tínhamos; tínhamos armas de fogo, os policiais indagaram, e dissemos que não, não tínhamos; tínhamos seguro, acionaríamos o seguro, e dissemos que sim, achávamos que sim.

Os policiais dirigiram a maioria dos comentários a Ray. Pareciam tomar notas por mera formalidade. Ficou claro que, na Murder City, EUA, invasões de domicílio como o nosso não tinham grande relevância segundo a percepção da polícia. A busca pela casa foi rápida e mínima. Antes de ir embora, avisaram Ray do perigo que corremos ao subirmos para o segundo andar depois de suspeitarmos do arrombamento da casa — “Se eles estivessem lá em cima e não tivessem como sair, o senhor e sua esposa poderiam sair feridos, sr. Smith”. O sr. *Smith* foi pronunciado num tom quase mal-educado.

Era uma conversa de homem para homem. *Sua esposa* ficava de lado. Quando partiram, Ray ficou muito quieto. E nos dias seguintes, muito quieto acerca do arrombamento.

Aos poucos eu perceberia *Ele se sentiu ofendido por eles. Falaram com ele de forma desrespeitosa. Um homem que agiu de modo arriscado, burro — não protegeu a esposa.*

A casa de vidro. Que sabedoria, não? Sem cortinas, venezianas — só um andar — “acessível”.

Numa casa de vidro, de dia ou de noite, há reflexos inesperados — vultos fantasmagóricos — sombras que se mexem no canto dos olhos. Cervos são refletidos no vidro, e seus reflexos se refletem em outro vidro, ou — é uma figura humana? — *É Ray?* — pois claro que frequentemente, ao longo dos anos, era Ray; e o coração é inundado por...

Algo equivalente a adrenalina que se chama *esperança*.

Esperança apesar do *senso comum*.

Estar insano é — trata-se de uma definição parcial, improvisada — acreditar que algo é o que desejamos acreditar que é, apesar de sabermos que

não é. Não estar insano é reconhecer que seus desejos mais profundos e intensos não têm nada a ver com o que é.

Concluo que não estou insana. Ainda não.

Talvez seja perigoso viver aqui sozinha. Mas os perigos provavelmente não são arrombamentos, assassinos em série.

Penso nos trabalhadores anônimos da *Metropolis* de Fritz Lang marchando que nem zumbis em direção ao subterrâneo que habitam.

Penso em um museu que Ray e eu visitamos — é possível que tenha sido o Louvre — um ralo de exaustão — embora contenha coisas “belas” — coisas “raras” — na ala de antiguidades — caminhando juntos em silêncio pois havíamos sido silenciados pelas imagens de reis falecidos há muito tempo — seus rostos reduzidos a umas poucas feições primitivas — algumas das imagens esculpidas não tinham braço, perna — cabeça — Egito Antigo, não era? — figuras humanoides de uma espécie extinta porém condenada a “existir” — no museu; naquela luz cinzenta e difusa todo o sentido dessas imagens cegas, ocas, fora esvaziado — todo o sentido de estarmos ali fora esvaziado — testemunhando qual pretensão absurda de identidade humana, valor? autoridade?

Ray segurou minha mão — “Vamos embora daqui!”.

Vivendo sozinha é muito fácil se tornar descarnada.

Penso *Eu tenho que parar de tomar esses comprimidos. Estou sendo envenenada.*

(Em Nova Jersey, dizem que o ar é poluído mesmo naquelas partes do estado, como Princeton, em que se afirma que o ar não é poluído.)

(De qualquer modo, às vezes dá para sentir o cheiro/gosto das toxinas — por exemplo uma leve descoloração no ar, semelhante ao tom de urina de gato seca em um atestado de óbito emitido pelo estado de Nova Jersey.)

Assim como o pai dele — o pai de quem se afastara emocionalmente — uma vez Ray foi visto chorando. No escritório dele, sentado à escrivaninha, e entrei no cômodo totalmente pasma e preocupada — perguntando qual era o problema, qual era o problema, ah qual era o problema — pois era um comportamento tão atípico do meu marido, segundo o que eu sabia sobre ele; e Ray se virou dizendo que não era nada, estava pensando no pai, só isso — nada.

Àquela altura, fazia um ou dois anos que o pai dele tinha falecido.

Ray não falava da família com frequência, ou facilidade. Mas havia me contado que pegara o pai chorando mais de uma vez. Uma vez, quando Ray era bem novinho, ele viu o pai curvado, a cabeça apoiada nos braços. Ficara muito assustado. É assustador ver o pai chorando. Assustador ver o pai aparentemente tão indefeso, derrotado. E outra vez quando Ray estava com dezoito anos e tinha parado de ir à missa aos domingos, o pai chorou, o pai pareceu genuinamente aborrecido, angustiado — *Se você perder a fé eu serei o culpado. Se você for para o inferno. A culpa vai ser minha se você for para o inferno. Eu serei o culpado.*

Um homem adulto, chorando! Com medo do inferno! Ao me contar essas coisas, Ray riu. Seus lábios se contorceram num sorriso amargo.

Mas o seu pai realmente pensava assim?, eu indaguei. Que estranho era para mim, cujos pais jamais foram devotos e nem levavam o catolicismo a sério; cuja família não falava de Deus, Jesus Cristo, Maria, o Diabo, ou do céu ou inferno, assim como não discutia matemática avançada. De certa forma, minha impressão é de que em Millersport, Nova York — uma comunidade rural de uma dúzia de casas no meio de uma estrada —, questões tão “profundas” seriam vistas como uma grande tolice.

Ray disse que sim. O pai realmente pensava assim.

Perguntei como alguém era capaz de acreditar tanto...

Irritado, Ray disse que o pai acreditava. O pai era um católico romano devoto e “acreditava” — no que os católicos acreditam.

Mas...

Deixa esse assunto pra lá, disse Ray. Por favor.

Em um casamento, como em toda relação íntima, existem *ralos de pia*.

Ou talvez *campos minados*.

Não tropeçamos neles. Não cometemos esse erro.

Não cometemos esse erro mais de uma vez.

Para Ray, havia um ralo de pia: a família dele.

O ralo era imenso, cobria vários hectares: a família, a Igreja, o inferno.

Esse ralo quase o tragou, fazendo-o afundar. Antes que eu o conhecesse, declarou Ray.

Ou foi o que entendi, no papel de jovem esposa.

Minha impressão era de que Ray tinha conseguido se salvar do ralo a um custo considerável — do ponto de vista emocional, psicológico. Não podia lhe perguntar, assim como não podia lhe perguntar sobre o pai. Uma dessas balas que se alojam perto demais da coluna, ou do cérebro, para ser retirada através de cirurgia.

Enquanto escrevo isso, tenho a sensação de que estou traindo Ray. Entretanto, se não escrever, não serei totalmente sincera.

Não há sentido em um livro de memórias se ele não for sincero. Assim como não há sentido em uma declaração de amor se ela não for sincera.

Durante anos vivemos sem referências ao passado de Ray, pois o passado de Ray ficava cada vez mais distante no tempo. Mas no começo do casamento, esse passado era próximo, na verdade esse passado se intrometia no presente, porque os pais de Ray eram vivos na época. (A mãe de Ray viveria até os noventa e tantos — quando faleceu, já fazia quarenta anos que era viúva.)

Como uma jovem esposa reage à família do marido? Se o marido se dá bem com ela, se a relação é tranquila, não há problema. Se não se dá, provavelmente haverá problema.

Não me sinto confortável em criticar os outros. Embora não seja o que se chamaria de pessoa crédula, não quero ser, nem quero parecer, zombeteira, cética, desdenhosa com a crença dos outros.

Principalmente crenças religiosas defendidas fervorosamente.

E portanto, na questão da família de Ray, eu me abstinha de qualquer opinião. Não insisti na questão do espanto diante do fato de que o pai de Ray realmente acreditava que seria responsabilizado — perante Deus? — se o filho deixasse a Igreja Católica.

Como disse Ray *Deixa pra lá*.

Em outra ocasião, quando tínhamos acabado de nos conhecer e nos encontrávamos todas as noites em Madison, Wisconsin, naquela franca empolgação por estarmos naquele estado que éramos acanhados demais para designar como *recém-apaixonados* — Ray falou, hesitando, da irmã que fora “institucionalizada”.

Era uma coincidência! Pois minha irmã Lynn, oito anos mais nova que eu, também fora institucionalizada.

Com um autismo severo, Lynn não pôde ficar em casa depois de completar onze anos. Havia se tornado violenta, ameaçando minha mãe. Foi

um período doloroso na vida dos meus pais, depois que saí de casa para fazer faculdade; implicitamente, abandonei minha família, e talvez Lynn tivesse sido concebida para me substituir.

Ou talvez minha irmã caçula tivesse sido um acidente. Concebida por acidente quando minha mãe tinha quarenta e poucos anos.

Mas a irmã de Ray não era autista. A irmã de Ray, Carol, segundo ele lembrava, não tinha nenhuma deficiência mental, mas era — “excitável” — “difícil” — “desobediente”.

Dos quatro filhos da família de Ray, Carol era a rebelde. Carol resistia a cumprir as ordens dos pais, e Carol “exagerava na reação” ao clima religioso da casa.

O que isso quer dizer?, perguntei.

Ela não foi uma boa menina — uma boa menina católica. Não foi devota. Era escandalosa, briguenta.

E o que... o que aconteceu com ela?, indaguei.

Ela foi institucionalizada. Quando tinha uns onze anos. Que nem a sua irmã. Mas por motivos diferentes.

Mais que isso, Ray não falava. O assunto era angustiante para ele e eu não queria forçá-lo.

Eu conheceria o irmão mais novo de Ray, Bob, um indivíduo ótimo, embora reticente, que passaria a vida inteira trabalhando em uma agência do serviço postal em Milwaukee — tão diferente de Ray intelectualmente, emocionalmente, e em todos os outros aspectos que ninguém adivinharia que eram irmãos. E conheceria a irmã mais velha de Ray, Mary, que se casou e foi morar longe de Milwaukee e da enorme força gravitacional da família católica, anos atrás. Ray admirava Mary por ter feito uma “vida normal” para si.

“Ela escapou. Carol não conseguiu.”

Deve ter sido quando já estávamos morando em Princeton, que Carol morreu de repente, no hospital, ou “asilo”, em que morava, na região de Milwaukee. Ray falou por telefone com o irmão e a irmã, mas não foi ao funeral, se houve funeral; não quis falar sobre a irmã que perdera.

Devo explicar — *perder* não é a palavra usada por Ray. *Perder* é uma palavra minha.

Quando Ray morreu, em meio à confusão daquelas horas terríveis — dias —, eu não conseguia achar o endereço de Mary no caderninho de Ray.

Fui instruída por um oficial do tribunal de sucessões a escrever para todos os parentes próximos do meu falecido marido, a fim de informá-los da morte para que vissem o testamento dele, se desejassem vê-lo; se tivessem qualquer alegação a fazer contra o testamento, teriam de fazer naquele momento. Era meu dever enviar uma carta registrada à irmã que sobrevivera a Ray, mas eu não conseguia achar o endereço dela, e no desespero revirei os papéis, documentos, gavetas da escrivaninha e arquivos de Ray; quando um jornalista do *New York Times* me ligou, para falar de outro assunto totalmente diferente, eu aproveitei a oportunidade para angariar ajuda na busca pela esquiwa “Mary Samolis” — moradora de alguma cidade de Massachusetts, achava eu — a não ser que fosse Connecticut. Por fim, através de outra fonte, consegui o endereço e escrevi para a minha cunhada, com bastante atraso.

Que choque ela levou, ao saber que o irmão mais novo, Ray, tinha falecido, e tão de repente! (O irmão caçula, Bob, tinha morrido alguns anos antes.)

Porém, outro dia, no pátio, ao examinar o muito manuseado caderninho de endereços de Ray, descobri o nome de sua irmã e o endereço — estivera ali o tempo todo.

Tornou-se comum eu descobrir coisas que não tinha conseguido encontrar. Certa de que olhei, e olhei, e olhei — no entanto, por alguma razão deixei passar o que estava procurando.

Tudo isso é novidade para mim. Essa — perplexidade.

A começar pelo bilhete grosseiro sob o limpador de para-brisa do nosso carro — APRENDE A ESTACIONAR SUA PULTA BURRA. Esse foi o primeiro — o primeiro indício de que não estou pensando com clareza, e não estou me comportando... normalmente. O primeiro indício dado pelo mundo — o mundo que não dá a mínima para mim ou para Ray — de que entrei em uma nova fase da minha vida, da qual não retornarei.

Lenços amassados, molhados. Mas esses são meus, espalhados no tapete ao lado da cama.

O jardim

Sem dúvida o jardim de Ray é um *ralo de pia*. Sem dúvida será um grande erro adentrá-lo.

Porém eu destravo o portão, eu entro. Uma onda de emoção me domina, acho que vou desmaiar. Da última vez que estivemos juntos nesse jardim, no outono — como o jardim era totalmente diferente, e as nossas vidas...

Ali estão as frágeis cadeiras de descanso que levamos para o jardim para almoçarmos sentados ao sol. Ray ficou comovido quando fiz essa sugestão — o jardim sempre foi *o lugar dele* — ele ficou feliz quando saí para me juntar a ele.

E os gatos também — ao ver que estava no jardim com Ray, e que conversávamos, Reynard e Cherie às vezes iam ao jardim como se não percebessem a presença um do outro.

Quero pensar que Ray ficava muito feliz nesses momentos. Que não pensava na revista, ou na editora; não pensava em questões financeiras, impostos ou na “manutenção” da casa e do terreno, uma ocupação em tempo integral.

Se o espírito de Ray está em algum lugar — é nesse jardim.

Dói ver como o jardim foi devastado pelo inverno. Os resquícios das tempestades caíram das árvores das redondezas. Tento lembrar onde ficavam as calêndulas de Ray, e as zínias — está tudo destruído, as cores desbotadas. Só o que resta das abóboras são as cascas quebradas e apodrecidas. Tomateiros secos em estacas inclinadas, como nervos erodidos. Um emaranhado dos pepineiros do ano passado se entrelaça ao arame da cerca.

Em meio às ruínas do jardim há alguns brotos verdes que não parecem ervas daninhas! São o que Ray chamava — (será que foi ele quem inventou o termo?) — de “voluntárias”.

Flores que se semearam novamente e sobreviveram ao inverno. Quando tudo mais morreu.

Ainda não consigo identificar os brotos verdes. Com o tempo,

florescerão como mauritânias.

Ipomeias renascem todos os anos, é claro. Ipomeias brancas e azul-claras que eu mesma plantei anos atrás. Pois não fui sempre uma estranha ao jardim, eu também amava o jardim de Ray.

Era nesta época do ano que Ray arava o jardim. A terra dura cultivada como preparativo para semear as plantas. Ele começava com alface, rúcula, manjerição. *Você não quer vir comigo ao Kale's* Ray perguntava num tom esperançoso e no meu escritório, sentada à escrivaninha, eu murmurava *Não, obrigada, estou ocupada com...*

Agora, tarde demais. Minha insípida *ocupação* se expandiu, feito um gás malévolos, e dominou a minha vida inteira.

Agora, em maio de 2008, minha escolha é: deixar que o jardim de Ray retroceda às ervas daninhas ou, o que me parece igualmente indesejável, plantar outro jardim no lugar.

Quando um jardineiro entusiástico morre, a família tem de fazer essa escolha. Você verá jardins que cresceram sem cuidados, pois ninguém está à altura do desafio de mantê-los.

Quando nos mudamos para esta casa, o jardim era inculto mas margeado por uma cerca de três metros que Ray reforçou. A cerca não parecia muito forte, mas impedia a entrada de cervos. Penso *Eu realmente não dou conta disso. Não dou conta de criar um jardim. Não sei como e não tenho força para isso. Não tenho tempo. Esse vai ser mais um erro póstumo do qual vou me arrepender.*

Outra opção é pagar alguém para fazer um jardim. Mas que tristeza seria. Que atitude desesperada.

Uma vez, brinquei com Ray trazendo para casa uma abóbora num formato lindo, para botar no meio das aboboreiras nos fundos do jardim. Uma espécie de maré assustadora de abobrinhas havia devastado grande parte das aboboreiras que tinham florescido e começado a dar frutos quando de repente passaram a murchar. E para lhe pregar uma peça eu pus uma moranga perfeita no meio delas.

Olha! Ray disse, levando a moranga para a cozinha.

Eu ri — Ray viu meu rosto e percebeu — “Não tem graça”, ele declarou, franzindo o cenho.

Na verdade meu marido ficou magoado. Mas foi capaz de rir junto.

Nada de pregar outras peças! É uma lembrança agri-doce.

Sinto que de fato não tenho opção. Não posso deixar o jardim de Ray crescer sem cuidados — a ironia é dolorosa demais. E nossos amigos com certeza perceberão.

Na verdade, alguns amigos se ofereceram para vir aqui com o intuito de “ajudar você com o jardim de Ray” — pois o jardim sempre será de Ray, cultivado ou não.

Portanto, aqui estou eu, a caminho do Kale’s. É uma repentina — impetuosa — decisão, de que espero não me arrepender. Em Millersport, na nossa fazendinha com pomar, eu ajudava minha mãe com a horta e o milho e um canteiro de morangos, assim como ajudava a alimentar as galinhas e a recolher ovos e a manter as gaiolas, que tinham um cheiro terrível, relativamente limpas, mas não sou uma jardineira de verdade, me falta algum gene essencial, como o gene para a matemática, ou uma bela voz de soprano.

No Kale’s, vou querer somente plantas perenes — enquanto Ray só plantava anuais. Vou pedir perenes que sejam tão resistentes quanto ervas daninhas, flores que vicejam boa parte do verão — “Qualquer coisa que exija o mínimo de trabalho e cuja sobrevivência seja garantida”.

Desse modo, sem perceber, e contra a natureza de seu temperamento, a viúva tomou uma ótima decisão. A viúva tomou uma excelente decisão. Em vez de vagar pela casa feito um fantasma, afundando cada vez mais, a viúva assumirá o jardim abandonado do marido e replantar o jardim do marido de um jeito novo — perenes resistentes e anuais imperecíveis, flores e não hortaliças, sinuosos sábios russos, que crescem rápido, fileiras de amarelinhas e margaridas, malvas, hostas, sálvia, lírios-de-um-dia, peônias. Ingenuamente, a viúva previa uma ou duas visitas à chácara, mas na realidade retornará várias vezes ao longo do verão. Quando perguntam se ela tem uma conta na chácara, o que lhe dá 10% de desconto nas compras, a viúva diz que sim, o marido dela tem conta — “Raymond Smith, 9 Honey Brook Drive”.

A peregrinação

Agora começo a me dar conta — este livro de memórias é uma peregrinação.

Todas as memórias são jornadas, investigações. Algumas memórias são peregrinações.

Você parte de x e terminará em z. Você *terminará* — de algum modo.

No princípio, nos confusos dias/noites de pesadelo que se seguiram à morte de Ray, o terreno (conhecido) pelo qual caminhava se tornou aterrorizante — desconhecido. A própria casa em que morava, que era “nossa” casa — foi aterrorizante porque, embora completamente conhecida, ela era — ainda é, às vezes — “desconhecida”.

O que lhe foi drenado, como uma cor desbotada pelo sol, foi o sentido.

Ser humano é viver *com sentido*. Viver *sem sentido* é viver de forma subumana. Como acontece a quem sofreu danos na parte do cérebro responsável por linguagem, emoções e memória.

Nos primeiros dias, semanas, meses de vida nova, póstuma, a viúva precisa viver *sem sentido* — como se em uma comédia negra ontológica em que outros parecem recitar falas de roteiros prontos, atores ligados uns aos outros por meio do esquema de um enredo invisível mas complexo, enquanto ela, a viúva, a pessoa que sofreu a perda irrevogável, como a de um membro do corpo, um olho, ou a capacidade de raciocinar, tem de tropeçar de cena em cena, sem entender a ligação vital, o significado: por quê?

Por quê? — a pergunta feita apenas pelos profundamente infelizes, os marginais, os que não têm direitos, os amargurados, doentes, aflitos, o depósito de óleo dotado de alma nas margens da comédia social muito bem-iluminada.

Por quê? — a pergunta que, se você a fizer, como se voltasse uma lanterna para o próprio rosto contorcido, expõe o indagador como deficiente, ferido.

Por quê? — a pergunta que não tem resposta.

Por que você se apaixonou por quem você se apaixonou?

Por que você não se apaixonou pelos vários outros por quem você não se apaixonou?

Por que ele/ela retribuiu o seu amor? — é possível que ele/ela não conhecesse você como você se conhece?

Por que ele/ela não conhecia você? — é possível que você tenha escondido sua verdadeira personalidade dele/dela? E por quê?

E por que você imagina — sem dúvida, sempre imaginamos — que você conhece a pessoa por quem se apaixonou?

É dessa possibilidade que a viúva tem medo.

É nessa possibilidade que a viúva não quer pensar.

Perder o marido já é bastante devastador — imagine então a dor de perceber que talvez ela não o conhecesse da forma mais profunda e essencial.

No jardim de Ray, esses pensamentos me passam pela cabeça. Não são pensamentos que me ocorreriam em outro lugar, eu acho — somente no jardim de Ray.

Pois contratei um homem para cultivar a terra, como Ray fazia todos os anos nessa época. Comecei a capinar, escavar, remexer com o ancinho — estou usando as velhas luvas de jardinagem de Ray; estou usando as ferramentas de jardinagem de Ray, e usarei a mangueira de Ray se conseguir encaixá-la direito na torneira dos fundos da casa.

Ray iria gostar, eu acho — de saber que estou aqui. Ray pensaria *Eu fui tão feliz aqui! Queria estar com você agora, aí.*

No canto do jardim há uma gaiola vitoriana colorida presa a uma estaca, arruinada pelo inverno e a ponto de cair. Ray teria melhorado a fixação da estaca na terra, mas eu não tenho força suficiente. Vou escorar a gaiola na cerca e esperar que se mantenha de pé.

Em uma pilha desarrumada nos fundos do jardim ficam as varas que Ray usava para sustentar os tomateiros. A cerca está coberta de videiras, ipomeias, os resquícios secos dos pepineiros do ano passado. Galhos de árvores quebrados caíram sobre o telheiro que fica do outro lado da cerca e parecem ter amassado as telhas. É tão esquisito pensar que estou no jardim de Ray — e que Ray não está aqui; como se alguém estivesse no meu escritório, sentado à minha escrivaninha, revirando meus papéis — mas eu não estivesse lá.

A ausência já é terrível. A extinção é inimaginável.

Portanto opto por pensar *O espírito de Ray está aqui.*

Opto por pensar *Se o espírito de Ray está em algum lugar, em qualquer lugar que seja — ele está aqui.*

Na chácara eu comprei inúmeras plantas — um excesso, ao que parece. Minha cabeça começa a doer diante da perspectiva de ter de cavar buracos para todas as plantas, tirar as mudas dos recipientes e colocá-las na terra e pôr um pouco de terra em volta delas. E regá-las. Ray instruiria *Faça quantas você quiser hoje. O resto vai continuar bom. Só não se esqueça de regá-las.*

Foi um momento de angústia, no Kale's — quando o caixa procurou RAYMOND SMITH no computador. Pois temia que ele dissesse *Não tem ninguém com esse nome. Sinto muito.*

Ray dizia: ao tirar a planta do vaso, sempre corte as raízes expostas com uma enxada, misture a terra que foi apertada dentro do vaso para que as raízes possam respirar. De certo modo, embora eu possa dizer que não sei praticamente nada sobre jardinagem, eu me recordo disso.

Ray dizia: tenha certeza de que você cavou um buraco bem fundo. Mas não fundo demais.

Não se esqueça de regar todas as raízes da planta. Mas não a afogue.

Se a viúva for sincera quanto aos próprios sentimentos ela vai admitir que teve medo, desde a morte do marido, de ficar sabendo de alguma coisa a respeito dele — de que esfregassem na sua cara alguma coisa a respeito dele — sobre a qual não tinha o mínimo conhecimento. A viúva teme não ter conhecido o marido intimamente — ou, tendo-o conhecido intimamente, não tê-lo conhecido num sentido mais público, como os outros o conheciam.

Pois a intimidade pode ser cegante. Quanto mais próximo estamos, menor é a nossa capacidade de enxergar.

Pois existe — em todos nós, talvez — em alguns de nós, sem dúvida — algo incognoscível, inacessível. Uma *alteridade* obstinada, intratável, intransigente.

Por que Ray falava do pai com tanta relutância, e com uma torção estranha, magoada, amargurada na boca — por que Ray se afastaria de mim, se eu quisesse me aproximar demais — isso é um mistério, isso surge de sua *alteridade*.

A mulher deve respeitar a *alteridade* do marido — deve aceitar que jamais o conhecerá plenamente.

Cavando, capinando, remexendo com o ancinho — protegendo minha

mão das bolhas usando as luvas puídas de Ray — eu penso nessas coisas. Há ponderação nos meus pensamentos, tenho a intenção de pensar muito bem em algo. Quando estamos sob o domínio de remédios psicotrópicos sempre tentamos ponderar — tentamos romper o tecido — feito um pássaro louco para romper uma rede. E portanto faço duas coisas: trabalho no jardim de Ray para salvá-lo das ervas daninhas e para criar um novo jardim, em homenagem a Ray; e trabalho com as mãos, e com as costas, e com as pernas — pois cultivar a terra é *trabalhar*. E portanto estou *trabalhando*, estou *refletindo* — mas o tipo de reflexão não se assemelha em nada à reflexão que eu faria em outro lugar, na cama, no ninho. É o tipo de *reflexão* que acontece junto com *trabalho* — parte ou partes do meu cérebro estão ativas, vivas.

O que estou fazendo, eu acho, é — me preparando para ler *Black Mass*.

Essas semanas, meses — tive medo de olhá-lo. O manuscrito do romance de Ray, não terminado. *Será que vou me arrepender? Seria melhor guardar o manuscrito e nunca mais olhar para ele? Há nele uma história da vida secreta de Ray que ele iria querer que continuasse secreta? E no entanto — se fosse esse o caso, Ray não teria destruído o manuscrito anos atrás? Será que tinha esquecido dele? Amadurecido e deixado ele de lado? Será que queria que eu visse — algum dia? E será que está na hora? Sou a testamenteira do meu marido — sou a única.*

“Você parecia tão feliz”

Em Windsor, Ontário, para onde nos mudamos no verão de 1968, e vivemos numa casa branca de tijolos na Riverside Drive East, à margem do rio Detroit, com vista para Belle Isle. Em Windsor, onde ambos fomos professores da universidade e onde todos os dias, todas as tardes, caminhávamos juntos — pelo cume de um morro íngreme acima do rio, ou pelas ruas residenciais margeadas por árvores na região de Riverside, a quilômetros da universidade. De vez em quando, íamos de carro para o sul, junto ao rio Detroit, até o lago Erie e Point Pelee Park.

(Estou olhando fotografias que tiramos do carro, de milhares outonais nas cercanias de Amherstburg. O céu azul brilhante, filas de espigas quebradas, como essa paisagem tão comum me parte o coração... Me pergunto *Fui eu que tirei essas fotos? Ray estava dirigindo? Sobre o que conversávamos?*

Almoçamos em algum lugar perto do lago? E o que nos aguardava, lá na nossa casa de Windsor? Quais eram as nossas preocupações com a vida, na época?)

E havia uma mulher em Windsor mais ou menos da minha idade, ou um pouco mais nova — a esposa de um colega no departamento de inglês que sofria de esclerose múltipla e que, à medida que ele ficava mais debilitado, mais adoentado e que por fim foi obrigado a usar cadeira de rodas, e por fim ficou doente demais para continuar lecionando, se esvaiu da nossa consciência bem como da memória de seus alunos; e quando essa mulher deparava comigo em eventos da universidade, ela me fitava, de forma tão estranha — não com uma hostilidade óbvia, mas também não de um jeito amistoso; e eu ficava incomodada e tentava evitá-la. E dentro de poucos anos o marido dela morreu, ainda bem jovem — com trinta e poucos anos.

E no funeral que aconteceu na universidade ali estava a esposa, a viúva, cercada de amigos, mas me fitando, com um sorrisinho feroz — contando que vira Ray e eu caminhando à beira do rio havia poucos dias e que

estávamos de mãos dadas — “Você parecia tão feliz”.

Era uma acusação, uma censura. Aquele sorriso magoado e feroz de viúva.

Eu não era capaz de compreender na época. Mas agora compreendo.

Black Mass I

Na escrivaninha à minha frente tenho o manuscrito inacabado do romance de Ray, em uma pasta de manilha suja e surrada.

Anos atrás, ele me deu uma parte para ler. Alguns capítulos, de que me lembro bem pouco. Depois, quando morávamos em Windsor, Ray trabalhou de novo no manuscrito, mas não me mostrou o que havia escrito; assim como outros assuntos, o assunto *Black Mass* não era um dos que Ray gostava de discutir comigo.

Uma vez, entreouvi Ray falando com um amigo que ser editor não era nada parecido com a tentativa de ser escritor — “Ninguém se mata por causa de ‘edição’”.

Boa parte da vida adulta de Ray não está representada nesse manuscrito surrado e repleto de anotações. *Black Mass* foi escrito por um rapaz na faixa dos vinte anos que eu não conheci — um rapaz muito inteligente, intelectual, porém inseguro, atormentado por problemas familiares, perturbado pela religião — um católico “apóstata” que ainda não se sentia confortável com a nova liberdade *de não crer*.

Para um católico, no entanto, de uma família devota, a questão não é de mera crença mas também da pressão emocional da família, para que a pessoa pareça crer; para que a pessoa se comporte como se acreditasse, no sentido público.

Todos os domingos a missa católica, todos os domingos a comunhão com a família.

Todas as religiões incluem rituais do gênero. Quando é um ritual em família, o desejo de negar, repudiar, fugir é associado ao desejo de não aborrecer, desrespeitar, antagonizar.

Os devotos pais de Ray colocaram todos os filhos em escolas paroquiais — é claro. *Dê-me uma criança até os sete anos e lhe darei um cristão para o resto da vida* — é o que creem os jesuítas, sem ironia.

Ray tinha sido muito impressionável, ele me disse. Tendia a acreditar no

que lhe diziam adultos no papel de autoridade. A Igreja, durante a vida de Ray, era caracterizada por exigências extremamente intratáveis — a obediência incondicional de todos os católicos às resoluções de padres, bispos, arcebispos, cardeais, papa. Quando crianças, católicos eram ensinados a acreditar que a menor e mais banal das infrações (ou seja, antes de a lei da Igreja mudar, não podiam comer carne às sextas-feiras; quebrar o jejum antes da comunhão ao deixar que um mero floco de neve derretesse nos lábios; qualquer uso de métodos contraceptivos “artificiais”) constituía um pecado que condenaria o pecador ao Inferno.

Pecados veniais mandavam a pessoa para o Purgatório, por tempo indeterminado. Pecados mortais mandavam a pessoa para o Inferno, para sempre.

A Igreja ensina que você pode conseguir sair do Purgatório, uma hora ou outra. Assim como escalar uma montanha íngreme — você levará tempo, talvez anos, mas é possível.

Além disso, se você estiver no Purgatório, sua família pode ajudar rezando para a Virgem Maria em seu nome, e pagando para que missas sejam feitas a favor da redenção de sua alma.

Dentro da camisa de força de seu direito canônico absurdo, a Igreja é por tradição curiosamente flexível, se não extravagante. Rezar por algum falecido é uma espécie de intermédio e, como em uma intermediação, requer pagamento aos indivíduos poderosos. A Virgem Maria é a figura doce, feminina, materna a quem oram para que interceda junto à figura paterna austera, extremamente masculina de Deus. Na época de Ray, os católicos acreditavam que se Deus quisesse manter alguém no Purgatório por muito tempo, Maria poderia levá-lo até a saída para o Paraíso, pela *porta dos fundos*.

Donde o termo de futebol americano, inexplicável para quem não é católico — *passa Ave-Maria*.

A “Ave-Maria” é uma oração dirigida exclusivamente a Maria: *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus*.

Quantas centenas — milhares? — de vezes Ray não proferiu essa oração. Quantas vezes Ray não “fez o sinal da cruz” — pontas dos dedos levadas à testa, ao esterno, ao ombro esquerdo, ao ombro direito.

Esses gestos rituais são profundamente arraigados. Bem mais

profundamente que qualquer coisa na vida mais “consciente” de um católico.

O Purgatório não é muito diferente da vida. O Purgatório é a vida como uma sentença de prisão, da qual a pessoa pode ser redimida. O Inferno é outra questão.

Quando se está no Inferno, não há como sair do Inferno. Sua família não pode rogar para que você saia. Independentemente de quantas missas solenes a família compre em seu nome, você nunca sairá do Inferno.

Você sofrerá esses tormentos no Inferno! — físicos, espirituais.

Boa parte do ensino religioso nas escolas paroquiais da época de Ray era voltada para os castigos do Inferno. O Paraíso era um lugar vago e radiante supervisionado por Deus e povoado por anjos — o Inferno era um lugar vívido supervisionado pelo Diabo e povoado de diabos.

Todo pecador podia esperar ser castigado pelo seu próprio diabo.

Para castigos sádicos imaginados com brilhantismo que devemos esperar no Inferno Católico, veja o *Retrato de um artista quando jovem*, de James Joyce. E lembre-se de que, apesar de todo o repúdio pela Igreja e o desdém por superstições tão primitivas, o Stephen Dedalus de Joyce admitia ainda ter medo de que existisse uma “verdade malévola” naquilo em que ele não mais acreditava.

Como havia a expectativa por parte da maioria dos católicos de que pelo menos um dos filhos entrasse para a vida religiosa — “fosse ordenado” —, o pai de Ray manifestou a esperança de que Ray virasse padre. Depois de formado pela escola Marquette em Milwaukee — uma escola jesuíta reputada pela excelência acadêmica — Ray ingressou em um seminário jesuíta da região, aos dezoito anos.

Em fotografias, Ray Smith aos dezoito aparenta ser bem novinho — uns quinze, catorze anos.

Exatamente o que aconteceu no seminário, eu não sei — Ray não falava disso, a não ser de modo geral, indireto — *As coisas não deram certo. Abandonei depois de alguns meses.*

Os sentimentos de Ray em relação à Igreja, e portanto à infância/juventude em Milwaukee, eram muito complexos. Uma esposa mais agressiva — uma esposa cuja idade fosse mais próxima à do marido — talvez tivesse conseguido fazê-lo falar mais abertamente sobre isso, e sobre os sentimentos que tinha pelos pais; uma esposa mais agressiva talvez tivesse conhecido melhor os pais de Ray.

Embora Ray tenha se afeiçoado muito aos meus pais, como se fosse parente de sangue deles, eu mal conheci os pais de Ray. Ele não me incentivava e raramente íamos a Milwaukee.

As lembranças que tenho dos pais de Ray são boas. Ver Ray com a família naquela época — o pai, a mãe, o irmão Bob — era ver o homem por quem me apaixonara em outro contexto: filho, irmão. Não sentia que o direito que tinha sobre meu marido era maior que o deles e temia — como muitas jovens esposas — que fosse menor.

Após a nossa primeira visita, Ray disse, “Viu como a minha mãe olhava para você? Sorria para você? Ela não conseguia parar de tocar em você...”. Isso agradara Ray, e foi muito bom para mim de ouvir.

Por essa razão, sempre me senti próxima da mãe de Ray, que eu veria em poucas ocasiões ao longo da vida. Quando faleceu, já muito idosa — talvez tenha sido aos noventa e nove anos — a maneira como Ray sofreu indicava que ele jamais tinha brigado com *ela*.

O que é assombroso, perturbador — à medida que Ray ia crescendo, mais parecido ficava com o pai, Raymond Joseph Smith, de quem herdara o nome.

Mais Ray desgostava das próprias fotos. Mais Ray insistia em ser o fotógrafo, e não o *fotografado*.

Nas minhas primeiras noites de insônia após a morte de Ray, quando ficava deitada, zozna e exausta e sem conseguir dormir, me perguntando o que havia acontecido conosco, assim como a vítima de um terremoto ou devastação provavelmente fica deitada, pasma, se perguntando o que aconteceu, além de sentir as dores físicas e até mesmo temer o que pode tornar a acontecer a qualquer momento, por algum motivo pensei em Ray e no pai dele — eu via Ray e o pai dele, como se o rosto de ambos se fundisse — eu pensava *Ray tinha mais idade que o pai quando morreu. Ray devia ter perdoado o pai dele*.

Não tinha uma ideia clara do que devia ter sido “perdoado”.

Eu jamais teria exprimido tal ideia a Ray.

Em seguida, lembrei: não era só que Ray tinha visto o pai chorar, ou mesmo que o pai tivesse externado seu terror de ser “condenado” por causa de Ray; Ray também se chateava porque o pai tinha o hábito de rezar em voz alta quando os outros podiam ouvi-lo, murmurando a exclamação *Jesus*,

Maria e José!, que é, ou era, uma súplica católica pela superação da tentação, ou por perdão.

Ao ver uma mulher atraente na televisão, por exemplo, o pai de Ray virava o rosto rapidamente e murmurava *Jesus, Maria e José!* — uma forma de bloquear um pensamento sexual indesejável/pecaminoso.

Acreditava-se que ter *pensamentos impuros* era um pecado enorme, na cosmologia católica. Se um católico não confessasse suficientemente seus *pensamentos impuros* a um padre, e se tomasse o sacramento da comunhão, estaria cometendo um pecado mortal, e se morresse nesse estado de pecado mortal seria punido para sempre no Inferno.

Como tais conceitos soam ridículos para nós! Para alguns de nós.

Como são essenciais à vida, para outros. Precisamos considerar que a maioria da população mundial “crê” em uma espécie de relação pessoal com Deus, muitas vezes punitiva. O solo da terra é impregnado de sangue daqueles que morreram em nome de crenças religiosas, bem como dos que foram mortos pelos que creem.

O pai de Ray lutou na Primeira Guerra Mundial, quando jovem. Nascera no catolicismo e, exceto depois de adoecer, jamais faltou à missa de domingo ou um dia sagrado na vida.

Era vendedor de carros em Milwaukee. Mesmo durante a Depressão, ele trabalhava. Ray dizia a respeito dele *Ele trabalhava duro. Nunca parou de trabalhar. Estava sempre na concessionária, ou estava ao telefone. Nunca descansava. Ele trabalhou até ficar esgotado. Sua única alegria era a Igreja — a comunhão.*

Não me recordo de Ray se referindo ao pai de outro jeito que não *meu pai*. Não me recordo dele falando com o pai. Nunca ouvi Ray falar a palavra *papai*.

Penso agora que foi um erro não ter me empenhado para encorajar Ray a se reconciliar com o pai. Ao que parece, nem sequer ponderei essa possibilidade. É bem provável que tenha obtido certo prazer disso, do fato de que Ray era emocionalmente distante da família e portanto mais dependente *de mim*.

Embora víssemos meus pais com frequência, e tivéssemos uma relação maravilhosa, bastante afetuosa, com Carolina e Fred.

Ver Ray com os meus pais, ver o quanto se davam bem, como ficavam felizes juntos, eu talvez pensasse *Ele não precisa de mais ninguém além de*

nós, como família. Ele tem a nós.

Era uma perspectiva ingênua. Era o jeito de pensar de uma jovem esposa, o ciúme por parte de uma pessoa que não tem plena confiança em si mesma.

Agora que já é tarde demais, na verdade são décadas de atraso, eu me arrependo disso. Nem sei se Ray amava o pai, além de se sentir desconfortável perto dele, e com raiva — e constrangido. Nem sei se o pai de Ray ficava aborrecido porque o filho vivia tão distante dele, via os pais tão pouco. E então chegou o dia, no final da década de 1960, em que o irmão de Ray ligou para avisar que o pai tinha morrido. E fomos ao funeral em Milwaukee, e Ray estava profundamente chocado, quieto; e os sentimentos que possa ter tido, Ray não dividiu comigo.

Eu era jovem na época, e ingênua. Talvez eu imaginasse, já que Ray falava tão pouco do pai, que Ray não sofria por ele. Que quando eu lhe perguntava como se sentia, e ele dava de ombros e dizia *Tudo bem*, que esta fosse uma resposta razoável.

É um fato: um homem amará seu pai — de algum modo.

Emaranhadas e retorcidas como as raízes de uma árvore gigante — são assim as contorções do amor familiar.

Porém, mesmo agora, se Ray voltasse — será que eu seria capaz de lhe perguntar sobre o pai? A família? Será que eu ousaria? Ou a mínima ruga formada na testa de Ray me demoveria e desviaria a conversa para outro assunto, como sempre acontecia?

Como esposa, eu nunca queria aborrecer meu marido. Nunca queria brigar, discordar ou ser desagradável. Ser *não amada* me parecia o risco, se a esposa confrontasse o marido contra a vontade dele.

E agora, sou *não amada*. E que lucidez estranha isso parece me causar, como um desinfetante jogado numa ferida aberta.

Das anotações de Ray, escritas à mão:

BLACK MASS. Título: duplo sentido — missa fúnebre e inversão satânica da missa. V. está trabalhando num poema com este título na época de seu suicídio, P. descobre o poema no diário dela... O poema (inacabado) descreve o encontro sexual dos dois em termos da missa negra de uma bruxa; a projeção irônica da culpa que imagina que ele sentiu... P. é uns oito anos mais velho que V., é

professor e padre...

O manuscrito de *Black Mass* tem aproximadamente cem páginas datilografadas, com numeração irregular. Dentro da pasta há inúmeras folhas com anotações e resumos detalhados. Algumas páginas foram datilografadas com tinta vermelha, outras em preta. Levando em consideração a idade do manuscrito, a tinta não está muito desbotada, embora haja parágrafos que foram cortados com x, como se num gesto impaciente, e as notas do autor nas margens das páginas sejam quase ilegíveis.

Uma espécie de transe me dominou, ao ler essas anotações de Ray. As linhas datilografadas em espaço único dá à escrita de Ray um ar de intensidade, urgência. Sinto como se estivesse entreouvindo Ray falando sozinho e a sensação me lembra do que eu sentia quando menina, ao perambular por alguma propriedade rural com placa de NÃO ULTRAPASSE.

Há dois personagens principais em *Black Mass* — V. (Vanessa), uma poeta (que lembra um pouco Sylvia Plath?) e P. (Paul), que se parece um pouco, exceto pelo fato de ser um padre ordenado, com o jovem romancista Ray.

A poesia de V. é sincera, com uma voz distinta... Sua escrita lhe dá identidade; é um escape psicológico. Ela vê com um olhar de poeta, sempre juntando palavras na cabeça — “ordenando o mundo”. Ela conhece Paul em Wisconsin. Ela o vê algumas vezes, uma delas na festa de Natal dos alunos de pós-graduação; ele demonstra interesse em seus escritos, a incentiva...

Seria coincidência? Uma simples coincidência — Ray e eu nos conhecemos numa recepção para alunos de pós-graduação, não no Natal, e sim em outubro. E só pode ser coincidência Paul ser oito anos mais velho que Vanessa. À medida que avanço na leitura, mais claro fica que Paul é o alter-ego de Ray, o centro da consciência do romance; a história é relatada de forma retrospectiva, após a morte/suicídio de Vanessa, enquanto Paul, já com quarenta e um anos, um jesuíta, se recorda do caso amoroso (não plenamente consumado?) dos dois, que ele rompera. A maioria das anotações se concentra em Paul:

Ele vem de uma família de classe média de Milwaukee, mãe irlandesa, pai insatisfeito com o “fardo” da esposa e dos filhos... As obrigações religiosas formais de Paul consistem em celebrar a missa todas as manhãs e recitar o

breviário [sic]... o que se tornou automático para ele... Ele sente que atua “religiosamente” sobretudo quando ajuda os outros... Ele é um dos padres “novatos”. Paul conhece Vanessa no quarto ano, quando está escrevendo a dissertação... Ele a acha superior aos outros alunos de pós-graduação que conhece e sente certa vontade de protegê-la. Fica feliz em ler a poesia dela e oferecer críticas.

Isso também é uma coincidência — acho —, pois quando me conheceu, Ray estava no quarto e último ano de pós-graduação e escrevendo a dissertação. Ray também se ofereceu para ler alguns dos meus escritos — não poesia, e sim ficção — inclusive um conto que foi publicado na *Mademoiselle* quando eu tinha dezenove anos. E acho que ele tinha “vontade de me proteger”...

O que é fictício em relação a Paul é sua carreira como acadêmico jesuíta: após ir embora de Madison, Wisconsin, ele consegue um emprego na Universidade de Detroit (!) e depois se torna presidente do departamento de inglês de Fordham, uma universidade jesuíta de Nova York. Vanessa, a poeta atormentada, abandona a pós-graduação após ser reprovada na prova oral do mestrado — ela tem ideias originais e brilhantes demais para dar aos examinadores as respostas que eles querem ouvir... (Sem dúvida é coincidência; apesar de não ter sido reprovada na minha prova oral de mestrado na primavera de 1961, meus examinadores [homens, presunçosos] pegaram no meu pé e recomendaram que eu não tentasse o doutorado; Ray ficou enfurecido pela minha situação, mais do que eu mesma fiquei, já que na época eu não tinha o menor interesse em prosseguir com o martírio insípido e implacável da pós-graduação.)

Ler as anotações de Ray, escutar a voz de Ray — inquiridora, inquisidora — o autor se perguntando a respeito dos próprios personagens — (que são sempre tão “reais” quanto indivíduos do mundo “real”, para o romancista) — me deixa profundamente comovida. É tão óbvio que Paul é Ray — o Ray que viveu a expectativa que o pai tinha em relação a ele e se tornou parte da nata dos padres católicos — um jesuíta. (Dentre as ordens religiosas católicas, a Companhia de Jesus é a casta brâmane. Ao contrário do que seria de imaginar, jesuítas fazem votos de pobreza, castidade e obediência — mas jesuítas tradicionalmente/historicamente circulavam pelas classes sociais mais altas tanto na Europa como nos Estados Unidos e

exerceram influência política desproporcional ao seu número de membros. Dentre os amigos-padres de Ray havia diversos jesuítas, colegas meus na Universidade de Detroit.)

Parece claro que Ray devia sentir uma forte atração pela Igreja, apesar da rejeição intelectual que tinha por ela; e que Ray se identificava com o “celibatário” Paul, atraído por uma moça em desacato aos seus votos.

O dilema do romance é a rejeição de Vanessa por Paul e o subsequente suicídio dela, não logo em seguida, mas anos depois. O tempo presente do romance é a missa fúnebre que Paul profere em homenagem à antiga amante e a percepção tardia de que a amava — “Se ela pudesse ressuscitar, ele abandonaria a Igreja por ela? Abandonaria o sacerdócio para salvá-la?”. Em meio a muita especulação há a afirmação objetiva:

Ele não abandonou o sacerdócio por ela. Ela está morta.

Paul e Vanessa são uma alusão a Abelardo e Heloísa, os amantes malogrados da tradição católica medieval, cujas cartas Ray lera e achara muito comoventes. Há um nítido paralelismo com a vida e a morte precoce de Sylvia Plath, pois Vanessa, assim como Plath, comete suicídio acendendo o forno a gás em um apartamento alugado em Londres. (Lembre-se de que, quando Ray estava escrevendo esse romance, no fim dos anos 1950, a popularidade de Sylvia Plath estava só no início e esse material, longe de ser muito familiar como nos pareceria agora, era um tema bastante ousado para um romancista explorar.) Paul, entretanto, não é Ted Hughes — sua sexualidade é acanhada, frustrada. Ele é um católico impregnado pela noção de pecado, como Ray era, segundo seus próprios relatos, na adolescência; quando sente desejo por Vanessa, e cede a esse desejo, não percebe que a está condenando à morte — ao suicídio: “Até que ponto P. está envolvido no suicídio de V.? Ele a incentivou na poesia, o que dava vida a ela... Mas quando percebeu que a amava, resolveu nunca mais vê-la...” E a última anotação da primeira parte: “E quanto ao Diário? Como P. pôs as mãos nele? O ponto de vista de V. — ajuda a preencher os últimos dias. Não há respostas ali, no entanto.”

Depois das anotações datilografadas há dezenas de folhas de bloco de papel repletas de coisas escritas à mão por Ray, vinte e três parágrafos numerados. Não consigo ler mais que uma fração de sua letra — começo a

me sentir zozza, desorientada — como me parece triste, que Ray tenha trabalhado tanto nesse romance, se importado tanto com seus personagens! — que provavelmente tenha revirado seu âmago, ao longo de anos. Questões isoladas — “A voz de V. foi gravada de alguma forma????” — “Seria muito idealismo V. desistir de P.? — se retirar da vida *dele*?”.

É de partir o coração ver um esboço tão detalhado do romance — vinte e seis capítulos designados pelos locais (Londres, Madison, Madison, Londres, Detroit, Londres, Nova York, Londres etc.) com inserções do Diário da poeta (“circuito de poesia no Meio-Oeste”, “caminhada à meia-noite pela ponte George Washington”, “últimos dias antes do suicídio e poema ‘Black Mass’”) — cronologias da vida dos personagens — um obituário no *Times* dominical sobre a morte da poeta, e muito, muito mais... Há até um final alternativo, em que V. apenas tenta o suicídio, e P. corre ao encontro dela, em Londres: “Como posso mostrar Paul fazendo sua escolha — em parte através do fato de que está em Londres? Espera que ela se recupere, que não haja dano cerebral, pondera se ela ficará triste por estar viva” (Interrompido sem pontuação.) O romance começa *in medias res* com uma folha densamente datilografada que foi bastante riscada, embora consiga ler o que foi riscado se olhar com atenção. A prosa é monótona, objetiva, sem emoção e jornalística ao estilo de Hemingway, como forma de criar uma tensão implícita, mas o autor devia estar insatisfeito com o começo porque poucas páginas depois a cena evapora e ele recomeça de outra perspectiva.

Surpreendentemente, deparo com um relato de sonho que Ray escreveu! Aqui está a escrita do meu jovem marido, de uma forma que ele raramente falava comigo:

SONHO

No sonho eu visitava a escola Marquette — onde meus colegas de classe que viraram padres (cerca de dez) estavam presentes... uma espécie de reunião? — vestidos em trajes “civis” — casacos esportivos coloridos, terno e gravata, cada um diferente, como se as cores combinassem com a personalidade... Sentado no sofá conversando com meu velho amigo no qual é baseado o Jerry do romance. Olhei para ele com a ideia de aprimorar minha descrição das feições do Jerry, sentindo um pouco de culpa por isso. Mais tarde, eu estava de pé, batendo papo com o Mestre de Disciplina Padre Boyle, que parecia feliz em me ver. Conversei com ele sob a persona do personagem Paul do meu romance, lhe dizendo entre outras coisas que eu havia sido ordenado dois anos antes. Em

comparação com os outros, eu não estava muito bem-vestido, mas trajava um suéter sem manga em vez de paletó — minha posição (deveres?) era diferente. Eu estava numa posição inferior à deles. Como isso pode ser interpretado é um enigma. O padre Boyle estava usando a batina de sempre. Mais cedo, eu havia recebido uma carta do ex-diretor com um recado escrito à mão: “Este Boletim de Ex-Alunos gostaria de saber do tal de Raymond Smith.” (O outro Raymond Smith da minha classe já era falecido.)

Não há dúvida de que o sonho está associado ao romance! O romance pode ser encarado como uma tentativa tardia de assumir uma vocação “superior”, que teria agradado ao meu pai (meus padres). Também pode ser encarado como uma demonstração do que estaria errado nesse caminho. Paul é um alter-ego — é quem eu teria sido se tivesse ingressado na vida jesuíta aos dezenove anos em vez de ter um colapso nervoso.

Isso me deixa chocada... “Colapso nervoso.”

De fato, Ray me contou assim que nos conhecemos — algo a respeito de um “colapso” cerca de dez anos antes — nas nossas intensas conversas iniciais falamos de coisas sobre as quais não voltaríamos a falar. Então em certo sentido eu sabia disso, mas diria que havia me esquecido.

Eu também sabia que houvera outro “Raymond Smith” na classe de Ray, que se tornara padre e falecera. Ele morreu de forma misteriosa, numa residência jesuíta em Ohio. Ray me disse que os dois “Ray Smith” se tratavam de forma amistosa na escola, mas não foram amigos íntimos; porém, quando o “Padre Ray Smith” morreu, quando Ray estudava em Madison, ele ficou muito chateado.

Depois dos primeiros dias do nosso namoro Ray e eu nunca mais voltamos a falar do suposto “colapso” de Ray — ele se confessara para mim, e eu lhe disse que isso não fazia a mínima diferença; eu lhe dei um beijo e garanti — o que era verdade, claro — que o que tinha acontecido com ele, dez anos antes, não tinha relevância para mim e não mudaria em nada os sentimentos que tinha por ele.

Assim como contei a Ray sobre meu “sopro cardíaco” — “taquicardia” — e ele me disse que também não fazia a mínima diferença para ele.

Durante todos esses anos, esse intervalo de décadas — nem o “colapso” nem o “sopro cardíaco” trouxeram consequências para o nosso casamento. Mas foram gestos de franqueza, confiança, intimidade no começo do nosso amor um pelo outro, que me fazem chorar agora, ao recordá-los.

Das anotações que Ray fez para si, ao estilo de catecismo, escrito à mão com uma tinta azul já desbotada:

“Qual foi a função do ‘colapso nervoso’?”

Ele me tirou da situação em que eu estava — a situação religiosa — a culpa terrível — me manteve longe das igrejas e de qualquer coisa religiosa — me deu uma oportunidade de ver as coisas de uma forma mais objetiva...

“Como você orquestrou o ‘colapso’?”

Eu me permiti chegar à exaustão — sem alimentação e sono adequados. Não me mantive a par das matérias da faculdade — não me preparei para uma prova importante de química — não fui para a faculdade naquela manhã — não parava de me preocupar com minúcias morais — como quebrar o jejum, pensamentos ruins etc.

“Como você saiu dessa?”

“Amor” — um “caso” com uma moça do sanatório — isso me deu uma razão para viver, me deu algo em que pensar — uma nova obsessão, por assim dizer. O psiquiatra se referiu a mim como “carente de amor”. (Seria Paul carente de amor?)

Essas palavras, eu leio — e releio: “‘Amor’ — ‘caso’ com uma moça do sanatório”... “O psiquiatra se referiu a mim como ‘carente de amor’.”

Ray nunca me disse essas coisas. Em seu relato do “colapso” que tivera aos dezenove ele fora breve e vago; parecera constrangido e envergonhado; parecera aflito, como se temesse me repelir com o que estava contando. Ele não me disse praticamente nada sobre as mulheres com quem saiu antes de me conhecer; eu tinha a impressão de que nunca tivera um “caso de amor” de verdade — que eu fui a primeira mulher/garota que ele amou...

Claro que eu não devia ficar surpresa: é bem provável que um rapaz de dezenove anos se apaixone, e tenha um “caso de amor”. Eu não devia me incomodar ao saber disso, após a morte de Ray; e tantos anos depois de ter acontecido. *Mas ele não me contou! Era um segredo dele. Ele era “carente de amor” — outra pessoa lhe supriu esse amor.*

Tento me instruir: dez anos depois, quando nos conhecemos em Madison, Ray era outra pessoa, e é óbvio que havia rompido com a moça do sanatório, muito antes. É ridículo da minha parte sentir esse ciúme tardio — em uma manhã de maio de 2008, lendo sobre um caso amoroso que ocorreu em 1949...

Mas começo a me sentir zozza. Venho tentando ignorar uma dor

pungente que parece uma corrente elétrica entre as escápulas, exacerbada pelo jeito como me debruço sobre a escrivaninha, lendo as páginas densamente datilografadas. E venho tentando ignorar as manchas e marcas curiosas nos meus olhos, como mosquitos que voam devagar no canto da minha visão.

Carente de amor. Que grande verdade. Em maio de 2008 assim como na época remota do colapso de 1949.

Por que você não terminou seu romance, Ray?

Eu o deixei de lado e nunca voltei. Me interessei por outras coisas.

Era o que Ray dizia aos nossos amigos, sempre com um sorriso. Era o que Ray dizia a qualquer pessoa que soubesse que um dia ele esboçara um romance.

Muitas vezes acrescentando *Lançar uma revista é muito mais gratificante. Você conhece escritores novos, cada número é uma novidade, cada correspondência recebida... as surpresas são constantes.*

Foi desse jeito que Ray começou a se sentir, com o tempo. Embora de início quisesse ser escritor, a certa altura da década de 1970 ele voltou seu instinto criativo para a edição/publicação. Assim como se revelou um jardineiro nato, com o gosto de um jardineiro pelo uso das mãos para cultivar a terra, ele também se revelou um editor nato, com o gosto pelo trabalho com escritores, nutrindo suas obras e publicando-as. Muitas de suas grandes amizades eram relações entre editor e escritor forjadas na intimidade das correspondências, telefonemas, faxes. Com o escrúpulo quanto à “perfeição” adquirido com os jesuítas, Ray era o editor de textos ideal e tinha como princípio ler, reler e reler de novo o material — em manuscrito, em provas encadernadas e em provas de impressão.

Editores e jardineiros são eternos otimistas. Ninguém imerso no sentido trágico da vida pode ser um ou outro.

Foi uma sorte Ray ter deixado de lado a escrita de ficção. O escrúpulo adquirido com os jesuítas e que fazia dele um editor excelente e entusiástico era uma desvantagem na escrita de ficção, que para quem tem esse traço de personalidade pode se tornar obsessiva, exaustiva e claustrofóbica. Aqueles que fomos escritores durante boa parte da vida temos uma sensação conflituosa ao instigar alguém a escrever — e alívio quando ouvimos que alguém “deixou de lado” o desejo de escrever.

O fato de Ray ter trabalhado esporadicamente em um único romance ao

longo de anos e não tê-lo terminado indica que, apesar da fervorosa identificação que tinha pelo personagem principal, ele não tinha o instinto artístico necessário para encerrar o projeto e seguir em frente. Por mais que seja essencial mergulhar na própria obra, também é essencial avançar e superá-la. É terrível ser devorado pela própria obra — é preciso aprender a pular para se livrar dela, assim como alguém no meio de um incêndio feroz deve pular para se salvar.

Claro que há grandes escritores que foram devorados por suas obras, mas não de uma forma feliz — James Joyce é o exemplo mais extremo, em sua imersão fanática de mais de uma década em *Finnegans Wake* (seu livro “monstro”).

Mas de modo geral, o escritor precisa se cuidar para não ser hipnotizado pelo seu material e lhe faltar perspectiva para organizá-lo. Me parece claro pelas páginas desconexas de *Black Mass* que Ray deixou para trás que ele estava hipnotizado pelo material, tão semelhante à sua vida. Cenas longas de diálogos ardorosos, trechos repletos de lembranças da infância, explicações, análises — capítulos que terminam de repente, tramas secundárias iniciadas e depois abandonadas — o fragmento de romance arranha um vívido, sentido, autêntico *cri de coeur* de uma pessoa atormentada pela culpa de ter escapado com vida — me fascina ler *Black Mass*, porém o manuscrito provavelmente seria impenetrável para os outros.

De início, a ideia (maluca) me ocorreu — *Talvez eu deva terminar Black Mass. Se estiver quase terminado, posso finalizá-lo.*

No entanto, não está nem de longe terminado. Uma obra completamente nova teria de ser erigida a partir dessa base vacilante. E com que propósito?

Não há sentido em pensar *Ray iria querer isso*. Sem dúvida, *Ray não iria querer isso*.

Entretanto, a perspectiva de “completar” o romance paira sobre mim, tentadora. Pois minha própria escrita avança numa lentidão excruciante.

Seria muito mais fácil ser hipnotizada por esse material e sentir um tipo de intimidade com meu falecido marido que não tive enquanto Ray era vivo.

Embora conhecesse muito bem Ray, não conhecia sua *imaginação*.

Conhecia a pessoa de todo dia, toda hora. Conhecia sua faceta doméstica doce, gentil, sempre atenciosa. E o conhecia como pessoa cercada de outras — sua faceta “social”. Mas não é possível alegar que eu conhecia alguma parte da *imaginação* de Ray, como evidenciada por esse romance

fragmentado.

Que Ray fosse criar um protagonista padre, por exemplo. Que a “situação religiosa” — a “culpa terrível” — fosse tão predominante na sua vida anos depois de ter abandonado o seminário jesuíta e rompido com a Igreja. Paul, Vanessa... O jesuíta celibatário, a poeta “incrivelmente talentosa, atormentada”... Tenho a impressão de que são pessoas muito cativantes, bastante vívidas e “reais” no papel.

Ao avançar na leitura do fragmentado *Black Mass* — tentando determinar a provável sequência de cenas, embora muitas folhas não estejam numeradas e muitas tenham sido riscadas — é como se por encanto eu estivesse dentro da cabeça de Ray — como se ele não tivesse morrido e ainda fosse jovem e esperançoso: datilografando essas palavras rapidamente em uma máquina manual, com seu estilo dardejante — pois nunca se deu o trabalho de aprender datilografia, ele usava somente um ou dois dedos de cada mão.

Em praticamente todas as folhas é provável que eu fique surpresa com um pedaço de lembrança, um incidente que Ray tenha me contado anos atrás, há muito esquecido e agora recordado de repente:

Uma noite Lucy [irmã de Paul] me falou sobre o noivo. Estávamos sentados à mesa da cozinha... Eu bebia uma garrafa de cerveja do meu pai. Tinha passado os últimos quatro anos no seminário e visitava a minha família. “Me entreguei a ele”, ela disse. “Ontem de noite — permiti que ele me tocasse — nós dois — tão próximos. Dizem que é um pecado mortal. Não acho que é pecado quando amamos a pessoa. Eu o amo muito.” Ela me olhava, do outro lado da mesa, aguardando meu julgamento. Não pude contradizê-la, fazê-la se sentir culpada...

E, ainda mais surpreendente:

Nos sentamos à mesa de frente um para o outro, no refeitório estudantil, com sua vista panorâmica do lago congelado [Mendota], branco e quieto, o gelo rachando de vez em quando como um rifle. Nossas xícaras de café estavam vazias. A revistinha que V. tinha me dado — *Pacific Review* — estava aberta em cima da mesa. Eu lia o poema pela segunda vez, tentando me concentrar... Ao assinar o poema, V. usara apenas as iniciais de seus dois primeiros nomes e sobrenome. Achei curioso.

“Por que as iniciais?”, indaguei.

“Para que o editor não saiba que é de uma mulher”, ela explicou.

Ergui os olhos e vi que ela me observava, com uma expressão séria. Seus volumosos cabelos escuros estavam penteados para trás dos ombros.

“Não entendo”, eu disse. (...)

“É mais fácil um homem ser publicado do que uma mulher”, ela disse sem rodeios, acendendo um cigarro.

Lancei um olhar desconfiado.

“É assim em todos os aspectos da vida”, ela declarou, um pouco irada. “Se tudo mais estiver em pé de igualdade, é mais fácil para um homem do que para uma mulher. Esperam mais de uma mulher — um desempenho superior.”

Percebi que ela vivia em um mundo em que mulheres competiam com homens. Eu nunca havia pensado dessa forma — os dois sexos competindo profissionalmente. Esse tipo de competição era inexistente na Igreja. Freiras não competiam com padres. Mulheres podiam se aproximar do altar somente até a altura do balaústre da comunhão.

Essa conversa, quase ao pé da letra, ocorreu entre mim e Ray, no grêmio estudantil de Wisconsin. Também nos sentamos a uma mesa com vista para o lago Mendota congelado. Ray também se mostrou cético ao ouvir meus comentários — um ceticismo brincalhão, galanteador — embora tenha parecido solidário, basicamente. É surpreendente que Ray tenha afirmado casualmente que “freiras não competem com padres” — como se freiras fossem uma subespécie, distante de suas contrapartes masculinas — mas para mim, mais surpreendente é perceber que, exceto pelo cigarro que V. fuma, o retrato de V. é bem familiar...

Ray estava falando *de mim*?

Ou talvez só em parte — se baseando em Sylvia Plath, na jovem esposa Joyce, e na própria imaginação...

Outra coisa surpreendente: começo a me dar conta de que grande parte de *Black Mass* deve ter sido escrita depois de Ray ter me conhecido, e não antes. Ele sempre me fez acreditar que a maior parte do manuscrito fora escrita antes de 1960 e portanto não poderia ter nada a ver com a nossa relação, ou comigo, mas a julgar pelos esboços cronológicos, que prolongam a narrativa até a década de 1970, Ray sem dúvida trabalhara no manuscrito até 1972, 1973, 1974.

Um dos capítulos ambienta Paul em Londres, onde Ray e eu moramos em 1971-1972. As ruas descritas por Ray são ruas pelas quais caminhávamos com frequência, em Mayfair, onde ficava nosso apartamento com vista para o Hyde Park; passávamos sempre pela Embaixada Americana, com seus guardas eternamente preparados para enfrentar piqueteiros antiamericanos.

Fico fascinada ao ver como Ray usou esse material de pano de fundo para sua história de amor do Meio-Oeste; nunca consegui ambientar uma obra de ficção em Londres, embora adorasse a cidade, assim como Ray.

Também é fascinante ver o uso que Ray fez da reunião da Modern Language Association em Chicago, para onde viajamos a partir de Beaumont, Texas; e o uso que Ray fez de Detroit; e da própria breve gestão como presidente do departamento de inglês de Windsor. Sempre que Vanessa entra na narrativa, o tom muda — Vanessa é a alteridade misteriosa, feito Christabel no poema gótico de Coleridge: o protagonista (masculino) é atraído por ela como que contra sua vontade, assim como ela é atraída por ele: o padre celibatário (proibido).

Será que Ray se via como um padre celibatário (proibido), no casamento?

Será que Ray via a mim, sua esposa, como a “alteridade misteriosa”?

Na verdade, acho que não. Não posso acreditar que fosse o caso. Havia muitas gargalhadas no nosso casamento. *Black Mass* é um mito, não uma reprodução literal da vida.

Não posso me esquecer disso. Não posso me aborrecer, ler entrelinhas nesse material que podem nem existir.

Talvez a garota por quem ele se apaixonou no sanatório. Talvez seja ela a “alteridade misteriosa” — que o salvou do desespero e quem ele perdeu.

Mas Vanessa é poeta, supostamente uma ótima poeta. E Vanessa se mata quando Paul a rejeita.

Paul a rejeita porque fez voto de castidade, como padre jesuíta. Paul não a rejeita porque não a ama. Por mais dedicada que Vanessa fosse à poesia, como Paul diz: “A poesia dela não basta.”

Amor perdido, uma sentença de morte. É dito a Paul por um amigo raivoso de Vanessa: “Seu celibatário. Seu maldito celibatário. E agora você quer escrever um livro sobre ela.”

Agora, escrevo um livro sobre Ray.

Estou escrevendo um livro sobre Ray (perdido).

Black Mass não está completo mas há uma espécie de fim, um poema de Vanessa que Paul descobre depois que ela morre. As últimas palavras são *Descanse em paz, descanse em paz.*

O que gostaria: que Ray tivesse me mostrado o manuscrito de *Black Mass* depois de ter trabalhado mais nele. Que tivéssemos falado abertamente sobre isso. Que eu o tivesse ajudado. (Eu poderia tê-lo incentivado.) Talvez, da primeira vez que me mostrou o manuscrito, no início do nosso casamento, eu não soubesse o que dizer, e não tenha dito as coisas certas. Como jovem esposa casada com um homem “mais velho” — um homem com ar de autoridade, em assuntos que eu mal havia experienciado — era tão raro eu expressar alguma opinião cujo intuito não fosse apaziguá-lo, ou diverti-lo ou impressioná-lo; levei anos para ter coragem de insinuar a Ray que eu não gostava de certas canções que ele punha para tocar com frequência no nosso aparelho de som — composições de estilo viril como *Alexander Nevsky* de Prokofiev, o coro da conclusão da *Nona Sinfonia* de Beethoven, com aquelas intermináveis *alegria alegria alegria* que parecem um martelo enfiando pregos no crânio, inúmeras obras de Mahler...

Agora eu ficaria tão contente de escutar essas canções reproduzidas aos estrondos no aparelho de som.

Em geral a casa fica em silêncio, desde que Ray morreu. Não ouvi um único CD. Raramente ligo o rádio da cozinha, que Ray ouvia enquanto preparava o café da manhã ou fazia café.

O café de Ray: o pacote continua na geladeira. Como não bebo café, nunca mais ninguém tocou nele. Porém não tenho coragem de jogá-lo fora, assim como não tenho coragem de tirar os livros de Ray da mesa de centro... Tenho medo de que, quando os amigos vierem me visitar, ao longo de meses — anos? — eles vejam os livros no mesmo lugar e sintam pena de mim... *Mas não posso. Não posso tirar os livros de Ray do lugar. Se eu os tirar dali aquele espaço vai ficar vazio. Não posso.*

À medida que anoitece, a dor entre as escápulas vai piorando. E parece haver dores correlatas, dores verticais pequenas, em torno da caixa torácica. Mas não consigo parar de ler *Black Mass*, sou seduzida pela história melancólica de P. e V. — o padre celibatário, a “poeta brilhante e atormentada”... Quase esqueço que se trata de ficção; tem um tom de memória à qual elementos fictícios foram acrescentados, como ligeiras pinceladas de aquarela.

No meio de uma parte de folhas sem número escritas com tinta vermelha, perto do fim do romance, há vários parágrafos riscados que sou capaz de decifrar, aos trancos e barrancos. Parece uma sequência de

lembranças — Paul se lembrando do “comportamento rebelde” da irmã — não a irmã “boa”, Lucy, e sim a irmã “má”, Caroline — mais nova que Lucy — uma menina de doze anos que explode de raiva do pai virtuoso — se nega a rezar o rosário com a família — é ruidosa durante a missa — vira uma pessoa desarrumada, “fedorenta” — ri de modo “inadequado”.

É óbvio que “Caroline” é Carol. Ray está falando de sua irmã institucionalizada, Carol. Mas a cena datilografada é interrompida no meio da página.

Porém, depois de algumas páginas, escrita aos garranchos, há outra sequência de lembranças envolvendo Caroline, em que o pai de Paul chama o padre da paróquia — o padre “reza por” Caroline, que creem estar “possuída pelo demônio” — um “exorcismo” é conduzido no quarto dos pais — Paul (que tem nove anos na época) e Lucy ficam apavorados e são impedidos de ver o que é feito com a irmã; mais tarde, Caroline é levada à força a um médico/clínica — fazem uma “lobotomia” em seu cérebro, para “acalmá-la” — quando Paul revê a irmã, a princípio não a reconhece. Ela será internada no “São Francisco de Assis” — um hospital ou uma casa...

Essa sequência também é interrompida abruptamente. O texto é objetivo, franco, rudimentar, e a letra de Ray é quase ilegível.

Lobotomia! Deve ter sido isso o que fizeram com a irmã de Ray, Carol, quando ele era pequeno.

A menina passara por uma “lobotomia” — uma parte do lobo frontal de seu cérebro foi cortada num afrontoso procedimento quase cirúrgico que era executado com frequência nas décadas de 1940 e 1950 por autoproclamados especialistas. O objetivo declarado era tratar comportamentos extremos em esquizofrênicos e outras vítimas de doenças mentais, o objetivo oculto era controlar indivíduos cuja conduta era irritante, ofensiva ou rebelde — como a irmã de Ray.

Em 1949, o “ano do auge” das lobotomias nos Estados Unidos — quarenta mil foram realizadas! —, o português Egas Moniz foi agraciado com um Prêmio Nobel por ter desenvolvido a prática, que seria desacreditada poucos anos depois. Nesse ínterim, milhares de indivíduos foram tanto mutilados como “ajudados” pela operação — se é que de fato alguém foi “ajudado”.

Trata-se de um segredo de família vergonhoso sobre o qual Ray raramente falava, exceto de forma indireta.

Era uma lembrança traumática da infância de Ray, tão alojada dentro dele quanto o medo inicial do pecado e do Inferno.

No fragmentário *Black Mass*, essas vinhetas que envolvem “Caroline” foram riscadas. Poucos detalhes sobre o passado familiar de Paul foram incluídos, somente referências ao pai de Paul que tremem de desgosto e ironia. Sempre que o pai de Paul é mencionado, o texto de Ray se torna categoricamente irônico, sarcástico. O autor não parecia achar um tom modulado para escrever sobre esse assunto doloroso, como se tivesse a sensação de que ele eclipsaria o romance mais convencional entre o padre celibatário e a bela poeta.

Se Ray tivesse terminado o romance, e se tivesse sido publicado — provavelmente teria cortado esse material. Não que seja rudimentar demais ou incompatível com o enredo — revisões e redistribuição de papéis teriam remediado o problema — e sim porque o material era muito pessoal. Os pais de Ray eram vivos na época em que escrevia o romance, bem como as irmãs e o irmão.

Ou talvez... eu esteja enganada. Talvez, num ato de audácia e despeito, Ray fosse querer esse material incluído. Talvez fosse querer incluí-lo, desse jeito póstumo e resumido, no que estou escrevendo sobre ele.

No decorrer dessa noite turbulenta eu permaneço acordada, embora o quarto esteja escuro — não tento ler, nem ver tevê — ardências pungentes nas minhas costas, no alto do torso — não acho uma posição em que seja confortável me deitar, como se fileiras de saúvas marchassem pela minha pele — penso em Ray, sinto muita saudade de Ray, pois não tenho mais com quem falar sobre o que tenho lido, ou o que descobri — tento me lembrar do que Ray contou a respeito da irmã: Carol também fora submetida a “eletrochoques”? Ou o “eletrochoque” fora sugerido ao próprio Ray, quando estava no sanatório? E que tipo de “sanatório” era? Era um hospital particular ou ligado à Igreja Católica? Ray nunca me disse.

Ray visitava a irmã com frequência? Enquanto crescia? Ele a visitara na instituição onde ela vivia, e ela era levada para casa para visitar a família?

Ou penso agora na minha própria irmã, Lynn, que meu pai levava à nossa casa em Millersport aos domingos? Dizem que Lynn dava pouca atenção aos meus pais mas ficava louca para comer os doces que minha mãe

lhe preparava. Meu irmão, Fred, disse que as visitas eram um “peso” para a minha mãe mas meu pai “insistia” em levar Lynn para casa — todos os domingos, sem falta — por anos. E para fazer as vontades do meu pai, e aguentar a presença exaustiva da minha irmã, minha mãe, Carolina, passou a tomar calmante — Xanax — no qual ficaria viciada... Pois se minha mãe, com sua fala suave, não conseguia se opor ao meu pai nem nas questões mais insignificantes, nessa a vontade dele era muito mais forte que a dela.

Meu irmão também me contou que todos os domingos, quando ia chegando a hora de o meu pai levar Lynn de volta para a casa em Amherst, ela ficava inquieta e ansiosa para ir embora. *Ela não se sente bem em nenhum outro lugar. Com pessoas iguais a ela, ela parece — quase — feliz.*

Me pergunto se Carol, a irmã de Ray, também era assim. Se, apesar de sua vida de mulher normal ter sido destruída por uma leviandade médica, ela tinha algum grau de felicidade humana no “São Francisco de Assis” — ou seu equivalente na vida real.

“Boa menina!”

Nos revezamos atirando o graveto no gramado. É um galho pontilhado de dentadas e umedecido pela saliva da cadela. Enquanto ela corre para pegar o graveto, nós a admiramos — uma bela collie de pelo longo, com uma pelugem linda — vermelho lustroso, fulvo, branco feito neve — suas orelhas estão em posição de alerta, os olhos úmidos translúcidos — Trixi parece estar sorrindo para nós — o sorriso ávido e molhado de um bicho cuja alegria é simplesmente agradecer ao dono, à dona.

“Boa menina! Que *boa menina* ela é...”

Sem jeito, nosso amigo acaricia a cabeça da collie, agarra o graveto e o atira outra vez no gramado — Trixi torna a correr para pegá-lo.

“Ela não é uma *boa menina*... Vai, Trixi!”

Trixi galopa em nossa direção com o graveto, ofegando de tanta alegria, as laterais do corpo tremendo, o rabo abanando... embora a brincadeira do graveto nos entedie rapidamente, a brincadeira começa a entediar ainda mais o dono e a dona de Trixi, que sempre fazem a brincadeira com Trixi no verão, no sítio deles.

“Acho que já chega, Trix. *Boa menina* — ok?”

Estamos visitando amigos que moram nas montanhas Poconos, Pensilvânia, numa espaçosa casa antiga de pedra acima de um lagozinho. Passaremos a noite no quarto de hóspedes, que tem uma lareira de pedra, estantes apinhadas de livros interessantes, sem dúvida haverá um ninho de aranhas em algum canto do quarto, que um de nós descobrirá com um grito de susto que evocará lembranças de Beaumont, Texas — as “baratas-americanas” voadoras — “Ainda bem que saímos vivos daquele lugar!”.

Em que verão foi isso, eu não sei. Pode ter sido quatro anos atrás, ou mais. Pois o tempo passa rápido hoje em dia. Como se o sol e a lua girassem e o olhar os fitasse, confuso e sem entender. Nossa visita não foi no último verão e provavelmente não foi no anterior. Há fotografias tiradas de todos nós na casa de veraneio dos nossos amigos nos últimos quinze anos, mas não dá

para saber o ano em que as fotos foram tiradas se não estão datadas — um verão se fundiu aos outros.

Seria de imaginar que somos os mesmos — estáticos. As fotografias devem mostrar um padrão de envelhecimento, mas ele foi tão gradual que nem o percebemos.

Porém, às vezes Ray olhava fixamente para uma foto sua que tinha acabado de ser revelada numa loja de Pennington, em meio a uma pilha de fotos tiradas em uma viagem ou festa recente, com cara de espanto — se eu não estivesse atenta e a arrebatasse de seus dedos, ele a jogaria fora.

Amor? Qual é o problema?, eu pergunto. Você está lindo nessa foto.

Lindo!, Ray estremecia e gargalhava.

Não era vaidoso. Muito pelo contrário! Ao se olhar no espelho, passar as mãos no cabelo, ele franzia a testa, como se os próprios gestos o constrangessem.

Seus lindos olhos. Olhos azuis acinzentados.

Mas olhos levemente encovados, para que, por trás das lentes dos óculos de armação prateada, os lindos olhos azuis acinzentados não ficassem proeminentes; penso que ninguém vira aqueles olhos de verdade, contemplara aqueles olhos, a não ser a esposa que o ama.

Mas Ray estremece ao ver uma foto dele mesmo — o rosto sombrio do pai se sobrepondo ao rosto mais jovem de Ray.

(Não, estranhamente, na vida. Apenas em algumas fotos, tiradas de certos ângulos.)

Uma vez, passamos a noite de Ano-Novo com esses amigos na casa de outros amigos em comum de Princeton. Tenho uma foto no peitoril da janela do meu escritório como recordação daquela noite. Oito pessoas na foto — todos muito alegres, sorridentes — meu cabelo estava mais comprido e anelado; Ray em segundo plano, quase à sombra. Vejo que ele estava usando a gravata da caça ao Unicórnio que comprei para ele no Cloisters, anos atrás, quando saímos de fininho da interminável cerimônia de maio da American Academy of Arts and Letters, no meio de uma maratona de anúncios de prêmios literários, e percorremos de carro os poucos quilômetros até o Cloisters Museum, um dos lugares que faziam Ray muito feliz...

Cada vez mais sou lançada ao passado, como se estivesse no mar agitado. Acho que existe certo risco de que eu me afogue nesse mar.

“Boa menina!” — a chamada me traz de volta.

“Boa menina — não é? Mas acho que já chega, Trix.”

Nunca serei capaz de pensar nesses amigos que nós amávamos — que nos amavam — sem pensar em Ray, e imagino que não conseguirei vê-los sem Ray.

O fato vexaminoso é: quando esses amigos telefonaram, no dia seguinte à morte de Ray, não tive forças para pegar o fone.

Não ousei pegá-lo. Aquele nome no identificador de chamadas — não podia atender.

Joyce? Alô? Nós ficamos sabendo da — notícia terrível...

Você poderia ligar para a gente? Por favor?

Como você está? Seria uma boa ideia irmos a Princeton? A gente chegaria aí amanhã de tarde.

Ligue por favor, nos avise...

Joyce? Você está ouvindo?

Mas esse é o futuro — agora inimaginável.

Aquele fim de tarde de verão nas Poconos. A bruma cinzenta das montanhas e as nuvens escuras no horizonte, mas alhures, como se surgida de um lugar sobrenatural, há uma luz clara, brilhante sobre as colinas — como numa paisagem de luminosidade sinistra — agourenta — pintada por Martin Johnson Heade: *The Coming Storm*.

Trixi, a collie, foi uma cadela resgatada — uma “cadela de abrigo” — agora na primavera da vida, um dínamo de energia, o olhar cheio de adoração pelo dono e a dona, que lhe são tão bondosos — e num gesto maravilhoso Trixi também cutuca nossas mãos com a cabeça, louca para ser acariciada, as orelhas afagadas, a bela pelugem fulva admirada e o rabo sendo abanado. Embora sejamos atenciosos com ela, até certo ponto, paramos de lhe atirar o graveto, uma grande decepção para ela, que a deixa angustiada — ela late, ganidos breves e agudos como os de uma criança manhosa, uma súplica por atenção, atenção imediata; pois a vida de cão de Trixi é subserviente à nossa vida humana, inimaginável sem nós — “Boa menina! Vai buscar! Última vez! Ótima menina!”.

O graveto molhado de saliva é de novo atirado no gramado, num canteiro de canabrás, e de novo Trixi corre para buscá-lo, agora latindo com entusiasmo.

É nessa altura que nosso amigo nos espanta com o comentário casual — “Quando a Trixi morrer, a gente vai pegar uma raça menor. Para levar no

avião”.

Fico tão surpresa com o comentário que não tenho reação. Nem ousar olhar para Ray.

“... é uma chatice colocá-la no canil. E ela é muito inquieta, fica morrendo de saudade da gente. Se passamos um ou dois dias longe...”

“... a gente tenta levá-la junto, quando dá...”

“... quando dá, mas geralmente não dá, não...”

“... não é muito conveniente.”

“A não ser quando vamos de carro...”

“... Quando vamos de carro, tudo bem. Não é o ideal, mas...”

“... aí tudo bem. Mas é uma chatice. Ela é uma cadela adorável, é uma cadela ótima e nós a adoramos, mas — Trix! Deixa essa porcaria de graveto aí, menina. Por enquanto chega.”

A resolução

De manhã — diante do espelho — minhas costas estão estriadas por bolhas vermelhas verticais, que causam uma ardência latejante — cobreiro? — fico um tempo olhando, totalmente perplexa.

Penso *Mas isso é de verdade! É visível.*

Ingênua, eu penso — quase penso — *Isso é bom! — vai tirar minha cabeça da outra coisa.*

Na internet descubro que cobreiro é *uma erupção cutânea virulenta e dolorida causada pelo vírus da varicela, aparentemente ativado por estresse severo*; fico sabendo que o termo clínico é *Herpes-zóster* (ótimo nome para um personagem de Thomas Pynchon); e que os sintomas incluem *marcas vermelhas na pele seguidas de pequenas pústulas semelhantes ao princípio de catapora... as pústulas se rompem, formando pequenas úlceras que secam e caem em duas ou três semanas.*

A medicação deve ser iniciada até vinte e quatro horas depois do início dos sintomas a fim de evitar complicações sérias.

Quando o dr. M___ me examina, no entanto, ele declara sem rodeios que meu caso não é de cobreiro.

Não é cobreiro? Mas...

Dr. M___ me pergunta como tenho dormido e lhe digo que não muito bem; dr. M___ me pergunta se os comprimidos antidepressivos têm funcionado bem, e lhe digo que não sei — eu realmente não sei... É tentador tampar o rosto com as mãos e lamuriar *Não sei! Não sei como eu me sinto! Acho que — não estou bem... Acho que tem alguma coisa muito errada comigo mas — não sei.*

Dr. M___ me dá outra receita de Lunesta e Cymbalta. Não tenho coragem de explicar ao dr. M___ que parei de tomar Lunesta por medo de

ficar viciada e que tenho medo de continuar tomando Cymbalta porque — eu acho — o remédio me dá uma sensação muito estranha — mas não tenho certeza... Não tenho certeza de várias coisas, meu cérebro parece ter sido atacado ou cortado com um picador de gelo, os lobos frontais onde ficam as “emoções”.

E portanto, apesar de ter ouvido do meu médico principal que não tenho cobreiro, ou *Herpes-zóster*, e tal declaração devesse me acalmar, ou ter o efeito de um placebo, as bolhas vermelhas continuam a surgir nas minhas costas, e após uma noite terrível de insônia piorada pela dor física, de manhã vejo no espelho que no meu peito e na minha caixa torácica há o dobro de bolhas — ardendo coçando insuportáveis! — e por desespero eu volto a ligar para o consultório do dr. M____, e marco outro horário, e dessa vez, meio constrangido, dr. M____ examina meu torso latejante, que parece ter sido açoitado, e conclui que sim, o que eu tenho é cobreiro mesmo.

“O pior caso que já vi.”

Contudo, mais de vinte e quatro horas já se passaram desde que os sintomas apareceram, pelo menos quarenta e oito horas, e portanto o remédio antiviral que o dr. M____ me receita terá um efeito limitado. De repente, estou sofrendo de cobreiro, *in medias res*, e não consigo imaginar como era minha vida antes disso — a alegria que era estar livre dessa ardência brutal de nervos exauridos! A vida sem dor que eu tinha dias atrás agora me parece idílica, mas é um indício do meu delírio o fato de que estou quase contente com isso, pois cobreiro é algo real — “visível” — e não o estado ontológico da criatura feia que parece um lagarto me incitando a engolir todos os comprimidos do armário, me encolher e morrer.

Só que agora, ao verificar na internet, descubro que cobreiro não é uma questão de duas ou três semanas, e sim uma doença muito mais séria:

Às vezes, a dor pode se prolongar por meses ou anos. A dor, *neuralgia pós-herpética*, pode ser extremamente forte. Complicações incluem cegueira, se as lesões forem nos olhos; surdez; infecção, lesões nos órgãos corporais, sepsia, encefalite...

De repente me dá medo: cobreiro é tão *grave* assim? E se as pústulas doloridas aparecerem nos meus olhos? Se a vida póstuma da viúva já é bastante restrita, o que dizer de vida póstuma e *cegueira* ao mesmo tempo?

Minha solução é fugir de casa, onde pensamentos demais me

bombardeiam como se eu estivesse presa em uma teia de aranha. Há inúmeras perenes do Kale's que ainda não plantei e essa tarefa exige concentração total, tornando a dor do cobreiro menos predominante. Ao cavar buracos para as anêmonas — belas “flores do vento” — e meia dúzia de hostas — uso as luvas de jardinagem de Ray, e uso as ferramentas de jardinagem de Ray. Se não erguer os olhos ou me virar, sou capaz de imaginar que Ray está comigo no jardim e que estamos trabalhando em silêncio, sem necessidade de falar. Vou esconder de Ray o fato agonizante de que minhas costas estão tomadas por cobreiros — “lesões” — ele ficaria muito preocupado. Vou esconder de Ray o fato de que o dr. M____, que lhe receitava antibióticos em excesso, não reconheceu os sintomas óbvios do cobreiro em sua paciente e não receitou um antiviral a tempo.

O que Ray teria curiosidade de ver, aqui no jardim dele, é o que venho plantando. Acho que ficaria admirado com o que tenho feito — tomei muito cuidado ao alojar as plantas novas na terra e umedecer as raízes. São equinácias — “plantas do prado escarpado” — e hostas com flores brancas e roxas. E algo que é novidade para mim — íris siberica. Metade do jardim de Ray já está plantada. O sábio russo viceja. As ipomeias que semeei brotam como videiras finas. Acho incrível que eu tenha conseguido fazer tanto em tão poucas semanas, botando um pouco de ordem nesse caos de ervas daninhas... Me lembro de uma conversa que tive com Ray a respeito da novela *The Escaped Cock/The Man Who Died* (O galo fugido/O homem que morreu), de D.H. Lawrence, que usei nas minhas aulas na Universidade de Windsor, num seminário de pós-graduação sobre a prosa e a poesia de Lawrence — uma parábola muito poética e provocadora sobre a “verdadeira” ressurreição de Jesus em que é feita a pergunta *Do quê, e para quê, esse turbilhão infinito poderia ser “salvo”?*.

Nós concordamos, não existe salvação, bem como não existe necessidade de salvação. O mundo, assim como o jardim, simplesmente é.

No jardim é uma questão fácil, ser feliz. Ou esquecer a infelicidade, o que no fundo dá na mesma.

Na manhã seguinte, as lesões do cobreiro estão um pouco mais salientes nas costas, peito e cintura, feito serpentes agitadas. As pequenas pústulas estão cheias de pus aquoso, que tenho de limpar com cuidado para evitar que a infecção se espalhe. (Tenho de tomar cuidado principalmente para não tocar nos olhos.) Agora tenho um ritual de limpeza que vou realizar várias vezes

por dia e agora — enquanto lido com o jardim, no fim de tarde — de repente decido que já que sou obrigada a tomar o novo remédio antiviral, vou parar de tomar o Cymbalta.

Sob a luz do sol, no jardim, que necessidade há de *antidepressivo*? A vida parece diferente desse ponto de vista.

Amigos que tiveram experiência com psicotrópicos fortes me avisaram que não se pode parar de tomar esses remédios de repente. Existe a possibilidade de desencadear efeitos colaterais graves, alucinações, tremores, indisposição — “ideias suicidas” — e até convulsões. E portanto tomarei um comprimido de 30 mg em vez dos 60 mg prescritos pelo dr. M___; na manhã seguinte, partirei o comprimido de 30 miligramas ao meio e tomarei apenas essa quantidade; a cada manhã cortarei pela metade a dosagem da véspera, até parar de usar o remédio, no dia 1º de junho de 2008, aproximadamente.

Pelo menos esse é o meu plano. Minha expectativa.

Essa resolução, que só me ocorreu aqui, no jardim de Ray.

“Ray gostava de suingue?”

Jeanne me escreveu:

Hoje estou escutando La Bohème inteira pela primeira vez desde a morte do meu pai. Depois de resolver umas coisas, a caminho de casa, parei diante do cemitério, abri todas as portas do carro e pus para tocar Quando me’n vo para Ray. Arranjei uma mezzo-soprano da Catedral de Cleveland para cantar no funeral do meu pai. Então, quando todos os grisalhos encheram a igreja, pus o CD que meu pai tinha da Glenn Miller Band tocando Sing Sing Sing I & II, com a participação de Gene Krupa na percussão.

Ray gostava de suingue?

Beijo grande,

Jeanne.

“Titularidade”

“É difícil. Mas vou estar do seu lado.”

Minha amiga Susan se ofereceu para me levar ao Departamento de Veículos Motorizados na Rota 1, em Lawrenceville, para cumprir a última tarefa do longo batalhão de deveres da morte — transferir o título do nosso Honda 2007 branco para a “testamenteira” do espólio de Raymond Smith.

Pelo menos imagino que seja o último dos deveres da morte. Estou muito cansada desses deveres da morte, minha alma se encolhe feito uma folha murcha atirada ao fogo diante da mera perspectiva de — “testamenteira” — “Joyce Smith” — “atestado de óbito”...

As lesões do herpes latejam com uma virulência extrema nesses momentos. A coceira surge numa melodia escarnecedora em partes do corpo difíceis de alcançar e em todo caso proibidas quando a viúva está sob os olhares dos outros.

Pense nas lesões como nervos expostos. Nervos expostos lacerados agitados. Uma parte da alma enfurecida e mutilada da viúva tentando romper a pele como um xisto rompe a terra. E tudo em segredo, num silêncio tenebroso.

Passear de carro com Susan, parar no Quaker Bridge Mall para meia hora de JCPenney e Macy’s, acompanhada de uma amiga a essa hora do dia — começo da tarde —, é uma aventura para mim; atualmente só compro comestíveis, e ainda assim na menor frequência possível; já que perambular por uma loja, um centro comercial, por qualquer local público onde as pessoas provavelmente estão com os parentes é penoso demais para mim e de qualquer modo não há nada que eu queira comprar.

Fazer compras sozinha me força a pensar em não fazer compras sozinha — como fiz por anos quando menina, com a minha mãe, Carolina, para quem fazer compras numa loja de departamento também era uma aventura, já que ela não tinha muito dinheiro para gastar e precisava escolher com muito cuidado o que comprar, depois de comparar os preços nas lojas; e, ao longo

de mais anos ainda, com Ray, cujo objetivo ao entrar em uma loja era sair dela o mais rápido possível, tendo ou não feito as compras que pretendia fazer ao entrar na loja.

Em certas lojas na região de Pennington, se não me seguro e desvio logo o olhar, é provável que eu nos veja — *Ray-fantasma e Joyce-fantasma* — subindo na escada rolante, empurrando um carrinho pelo clima deprimente de armazém iluminado por lâmpadas fluorescentes do Wal-Mart.

Mas fazer compras acompanhada de Susan é tranquilo e divertido. E Susan e eu temos temperamentos parecidos: procuramos roupas de dormir na JCPenney/Macy's cujos preços estejam uma pechincha.

Susan me levou a Hopewell naquele sábado de verão em que a cidade inteira vira um mercado de pulgas/bazar. Felizmente, Ray não tinha interesse nenhum nessas tentativas criativas de achar pechinchas e portanto não tenho lembranças fantasmas de fazer compras com ele em Hopewell.

Como está cheio o Departamento de Veículos Motorizados, na tarde de um dia de semana! É desanimador ver tantas pessoas — todas as cadeiras estão ocupadas — assim como foi no tribunal de sucessões de Trenton, semanas atrás.

Na sala de espera não há *poças de memórias*. É um lugar totalmente prático, sem alma e austero.

Num fluxo constante, os recém-chegados preenchem formulários para os funcionários do balcão e assumem seus lugares nas filas compridas. As filas andam devagar e depois viram “filas sentadas”, com diversas fileiras de cadeiras de vinil.

Segurando meus documentos de deveres da morte, assumo meu lugar em uma das filas. Penso *Quem são essas pessoas todas? Não imaginava que a morte tinha arruinado tanta gente...*

Sinto uma vontade enorme de me esconder em algum canto, numa cabine do banheiro, e coçar com as unhas as lesões ardidas do cobreiro. Estou disposta a sangrar se isso servir para aplacar a coceira mas é claro que a situação só seria exacerbada, alimentada pelo estresse.

Sofra! Ray merecia.

Mas não tenho tanta certeza. Não que Ray não mereça o sofrimento — mas quanto ao valor do sofrimento em si. Dor física, dor emocional e psicológica — existe algum propósito nisso? Os rostos dos inúmeros indivíduos nessa sala de espera — rostos morenos, prevalecendo os rostos

hispânicos e asiáticos — são enrugados pelo estresse de uma forma ou de outra; se não o pesar pela perda de um ente querido, então outro tipo de perda e outro tipo de pesar. Apesar de escrever este livro de memórias para ver o que se pode fazer com o fenômeno do “luto” do jeito mais minucioso de que sou capaz, não estou mais convicta de que existe um valor inerente ao luto; ou, se existe, se a sabedoria brota da experiência de uma perda horrível, é uma sabedoria que não nos é crucial.

Estamos no começo de junho e não tomo mais Cymbalta. O método de cortar a dosagem pela metade a cada dia deve ter funcionado, pois não tive nenhum sintoma incomum ou alarmante nem pareço mais — ou menos — “deprimida” do que estava de início.

No entanto, preciso me “automedicar” se quiser dormir por algumas poucas horas. Aguentar até o ponto em que “adormeço” naturalmente depois de horas e horas e horas de vigília angustiante é simplesmente impossível e agora, com as lesões do cobreiro provocadas pelo estresse, tenho medo de me arriscar.

Não contei do cobreiro a ninguém. Já passei da fase contagiosa e seria de imaginar que depois de várias semanas as bolhas, pústulas e o pus teriam diminuído, bem como a pior fase de ardência, mas não foi o caso.

Mas que exaustão eu sinto de estar *indisposta*. Quando as pessoas perguntam como estou, sempre digo que me sinto muito bem — “Bem melhor”.

E meus amigos dizem: “Joyce! Você parece estar bem melhor.”

E meus amigos dizem, a tal ponto que, se Ray os ouvisse, riria junto comigo, de tão frequente que tem sido o comentário: “Joyce! Você parece estar bem *mais descansada*.”

(Um elogio duvidoso à viúva, já que dá a entender que antes ela estava devastada, desprezível, horrorosa.)

Quando os amigos me cumprimentam com abraços, só o que me resta é evitar dar um grito e estremecer de dor, quando as lesões do cobreiro são tocadas com impetuosidade. As lágrimas escorrem pelo meu rosto embora eu sorria, sorria para garantir aos amigos *Sim, é verdade, estou me sentindo bem melhor*.

Sim, é verdade, estou viva. Tive minhas dúvidas quanto a isso.

Não raro, meus olhos sordidamente vertem lágrimas. Frequente e subrepticiamente, enxugo os olhos com as pontas dos dedos. Em especial aqui,

no Departamento de Veículos Motorizados, perante a tarefa repugnante de obter a “titularidade” do carro que dirijo há anos, como se não fosse de fato a proprietária do carro pago com dinheiro da conta-corrente conjunta que tinha com meu marido. Quando a viúva é interrogada sobre a questão da viuvez, é provável que ela fique amargurada, ressentida. É provável que a viúva fique muito deprimida. Por sorte, Susan deu uma saída e não testemunhou meu quase desmoronamento quando uma antipática funcionária pegou no meu pé, por alguma razão — *Ela pensa que estou fingindo que meu marido morreu? Ela pensa que eu seria capaz de forjar um atestado de óbito para tomar o carro dele?* Ela comete a grosseria de me deixar esperando enquanto meus documentos são examinados e reexaminados.

Atestado de óbito: “autenticado”.

Comprovante de titularidade.

Certificado sucessório.

Carteira de motorista. Registro do carro. Cartão da seguradora. Documentos de identidade.

Viúvas, sobreviventes. Me pergunto quantas de nós há aqui. Mulheres solteiras, mulheres idosas — mais mulheres do que homens na sala de espera. Nesse lugar inóspito eu tento me lembrar de Ray. De vê-lo pela janela do meu escritório, no pátio, acenando para mim — “Vem cá ver nosso carro novo”.

E eu fui e vi o Honda branco na entrada da garagem — “Mas é igual ao carro antigo”.

“Claro.”

Mas agora eu penso — se ao menos Ray tivesse pensado em comprar o carro no nome de nós dois, não apenas no dele. Agora eu não estaria aqui no Departamento de Veículos Motorizados solicitando a titularidade do carro que dirijo desde janeiro de 2007, quando Ray o levou para casa.

Meses depois, no outono, quando sou parada na Pretty Brook Road por “ultrapassar a faixa branca” — a estrada apertada é bem sinuosa, há inúmeras curvas cegas — e o policial pede para ver o registro do meu carro, o documento que lhe entrego é inválido por ser incompleto. Desesperada, reviro o porta-luvas outra vez, em vão — o policial me dá uma multa por dirigir sem registro — é nesse momento que me lembrarei da funcionária carrancuda do Departamento de Veículos Motorizados que retirou parte do documento de registro do automóvel — um pedaço de papel do tamanho de

um cartão — que deve ter ficado com ela e não ter sido devolvido a mim junto com os outros documentos.

Me perguntarei — trata-se de uma vingança mesquinha da funcionária? Mas vingança por quê?

Me perguntarei — foi só um erro? A funcionária rasgou o cartão de registro e simplesmente esqueceu de devolvê-lo e não foi proposital da parte dela, não teve a torpeza velada que resultará na necessidade de que eu compareça à vara de trânsito numa manhã de segunda-feira em outubro, para evitar que tenha de pagar uma multa de trezentos dólares...?

O “certificado sucessório” é um dos documentos que passei a odiar. O documento certifica que “Joyce Smith” é a testamenteira do espólio de “Raymond J. Smith Jr.” — olhar para ele é saber, em um instante, que “Joyce Smith” é a viúva/sobrevivente e que “Raymond J. Smith Jr.” se foi.

Como é errada, como é anormal essa situação. Qualquer pessoa que conhecesse Ray saberia que ele não seria capaz de ir embora e me abandonar.

Ele não seria capaz de ir embora e me abandonar nesse *redemoinho infinito*, sozinha.

Outro documento que odeio é o atestado de óbito “autenticado” — isto é, carimbado pelo estado de Nova Jersey — de Raymond J. Smith Jr.

Palavras como *causa da morte: parada cardiorrespiratória — pneumonia*.

Hora da morte: 18/02/08 0h50.

Depois de quase quatro meses, consigo ler essas palavras sem sentir *Eu quero morrer. Eu devia morrer*. Sou quase capaz de ler essas palavras como se fossem palavras normais e não palavras horrendas que indicam de forma tão casual e mecânica o fim da vida como a conhecemos.

Quando estou sozinha na casa onde Ray e eu moramos por muitos anos, crio fantasias com famílias — a felicidade das famílias, que sempre parece muito maior do que a felicidade da qual talvez eu seja capaz; mas em lugares públicos, ao ver as pessoas com seus parentes, não tenho nenhuma vontade de trocar de lugar com elas... nem mesmo em fantasias. O melancólico fato é: esses indivíduos ligados pelo sangue não continuarão ligados por muito tempo. Muitos estão velhos, idosos — não viverão por muito tempo. Ao ver uma mulher da minha faixa etária com uma mulher bem mais velha, sem dúvida a mãe, sou levada a pensar *Mas você não vai tê-la por muito tempo. Eu perdi minha mãe seis anos atrás. Nunca pensei que fosse voltar a rir ou*

até a sorrir, mas é claro... é claro que o fiz.

Susan, que usou o tempo no Departamento de Veículos Motorizados para fazer uma inspeção no carro, volta e fica surpresa porque ainda não recebi a titularidade do meu carro; ainda estou na fila, embora já esteja bem na frente. “O quê! Como é possível esse pessoal ser tão *lerdo*?”

Susan é uma das minhas amigas-escritoras incríveis, com um marido incrível, e apesar de ter certeza de que Susan compreende como sua energia, sua autoconfiança, seu bom humor e seu apreço pelo trabalho estão inextrincavelmente associados ao marido e ao casamento, imagino que ela não compreenda o grau de ligação entre eles. E é bom para Susan, e para as minhas outras amigas que não enviuvaram, que elas não tenham como saber.

Talvez nunca cheguem a saber. É uma possibilidade.

“A gente não tem pressa”, diz Susan, apertando a minha mão. “A gente pode esperar.”

“Seu marido ainda está vivo”

A vida que vocês tiveram juntos foi um mero acaso. Não se esqueça, foi uma dívida que você recebeu de graça e não uma questão de merecimento.

Numa noite de domingo, em uma reunião de alunos de pós-graduação na Universidade de Wisconsin, Madison, em um salão do lendário Grêmio Estudantil com vista para o lago Mendota, ele veio se sentar ao meu lado.

De início, eu só tinha passado os olhos por aquele rapaz esguio de cabelos escuros. Não quis encará-lo. Estava conversando com outras pessoas, outras pessoas estavam conversando comigo, era um evento social, estávamos todos sorridentes.

Poderíamos ter sido pessoas solitárias, nos quartos de nossos dormitórios.

Poderíamos ter sido pessoas muito solitárias, alguns de nós recém-chegados em Madison, sem conhecer praticamente ninguém.

Porém estávamos ali, fomos encontrar um ao outro, e portanto ele cruzou o salão para se sentar ao meu lado, e antes de sequer ter uma visão clara do rosto dele eu já comecei a pensar *Essa é uma coisa — uma pessoa — especial... Talvez.*

Incisivamente, ele afastou uma cadeira da mesa e levou-a até mim. E estava sentado ao meu lado. Ele se apresentou — “Ray Smith”. E eu lhe disse meu nome. Ele me falou um pouco a respeito de si — fazia doutorado em inglês, estava terminando a tese sobre Jonathan Swift, tinha bolsa de estudos e não estava lecionando naquele semestre; quando perguntou de mim eu lhe disse que era mestranda em inglês, tinha uma bolsa Knapp e também não estava lecionando. Ele me indagou o que eu estava estudando e eu lhe disse — lhe disse que estava tendo dificuldade com o Inglês Antigo — ele riu e falou, “Mas eu posso te ajudar com a ‘grande mudança vocálica’” — e me perguntou se eu gostaria de jantar com ele naquela noite que foi a noite de 23 de outubro de 1960, e eu disse sim — gostaria sim — e foi isso o que aconteceu naquela noite, e na noite seguinte, e na noite seguinte — jantar

juntos em Madison — e uma dessas noites, um jantar improvisado no quartinho alugado de Ray, na Henry Street — e ficamos noivos em 23 de novembro e nos casamos — em Madison, na sacristia da capela católica da cidade — em 23 de janeiro de 1961; e por quarenta e sete anos e vinte e cinco dias estaríamos juntos quase todos os dias e todas as noites até a manhã de 11 de fevereiro de 2008, quando levei meu marido ao pronto-socorro do Princeton Medical Center; e conversaríamos todos os dias desses quarenta e sete anos e vinte e cinco dias até a madrugada de 18 de fevereiro de 2008, quando recebi o telefonema que me despertou do sono e me chamou ao hospital depressa! depressa! — “Sra. Smith! Seu marido ainda está vivo”.

Epílogo

Três visões em agosto

11 de agosto de 2008. Ontem à noite o jardim estava banhado de luz — uma luz solar estranha, que parecia vir de todas as direções. Não consegui ver com clareza mas o jardim parecia ser tanto o meu jardim — nosso — de Ray e meu — como um ambiente maior, menos cultivado. E Ray estava — em algum lugar? — Ray estava por perto — Ray estava virado para mim, embora eu não visse seu rosto com nitidez — e senti um enorme alívio, disse *Então você está bem. Você está aqui.*

19 de agosto de 2008. Tão esquisito! — misterioso! — porém totalmente comum: em algum momento quando já passava das 23h, lendo na cama, comecei a sentir sono; uma sensação de que eu mergulhava, me dissolvia, como se numa água quente ondulante; uma sensação que não tinha desde que levei Ray ao hospital, que se tornou estranha para mim e apenas de leve eu lembrava como uma doença crônica apenas de leve eu lembro dos dias em que eram saudáveis; uma sensação de tamanho maravilhamento, tamanha doçura, tamanho conforto, pois eu (ainda) não havia tomado nada que me ajudasse a dormir; pois eu tomaria um único comprimido que não precisa de receita e que supostamente não vicia para conseguir dormir, por volta de meia-noite; e de novo, se/quando acordasse, um segundo comprimido mais ou menos às 4h, pois era assim que funcionavam minhas noites, pois era essa a minha estratégia normal para aguentar a noite, deitada numa posição cuidadosamente ajustada em meio aos lençóis, para diminuir a ardência das lesões do cobreiro, que começaram a melhorar, e até a desaparecer, porém continuam tendo uma curiosa vida autônoma — uma sensação do tipo “rastejante” — como se o bicho feioso que parece um lagarto tivesse se entocado na minha pele — deixando fissuras, cicatrizes e manchas como marcas de nascença maliciosas; porém, a sensação de *sono* superou todas as outras, o fenômeno do *sono* surgiu feito poeira levantando do chão; e não tive

tempo de realmente entender o que estava acontecendo, a estranheza do que estava acontecendo; mal deu tempo de fechar o livro que eu lia, ou tentava ler, pois estava relendo o mesmo trecho havia uns minutos, e botar o livro na mesa de cabeceira e tatear para apagar o abajur, e adormecer. E depois dessa noite, dormirei a maioria das noites seguintes sem precisar de remédio; dormi por umas sete ou oito horas, o que achei um milagre; não falei disso com ninguém, por medo de que o milagre cessasse, tão abruptamente como me chegara. Pensei *Estou abandonando Ray? — o que está havendo comigo...*

30 de agosto de 2008. Na caminhada desta manhã, ou pós-caminhada — uma sensação de angústia, ansiedade — deve haver algum erro, ou mal-entendido — eu não era mais casada. E tinha a impressão de que poderia me casar de novo com Ray — eu faria isso, e uma onda gigantesca de alívio me banhou.

E então, mais desperta, eu lembrei — por que não era mais casada com Ray, e por que não poderia ter esperanças de me casar com ele de novo.

Fui dominada pela perda, muito deprimida. Como se tudo isso fosse novidade para mim — que eu havia perdido Ray. Como se até ali eu não soubesse exatamente como tinha perdido Ray. E agora, sou obrigada a ver a situação de outra perspectiva, como quem passeia pelo cenário de um desastre, vendo o desastre de diferentes pontos de vista. Agora que minha insônia acabou e depois de todas essas semanas eu ainda estava viva e muitas vezes feliz, pelo menos quando os amigos estavam por perto — agora que o último número da *Ontario Review* foi impresso, lançado e fez seu caminho pelo mundo como Ray teria desejado — venho pensando, cautelosamente, *Talvez agora eu esteja bem, esteja tudo bem. Talvez eu consiga fazer isso.*

Mas o sonho me disse *Não. Não está tudo bem.*

E no fim daquela manhã, na entrada da garagem: observando uma das lixeiras caída de lado e o lixo espalhado rudemente na entrada — guaxinins, deve ter sido, procurando restos de comida, ou possíveis restos de comida; pois, na noite anterior, meu amigo Ebet e eu fizemos um jantar na minha casa, um jantar pequeno para o filósofo de Princeton Harry Frankfurt, cuja esposa estava viajando, e a esse jantar veio um grupo desconexo de convidados, indivíduos cujos cônjuges estavam viajando no fim de agosto, ou que os abandonaram, ou ambos; havia apenas seis pessoas, contando comigo; e um desses convidados me era desconhecido, um neurocientista da

Universidade de Princeton convidado por Ebet; e eu não seria capaz de imaginar como, novamente por mero acaso, assim como anos atrás, em Madison, Wisconsin, quando por mero acaso Ray foi se sentar ao meu lado, a minha vida seria alterada — *Não se esqueça, foi uma dádiva que você recebeu de graça e não uma questão de merecimento.*

Ao me ajoelhar na entrada da garagem para recolher o lixo espalhado pelos guaxinins larápios — guardanapos amassados, papéis toalha, pedaços de papel-alumínio, pacotes, potes de iogurte, uma forma de alumínio amassada em que Ebet trouxera pizza feita em casa — e ali, no meio do lixo, o brilho de um objeto prateado — um brinco! — que eu achava que tinha perdido; o brinco deve ter sido deixado em cima da bancada da cozinha e posto junto do lixo, e jogado fora, na véspera; eu tirei os dois brincos e os deixei na bancada da cozinha, depois que os convidados foram embora; sem perceber, joguei os brincos na lixeira; e agora, ajoelhada na entrada da garagem, vejo o segundo brinco a uns metros de distância... Era um dos meus pares de brincos prediletos, apesar de não terem nenhuma importância ou valor, e também não terem sido presentes de Ray, mas eu os usava com frequência. E pensei *Essa é a minha vida agora. Absurda, mas imprevisível. Não absurda por ser imprevisível mas imprevisível por ser absurda. Se eu perdi o sentido da minha vida, e o amor da minha vida, ao menos posso achar coisinhas preciosas no meio do lixo derrubado e revirado.*

Manual da viúva

Dentre os inúmeros deveres de morte que são de responsabilidade da viúva somente um é importante de verdade: no primeiro aniversário de morte do marido a viúva deve pensar *Eu consegui ficar viva*.



Eva Haggadahl

Ray Smith e Joyce Carol Oates em uma festa de casamento.